

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Patricia Kinast De Camillis

POR UMA ADMINISTRAÇÃO DO COTIDIANO:  
Um Estudo Ator-Rede sobre Autogestão

Porto Alegre, 2011

Patricia Kinast De Camillis

POR UMA ADMINISTRAÇÃO DO COTIDIANO:  
Um Estudo Ator-Rede sobre Autogestão

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Profa. Claudia Simone Antonello

Porto Alegre, 2011

Patricia Kinast De Camillis

POR UMA ADMINISTRAÇÃO DO COTIDIANO:  
Um Estudo Ator-rede sobre Autogestão

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Profa. Claudia Simone Antonello

Conceito final:  
Aprovado em .....de .....de .....

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Neusa Rolita Cavedon – PPGA/UFRGS

---

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque – PPGEDU/UFRGS

---

Prof. Dr. Rafael Alcadipani da Silveira – FGV/EAESP

---

Orientadora - Profa. Dra. Claudia Simone Antonello – PPGA/UFRGS

## RESUMO

Na tentativa de compreender como ocorre um processo de autogestão no cotidiano, este estudo parte da abordagem metodológica da Teoria Ator-Rede para acompanhar as atividades de uma cooperativa de trabalho. Sem definições prévias, nem quadro teórico pré-estabelecido, descreve como a autogestão se constrói e é construída nas práticas do dia-a-dia e como é enactada através da articulação de diversos elementos heterogêneos. Considerando humanos e não-humanos como actantes na apresentação de uma experiência autogestionária em que movimentações, relações, tensões, híbridos estão em um constante organizando. Para a Teoria Ator-Rede realidades são enactadas no limite da noção de rede, sendo assim, pode-se questionar: qual a participação da Administração nessa construção?

Palavras-chaves: autogestão, teoria ator-rede.

## Abstract

In order to understand how the process of autogestion happens, this research, in agreement with the methodological approach of the Actor-Network Theory, follows the activities of a work cooperative. Without previous definitions neither a predetermined theory framework, the research describes how the autogestion is constructs and is constructed within day-to-day practices and how is enacted through the articulation of different heterogeneous elements. Considering humans and no-humans as actants in an autogestionary experience in which movements, relations, tensions and hybrids are in constantly organizing. Actor-Network Theory suggests that realities are enacted in the bound of network concept, so, it is possible to ask: what is the participation of the Management in this construction?

Key words: autogestion, self-management, actor-network theory.

## SUMÁRIO

1	POR QUE PESQUISAR? .....	6
2	E QUE MÉTODO UTILIZAR?.....	8
3	FALANDO UM POUCO SOBRE TEORIA ATOR-REDE.....	13
4	MEU PERCURSO INICIAL: em busca do “fio” e o encontro com o “emaranhado”.....	24
4.1	PERCORRENDO ALGUMAS TRILHAS.....	34
4.2	ENCONTRANDO O FIO: A AUTOGESTÃO .....	46
4.3	JÁ SOU “DE CASA”.....	57
4.4	PARA ALÉM DA SEDE DA CATARSE .....	58
5	O TRABALHO E AS PRÁTICAS DA CATARSE .....	62
5.1	MOSTRA 5 ANOS À MARGEM.....	62
5.2	AS ATIVIDADES NO PONTO DE CULTURA VENTRE LIVRE .....	65
5.2.1	Mutirão de limpeza na casa do Ventre Livre. ....	66
5.2.2	Inauguração do Ponto de Cultura Ventre Livre .....	68
5.2.3	Sobre o Tambor de Sopapo .....	69
5.2.4	Projeto Interações Estéticas .....	70
5.2.5	Oficina de Audiovisual .....	73
5.3	O GRANDE TAMBOR .....	76
5.3.1	Divulgação e lançamento do O Grande Tambor .....	78
5.4	REPORTAGENS, COBERTURAS ESPECIAIS – AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS.....	84
6	AS REUNIÕES DE SEGUNDA-FEIRA.....	90
6.1	CATARSE NA AUDIÊNCIA PÚBLICA EM CANOAS .....	93
6.2	NOVA INTEGRANTE E AS MULHERES .....	94
7	O PLANEJAMENTO DO PLANEJAMENTO.....	96
7.1	PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA CATARSE/2009.....	98
7.1.1	Breves considerações sobre o local onde ocorreu o PE.....	102
7.1.2	Voltando ao PE.....	103
7.2	SISTEMATIZANDO O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO .....	113
8	AS REUNIÕES GERAIS DEPOIS DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO (PE). ....	117
8.1	DEFINIÇÃO DAS EQUIPES DE COGESTÃO .....	118
8.2	NÃO HOUE A REUNIÃO DAS SEGUNDAS-FEIRAS .....	120
8.3	MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO, CALOR DE 40 GRAUS, EXPEDIENTE E MESTRE BATISTA.....	121
8.4	DURANTE O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL NÃO TEVE REUNIÃO .....	125
8.5	REUNIÃO DEPOIS DO “MOMENTO FINANCEIRO” .....	126
9	MINHAS TARDES DE EXPEDIENTE .....	128
9.1	TENHO A CHAVE DA CATARSE .....	130

9.2	TARDES MOVIMENTADAS .....	132
9.3	OLHOS DESATENTOS.....	134
10	SEGUIR SUAS CONVICÇÕES – PARA QUEM TRABALHAR.....	137
11	O PRÊMIO PONTOS DE MÍDIA LIVRE .....	144
12	AS REUNIÕES GERAIS DE TERÇA-FEIRA.....	150
12.1	PRIMEIRA REUNIÃO GERAL DE TERÇA-FEIRA.....	150
12.2	ASSEMBLEIA ORDINÁRIA E ELEIÇÃO .....	153
12.3	INICIANDO ALGUMAS ARTICULAÇÕES.....	156
12.4	NOVOS E VELHOS PROJETOS. E PARA COMPLETAR, ALTERAÇÕES NO SISTEMA.....	160
12.5	BENS MATERIAIS .....	163
12.6	EDITAIS PÚBLICOS... VÁRIAS POSSIBILIDADES .....	166
13	A CRISE FINANCEIRA: FALÊNCIA? .....	171
13.1	O ROMBO DO FINANCEIRO APARECEU .....	175
13.2	SEGUEM AS PENDÊNCIAS DO FINANCEIRO .....	179
13.3	TENTATIVA DE ENTENDER E PLANEJAR O FINANCEIRO .....	185
13.4	ALGUMAS PENDÊNCIAS FINANCEIRAS ESCLARECIDAS .....	189
13.5	REORGANIZANDO O FINANCEIRO - ALÍVIO MOMENTÂNEO.....	192
13.6	FINANCEIRO E ASSESSORIA JURÍDICA .....	196
13.7	DEPARTAMENTO FINANCEIRO E O PRIMEIRO ROMPIMENTO INSTITUCIONAL...199	
13.8	DEFINIÇÃO DA EQUIPE DO DEPARTAMENTO FINANCEIRO.....	203
14	COMO SE ORGANIZOU O DEPARTAMENTO FINANCEIRO DEPOIS DA CRISE .....	206
14.1	AS PRIMEIRAS IDEIAS DE AUTOGESTÃO SÃO DE ANARQUISTAS.....	213
15	SAINDO DO CAMPO.....	217
16	TUDO É REDE. E O QUE DIZER DESSA INSERÇÃO. ....	222
	REFERÊNCIAS .....	227
	ANEXO A – MOSTRA CATARSE 5 ANOS A MARGEM.....	230
	ANEXO B – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO VENTRE LIVRE .....	232
	ANEXO C – ALTERAÇÕES NO ESPAÇO FÍSICO .....	233
	ANEXO D – MATERIAL RESULTANTE DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO.....	234

## 1 POR QUE PESQUISAR?

Não quero propor modelos e ferramentas de autogestão, nem analisar uma experiência de cooperativa que surgiu a partir de uma falta de opção de trabalhadores de fábricas falidas ou, o quanto as alternativas da economia solidária podem manter as estruturas hierárquicas e de dominação sobre seus trabalhadores. Tudo isso pode ser válido, mas não é a minha proposta. Quero falar de escolhas conscientes, responsáveis e protagonistas.

Quero tentar compreender o quanto uma ação pode ser transformadora; transforma um indivíduo que atua na sociedade, não só economicamente, mas socialmente e, principalmente, que atua na academia – ou tenta atuar. Quero discutir o quanto precisamos de mais ações transformadoras em várias esferas da nossa sociedade e, mais do que nunca, na academia.

Não quero isolamento positivista, quero envolvimento e ação participativa. Quero mostrar que É Possível. Escrevo uma declaração de amor em forma de dissertação para esse coletivo cheio de defeitos (e quem não tem?), mas cheio de virtudes também, que acredita em seu trabalho e luta contra as injustiças sociais, oficialmente, há seis anos. Um coletivo que se organiza, se desorganiza, aprende, administra seu tempo da forma que considera ser melhor; às vezes, não administra nada e vai fazendo aquilo que consegue com poucos recursos financeiros, mas com muita disposição. Um coletivo que trabalha horas de graça pelo simples [simples? Simples, é só modo de falar] fato de acreditar em uma causa. Trabalham até tarde, acordam cedo (nem sempre...), trabalham só à tarde, mas assumem a “responsabilidade de expressão”.

Sim! Quem disse que uma dissertação não pode ser uma declaração de amor? Uma declaração de amor que assume tudo de bom e de ruim que existe na relação. Parem com esse distanciamento e frieza científicos e com essa falsa “não intencionalidade”. Sim! Minha dissertação tem intencionalidade, por isso eu assumo: a intenção é apresentar uma experiência autogestionária e discutir as relações que se estabelecem quando se assume o protagonismo de uma ação.

Se você está me achando utópica, digo, com toda certeza, que não é sobre ilusões que vou falar. Vou falar sobre realidades, práticas cotidianas, erros e acertos; dificuldades bem reais, quanto certezas bem reais também. Se, mesmo assim, ainda

me achas utópica, então nem segue a leitura, vai ler um “manualzão” de administração e tentar aplicar em algum outro lugar.

Aqui eu vou falar de administração, de organização, de autogestão, de aprendizagem, de coisas que ocorrem no cotidiano, sem querer encontrar a “essência” dos indivíduos ou da organização. Descrevo como a autogestão é construída e se constrói nas práticas do dia-a-dia, tudo isso com envolvimento e participação. E como fazer isso? Na próxima seção dedicarei um espaço para algumas reflexões que possam auxiliar o leitor na narrativa que segue. Farei uma breve apresentação do Coletivo Catarse, em que realizei meu trabalho de campo, considerando a própria apresentação feita em seu *blog*, (em negrito).

**“Catarse é um coletivo de comunicadores...”** – formado por jornalistas, publicitários, também por psicólogos, historiadores, sociólogos, atores, músicos e administradores - **“...comprometidos com a construção de alternativas...”** – estruturar uma cooperativa urbana de trabalho já é uma alternativa – **“...que fortaleçam a cultura e o jornalismo independentes...”** - independente de partido político, das grandes concentrações de capital – **“... e enriqueçam o debate público em seus temas mais importantes...”** – temas como cultura livre, reforma agrária, preservação ambiental, direito ao trabalho e a saúde, questão indígena e quilombola, democratização dos meios de comunicação, preservação da cultura local, direito da criança e adolescente, entre outros. **“... Através de um trabalho autoral e engajado...”** – trabalho de reportagens, elaboração de documentários, peças gráficas (folhetos, panfletos, cartazes, cartilhas, etc), elaboração de revistas e informativos, oficinas de audiovisual/de teatro, produção cultural e elaboração de projetos culturais – **“... se aproxima de movimentos e organizações...”** – movimentos de luta pela terra, organizações quilombolas, organizações de apoio a diversidade sexual e a diversidade cultural, grupos de teatro, movimentos de luta pela moradia, organizações de apoio a biodiversidade e outros muitos – **“...que entendem a cultura como um direito humano e a comunicação como uma ação transformadora”**.

## 2 E QUE MÉTODO UTILIZAR?

Os caminhos metodológicos foram sendo percorridos e construídos ao longo do percurso, passando por minha inserção no campo e também pela aproximação com o referencial teórico. Foram muitos questionamentos, reflexões pelas quais passei até ter clareza de que método eu estava usando... e que método poderia ser coerente com a minha visão de mundo que vai se desvelando?

O que acontece quando a ciência social tenta descrever coisas que são complexas, difusas e confusas? Essa é a questão principal de Law (2004) ao iniciar a proposta de se refazer a ciência social de forma que esta seja “melhor” equipada para lidar com a bagunça, a confusão e a relativa desordem. Para o autor, existem coisas no mundo que são realidades provisoriamente estáveis, como: fronteiras de estados nacionais, emissão global de CO<sup>2</sup>, mas ao lado disso, o mundo é também texturizado em formas diferentes. Exemplos dessa textura são, segundo Law (2004), dor, prazer, esperança, horrores, intuição, apreensões, perdas, redensões, mundanidades, visões, anjos e demônios, coisas que escorregam e deslizam, ou aparecem e desaparecem, mudam de forma ou não possuem forma, imprevisibilidades. Esses são apenas alguns dos fenômenos que, conforme Law (2004) são difíceis de captar com os métodos acadêmicos de pesquisa da ciência social.

O autor afirma que partes do mundo são capturadas, por exemplo, em nossas etnografias, nossas histórias e nossas estatísticas. Muitas não são, e sendo, são distorcidas pela “clareza”. Se muito do mundo é vago, difuso ou inespecífico, escorregadio, emocional, efêmero, elusivo ou indistinto, muda como um caleidoscópio, ou não tem muito padrão, então como a ciência social pode captar algumas das realidades que nós estamos no momento perdendo? Se queremos pensar sobre “as bagunças” da realidade então teremos que ensinar a nós mesmos a pensar, a praticar, a relatar, e conhecer novas formas, usando métodos não usuais ou pouco conhecidos nas ciências sociais e desistir das simplicidades. Conhecer através do paladar, do desconforto, das emoções privadas que nos abrem um mundo de sensibilidades, de paixão, intuição, medos e traições. Essas são formas, de acordo com Law (2004), de conhecer emocionalmente.

Com isso, também, teremos que repensar nossas ideias sobre clareza e rigor, buscar formas de conhecer o escorregadio e o indistinto sem tentar agarrá-lo ou segurá-lo firmemente. Isso pode ser o conhecer - conhecendo - como uma investigação situada e considerar o “*knowing*” uma boa metáfora, já que o gerúndio traz a ideia de algo que está acontecendo e não finalizado.

Segundo Law (2004), outras áreas da ciência social também estão no mesmo caminho. Nas últimas duas décadas, métodos de análise de materiais visuais, abordagens de performances e a compreensão de métodos como narrativa poética ou intervencionista, vem se tornando importantes. Da mesma forma, Richardson (2005) traz o questionamento referente a métodos de pesquisa, ao afirmar que o núcleo do pós-modernismo é a dúvida de que qualquer método ou teoria, qualquer discurso ou gênero, qualquer tradição ou novidade tenham uma pretensão (reivindicação) universal de ser “a certa” ou, como uma forma privilegiada de conhecimento oficial. Nenhum método tem um estatuto privilegiado. Porém, a posição pós-modernista nos permite conhecer/saber algo sem pretender conhecer/saber tudo. Ter um conhecimento parcial, local e histórico é ainda saber/conhecer. De certa forma o “saber” no pós-modernismo reconhece as limitações situacionais do conhecedor. De acordo com Rogers (2004), Laurel Richardson e outras feministas pós-modernistas estão teorizando sobre como as convenções narrativas restringem o que pode ser dito, quem está autorizado a dizer e quem pode ler de forma efetiva e significativa.

Existe um senso em desenvolvimento de que, conforme Law (2004), fluxos globais são incertos, imprevisíveis e até caóticos, matematicamente falando. Então o mundo está em movimento e a ciência social mais ou menos, relutantemente, segue. Agência é imaginada como emotiva e incorporada e não cognitiva. Estruturas são imaginadas como mais quebradas ou imprevisíveis em sua fluidez e, ao mesmo tempo, dentro das ciências sociais, falar de método é ainda evocar um relativo repertório limitado de respostas.

Law (2004) sustenta uma maneira de pensar sobre método que é mais amplo, mais flexível, mais generoso e, em alguns pontos, diferente de muitos entendimentos convencionais. Isto é, segundo o autor, de certa forma, um ataque aos limites impostos por esses entendimentos. Entretanto é preciso ter cuidado, para Law (2004), métodos de pesquisa com padrões usuais são, às vezes, importantes, e até necessários, e não se pode dizer que estão completamente errados. Enquanto os

métodos padrões são extremamente bons no que fazem, eles são mal adaptados ao estudo do efêmero, do indefinido e do irregular. “Se queres compreender a realidade, você precisa seguir regras metodológicas. A realidade impõe as regras (...) o método, as regras e as práticas do método, não apenas descrevem, mas também, ajudam a produzir a realidade que eles compreendem” (LAW, 2004, p.4). Tudo isso define o que é mais importante no mundo, o tipo de fatos que precisamos captar e as técnicas apropriadas para captura e teorização.

Inspirado em autores do pós-estruturalismo, Law (2004) afirma que algumas estruturas locais podem ser identificadas em momentos, mas o mundo, em geral, desafia qualquer tentativa de dar conta de um ordenamento global. Pensar o mundo como um fluxo generativo que produz realidades é não pensá-lo como uma estrutura, algo que pode ser mapeado em nossos gráficos. Imagine uma corredeira cheia de redemoinhos, fluxos, mudanças imprevisíveis, tempestades e com momentos de intervalo e calma. Às vezes, e em alguns locais, podemos fazer um gráfico sobre o que está acontecendo à nossa volta. Às vezes, nosso gráfico ajuda a produzir momentos de estabilidades. Todavia, o grande desafio é começar a imaginar que os métodos de pesquisa devem ser adaptados a um mundo que inclui e se conhece a si mesmo como marés, fluxos, e, muitas vezes, imprevisíveis (LAW, 2004).

Considerando o mundo como um conjunto de processos possivelmente detectáveis, Law (2004) afirma que teremos que desfazer muitos de nossos hábitos metodológicos: o desejo de certeza, a expectativa de que podemos chegar a conclusões mais ou menos estáveis sobre o que as coisas realmente são, a crença de que cientistas sociais possuem insights especiais que os permite ver além dos outros em certas partes da realidade social e a expectativa de generalidade, embrulhada com o universalismo. Antes de tudo, precisamos desfazer nosso desejo e expectativa de segurança. O método, como normalmente nós o pensamos, nos guia com certa rapidez e segurança ao nosso destino (LAW, 2004).

Porém, o Método, nesta reencarnação que Law (2004) propõe, será lento e incerto. Um processo arriscado e preocupante, tomará tempo e esforço para “fazer” a realidade e segurá-la por um momento contra um pano de fundo de fluxos e indeterminações. Law (2004) finaliza o capítulo de introdução do seu livro sobre método, afirmando que, quando se fala de método, não é apenas sobre o tipo de realidades que queremos reconhecer ou o tipo de mundo que esperamos “fazer”,

mas, é fundamentalmente, sobre o modo de ser, de viver. É sobre que tipo de ciência social nós queremos praticar. Método fala de modo de trabalho e de modo de existir. “Minha esperança é que possamos aprender a viver de uma forma menos dependente do automático. Viver mais em e através de um método lento, vulnerável, quieto, múltiplo, modesto, incerto, diverso” (LAW, 2004, p.11).

Arendt (2008) ao comentar um artigo escrito por Bruno Latour “O que fazer do ator-rede?”<sup>1</sup>, afirma que não há problema algum em se ter um ponto de vista. Isto não significa que estamos limitados pela subjetividade, pois se algo é capaz de ser visto de vários pontos é justamente porque é complexo e a grande vantagem disso tudo, é que podemos mudar nosso ponto de vista. Conforme Arendt (2008), um bom trabalho de campo produz uma quantidade de novas descrições e para Teoria Ator-Rede, uma boa descrição não precisa de explicação, por isso, afirma o autor, escrever textos está relacionado ao método e finaliza dizendo, que não se está falando de uma “mera descrição” uma vez que, dependendo da maneira como o texto é trabalhado, um ator e/ou uma rede serão traçados.

Segundo Law (1997), utilizando-se a Teoria Ator-Rede, não há uma única narrativa, pois não se consegue capturar todos os aspectos da realidade - que não está pronta e acabada lá fora – assim como não se produz um texto neutro ou independente; o narrador é uma rede de histórias e interesses. Pode-se contar um mesmo caso de várias formas, de acordo com os elementos que privilegiamos, e também podem existir várias histórias, sem um padrão único. A Teoria Ator-Rede, conforme Law (1997) evita qualquer gênero de narrativa que pretenda a globalização, por isso está no campo dos experimentos, das tentativas, das invenções e suas narrativas são sobre estratégias de produção de objetos e sujeitos. Dessa forma, o texto, que é apresentado a partir do capítulo 4, fala de outros, e também, fala de mim, pois os processos pelos quais passei foram construídos e construíram esta produção.

Desde o primeiro momento de contato com o Coletivo Catarse, iniciei a elaboração de meu “diário de campo” no qual anotei todos os acontecimentos, sentimentos, impressões, falas que me marcaram, datas, insights, ideias, lembranças, coisas que iam e vinham; anotei tudo que se produziu a partir da minha

---

<sup>1</sup> On the Difficulty of being na ANT: An Interlude in Form of Dialog. In Latour, Bruno. 2005. Reassembling the Social – an Introduction of Actor Network Theory. Oxford: Oxford Univ. Press, pp. 141-156.

interação, participação e observação do “campo”. Pensava, no início, que esse diário e os contatos serviriam como “pré-campo”, entretanto, ao iniciar uma aproximação com os estudos da Teoria Ator-Rede, percebi que essas interações e anotações já eram o trabalho de campo e que a abordagem poderia ajudar na compreensão do fenômeno organizacional do qual me aproximava. A partir do segundo ano de contato com o Coletivo, também usei como fonte de informação os emails da lista da Catarse.

Antes de iniciar as minhas descrições e narrativas, farei uma breve apresentação da Teoria Ator-Rede, com a intenção de auxiliar o leitor na compreensão da organização do texto, especialmente, situando-o na abordagem escolhida a partir da minha visão de mundo. O próximo capítulo, por sinal, será o único “bloco teórico” desta dissertação; entretanto, no transcorrer do texto, comentários de cunho teórico são realizados, pois, segundo Latour (2005) uma “moldura” ou quadro explicativo (o termo usado é *framework*) é capaz de conduzir melhor o olhar de quem lê, mas não alteram em nada narrativa; “...se eu fosse você, me absteria de toda e qualquer moldura. Descreva, simplesmente, o estado dos fatos que estão à mão” (LATOURE, 2005, p.144). Portanto, toda a organização desta dissertação – a escrita, a disposição dos capítulos – são decorrentes de uma escolha metodológica a partir da Teoria Ator-Rede.

### 3 FALANDO UM POUCO SOBRE TEORIA ATOR-REDE

Primeiramente, conforme afirma Law (2007), é possível descrever a Teoria Ator-Rede (TAR) na parte inicial de um trabalho ou no resumo (o próprio autor já fez isso), porém com isso se perde “algo”, porque a TAR é fundada em estudos de caso empíricos. Segundo o autor, só entendemos a abordagem da TAR se tivermos o senso destes estudos de caso e como eles “trabalham” na prática. Desta forma, a TAR (também conhecida como Sociologia da Tradução/Translação<sup>2</sup>) está atenta aos processos de constituição do saber, assim como aos mecanismos de atribuição da descoberta. Tratando da mecânica do poder, deveríamos começar com um quadro limpo, sem determinar estruturas prévias. Por exemplo, podemos começar com interação e assumir que interação é tudo o que há. Podemos então perguntar como é que alguns tipos de interação conseguem se estabilizar mais, outras menos, e se reproduzir? (LAW, 1992). No caso deste estudo, conhecer e compreender como uma organização autogestionária é gerada e se sustenta, fazendo parte de um sistema cujo padrão hegemônico de organização é outro, um padrão que produz e reproduz formas organizacionais hierarquizadas.

Sendo assim, o conhecimento, a racionalidade, a objetividade e “adjetivos” referentes, para a TAR, podem ser vistos como um produto ou efeito de uma rede de materiais heterogêneos. A rede heterogênea, é o núcleo da Teoria Ator-Rede, é uma forma de sugerir que a sociedade, as organizações, os agentes, e as máquinas são todos efeitos gerados em redes de certos padrões de diversos materiais, não apenas humanos (LAW, 1992). A família, as organizações, os sistemas de computador, a economia, as tecnologias – toda a vida social – podem ser similarmente descritas. Todos são redes ordenadas de materiais heterogêneos cujas resistências foram superadas. Este então é o movimento analítico crucial feito pelos autores da Teoria Ator-Rede: a sugestão que o social não é nada mais do que redes de certos padrões de materiais heterogêneos (LAW, 1992). A TAR considera que redes são compostas não apenas por pessoas, mas também, por máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas, enfim, quaisquer materiais.

---

<sup>2</sup> Bruno Latour no livro *Ciência em Ação* (2000) usa o termo “translação” (pág. 194) ao invés de “tradução”, porém a abordagem é mais conhecida, no Brasil, como Sociologia da Tradução. Entretanto, será usado o termo “translação” nesta dissertação.

A tarefa da sociologia é, portanto, caracterizar as redes em sua heterogeneidade e explorar como elas são ordenadas, segundo padrões, para gerar efeitos tais como organizações, desigualdades e poder. O argumento é que essas várias redes não apenas participam do social, mas o moldam. Máquinas, arquiteturas, roupas, textos, todos contribuem para o ordenamento do social e se esses materiais desaparecessem, o que chamamos de ordem social, também desapareceria. (LAW, 1992). “Se você me tirar o computador, meus colegas, meu escritório, meus livros, minha mesa de trabalho e meu telefone, eu não seria um sociólogo que escreve artigos, ministra aulas e produz “conhecimento”. Eu seria uma outra coisa” (LAW, 1992, p. 04).

Para os sociólogos da TAR, de acordo com Callon (1986), é preciso primeiro, mostrar como os não-humanos têm um papel a desempenhar na definição da ligação social e segundo, que o relativismo do sociólogo deve ser extensivo à sociedade. Sociólogos têm propensão a invocar elementos sociais, tais como “estruturas”, “organização”, “classes” e “interesses” como se eles fossem mais perenes que a Natureza. Todavia, os atores/actantes, a Sociedade e os interesses mobilizados são definidos na controvérsia tanto quanto a Natureza. Os sociólogos não possuem melhores explicações sobre a Sociedade, sobre as ações dos atores e seus interesses do que os próprios atores observados.

Entretanto, Law (1992) esclarece que, dizer que não há diferença fundamental entre pessoas e objetos é uma atitude analítica, e não, uma posição ética. Não significa que trataremos as pessoas como máquinas, nem lhes negaremos os direitos, deveres e responsabilidades que, usualmente, lhes atribuímos, entretanto consideraremos o “social” não apenas composto por humanos e suas relações. Conforme Alcadipani e Tureta (2009), a TAR assume que os humanos não são nem mais nem menos importantes no plano analítico que os não-humanos.

A abordagem da Teoria Ator-Rede rompe, desta forma, com as polarizações entre Natureza e Sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, interno e externo, contexto e conteúdo, centro e periferia, compreendendo os conhecimentos tecnocientíficos, e qualquer outro conhecimento, como efeitos de uma multiplicidade de interações sociais e técnicas, apresentando, como traços metodológicos e teóricos marcantes, o estudo da ciência “enquanto está sendo feita” ou “tal qual ela se faz” (LAW, 1992).

Callon (1986) propõe combinar três regras de método para dar conta, de maneira simétrica, das negociações com base na Natureza e na Sociedade. Primeiro, não privilegiar nenhum ponto de vista sobre os atores e registrar as incertezas sobre suas identidades quando estas são controvertidas. Segundo, tratar da mesma maneira os conhecimentos aceitos e rejeitados, e, igualmente, dar conta, nos mesmos termos, dos aspectos sociais e técnicos. Terceiro, utilizar a livre associação, isto é, localizar como os atores qualificam e associam os diferentes elementos, sem ter um quadro teórico pré-estabelecido. Portanto, o repertório da translação deve permitir que se acompanhe a estruturação conjunta da Natureza e da Sociedade. O Social significa o trabalho de associação, de estabelecimento de equivalências e de translação realizadas pelos atores heterogêneos (CALLON, 1986).

Para este autor, a translação é um processo de aproximação ou de clarificação de espaços de problemas. Callon (1986) distingue quatro etapas para dar conta de um processo de translação: a problematização, a atração de interesses, o recrutamento e a mobilização dos aliados.

O primeiro momento do processo de translação é a definição, por um ator de um problema, isto é, a identificação de outros atores, o estabelecimento de ligações entre eles e a demonstração de que para alcançar seus próprios objetivos deverão passar por ele. O ator tem necessidade de se tornar indispensável para os outros e os atores que ele identifica, e procura convencer, são tanto humanos quanto não-humanos (equipamentos, técnicas, organismos biológicos, etc). Na problematização são definidos os pontos de passagem obrigatórios pelos quais os outros deverão passar, indicando os desvios a serem operados e os deslocamentos realizados pelos atores associados. O desafio da problematização será definir a identidade dos atores, colocá-los em relação, isto é, estabelecer uma rede de problemas e criar pontos de passagem obrigatórios. Ao longo de todo o processo de translação os atores se definirão entre si (CALLON, 1986).

No segundo momento busca-se atrair o interesse do outro para que seja dada concretude à rede de alianças, ainda hipotética. Esta etapa se traduz no arranjo de dispositivos de atração de interesse para estabilizar a identidade dos diferentes atores, desviando-as de seus objetivos ou das associações concorrentes. O terceiro momento é o do recrutamento que consiste na distribuição de potenciais papéis

entre os atores. Esse mecanismo põe em cena os processos de atribuição e de transformação dos papéis (CALLON, 1986).

A quarta etapa, conforme Callon (1986) é a mobilização dos aliados, que permite mexer nas entidades inertes. Escolhendo porta-vozes e estabelecendo intermediários, as entidades humanas e não-humanas poderão ser deslocadas e reunidas em um ponto. O processo de mobilização permite simplificar o mundo heterogêneo e complexo, transformando as entidades em representantes que falam em nome dos outros. O intuito é torná-las homogêneas e facilmente controláveis. Desse modo, um ator pode mobilizar as alianças entre elementos heterogêneos.

Para Latour (2000, p. 178), de forma semelhante, translação é “interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e aos das pessoas que eles alistam”. Entretanto, “tradução” possui um significado linguístico de transposição de uma língua para outra, e a noção de translação que Latour (2000) apresenta tem um significado de transposição de um lugar para outro, sendo assim, ele usa o termo “transladar”, para capturar a ideia de movimento e relação. Latour (2000, p. 421-422) também, tratou de “regras metodológicas”, como uma “orientação” para, inicialmente, compreender a prática científica. Sejam elas:

Regra 1: estudar a ciência em ação – chegar antes que os fatos tenham se transformados em caixas-pretas ou acompanhar as controvérsias que as reabrem;

Regra 2: não procurar as qualidades intrínsecas de uma “afirmação”, mas procurar as transformações que ela sofre, nas mãos dos outros;

Regra 3: não utilizar a “natureza” para explicar como e por que uma controvérsia foi resolvida, pois a representação da natureza é consequência dessa solução;

Regra 4: não utilizar a “sociedade” para explicar como e por que uma controvérsia foi resolvida, mas considerar o alistamento de humanos e não-humanos de maneira simétrica;

Regra 5: considerar todos os elementos heterogêneos que realmente trabalham para construir a tecnociência e para construir os fatos;

Regra 6: diante da acusação de irracionalidade, não olharmos para qual regra lógica foi infringida, nem que estrutura social poderia explicar tal distorção, mas olhar para o deslocamento e para a rede que se constrói; considerar esse movimento;

Regra 7: antes de atribuir qualquer qualidade especial à mente ou ao método das pessoas, examinemos os muitos modos como as inscrições são coligadas, interligadas, combinadas e devolvidas. Isso requer “viajar” na rede.

Quando uma translação tem êxito, ela assume a configuração de uma rede. O termo “ator-rede” resume um duplo processo. Num primeiro momento, o ator produz uma hipótese sobre a identidade dos outros atores e sobre suas ligações. No final desse processo, compõe seu ator-mundo que constitui o segundo momento, o da constituição de um ator-rede com ligações concretas e coercitivas para cada uma das entidades engajadas nesse processo. Se um ator torna-se o centro, é porque lhe foi atribuída responsabilidade pela circulação dos intermediários que ele produziu. O resultado desse processo é fruto de um trabalho coletivo. Um ator é uma rede de certos padrões de relações heterogêneas ou, um efeito produzido por uma tal rede (CALLON, 1986). Um ator é também, e sempre, uma rede, assim como o ator-pesquisador é uma rede de teorias administrativas, de instituições de ensino, de regulamentações, contra as quais eu posso lutar, faço parte e sou um ator-pesquisador “devido a/em função de” essa rede.

Law (1992) levanta uma questão: por que, apenas, de vez em quando, tomamos consciência das redes que estão por trás e que constituem seja um ator, um objeto ou uma instituição - como uma rede de componentes eletrônicos e/ou intervenções humanas? Em uma empresa administrada por meio da heterogestão, também existem reuniões, computadores, especialistas – jornalista, ator, artista gráfico, câmera-*man*, texto, relações de poder, ordem, desordem, regras e controles – entretanto, a forma como se estabelecem essas relações, esses ordenamentos, pode ser diferente de uma organização autogestionada. Aquilo que “é gerado” também é diferente: conteúdo contestador.

O argumento de Law (1992) é de que os fenômenos são efeitos ou produtos de redes heterogêneas. Na prática nós não lidamos com essas intermináveis ramificações. Na verdade, na maior parte do tempo, nós nem mesmo estamos em posição de detectar as complexidades da rede. O que ocorre é que sempre que uma rede age como um único bloco, então ela desaparece, sendo substituída pela própria ação e pelo autor, aparentemente único desta ação. Quando se publica uma notícia no *blog*, por exemplo, toda rede de humanos e não-humanos desaparece. Ao mesmo tempo, a forma pela qual o efeito é produzido, é também apagada: nas

circunstâncias ela não é visível e nem relevante. Ocorre, então, que algo muito mais “simples” surge: uma notícia publicada, uma decisão de gestão.

Muitas vezes, nesses processos, constituem-se as chamadas “caixas-pretas” (LATOURE, 2000, p. 14), expressão usada, originalmente, pela cibernética para designar aquilo que se revelava complexo demais e, pelo autor, para representar fatos científicos tomados como indubitáveis. Porém, abrir as caixas-pretas permite revelar as incertezas, os trabalhos, as decisões, as concorrências, as controvérsias produzidas e reproduzidas no processo coletivo de sua construção.

Conforme Latour (2000) todos os atores/actantes fazem alguma coisa com a caixa-preta: podem largá-la, aceitá-la como é, ou mudar suas configurações, apropriar-se e modificá-la e seu futuro estaria relacionado a essas ações e ao contexto para onde ela pode ser levada; destacando que conteúdo e contexto são indissociáveis.

A partir do estudo no laboratório de biologia de Roger Guillemin no Salk Institute, Latour e Woolgar (1997) descrevem a construção de uma descoberta e sua aceitação no livro “Vida de Laboratório”. Os autores assumem a noção de simetria como base moral do trabalho. A busca de várias explicações simétricas implica em recusa de várias distinções entre o que emerge do social e o que emerge da técnica, entre o senso comum e o raciocínio científico. Situando-se numa perspectiva simétrica, o pesquisador é definido como resultante dos conflitos de apropriação ocorridos no contexto do laboratório ou, no campo de estudo como ponto de uma vasta e heterogênea rede de elementos. Os autores, nesse livro, não falam de Teoria Ator-Rede, porém, muitos dos seus elementos estão presentes. Conforme salientam Latour e Woolgar (1997), o exame das atividades cotidianas de um laboratório permite ver como os gestos aparentemente mais insignificantes contribuem para a construção social dos fatos, evidenciando o caráter idiossincrático, local, heterogêneo e contextual das práticas científicas. E de várias outras práticas.

As definições de Natureza e Sociedade são resultado de mediações. Não existe descoberta no sentido de uma Natureza revelada cujas leis seriam independentes de nossas práticas. Para estudar as práticas é preciso olhar para elas no cotidiano, considerando-o não como uma “micro sociedade” que pode ser comparada ou generalizada para a “macro sociedade”, mas como o lugar onde as

relações se estabelecem, os processos ocorrem e os actantes se fazem presentes/ausentes.

A Teoria Ator-Rede também é sobre poder. Poder como um efeito (escondido ou deturpado) e não como um conjunto de causas. Aqui, a teoria é próxima a Foucault, porém, conforme Law (1992), procura ir além, descrevendo histórias empíricas, em que se assume que a estrutura social não é algo separado e independente, como os andaimes em torno de um prédio, é mais um local de luta, um efeito relacional que se gera recursivamente e se auto-reproduz. O autor alerta que a teoria não diz que há muitos centros de poder ou ordens, mais ou menos iguais. A TAR diz que os efeitos de poder são gerados em uma forma relacional e distribuída, e que nada está nunca completo. A teoria se interessa em como actantes e organizações mobilizam, justapõem e mantêm unidos os elementos que os constituem. Como é o trabalho de todas as redes que constituem o actante pontualizado, usurpado, subjugado, deslocado, distorcido, reconstruído, remoldado, furtado, aproveitado, e/ou deturpado para gerar os efeitos de agenciamento, organização e poder? Como são superadas as resistências? (LAW, 1992).

O que podemos dizer sobre a translação e os métodos para superar a resistência? A Teoria Ator-Rede quase sempre aborda suas tarefas empiricamente, portanto, a conclusão empírica é que translações são contingentes, locais e variáveis. A Teoria Ator-Rede sugere uma sociologia relacional e orientada a processos que trata agentes, organizações, máquinas como efeitos interativos; os quais são heterogêneos, incertos e contestáveis (LAW, 1992).

A abordagem da Teoria Ator-Rede tem um número de pontos comuns com outras sociologias, no entanto, de acordo com Law (1992), seu materialismo relacional é bem distinto. A TAR não apenas apaga as divisões analíticas entre agenciamento e estrutura, entre o macro e o micro social, mas também, propõe tratar diferentes materiais – pessoas, máquinas, “ideias” - tudo o mais - como efeitos interativos, relacionais, e não, causas primitivas. Desta forma, segundo Law (1992), se quisermos responder às questões sobre estrutura, poder e organização, entre outras, deveremos explorar efeitos sociais, qualquer que seja sua forma material. O argumento básico é que na medida em que a “sociedade” se reproduz recursivamente, ela faz isso porque é materialmente heterogênea e quando a Teoria Ator-Rede explora o caráter de uma organização, trata-o como um efeito da interação entre materiais e estratégias.

Quais são os tipos de elementos heterogêneos criados ou mobilizados e justapostos para gerar os efeitos organizacionais? Como eles são justapostos? Como são superadas as resistências? Que estratégias estão sendo performadas através das redes do social como uma parte do próprio? Até onde vão essas redes? Para a TAR não há coisa tal como última análise, uma vez que não há última análise, na prática há diferenças reais entre os poderosos e os miseráveis, diferenças nos métodos e materiais que eles empregam para se produzirem e reproduzirem. Utilizando a TAR, a tarefa é estudar esses materiais e métodos, para entender como eles se realizam e notar que poderia, e frequentemente deveria, ser de outra maneira (LAW, 1992).

Conforme Lee e Hassard (1999), a TAR é ontologicamente relativista, pois permite que o mundo seja organizado de diferentes formas, mas, também, empiricamente realista na medida que não encontra dificuldades em produzir descrições de processos organizacionais. A TAR se mostrou flexível suficiente para mover-se da sua origem nos estudos de ciência e tecnologia para o campo das ciências sociais e outras. Um exemplo de abordagem pós-estruturalista, conforme Alcadipani e Tureta (2009), vem sendo utilizada como uma perspectiva para investigar processos organizativos.

Para Lee e Hassard (1999), ser ontologicamente relativista significa que, ao utilizar a TAR como método de pesquisa, não devemos assumir, a priori, uma estrutura, um modelo de análise que defina o quê e quais são as entidades e/ou elementos a serem observados no campo (LEE; HASSARD, 1999; LATOUR, 2005). Significa, ainda, conforme Mol (2002), não assumir a existência como dada, e sim, como algo que é construído, ou, enactado, no sentido de ser sempre instável, por meio de práticas e relações. Por exemplo, nos estudos sobre poder nas organizações, deveríamos partir da interação entre os diversos actantes para entender como associações entre vários elementos (humanos e não-humanos) se estabilizam, se reproduzem e superam resistências, gerando aquilo que chamamos de “poder” (LAW, 1992). Ou seja, o poder seria o resultado de uma rede de relações e não, algo que se possui ou que é derivado de classe, gênero, cultura etc., e que seja passível de definição antes da pesquisa iniciar. Como consequência desta ontologia, a TAR não estabelece para o pesquisador o que ele deveria descobrir (LEE; HASSARD, 1999). Já seu caráter empiricamente realista está relacionado com a ideia de que é possível analisar redes de atores/actantes que desempenham

práticas e processos, mesmo que, em um primeiro momento, seja difícil saber o quê/quem faz as coisas acontecerem ou as pessoas agirem; “a presença do social precisa ser demonstrada recorrentemente” (LATOUR, 2005, p.53).

Portanto, segundo Latour (1999, p. 19), “os atores sabem o que fazem e nós temos que aprender com eles não apenas o que eles fazem, também, como e por que fazem determinadas coisas”. Seguir relações por entre as redes de relações, traçadas pelos actantes, permite que se alcancem mais do que definições de entidades e essências e desta forma, conforme Latour (1999), tem-se maior ênfase nos processos ao invés de uma visão estática e objetiva da realidade. A TAR é uma teoria, um método sobre como dar aos actantes um espaço para eles se expressarem; tudo depende do que se entende por ator/actante, o que eles fazem e do tipo de ação que flui. Não é suficiente estar conectado, interconectado ou ser heterogêneo para constituir uma rede. Latour (1999) afirma que os próprios actantes produzirão seus referenciais, suas teorias, seus contextos - apenas descreva.

Tendo em vista que a TAR não aceita trabalhar com estruturas invisíveis, subjacentes; se elas assumirem formas explícitas então, será possível acompanhá-las; a ênfase recairia nas descrições dos modos que enactam (estabilizam e desestabilizam) e dos modos de existência coletivos. Nessa abordagem, as categorias surgiriam em um processo no qual estão envolvidos humanos e não humanos, de acordo com Latour (2005). Os objetos não seriam dominados pelos homens, e sim, estabeleceriam relações complexas e até os “superariam”, participando das categorizações. As relações entre humanos e não humanos estariam tão enredadas que não seria possível separá-las. Tratar-se-ia de compreender os vínculos que estabeleceriam entre eles. Na TAR o conceito de social seria pensado enquanto produzido em rede, através de regimes de existência política que dariam margem a uma sociologia das ciências e das técnicas (LATOUR, 2005).

Posteriormente a TAR ter sofrido críticas e questionamentos, Latour (1999) retoma o conceito de ator-rede para reexplicá-lo e esclarecer alguns pontos, os quais serão apresentados brevemente. Segundo Latour (1999), a “rede” não deve ser comparada a Internet, onde se transporta sem deformações, nem a estruturas fixas, por exemplo, trilhos de trem, nem a sociedade, mas como o rizoma de Deleuze e Guatarri que significa transformações, translações, deslocamentos. Para Freire (2006), uma rede se estabelece e é estabelecida por seus agenciamentos e

conexões e não por seus limites. Este “ator” não é o ator social da sociologia, mas o que tem a propriedade de produzir efeitos na rede, de ser “actante”. Conforme Latour (2001, p. 346) “a palavra ator se limita a humanos, utilizamos muitas vezes *actant* (actante), termo tomado à semiótica para incluir não-humanos na definição”. Um actante deixa traço e só assim pode ser seguido na rede.

O “hífen”, segundo Latour (1999) infelizmente, lembra o debate “agência e estrutura”, que é, exatamente, o que os autores da TAR não queriam. O destaque que o autor quer dar é para o movimento circulatório de processos que enactam o mundo. Latour (1999) também adverte que a TAR não é uma teoria no sentido de “aplicação de um quadro de referências”, mas a de “encontrar os procedimentos que tornam o actante capaz de negociar seus caminhos através de uma atividade de construção de mundo” e isso tem implicações políticas (LATOUR, 1999, p. 21).

Neste sentido, Alcadipani e Tureta (2009) recomendam pesquisas empíricas sobre como essas relações são desempenhadas cotidianamente, por exemplo, no Brasil, em organizações comunitárias em favelas, cooperativas autogestionárias e movimentos populares, que oferecem múltiplas formas de organizar, diferentes dos negócios tradicionais, ao invés de se produzir e reproduzir um discurso de chavões que partem de perguntas auto-respondidas. Os autores ainda destacam que a TAR nos relembra da necessidade de se realizar pesquisas qualitativas em profundidade. Nessas pesquisas empíricas, *in loco*, a TAR pode contribuir na compreensão do papel desempenhado por humanos e não-humanos no processo de organizar, destacando como os não-humanos (ferramentas de planejamento estratégico, redes de computadores, câmeras filmadoras, etc.) são partes constituintes das organizações e desempenham um papel fundamental nos processos organizativos.

Dentre as diferentes possibilidades de estudos usando a metodologia e conceitos da TAR para analisar o fenômeno organizacional, segundo Alcadipani e Tureta (2009), a opção seria investigar organizações não como dotadas de fronteiras claras e constituídas de forma independentes, que podem ser estudadas em diferentes níveis de análise definidos antes da pesquisa ser iniciada, o que, conforme os autores, geralmente acontece nas investigações na área de organizações em nosso país, mas compreendê-las como resultados de estabilizações frágeis, de múltiplos processos e fluxos, cujas fronteiras não são claras e cujos níveis de análise não existem a princípio.

Essa perspectiva auxilia a apresentar o fenômeno organizacional como único, porém incerto e complexo, trazendo o que há de específico, de singular em cada organização que analisa, ao invés de impor padrões e moldes teóricos pré-estabelecidos que, de acordo com Law (2004), acabam por construir organizações como estruturas rígidas e semelhantes.

Pela ótica da TAR, cada organização é dinamicamente única e específica e somente pode ser entendida empiricamente em cada circunstância particular, pois são complexas e instáveis em função do constante e cotidiano processo de organizar. A definição e (re)construção de objetivos organizacionais dependerá de cada organização especificamente, bem como os atores/actantes relevantes para tais definições também dependerão de cada caso empírico (ALCADIPANI; TURETA, 2009). Nessas situações, conforme Lee e Hassard (1999), em uma cena confusa pode ser útil ter em mãos uma abordagem de pesquisa que é uma “lacuna”, um espaço suficientemente em branco para traçar – rastrear - a produção e remover as fronteiras; uma abordagem que não obriga a seguir e defender suas próprias discriminações. A propriedade de ser “lacuna” da TAR ou o relativismo ontológico a torna flexível suficiente para mapear processos e práticas.

Neste momento não tenho a pretensão de apresentar todas as noções que constituem a Teoria Ator-Rede (uma vez que a discuto enquanto método, destacando a noção de humanos e não-humanos), pois à medida que realizei meu campo, me apropriei de outras noções que estarão distribuídas ao longo do texto. Cabem aqui algumas considerações acerca da exposição dos capítulos que seguem. Na maior parte do texto, desenvolvo a descrição e a narração dos acontecimentos. Apesar de, inicialmente, estabelecer uma ordem cronológica, não é a questão das datas que está em destaque, e sim, a organização autogestionária do trabalho. Todas as falas “originais” dos atores/actantes estão em *itálico* e seus nomes foram alterados; as minhas reações estão entre [colchetes].

#### 4 MEU PERCURSO INICIAL: em busca do “fio” e o encontro com o “emaranhado”

Dia 23 de abril de 2009, entrei no site, anotei o email e fiz contato. Apresentei-me como mestranda em administração, irmã do Enzo (reconheceriam o sobrenome de qualquer forma), que gostaria de conhecer o trabalho deles e talvez, com a possibilidade de fazer a minha dissertação sobre eles, com eles, a partir deles, enfim, eu não sabia, não tinha muita clareza do que poderia ser feito e se poderia ser feito. A Beatriz pediu para que eu telefonasse – telefonei e agendei. Cheguei meia hora antes do combinado, mas, não houve problemas. Ela fez um chimarrão, fomos tomando e conversando. Eu não levei nenhum roteiro de perguntas preparado. Fui com a intenção de conhecê-los, de ser conhecida e iniciar uma aproximação para uma possível pesquisa. Ela me contou sobre a dificuldade da família entender o que fazem e qual o trabalho dela e que já desistiu de tentar explicar e eles também não se esforçam muito para saber. Dão mais valor a quem tem um emprego em uma grande empresa, mesmo que não faça “*grande coisa*” ou, às vezes, nem importa a atividade. [Disse para mim mesma: muita gente da minha família também pensa assim].

As pessoas, em geral, acham que as coisas são como são, que não há outra opção, outra alternativa. Quem procura o trabalho deles é por afinidade, afirmou a Beatriz. Me contou que a Catarse surgiu a partir da saída de sete pessoas de outra cooperativa, a Coomunica, que era bem grande, com trinta pessoas, que não estavam se acertando mais. [Não entrei em maiores detalhes, afinal não tinha a menor obrigação de saber tudo naquele momento]. Contou-me um pouco mais, que haviam feito um “complô” para destituir o Guilherme, presidente da Coomunica na época. Então, esse grupo de sete pessoas saiu, entre eles a Beatriz, o Guilherme, Felipe e Gabriel e fundaram a Catarse inicialmente com eles, depois do primeiro ano, mais quatro, totalizando onze para cumprir a lei e não mexeram mais em nada, nem em estatuto, nem em imposto. Foram trabalhando assim, mesmo sem estar regularizado.

Agora, devido a alguns trabalhos, envolvendo licitação, estão regularizando tudo: imposto, ata, diretoria, toda a papelada. Como a Beatriz se envolveu mais com isso, viu o quanto é “*chato, trabalhoso e demorado*”, na opinião dela e na minha

também. Ela se considera perdendo tempo por deixar de fazer o trabalho dela mesma, e isso tudo a fez pensar que seria bom ter outra pessoa cuidando disso. Ouvi um longo relato de como era difícil administrar um coletivo sem ter formação em negócios, que não sobrava tempo para desenvolver o seu próprio trabalho, que se perdia um tempão na burocracia da papelada, e por aí foi. Ouvi pacientemente e depois pensei: “que outro assunto poderia ter surgido na presença de uma administradora já que a imagem predominante no mercado é de alguém que coordena, planeja, organiza, controla, etc.”? Discutimos a questão de ter alguém na Catarse, cuidando da parte burocrática, porém, concordamos que se não estiver envolvido com o trabalho deles, não dá! Ela entendeu (ou esperava) que eu pudesse ajudar na parte burocrática/administrativa e liberá-los para criar. Eu não disse que não, nem que sim. Assumi uma postura de “vamos ver!”.

O Guilherme chegou, fomos apresentados, mas não se envolveu na conversa. Foi para o computador. Depois o Antônio chegou, fomos apresentados também e começamos a conversar sobre o quanto poderia ser diferente a forma de se fazer administração e sobre o que eu queria fazer na Catarse. Antônio é historiador e está iniciando o seu trabalho junto à Catarse. Eu e Beatriz conversamos ainda à respeito das outras pessoas saberem que existem alternativas à empresa capitalista, que só busca lucro. Porém, a Catarse não faz divulgação (não faz propaganda) do trabalho. Eles não querem ficar ricos. Tem uma questão de opção por esse tipo de trabalho, uma escolha que não é a de “fazer algo diferente”, é de fazer aquilo em que se acredita “ideologicamente”. Mas não me pareceu um discurso vazio de “vamos mudar o mundo” (da boca pra fora), mas fazer, trabalhar em prol e no que se acredita ser “o certo”.

Antes de ir embora, ela me mostrou o isolamento acústico que eles mesmos montaram em uma sala da sede. Eu cheguei às 9h e fiquei até mais ou menos 11h. A Beatriz ficou com o meu msn e disse que iria conversar com os demais sobre a possibilidade de eu fazer a minha dissertação na Catarse e achava que não haveria problema. Fiquei insegura por não ter algo definido para apresentar para a Catarse sobre o que vou pesquisar, o que quero fazer aqui, apesar de ela não se mostrar nem um pouco incomodada com esse fato. Procurei deixar claro que eu me interessava primeiro pelo fato deles serem uma cooperativa e segundo, eu realmente não sabia o que iria fazer. Acreditava que isso “surgiria” enquanto acompanhasse o trabalho deles. Entendo que essa insegurança se deva ao fato de

que é difícil “sair das caixas”, não seguir os padrões pré-estabelecidos de como se pesquisa e se escreve um trabalho acadêmico-científico.

Agora sei: as coisas não surgem do nada. O meu interesse por alternativas que considero, socialmente mais justas, democráticas e igualitárias de desenvolvimento já existia no período do colégio (anos 1992 – 1994). Ficaram um tempo adormecidas e voltaram no final da graduação (anos 2006 – 2007), quando me “revoltei” contra o gerencialismo promovido pela área de administração. Uma “revolta interna” alimentada por acompanhar o trabalho do meu irmão no grupo de teatro Ói Nóis Aqui Traveis – questionador e arrebatador – assisti a várias apresentações deles e sempre saía de lá diferente, refletindo sobre o meu papel na sociedade. [O que eu vou fazer com o meu diploma de administração, carimbado por uma universidade pública e custeado com dinheiro público? Ajudar uma minoria a enriquecer mais?]

Diversas vezes o meu irmão, que trabalha na Catarse, contou sobre os trabalhos que eles realizavam, trabalhos que a Catarse fez para e com o Ói Nóis. Esses relatos foram, durante um tempo, contribuindo para a construção dessa vontade de me aproximar deste coletivo; não foi algo “do dia para noite”. Um relato aqui, uma história ali, e durante um tempo a ideia foi fermentando, mesmo sem eu ter consciência. Desde o início da graduação em administração, trabalhava em empresa capitalista – como a maioria das pessoas – e no geral, era reconhecida por realizar um bom trabalho, era responsável, cometia poucos erros, mas algo incomodava, algo faltava.

Voltando aos primeiros contatos com a Catarse. Enviei email para Beatriz mais tarde, colocando-me à disposição para participar da reunião com os demais integrantes, apresentar-me e explicar minhas intenções. Depois de alguns dias, ela respondeu, pedindo para marcarmos uma reunião com todos. Bem... aqui a coisa “enrolou” um pouco. Demorou até acertarmos dia e horário. Achei que era desinteresse deles, depois percebi [eu acho] que a Beatriz estava “enrolada” com muitas tarefas. Cheguei a essa conclusão quando telefonei e a Beatriz me disse que o pessoal havia combinado dia e horário e ela não tinha enviado o email ainda.

No segundo encontro, lá estava eu novamente 30 min antes. O Guilherme iria sair para um trabalho externo e perguntou se eu queria esperar o pessoal chegar lá dentro da sede da Catarse. Eu não aceitei, mas achei interessante a oferta, pois, em geral, não se deixa alguém que não se conhece, sozinho, no local de trabalho. O

Guilherme comentou que, até agora, sempre foi o presidente da Catarse, veio da presidência da Coomunica, e por isso, já estava meio de “saco cheio” e passando tudo para a Beatriz. Depois que o Guilherme foi embora fiquei cerca de 30 min. esperando na frente da Catarse até chegar o Gabriel.

Comecei a conversa com o Gabriel, dizendo do meu interesse no tipo de organização deles, em cooperativa e que as pessoas geralmente achavam que não existe ou, que não dá certo outro jeito de se organizar e trabalhar, não sendo à forma de “empresa tradicional” (com hierarquia de comando, com chefia, com subordinado e com vistas apenas ao lucro). Ele falou meio rindo “*a nossa administração é meio bagunçada!*”. Respondi: “*pode até ser bagunçada, mas funciona, não é!*”. Não sei se era a resposta “certa”, mas serviu para ele “relaxar” (sorriu e se soltou na cadeira, como se dissesse: “então tá, tranquilo”). Mostrou a preocupação deles em se “aliar” a pessoas que pensem como eles. Quando o Felipe chegou, o Gabriel disse que eu já o tinha convencido e nos deixou conversando na mesma mesa redonda em que eu conversei com a Beatriz. O Felipe já teve uma postura mais séria e fechada (sentou, cruzou os braços e fez uma expressão “estou ouvindo, pode falar”) sem sorrisos. Eu falei a mesma coisa que havia dito ao Gabriel, mas o Felipe continuou sério. Fiquei um pouco apreensiva. Parecia que tinha uma postura de quem diz “me convença que eu devo aceitar que tu pesquises aqui”. Depois, foi mostrando alguns trabalhos que eles fizeram por acreditar na causa, por reconhecerem o trabalho desenvolvido pela entidade contratante, mais do que pelo valor pago ao trabalho deles (da Catarse).

Quando eu comentei do meu interesse em não estudar o tipo de organização comum, a hegemônica, do sistema capitalista, ele relatou dois exemplos: Tecno Brega de Belém do Pará e o Cinema Nigeriano<sup>3</sup>. Ambos de forma amadora e fora do circuito comercial – das grandes empresas – produzem cultura popular, gerando trabalho e renda local. Contou que a Catarse, muitas vezes, ajusta o orçamento ao que o parceiro pode pagar, se entenderem que vale a pena fazer o trabalho. Por isso, eles não trabalham com clientes, mas com parceiros. É uma parceira em função de uma causa comum, por acreditarem nos mesmos princípios. Essa é uma

---

<sup>3</sup> Tecno Brega é um estilo musical bastante popular no Estado do Pará; e o chamado cinema Nigeriano são filmes produzidos e distribuídos, a baixo custo, na Nigéria, também bastante conhecidos localmente.

preocupação que eles demonstram comigo: “se eu entendo e acredito nas mesmas causas sociais, se eu tenho os mesmos princípios”.

O Felipe me mostrou o vídeo da oficina do Boca de Rua (jornal elaborado e vendido por moradores de rua) e outro material dos moradores do bairro Cristal em Porto Alegre que fizeram uma foto-novela, além de um material fotográfico que a Catarse foi contratada pelo Clube de Mães do Cristal. O Clube tinha pouca verba e queriam fazer um registro do bairro antes da finalização das obras do *shopping Center*. A Catarse aceitou fazer o trabalho por achar importante a proposta, ainda que o valor pago tenha sido baixo. Mostrou outros materiais que eles produziram: material informativo – para campanha de informação sobre AIDS e tuberculose. Eram folders, cartazes. Fui sendo apresentada à Catarse através de seus trabalhos. Não dá para defini-la como agência de publicidade, nem agência de comunicação, pois têm trabalho mais informativo, jornalístico, de divulgação. [Eles não divulgam produtos – eu percebo assim – divulgam ideias]. A Catarse trabalha com comunicação em todas as formas, segundo Felipe, eles quase não têm tempo para fazer trabalhos autorais e gostariam de se dedicar mais a isso.

A Beatriz telefonou para se desculpar e explicar porque não pode estar lá na Catarse para conversarmos todos juntos. Havia chovido um dia antes e ela precisou ver a casa onde vai ser o Ponto de Cultura, coordenado pela Catarse, junto com o grupo de engenheiros e arquitetos. Depois perguntei ao Felipe e ao Gabriel se estava tudo certo quanto a fazer minha pesquisa na Catarse. Disseram que sim e Felipe brincou que era só eu pagar umas cervejas... [Descontraiu um pouco mais].

No outro dia enviei email para Beatriz, Felipe, Gabriel e Guilherme, pedindo informações sobre o que estavam fazendo e sobre os demais cooperados. A Beatriz respondeu que a Laura e o Lucas trabalham em casa; o Antônio é recente na cooperativa, está se aproximando; e os outros, estão afastados. Disse que quinta-feira, à tarde, iria a Vila Jardim (bairro de Porto Alegre) para uma reunião sobre o Ponto de Cultura e que poderia ir junto. Era só telefonar e combinar. O que é um Ponto de Cultura? Conforme consta no site do Ministério da Cultura do Governo Federal – Programa Cultura Viva:

O Ponto de Cultura é a ação prioritária do Programa Cultura Viva e articula todas as demais ações do Programa Cultura Viva. Iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, que firmaram convênio com o Ministério da Cultura (MinC), por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Pontos de Cultura e ficam responsáveis por articular e impulsionar as ações que já existem nas comunidades. Atualmente, existem mais de 650 Pontos de

Cultura espalhados pelo país [...] O Ponto de Cultura não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a comunidade. [...] <sup>4</sup>

Na ida para a Vila Jardim – fomos de ônibus – a Beatriz, a Sofia e o Ricardo comentaram brevemente sobre o que abordariam na reunião. A Beatriz levou o Livro de Ata (com esse nome) onde estavam anotadas todas as reuniões, o que já foi feito, discutido, combinado. A reunião foi no Centro de Saúde do bairro. Participei da reunião e fui apresentada como mestranda que está acompanhando a Catarse. Falaram sobre: o andamento da divulgação do Ponto de Cultura Ventre Livre – o pessoal do posto conversaria com a comunidade; e sobre o mutirão de limpeza da casa para o Ponto: o que levar, o que fazer – sugestões diversas.

Participaram duas pessoas do posto de saúde, Rosa e Vera. Foi proposto decidir junto com o grupo de mulheres (que fazem artesanato e usam o posto como local de encontro) o melhor dia para fazer o mutirão de limpeza. A Beatriz propôs um sábado, mas a Rosa e a Vera lembraram que muitas das mulheres têm filhos ou maridos presos e que sábado é dia de visita no presídio. Então resolveram deixar para elas decidirem o dia. Fizeram combinações quanto à atividade de inscrição e seleção do Agente Comunitário, e acordos do tipo: material, mesa, cadeira, quem consegue, como levar, o que se precisa; no fim, conseguiram com uma pessoa vizinha ao posto cadeira e mesa. Uma das funcionárias do posto perguntou se era possível investir, em aplicações financeiras, o dinheiro do Ponto de Cultura, Sofia explicou que não.

Depois da reunião, eles pediram para as funcionárias do posto de saúde indicação de um lugar, ali no bairro, para confeccionarem a faixa: Ponto de Cultura / Ventre Livre. Fomos até lá, participei da escolha da cor das letras (optamos por uma cor viva: próxima ao vermelho) e eles deixaram três cartazes (um para o local e dois para as igrejas que o dono frequenta). Fomos deixar um cartaz da seleção do Agente Comunitário em uma creche comunitária que atende crianças e jovens, como creche e com cursos, respectivamente. A Beatriz contou que o lugar surgiu da iniciativa da própria comunidade e eles oferecem cursos diversos – administração, culinária, informática.

---

<sup>4</sup> Extraído do site <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>

Opinei abertamente e quando comentei que estava “dando uma de metida”, na hora, eles disseram que não havia problema. Dei sugestões sobre o que escrever na faixa que vai ser colocada na frente do ponto de cultura. [me senti bem a vontade para sugerir e discutir ideias]. Beatriz, Ricardo e Sofia ouviram, concordaram, levantaram outras questões e alternativas. Na volta, no ônibus, eles trocaram anotações da reunião sobre o quê fazer, para quem ligar, com quem falar, para dar continuidade ao Ponto de Cultura e a Beatriz me falou da preocupação em conseguir “*me dar o que eu estou procurando*”, *de eu não encontrar na Catarse o que eu quero para fazer o meu trabalho, a minha dissertação*”. Expliquei que eu não tinha ainda nada definido; queria primeiro conhecer a Catarse, a realidade, o dia-a-dia, o trabalho deles e, a partir disso, pensar em definir o que eu vou pesquisar exatamente.

Essa é uma preocupação que me pareceu ser do Coletivo Catarse: pensar sempre no que eles podem ajudar, o que eles podem fazer para ajudar; e isso é geral, não é só comigo. Um exemplo foi quando a Beatriz estava redigindo o contrato de locação da casa onde vai ser o Ponto de Cultura, ela se preocupava por só estar exigindo coisas da proprietária do imóvel e não ter uma contrapartida da Catarse; foi uma preocupação que me pareceu espontânea “*eu só to exigindo coisas e não vou dar nada em troca?*”. A dúvida sobre o que podem ajudar também revela uma preocupação: “será que somos o lugar ideal para alguém da administração pesquisar?”. Porque eles não seguem os padrões de gestão que são hegemônicos e aprendidos, ensinados, (re)produzidos na e pela academia e escolas de administração, ou pelos consultores, pelas revistas especializadas de grande circulação, pela mídia. É uma tensão entre o que é padrão e “serve” e o que não é padrão, então, “não serve”. A vontade expressa era de ajudar/colaborar, o quanto isso não revela algo que está naturalizado e é difícil perceber.

Sofia e Ricardo não são oficialmente da Catarse, mas estão envolvidos com o projeto do Ponto. A Sofia está trabalhando com outras coisas na Catarse, com a Beatriz. “Os agregados”, não comentaram se pretendiam ser cooperados, apenas disseram “*estamos trabalhando junto*”. Essas relações me pareceram bem tranquilas e até comuns para eles. Nesta visita a uma pequena parte da comunidade e ao posto de saúde, eu me senti incluída no grupo apesar de ter um pouco de receio em não parecer “metida”, em não atrapalhar, mas me pareceu que, para eles, eu estava junto, participando; conversavam e me olhavam, comentavam ou sugeriam algo e

me olhavam da mesma forma como se olhavam entre eles. Todos que estão aqui fazem parte e opinam.

Quando chegamos à Catarse, Sofia e Beatriz ligaram seus notebooks e começaram a fazer suas atividades. Beatriz fez alguns telefonemas que haviam sido combinados no encontro e depois, iniciou o contrato de locação da casa do Ponto de Cultura. Pegou um modelo na Internet e foi alterando; ia lendo em voz alta, eu ia comentando, dando sugestões, a Sofia também, às vezes comentava algo. Fiz várias contribuições, salientei pontos que não podiam deixar de constar como o início e o término do contrato, os reajustes. A Beatriz ia me perguntando, às vezes, só lendo em voz alta o que havia escrito no contrato e eu, contribuindo.

Mais tarde, o Felipe veio com um pão caseiro e licor de figo que ele trouxe de um produtor rural de um local onde havia feito filmagens. Contou sobre o projeto que a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) contratou a Catarse para filmar alguns eventos, cursos e por fim, um coquetel que estão sendo feitos para divulgar o uso de Plantas Alimentícias Não-Convencionais – PANCs. Esse projeto surgiu a partir de uma tese de doutorado de um engenheiro agrônomo da UFRGS que pesquisou essas plantas, muitas vezes, chamadas de “ervas daninhas”, mas que podem ser consumidas, sobre o quê, a CONAB ministrava cursos para assentamentos e pequenos proprietários de terra. A Catarse estava fazendo os registros (filmando e entrevistando) com os envolvidos nos cursos que estão ocorrendo para o MST da grande Porto Alegre e entorno. Ele contou que esse foi um trabalho para o qual foram indicados por uma pessoa que eles conheceram durante a realização de uma filmagem de um evento com produtores de agricultura orgânica. O Felipe e o Lucas foram apresentados para uma pessoa que tinha um contato com pescadores e lhes indicou – a Catarse - para a CONAB. Fez questão de salientar que não vão atrás de trabalho. Funciona muito a indicação, mas que não é uma simples indicação, são pessoas “ligadas” as causas sociais, com visões de mundo semelhantes. Era um trabalho mal remunerado, porém, a Catarse adaptou o orçamento para poder realizá-lo por entender que valia a pena registrar e divulgar.

Situação inusitada relatada pelo Felipe foi que a Conab solicitou orçamento para outra produtora que conhece a Catarse e repassou para eles, quem recebeu a indicação da outra produtora foi a Beatriz. A Beatriz e outra pessoa fizeram um orçamento de mais ou menos R\$20.000,00, porém o Felipe já havia enviado um de valor menor, mais próximo ao que a instituição tinha de verba para investir. Desta

forma, a CONAB recebeu dois orçamentos diferentes da Catarse. Ao contar o ocorrido, achou engraçada, inusitada a situação, mas não falou em desorganização, falta de comunicação, em nada negativo. Para ele, esse tipo de falha “acontece”. O Guilherme e o Gabriel chegaram da oficina de vídeo do Boca de Rua, contando que tiveram que buscar o pessoal, pois, na hora marcada ninguém estava. Eles conversaram “sério” com os moradores de rua que fazem a oficina, se queriam continuar ou não. Então, os oficinandos reclamaram de algumas coisas do projeto, por exemplo: venda dos DVDs. O Guilherme disse que isso não era com o pessoal da Catarse, tinham que resolver com a coordenação do projeto, que é de outra instituição.

A Sofia começou uma discussão a respeito dos desabrigados das enchentes no Nordeste, que está sendo tão ou pior quanto a de Santa Catarina, mas que ninguém ajuda, ninguém faz mutirão, porque lá no Nordeste só tem pobre e negro. O Guilherme falou da importância que a mídia dá aos fatos que atingem as classes mais favorecidas, como no caso da gripe suína, *“estão fiscalizando os aeroportos, quem frequenta os aeroportos? E quanta gente pobre morre de doenças que tem vacina, que tem prevenção. Isso ninguém fiscaliza?”*. Na crise dos aeroportos, *“quem pega avião é gente rica(...) ninguém fala da crise do transporte coletivo, o estado dos ônibus, lotados, que as pessoas ficam, às vezes, horas dentro dos ônibus em pé”*. O Guilherme parecia ser o mais “indignado”, falava alto, levantava, gesticulava, parou o que estava fazendo e se virou na cadeira para poder falar olhando para todos.

O Gabriel estava terminando o logotipo do Ponto de Cultura Ventre Livre. Eu levantei, pois estava lendo meus emails em um dos computadores (com software livre), fui até a mesa dele para ver. Eu, Beatriz, Sofia e Gabriel, conversamos sobre a cor, o significado. Era o mapa da Vila Jardim dentro de um ventre. Dei algumas opiniões, assim como a Beatriz e a Sofia, sobre as cores do logo. Escolhemos cores vivas e fortes: laranja e vermelho.

Antes de eu ir embora, a Beatriz fez um comentário sobre a jaqueta que eu estava usando, e eu, Sofia e Beatriz falamos sobre o tipo de tecido, preço, local de venda. O Guilherme comentou que era por isso que não tinha mais mulheres na Catarse [porque iríamos falar de roupa, de moda?]. Achei o comentário machista, apesar de ele ter falado em tom de brincadeira, mas se mostrou um pouco radical quanto ao tipo de assunto que se deve discutir. As gurias não se mostraram

incomodadas com o comentário; [será que era só brincadeira mesmo?] A Beatriz até comentou que estava só esperando ele falar, como se ela soubesse que ele iria “reclamar”. Depois desse comentário, o pessoal mostrou um vídeo de propaganda no *youtube* sobre as diferenças entre homens e mulheres. Foi bem engraçado e descontraído. Fui embora feliz pela tarde que passei fora e dentro da Catarse.

Antes desse episódio, o Guilherme telefonou para algum lugar para saber o valor da viagem para ver um jogo do Time de Futebol. Lembro de terem comentado que ele é “fanático”. Parece-me um pouco contraditório: ser torcedor “fanático” de futebol, sabendo que os clubes movimentam uma grande quantidade de dinheiro e que os jogadores ganham muito mais que a maioria da população. Será que ele não acha isso injusto? Mas essa é a minha opinião. Lembro de um comentário de uma professora em aula: “nós exigimos sempre coerência do ser humano, mas não somos sempre coerentes”.

Desta forma, iniciei meu ingresso na rede, o ingresso visível e explícito, pois antes disso eu já havia iniciado uma aproximação através de conversas com meu irmão, que havia trabalhado com eles, estava afastado, mas queria retornar; também através do *site*, lendo as postagens, assistindo alguns vídeos. Soube, pelo *blog* que a Catarse estava iniciando um Ponto de Cultura, no qual eles serão os proponentes por dois anos. Cogitei a hipótese de acompanhá-los neste processo.

Combinei outra visita à Catarse, dias depois, por email com a Beatriz. Telefonei de manhã e fui à tarde. Quando cheguei, ela estava mexendo no vídeo: “A Busca de Maria”. Ela aprendeu a usar o programa, fazendo o vídeo que surgiu a partir de um curso feito em Santa Maria (cidade do interior do RS) no Ponto Brasil com vários Pontos de Cultura. Participei de uma conversa sobre a filmagem de um vídeo de dança: “Grávidas”. A Maria (que não é a personagem da animação e está realmente grávida) queria filmar o vídeo inspirado na peça de teatro-dança “Grávidas”. Ela também está no projeto do Ponto de Cultura Ventre Livre com esse mesmo espetáculo e um dos locais de filmagem sugerido foi a rótula da Vila Jardim. Beatriz e Maria discutiram sobre o local da filmagem, o que usar de cenário, luz. Fiquei de ouvinte na conversa e só sugeri um local quando elas começaram a fazer uma lista de locais com uma determinada característica e eu lembrei de um lugar específico. Depois que a Maria foi embora, Beatriz comentou sobre a Ata da Cooperativa, pois ela achou que eu iria precisar.

Na conversa com o Felipe – eu tomei a iniciativa – perguntei sobre a filmagem das PANCs. Ele disse que na quinta-feira passada tinha sido o último dia e que haviam saído pela rua, caminhando com o eng. Agrônomo que fez a tese, vendo as plantas que poderiam ser usadas. No próximo sábado seria o coquetel de encerramento – só com alimentos e bebidas feitos de PANCs. De mais de 15 horas de filmagem eles (Felipe e Lucas) fariam um vídeo de divulgação de 15min. “*essa é a parte mais difícil e mais demorada*”. A CONAB também quer a filmagem integral. O Felipe pretende, a partir de tudo o que filmaram, fazer uma reportagem e tentar vender. Questionei também, a respeito de outros projetos em andamento ou em vista, mas ele não tinha nada novo para depois; havia apenas um projeto em andamento, mas que estava suspenso temporariamente por causa do “parceiro” contratante (uma ONG de auxílio a refugiados) que está com problemas em dar sequência [acho que financeiros]. Os projetos do Felipe com o Lucas possuem um cunho jornalístico, pelo que vi até agora. Antes de ir embora a Beatriz comentou que o Guilherme iria conversar com uma turma de faculdade sobre a Catarse e perguntei se eu poderia ir junto. “*Claro!*”.

Neste início de campo, conheci e conversei com alguns cooperados: Beatriz, Antônio, Guilherme, Felipe, Gabriel e com alguns ainda não-cooperados: Sofia e Ricardo. Fui apresentada a alguns trabalhos atuais, ou que estavam iniciando e a outros já concluídos; fazendo poucos questionamentos e à medida que os assuntos iam surgindo, eu perguntava um pouco mais. [Então, pensei: “estou em uma cooperativa. O que sei sobre cooperativas? Muito pouco, preciso aprender sobre essa forma de organização”!].

#### 4.1 PERCORRENDO ALGUMAS TRILHAS

Iniciei o processo de compreender o cooperativismo buscando informações no site da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Lá encontrei os atuais Princípios do Cooperativismo, definidos no Congresso do Centenário da Aliança Cooperativa Internacional, realizado em Manchester na Inglaterra, em 1995, que, resumidamente, são: 1. Adesão voluntária e livre; 2. Gestão democrática pelos membros; 3. Participação econômica dos membros: os sócios contribuem

equitativamente e controlam esse capital democraticamente; 4. Autonomia e independência: todos os acordos devem garantir o controle democrático da cooperativa pelos seus membros; 5. Educação, formação e informação: as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros; 6. Intercooperação: as cooperativas trabalham em conjunto; e 7. Preocupação com a comunidade: as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades.

O cooperativismo, segundo Rios (2007), fruto do movimento operário possui características de: propriedade cooperativa - é uma associação de pessoas e não de capital; gestão cooperativa - o poder de decisão último é da assembleia; e repartição cooperativa - a distribuição das sobras financeiras se faz segundo a participação dos cooperados na mesma. A cooperativa não lucra “em cima” dos associados, é apenas um instrumento para os associados, estes sim, lucrarem (RIOS, 2007). Tesch (2000) apresenta como conceito de Cooperativa: “uma associação autônoma de pessoas unidas, voluntariamente, para atender suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, por intermédio de uma empresa coletiva e democraticamente controlada” (TESCH, 2000, p.50). Porém, Rios (2007) destaca que o fato de não ter patrão, isto é, uma autoridade suprema ligada à propriedade do capital, isso não significa que não haja coordenação, esta, no entanto, é apenas democratizada.

Vale diferenciar, quando se fala em cooperativas, que existem empresas constituídas juridicamente como cooperativas, mas que possuem “dono” e que conforme França-Filho (2006) são as “cooperगतos” – falsas cooperativas – verdadeiras empreiteiras de mão-de-obra, pois são, na verdade, empresas capitalistas que visam apenas explorar o trabalho através do não pagamento de contribuições e encargos legais trabalhistas. Sendo assim, somente a prática efetiva, não a mera etiqueta jurídica, é o critério para se dizer “cooperativa” (RIOS, 2007).

A partir desta pesquisa na literatura sobre cooperativas, identifiquei alguns estudos no campo da Economia Solidária. Referente a esse campo, França-Filho (2006) afirma que, no Brasil, existe um vínculo com a tradição da economia popular na qual as atividades de produção, de comércio e de prestação de serviços são feitas coletivamente e por meio de trabalho associado de grupos populares, localizados em bairros mais pobres de grandes cidades na América Latina. Tais práticas possuem aspectos interessantes como: grau de mobilização popular que

reflete em participação e engajamento nos projetos; organização do trabalho baseada na solidariedade; além de valores como cooperação e gestão democrática dos projetos. Um exemplo apresentado por França-Filho (2006) são os mutirões “uma forma de auto-organização popular e comunitária (coletiva e solidária) para a concretização de projetos ou para a resolução de problemas públicos...” (FRANÇA-FILHO, 2006, p. 59.).

Os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) são diversos<sup>5</sup> conforme França-Filho (2006), desde iniciativas de finanças solidárias conhecidas como bancos populares e cooperativas de crédito, passando por clubes de trocas que fazem uma economia sem dinheiro ou com o uso de moeda social, chegando ao cooperativismo popular que, de acordo com o autor, são a maioria dos EES no Brasil. Conforme França-Filho (2006) e Singer (2000), a Economia Solidária ressurgiu com força maior nos anos 90, no Brasil e também, no Rio Grande do Sul, segundo Gaiger (2004) devido, em grande parte, às cooperativas de trabalhadores que assumiram a gestão de indústrias em estado de falência, devido a crise industrial do início dos anos 90.

Estes eventos, conforme Martins (1997) parecem inserir-se na luta pelo trabalho e pelo combate ao desemprego. Essa luta contou com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que promoveu encontros relacionados a temática (Encontro Nacional de Empresas de Autogestão, em São Paulo em 1994; Seminário Autogestão: a Realização de um Sonho, em Porto Alegre em 1994). Em fevereiro de 1994 foi fundada a ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária) cuja finalidade é organizar, reunir e assessorar as empresas de autogestão.

A autogestão organizada na forma de cooperativas aparece, então, como alternativa de sobrevivência (MARTINS, 1997). Frente ao sistema econômico hegemônico que classifica e separa os indivíduos segundo a sua cota de capital e sua capacidade de trabalho para participar da produção incessante e crescente de mercadorias e, ainda, coloca toda força física e intelectual a serviço do capital. Existe a alternativa da associação produtiva de trabalhadores “que visa colocar a

---

<sup>5</sup> Para conhecer formas de empreendimentos de economia solidária, ver: FRANÇA-FILHO, G.C; LAVILLE, J. (org) Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006; SINGER, P.; SOUZA, A, R.A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Ed. Contexto, 2000; GAIGER, L.I. Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004 e HOLZMANN, L. Operários Sem Patrão: gestão contemporânea e dilemas da democracia, São Carlos: Ed. UFScar, 2001.

seu benefício a capacidade de trabalho que possuem, em lugar de aliená-la...” (GAIGER, 2004, pág. 7).

Sendo assim, segundo Gaiger (2004), um Empreendimento de Economia Solidária (conceito formulado pelo grupo de pesquisadores da Unitrabalho ao iniciarem o mapeamento da economia solidária no Brasil<sup>6</sup>) possui oito princípios centrais: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto-sustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social. O autor esclarece que o último princípio da lista refere-se a melhorias na comunidade, ao comércio justo e a irradiação das experiências. É possível verificar que todos os princípios sustentam-se e constituem-se uns aos outros, entretanto, o primeiro contrapõe-se abertamente à forma hegemônica de gestão que é a heterogestão – hierarquizada. A autogestão desafia o entendimento das ciências administrativas desenvolvidas dentro da lógica de sistema econômico capitalista, mostrando que existe outra forma de organizar e gerir um empreendimento de qualquer natureza.

Paralelamente a incursão pela literatura das cooperativas, liguei para Catarse, falei com a Beatriz para saber se teria mesmo a conversa do Guilherme com a turma de estudantes de graduação do IPA (Centro Universitário Metodista, em Porto Alegre). Encontrei com ele e fomos caminhando até a faculdade. Neste caminho conversamos, é claro, sobre a Catarse. O Guilherme era o presidente da cooperativa e cuidava de tudo, até este ano (2009), agora era a Beatriz. Achei interessante o comentário que ele fez à respeito da confiança entre os cooperados da Catarse “*o nível de confiança é muito grande, não precisa fiscalizar(...) na outra cooperativa isso não existia. Se tu não fizesse prestação de conta, tu era acusado de ladrão!*”. Ele fazia a gestão da cooperativa a partir daquilo que acredita ser o mais correto, sensato e bom para todos; pensar no coletivo, mas agir e gerir sozinho. Era dessa forma que ele era presidente, na “base da confiança”. O que o Guilherme me passou foi que o pessoal se conhece e confia um no outro, o nível de amizade é grande e a questão ética é muito forte e presente.

Conversamos sobre as falsas cooperativas (“gatos”) e na opinião dele, deve-se fiscalizar isso e não punir a todos, restringindo a atuação das cooperativas. Ele também mostrou-se preocupado e consciente que o trabalho da Catarse pode contribuir com a sociedade. Para ele “*as transformações sociais vão ocorrendo aos*

---

<sup>6</sup> ver estudos da Unitrabalho no site:<http://www.unitrabalho.org.br/>. Acesso em 14.06.2009 e da Ecosol: <http://www.ecosol.org.br/>. Acesso em 14.06.2009.

*poucos e é através da informação, da formação, que as pessoas vão tomando conhecimento e consciência dos fatos*". Afirmou ainda que *"é preciso ser ético e responsável quando se informa"*. Quando se trabalha com informação, eles querem mostrar o que acontece sem a pretensão de convencer, *"cada um escolhe o que quer, mas que essa escolha seja consciente"*. Comentou que eles já haviam conversado sobre levar o relato da experiência da Catarse para a sala de aula, pois, as pessoas precisam saber que existem outras opções de trabalho e de vida. [temos um objetivo em comum!].

Perguntei sobre a reunião "burocrática", que a Beatriz havia comentado que eles iriam fazer e que eu poderia ir. O Guilherme respondeu que era uma reunião de prestação de contas e que é difícil reunir todo mundo, eles acabavam resolvendo as coisas por email ou quando se viam na sede. Acho que essa "parte administrativa" acaba sempre ficando para um segundo plano - não é prioridade.

Na conversa com os alunos do IPA, o Guilherme falou sobre o início da cooperativa e de outros exemplos. Citou o Coojornal que durante a ditadura militar, um grupo de jornalistas fazia jornalismo independente; também a Revista Realidade<sup>7</sup>. Os "fundadores da Catarse" foram inspirados por um professor da faculdade a pensar em outras formas e conceitos, em autonomia, na democratização da comunicação, em "pequenas" transformações na comunidade. Ele relatou que, no início, eram "bancados" pelas próprias famílias. Nomeou-se "pequeno burguês" – o computador, a casa para cooperativa, era tudo emprestado. Comentou que a Lei das Cooperativas é antiga, de 1971 e que a Catarse, através Federação das Cooperativas de Trabalho, usou uma brecha no novo Código Civil para ser fundada. O Guilherme destacou que a noção de administrar foi o mais difícil e o período anterior a criação da Catarse, em outra cooperativa, foi essencial como aprendizado. Aprender no dia-a-dia, difícil construir um caráter coletivo; difícil praticar a democracia no dia-a-dia. Ele ainda fez críticas ao que se divulga na grande mídia e, ao fato, de que só tem registro de jornalista se tem carteira de trabalho. Ele afirmou: *"mas eu não quero ser empregado, porque eu preciso ter carteira de trabalho?"*.

---

<sup>7</sup> Eu havia anotado no diário de campo como Revista Liberdade, porém, quando o Guilherme leu a primeira versão do projeto, ele fez a correção para Revista Realidade.

Falou também sobre as escolhas que fizeram: INCRA, MST sim, a Catarse trabalha; FARSUL<sup>8</sup>, não, Catarse não trabalha. Posicionamento não é parcialidade. *“Mostrar o teu posicionamento é sinal de respeito com quem te ouve ou lê”* e deu o exemplo do vídeo (que está no *blog*) *“Conquista de Caboatê”*, em que o presidente da FARSUL foi entrevistado. *“Nos apresentamos como imprensa, e estávamos lá a convite do MST para fazer o registro, e ele concedeu a entrevista”*. Guilherme fez questão de dizer, quando se negocia um trabalho, se negocia a liberdade de trabalho e para manter a liberdade, precisa *“jogo de cintura”*. Por exemplo: gerou-se uma discussão dentro da cooperativa sobre o documentário *“Conduto Forçado Álvaro Chaves”*, que é o registro de uma obra de infra-estrutura realizada em Porto Alegre. *“Depende de como tu trata a informação e a liberdade de tratá-la. Nós sentamos com o pessoal da prefeitura e negociamos: a gente faz se for assim!”*. Durante o depoimento do Guilherme, um aluno polemizou, dizendo que o MST invadia, quebrava, armava confusão, destruía tudo, só fazia bagunça e que por isso, eles perdiam a razão. O Guilherme perguntou, com a maior calma: *“quem te disse isso?”*, *“eu li no jornal”*, respondeu o aluno, Guilherme afirmou: *“eu já estive em várias ações do MST e nunca vi vandalismo por parte deles, eu nunca vi!”*. Por fim, comentou que os editais públicos são foco recente da Catarse, assim como projetos em parcerias com ONGs e fundações.

Na volta do IPA, conversamos mais um pouco sobre a Catarse. A cooperativa tem heterogeneidade, eles tiveram sorte de ter várias pessoas que sabem fazer coisas diferentes. Quando falamos sobre os alunos, comentou que eles precisam é desenvolver pensamento crítico. O Guilherme falou, mais uma vez, que *“aprender esse lado de administrar, isso é muito demorado”*. É difícil aprender a organizar. *“A faculdade de comunicação forma empregados”*.

Ele afirmou que sempre temos um ponto de vista, a tua formação é ética, é crítica, dá para chegar mais perto da verdade. Tentar mostrar a realidade *“quase”* como ela realmente é. *“Quase”*, porque, segundo o Guilherme, sempre tem o teu olhar, a tua impressão e isso temos que deixar bem claro; deixar bem claro os nossos posicionamentos; é o mínimo de respeito que se tem com o leitor ou ouvinte.

Depois deste encontro, eu havia passado uma semana sem ir à Catarse e quando cheguei a Beatriz comentou que havia pensado em mim e porque eu não

---

<sup>8</sup> INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e FARSUL – Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

tinha ido lá. Eu também tinha esse sentimento de que estava “desaparecida”. Estavam quase todos lá: Guilherme, Beatriz, Felipe, Gabriel, Enzo, Sofia, Bernardo (conheci neste dia; não é cooperado ainda) e Miguel (trabalha com teatro, veio morar em Porto Alegre, se aproximou da Catarse através do Enzo e ainda não é cooperado). Na verdade, tem mais cooperados, mas como estavam todos trabalhando, conversando e com todos os computadores ligados, parecia um tumulto. Várias coisas ao mesmo tempo: uma conversa descontraída aqui, outra conversa de trabalho, projetos e ideias ali. A Beatriz chegou a comentar que iria para casa para poder se concentrar.

Não era “cada um no seu computador”. Vai usando à medida que libera, pois não tem máquina para todos. Usa, libera, outro usa. A Beatriz, o Guilherme, a Sofia e o Bernardo possuem notebook, os demais usam computador de mesa da Catarse, mas não é tão rígido assim. Depende do trabalho a ser feito, se precisa de um programa ou de uma máquina mais potente, com mais memória, então as pessoas precisam usar a máquina específica: “*preciso usar esse computador porque preciso do programa x*”. Mas, se não tem essa necessidade, usam a que estiver disponível, troca de máquina se outro precisa usar aquela. Tem critério de “bom senso” entre eles, a prioridade é o trabalho e as coisas são negociadas “*vou terminar esse email e já libero a máquina*”.

O Guilherme convidou a Sofia para gravar um *spot* de rádio (um comercial) para uma campanha do GAPA de Porto Alegre (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids) sobre AIDS e tuberculose. Ela leu o texto, ensaiou e foi gravar na salinha do estúdio (aquela que a Beatriz mostrou no primeiro encontro com proteção acústica). Eu e Felipe assistimos um pouco a gravação. Sofia tentou algumas vezes, mas resolvemos sair, pois ela estava errando e se desconcentrando. Depois de algumas tentativas ela conseguiu gravar. Como sempre, eu fui bem recebida e me senti a vontade para entrar no estúdio.

Dias depois, em uma visita rápida que fiz a Catarse, conversei com o Guilherme e desfiz aquela impressão que eu tinha dele com relação ao futebol. Ele estava ouvindo um programa sobre futebol no rádio (AM). Na conversa entendi que ele gosta muito de futebol, torce muito pelo Time de Futebol, mas esse negócio de rivalidade e fanatismo não é com ele e que, além disso, tem várias críticas sobre a maneira como as coisas são decididas e administradas dentro do clube. Comentamos à respeito do trabalho dos alunos do IPA, sobre o que afirmou que

distorceram tudo o que eles haviam dito na entrevista e que só faltou dizer que a Catarse era vinculada a partido político – e eles não são! Isso me fez pensar na minha dissertação, em eu ser mais “verdadeira” possível [sem esquecer meu ponto-de-vista] e entender o que eles estão dizendo. Ter cuidado com isso!

O Enzo e o Miguel estavam escrevendo um projeto para um edital e comentaram que, às vezes, precisam fazer umas “artimanhas” para o projeto ter chances de ser aprovado. O Miguel comentou “*tem campos no formulário que parece que pedem para serem enganados... ninguém escreve o real*”, o Enzo completou dizendo: “*isso a gente aprende, fazendo(...), fazendo projeto “bem certinho” e não sendo aprovado(...) aí tu vê que não dá para ser tão certinho(...) adapta uma coisa ou outra e o projeto é aprovado*”.

Conversando com o Felipe, ele comentou as ideias que tinha para comemorar, em setembro, os cinco anos da Catarse. Usar o que eles tinham de material para promover eventos; trabalhar em parcerias. Por fim, me convidou para a reunião no outro dia com todos na Catarse para prestação de contas e projetos. O Felipe ainda mostrou as anotações sobre as PANCs e explicou um pouco do processo de trabalho para escrever a reportagem e o roteiro do vídeo. Fui embora.

No outro dia, eu estava lá para a reunião. A Beatriz achou ótimo que o Felipe havia me convidado, pois ela estava “super atucanada” e esqueceu-se de me avisar. Ela afirmou, “sem cerimônias”, “*esqueci... ainda bem que o Felipe te chamou*”. Conversei com o Lucas e com a Laura, cooperados que eu ainda não havia falado pessoalmente. Disseram que eu poderia marcar um horário para conversarmos na casa deles, pois é lá que eles mais trabalham.

Sentamos todos na mesa redonda e a Beatriz apresentou a pauta: financeiro e documentação; Aniversário da Catarse; proposta do Antônio; força-tarefa (?); ficha de inscrição para Catarse; questão da “queda” do diploma de jornalismo e microfone. O Lucas fez a ata. Tinha a pauta inicial, mas outras coisas foram sendo inseridas depois. A Beatriz iniciou falando que no SICAF (Sistema de Cadastro de Fornecedores) a inscrição está ok e que a documentação da Catarse esta semana estaria ok também. A Sofia esclareceu que o SICAF é um cadastro de fornecedores para participar de editais. Beatriz falou sobre o INSS: foi pago mês de junho e tem que pagar o atrasado, mas precisa saber quem já faz o recolhimento; lembrou que é importante para terem garantia de aposentadoria ou afastamento; avisou que o Estatuto da Catarse estava ok; que faltava Nota Fiscal (acabou talão), mas que iria

solicitar mais. Falta livro Ata do Conselho Fiscal (que aprovaria as contas); falta livro Ata das Assembleias, que estava sendo feito em mutirão. Ela precisa das fichas dos cooperados e que todos tenham conta no Banrisul. Nessa parte inicial da reunião, a Beatriz comunicou as coisas burocráticas e documentação obrigatória que estavam pendentes. As expressões eram de *“tem que fazer, a gente faz...”*

Depois passaram a falar sobre os novos cooperados: Bernardo, Sofia e Miguel que devem passar por um período de amadurecimento – três meses de trabalho. Ninguém falou “mais ou menos três meses”, são três meses! Pois eles precisam ter um nível de envolvimento com o coletivo. Num primeiro momento pode parecer um “período probatório” como em qualquer empresa, porém serve para que todos possam se conhecer e optar por ficar ou não. Outros assuntos gerais que a Beatriz e o Guilherme abordaram: usar a lista para registrar as ligações pessoais – que não estava sendo usada; providenciar o cartão de passagem de ônibus para Catarse e de realizarem uma força-tarefa para organizar o espaço da Catarse – quem tem prateleiras sobrando? Marcaram para próxima terça para ver o que poderiam fazer. Os assuntos ligados a parte burocrática e de organização da sede partiram da Beatriz e/ou Guilherme. Felipe e Enzo avisaram que precisam procurar trabalho e alguém sugeriu de fazerem reportagens para o exterior com possibilidade de vender.

Terminou a parte “chata”. Passaram a palavra para o Antônio apresentar a sua proposta que era a de imprimir livros de domínio público, usando parcerias, a Catarse entra com a ideia. O pessoal fez alguns questionamentos: qual é o diferencial da Catarse nesse trabalho? Qual o conteúdo dos livros? Como remunerar as pessoas? A Catarse vai competir com a L&PM? Não exatamente, a ideia do Antônio era de popularizar o livro, ter uma identidade e também lançar coleções. O Guilherme disse que estavam desenvolvendo um relacionamento com uma gráfica para lançar livros editados/editorados pela Catarse e a ideia é ter crédito de impressão na gráfica; alguém sugeriu o uso de material – entrevistas e fotos – da Catarse. A certa altura da reunião o pessoal dispersou e o Antônio “chamou” todos. Sugeriram ter uma reunião para tratar do braço editorial da Catarse; Gabriel e Sofia vão participar desse ramo editorial. Combinaram para a próxima sexta.

Comentaram acerca de uma parceria com Sindibancários e o Guilherme chamou a atenção para o que estavam discutindo: *“prestem atenção nessa rede... no nosso capital relacional... não tem partido político por trás, não tem estratégia”*(...)

“*está no estatuto da Catarse que não pode fazer campanha política*”. Ninguém respondeu ou rebateu o comentário dele, todos pareciam estar de acordo, de qualquer forma, o Guilherme fez questão de salientar.

Sugeriu-se aproveitar a visibilidade nos Pontos de Cultura. Eles consideram que existe um reconhecimento do trabalho feito pela Catarse e conseguiram sobreviver assim, nas redes, até hoje, e esse reconhecimento não é da Beatriz, ou do Guilherme, ou do Gabriel, é do coletivo. Combinaram de fazer outra reunião para tratar do aniversário da Catarse, terça-feira, às 17h.

Conversaram sobre a questão da não-exigência de diploma de jornalismo, o que abre a possibilidade da Catarse oferecer uma formação alternativa – Catarse como escola de formação. Lembraram que só tiveram um professor “de verdade” na faculdade e que poderiam pedir o dinheiro de volta para a universidade referente ao curso de jornalismo – já que o diploma não vale nada. Mas isso precisa ser uma ação conjunta. Saiu até um slogan (entre risos): “não vá para a faculdade ser foca, venha ser jornalista”. Quando comentaram sobre diploma, carteira de trabalho, o Lucas falou com muita convicção e orgulho “*não somos donos da cooperativa, somos trabalhadores sem patrão!*”. Nesse momento foi o Lucas que “puxou” o coletivo.

Essa frase para mim disse muito, porque quando se trabalha na lógica de ser dono do negócio alguém faz o trabalho dito “braçal”, dentro da lógica de propriedade, alguém lucra com o trabalho de outro. É diferente quando se diz que é trabalhador e atua de forma cooperada com outros também trabalhadores. Porém, já pude observar e ouvir que alguns “tipos de tarefas” são “chatas”, perde-se tempo, faz porque precisa, ou seja, tem certos trabalhos que ninguém quer assumir.

Quando comentaram sobre os 5 anos de Catarse, mostrar tudo o que já fizeram, valorizar o trabalho; quando mencionaram que é preciso aceitar e fazer valer o reconhecimento das pessoas, não foi no sentido de ser “narcisista” ou reforçar “a marca” da Catarse ou para tirar proveito financeiro disso, mas para mostrar aos outros coletivos e outras pessoas que é possível fazer jornalismo sério e engajado - no sentido de que toma posição nos problemas políticos ou sociais - e que é possível se organizar e se manter da maneira como eles fizeram e fazem. Eles têm consciência de que não adianta só eles trabalharem dessa forma – referindo-se a autogestão – para que as coisas mudem. Não querem afiliar pessoas, mas mostrar

outras possibilidades de trabalho, que não a hegemônica. [é isso que eu quero também: mostrar que as coisas podem ser organizadas de outra maneira!].

O fato de que, para ser cooperado da Catarse, é preciso passar um “tempo de adaptação de 3 meses”, de maturação, trabalhando junto, mostra a preocupação em não querer crescer só em tamanho, mas agregar pessoas que pensem da mesma forma. Eles dizem sempre que não querem cometer os mesmos erros que cometeram na cooperativa anterior (a Coomunica), onde qualquer um entrava, havia divergências quanto a que tipo de trabalho realizar e para quem, não gostavam e queriam sair. Burocracia para entrar e burocracia para sair da cooperativa. Fica claro que a experiência anterior, principalmente o que consideravam erros, lhes serviram de aprendizado. Conversaram bastante e a reunião terminou quando todos haviam falado tudo o que queriam, combinado algumas coisas, mas sem um encerramento formal. Alguns levantaram da mesa, outros começaram a falar de outras coisas... e a reunião terminou.

Na semana seguinte, encontrei a Sofia e o Bernardo na rua perto da Catarse. A Sofia me convidou para aparecer e ver as mudanças na sede. Fiquei um pouco em dúvida de ir à Catarse sem avisar. Pensei duas vezes. Não sei por que me sinto como se eu fosse “intrometida” ou estivesse atrapalhando, mesmo sendo sempre muito bem tratada. Talvez seja o fato de estarmos (eu estar) acostumada com formalidades: convite, horário marcado, previsibilidades. Mas é só chegar à Catarse, cumprimentar o pessoal (beijos e abraços) que a sensação passa, sempre sou muito bem recebida.

A Sofia, o Bernardo e a Beatriz estavam mexendo e conversando sobre uma planilha no Excel que a Sofia havia colocado no *Googledocs*. Os três faziam alterações, ao mesmo tempo, e achavam aquilo super legal. A Sofia explicou um pouco o que ela sabia sobre o aplicativo, foram mexendo e descobrindo o que acontecia com a planilha conforme alteravam, acrescentavam ou excluía informações. Era uma planilha sobre projetos da Catarse e Editais Públicos abertos, construída com o intuito de facilitar o trabalho relacionado aos projetos: o que a Catarse tem ou quer e o que os Editais proporcionam.

A minha interação foi bem legal – sempre é, mas hoje foi interessante. Sentei junto a eles, na mesa redonda e começamos a falar sobre um projeto específico que eles estão montando sobre a criação artística propriamente dita. É um vídeo sobre o processo de criação musical, em que concepção do vídeo e roteiro seriam

desenvolvidos por todos que trabalharem no projeto, uma vez que os envolvidos seriam artistas. Então, nada seria previamente planejado, não haveria uma metodologia pré-definida e se teria total liberdade para criar e construir juntos o trabalho. No fim seria produzido um CD e/ou DVD com o trabalho, resultado do processo coletivo de criação.

O Bernardo sugeriu fazer um vídeo mostrando como a metodologia foi sendo criada no grupo – quase um vídeo de bastidores. Eu vibrei na hora com a ideia, pois havia pensado exatamente a mesma coisa. As gurias não entenderam a proposta, eu e o Bernardo começamos a explicar que seria tipo “*making of*”. Me identifiquei com o comentário do Bernardo de que “*esse tipo de coisa interessa a um pesquisador*” (ele faz mestrado em sociologia). Conversamos mais um pouco e fui embora. Houve mudanças na sede: prateleiras, caixas organizadas.

Minha aproximação maior é com as mulheres: Beatriz e Sofia (com a Laura eu tive pouco contato, até então). Elas se mostraram mais empolgadas, me chamam para participar, como se já me considerassem parte do coletivo. Os homens, com exceção do Enzo, do Miguel e do Bernardo (os dois primeiros por questão afetiva/familiar e o último, talvez, por afinidade acadêmica) parecem manter uma distância ainda – e até, uma desconfiança.

Durante todo o processo de aproximação fui “percebendo” que não se trata apenas de observar e agir, fazer as anotações no diário de campo, trata-se de estabelecer novas relações; relações que envolvem o olhar, o toque, a percepção sensória do espaço. Há momentos em que me sinto à vontade, outros, em que não sei onde “me posicionar”. Essa sensação foi mais frequente, no início, agora não é muito comum. É uma relação com o espaço físico, com os objetos; a minha relação de – autonomia – emancipação – protagonismo - é também com relação ao espaço e aos objetos. Pode parecer estranho, mas é isso mesmo: tu precisas, tu mesmo, encontrar o teu lugar, ninguém vai te levar ou te acompanhar para a mesa que tu vais sentar ou ao lugar que tu vais ocupar; ninguém te diz qual computador podes usar; esse movimento é teu, quer dizer, é meu.

Da mesma forma que ninguém me disse: tu podes fazer isso ou aquilo; eu vou “sentindo” o que posso ou o que eu quero fazer; apesar de, às vezes, perguntar antes para o grupo se eu posso e depois, me sentir uma “boba” por ter perguntado, pois, até agora, a resposta sempre foi: “*claro que pode!*”. No início eu chegava e sentava no sofá ou na mesa redonda, agora já começo a ocupar outros espaços,

como a mesa da Beatriz enquanto ela estava viajando, ou a mesa do Felipe ou do Gabriel, a que estiver desocupada naquele momento; peço para acender a luz, pois eu não sei trabalhar com pouca luz. E tudo isso faz parte do método de pesquisa e da minha relação com a rede.

Fui alertada de que não era nada fácil trabalhar da forma como eles haviam se proposto, precisavam ajustar orçamentos, cobrar pouco, enfrentar a falta de compreensão a respeito das escolhas. Entretanto, estavam juntos até este momento, dividindo os poucos recursos materiais, cumprindo exigências externas de documentações legais, atendendo questões “burocráticas e chatas”, confiando, porque imaginavam que as relações, que estão estabelecidas como sendo “as melhores”, poderiam ser diferentes; poderiam estabelecer outras opções de trabalho e vida (sem separá-los).

#### 4.2 ENCONTRANDO O FIO: A AUTOGESTÃO

Numa sexta-feira, depois de passar a tarde lá no coletivo, tive a certeza de que havia encontrado a questão de pesquisa, a unidade de análise, uma justificativa para o estudo. Escrevi tudo o que eu tinha decidido, seria relacionado ao Ponto de Cultura na Vila Jardim, no qual algumas pessoas do coletivo estavam iniciando um trabalho: pensei em tratar sobre o processo de aprendizagem de todos envolvidos nesse projeto - do coletivo, da comunidade e das pessoas do posto de saúde do bairro, dos agregados. Na segunda-feira, eu já não tinha mais certeza de nada. Queria definir algo para que pudesse “parar”, procurar referencial teórico, definir método de pesquisa, técnicas de coleta e de análise, preparar o projeto e voltar a campo, agora sim, para pesquisar e elaborar a dissertação. “Briguei” muito comigo mesmo até entender que eu estava presa aos padrões ensinados como “os padrões cientificamente corretos”, porém as coisas podiam e podem ser de outra forma.

Depois de vários dias, várias “idas a campo” sem ter uma questão norteadora definida, algumas leituras sobre economia solidária e cooperativas, algumas participações em discussões do Coletivo; depois de acompanhar alguns trabalhos, uma reunião; percebi que certas questões me despertavam um interesse maior, havia “algo” no coletivo, no processo de trabalho deles – que perpassa todos os

projetos nos quais eles se envolvem, todos os relacionamentos – esse “algo” é o processo autogestionário do coletivo, é a autogestão. Uma autogestão que não surgiu devido à falência de uma fábrica ou por não terem alternativa de emprego, mas por vontade e iniciativa própria de um grupo de colegas e amigos da faculdade com um objetivo em comum: transformar através da comunicação.

Então aquela “uma” certeza que eu tinha, se multiplicou: eu não quero fazer um estudo gerencialista e não quero fazer crítica pela crítica; é possível haver uma forma diferente de administrar uma organização, que não a forma hegemônica, onde o capital é o centro? A autogestão se propõe a isso, porém como isso acontece no cotidiano? Mesmo assim, no momento da apresentação do projeto, eu ainda não havia definido claramente a questão de pesquisa, nem um objetivo geral.

Entretanto, no decorrer da pesquisa após a defesa do projeto, a questão de pesquisa foi definida em: Como ocorre um processo de autogestão no cotidiano? Logo, o objetivo geral: descrever o processo de autogestão de uma cooperativa a partir da metodologia da Teoria Ator-Rede.

Desta forma, entendo que a questão de pesquisa e objetivo geral surgiram da interação que tive com esse meio (diferente, aos meus olhos iniciais e, que agora já o vejo como outra possibilidade); e essa interação estava permeada por meus valores, pelos valores das pessoas que participam do coletivo (algumas tive mais contato, outras menos), pelas relações estabelecidas, do quanto esse “campo” já me modificou, como me deixou sensível em relação a ética, coerência, democracia e acesso, participação, cooperação, reflexão. Qual o meu papel nesta sociedade, meu trabalho serve para quê? Ou, para quem? E lá fui eu buscar leituras que me ampliassem a visão do que, afinal, é autogestão.

Conforme Prestes Motta (1981) mesmo que Proudhon nunca tenha empregado o termo “autogestão” em sua obra, ele é considerado o “pai da autogestão” uma vez que suas construções teóricas “visam estabelecer, sem qualquer autoridade superior, a autonomia da sociedade” (p. 133) entendida como a capacidade que a mesma possui de governar e organizar a si mesma. Na sociedade autogestionária de Proudhon existiriam grupos se auto-administrando, com coordenação, mas sem hierarquização. Seu conceito não se restringe à administração de uma empresa, já que ele entende que a organização da sociedade é dada pela organização do trabalho, não ligando diretamente trabalho à empresa, mas, à sociedade.

Para Proudhon (apud PRESTES MOTTA, 1981, pág. 139) “o trabalho é a força que determina a sociedade e o desenvolvimento social”, pois, no trabalho há divisão e isso exige uma comunidade de ação para a sua realização. Essa comunidade de ação possui uma força superior a simples soma das forças individuais (o coletivo não é igual a soma dos indivíduos), por isso, o excedente produtivo é de quem produz, isto é, pertence a comunidade de ação. Segundo Prestes Motta (1981), o regime de propriedade capitalista pressupõe que o trabalho e sua produção é igual a soma dos esforços individuais e, desta forma, a soma dos salários individuais “pagaria” todo o trabalho, porém, para Proudhon, a atividade de produção implica cooperação e ultrapassa a simples soma dos trabalhos individuais. A união dos trabalhos não é paga pelo proprietário, entretanto, Proudhon não invoca uma situação de despossessão total, mas a subordinação da propriedade ao coletivo, a quem produz. A sociedade autogestionária de Proudhon se constitui a partir da realidade indissolúvel do ser coletivo e do ser individual (PRESTES MOTTA, 1981).

Outro autor que pensou a autogestão para a sociedade, isto é, não pensando somente em empresas, foi Pierre Rosanvallon em *L’age de l’autogestion* (1976) no qual afirma que “a autogestão antes de ser uma ideia, se constituiu como uma prática social e política [...] é por definição um absurdo conceber a autogestão programada, modelada, confinada em uma camisa de força de receitas e planos previstos previamente” (ROSANVALLON, 1976, pág. 83).

Esta ideia da “experimentação social”, defendida por Rosanvallon, afirma que, a sociedade autogestionária é uma sociedade que se institui e se constrói por si mesma; sendo a autogestão um projeto de sociedade, não é um modelo a realizar. A autogestão é um método e uma perspectiva de transformação social. O autor afirma ainda que a autogestão é um movimento e por isso, ela é produto de experiências, de vitórias e de derrotas. A construção de uma sociedade autogestionária significa um vasto processo de experimentações em todos os domínios da vida econômica e social. O direito à experimentação é o fundamento da sociedade autogestionária para Rosanvallon (1976).

O direito à experimentação coletiva de novas formas de vida e de trabalho, não pode se construir “de cima”, a partir de iniciativas do Estado. A autogestão se constrói a partir das iniciativas da sociedade civil, nas empresas, nos bairros, nas municipalidades (ROSANVALLON, 1976). Para o autor, o Estado deve garantir o

direito da experimentação ao invés de fixar esquemas a serem aplicados. Mesmo vislumbrando algo “maior” que seria a sociedade autogestionária em todas as instâncias, Rosanvallon (1976), faz referência as empresas, o que me permite pensar em fazer um recorte neste processo de experimentação. Entretanto, o autor faz a diferenciação da experiência concedida do topo e da experiência decidida e controlada pelo coletivo, pois a experimentação autogestionária só tem sentido como conquista real da base. Rosanvallon (1976) distingue ainda que a experimentação não pode ser reduzida à aplicação de uma ideia ou a verificação de uma hipótese teórica, a experimentação pode ser um processo que não liga uma extremidade a outra, pode ser o esforço de tentativa e erro para atingir os desejos, as vezes muito confusos ao começar.

O autor define que o direito de experimentação é limitado por três princípios: 1) a experiência de uma comunidade não deve ferir a de outra; 2) a experimentação só pode ser feita por uma decisão do grupo em questão e, 3) a experimentação não pode ter como consequência uma propriedade privada e pessoal (ROSANVALLON, 1976). Convém destacar que Proudhon desenvolveu uma crítica econômica e política sistematizada da sociedade capitalista e propôs um sistema completo da sociedade autogerida e Rosanvallon criticava a sociedade capitalista ao propor um socialismo autogestionário.

A questão da Autogestão, no Brasil, teve condições para se difundir, segundo Tauile e Rodrigues (2009), nos anos 90, quando trabalhadores de empresas em estado falimentar ou pré-falimentar, desempregados, começaram a se associar, principalmente, sob a forma de cooperativas, para manter funcionando as instalações das antigas empresas resgatando elementos de sociedade de pessoas com caráter econômico, possibilitando uma gestão democrática e participativa no empreendimento. Desta forma, os atores da autogestão são grupos de trabalhadores, que possuíam ocupação, agora desempregados ou em vias de sê-lo, ou mesmo os que nunca tiveram acesso a um posto formal de trabalho e criam seus empreendimentos para manter ou criar postos de trabalho e gerar renda. De acordo com os autores, nesses empreendimentos, a gestão é assentada em princípios de democracia, igualdade e solidariedade, que consagra os ganhos de sinergia gerados no processo, e também, na caracterização de uma sociedade de pessoas.

De acordo com Tauile e Rodrigues (2009) falar sobre Economia Solidária e Empreendimentos Autogestionários é, portanto, falar respectivamente, de um

conjunto de elementos de fomento e suporte e de empresas formalmente constituídas ou grupos com potencial de constituição. Estamos falando de administração e gerenciamento baseados na democracia e na igualdade de direitos e responsabilidades; sociedades econômicas cuja natureza jurídica caracteriza-se por ser sociedade de pessoas, as cooperativas. Mesmo as sociedades juridicamente de capital, como as Sociedades Anônimas (SAs) ou as Limitadas (LTDA) sendo autogestionárias, preservam caracterizações das sociedades de pessoas, como as cooperativas, pois, estatutária ou contratualmente, preservam elementos de democracia e igualdade entre os trabalhadores associados (TAUILE; RODRIGUES, 2009).

Conforme aponta Rosenfield (2004) a autogestão é a maneira pela qual os Empreendimentos de Economia Solidária se diferenciam das empresas e cooperativas capitalistas como também é a forma de por em prática os princípios da Economia Solidária, em que a economia deixa de ser competitiva para se tornar solidária. A autora também afirma que a autogestão promove a igualdade de poder decisório, isto é, um membro, um voto.

Entretanto Tauile e Rodrigues (2009) destacam que, no cotidiano interno do empreendimento, que pretende funcionar segundo uma lógica mais solidária e democrática, encontram-se também dificuldades peculiares e significativas no Brasil. A dificuldade mais básica é a de que o trabalhador não consegue se ver, se sentir como empreendedor, dono e responsável pelo negócio. Desta forma, deve desapegar-se do salário enquanto tal, pois agora tem direito a uma remuneração por sua atividade na forma de retirada, já que o negócio é seu. Além do mais, muda sua função econômica, agora como proprietário do empreendimento, o que dá direito, igualmente também, a participar nos seus resultados positivos, nos seus lucros ou sobras; por tudo isso deve ter o maior interesse em que o processo de produção no qual está inserido funcione da melhor maneira possível (TAUILE; RODRIGUES, 2009).

Para Carvalho (1983) a noção de autogestão está ligada a uma sucessão de possibilidades e não como um fenômeno singular e unidimensional; as organizações autogestionadas envolvem uma filiação livre e voluntária com o objetivo da organização e limitada pela solidariedade entre os companheiros. Possuem estruturas mais flexíveis e são regidas pelo princípio de que as pessoas que pertencem a uma organização têm o direito de decidir sobre todos os assuntos

principais relacionados à organização e que para compartilhar a tomada de decisão, participam da posse dos recursos materiais como um coletivo. Desta forma, é possível o controle sobre os meios e os frutos da produção, que, de outra forma, são monopolizados pelas burocracias (CARVALHO, 1983).

Ao pensar o conceito de autogestão de forma multidimensional - social, econômico, político e técnico - Albuquerque (2003) destaca-o como sendo muito mais que um modo de gestão, é “um conjunto de práticas sociais que se caracteriza pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um coletivo. É um exercício de poder compartilhado, que qualifica as relações...” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 20). Desta forma, a autogestão é compreendida por um processo no qual as ações e os resultados são entendidos como aceitáveis por todos envolvidos (dimensão social); por processos de produção que privilegiam o trabalho e não, o capital (dimensão econômica); por sistemas de representação na qual a tomada de decisão seja resultado de construções coletivas que compartilham o poder respeitando as diferenças (dimensão política) e por uma possibilidade de organização e divisão do trabalho diferentes (ALBUQUERQUE, 2003).

Na sua origem, a autogestão esteve ligada às lutas dos trabalhadores e principalmente, do movimento operário. O “pai da autogestão” era de origem proletária e ligado ao movimento operário, com princípios de transformação e mudança social, que, segundo Albuquerque (2003), não se trata apenas de controle das atividades ou modelo de gerenciamento de recursos e responsabilidades, mas, de práticas sociais que se construíram contextualizadas historicamente. Entretanto, nas empresas capitalistas, seguindo os princípios neoliberais como o da flexibilização, a autogestão é embutida nas novas formas de organização do trabalho que neutralizam o caráter de crítica radical que o conceito traz, pois é apresentada como mais uma técnica gerencial que “joga” toda a responsabilidade do seu trabalho para o próprio trabalhador, desconsiderando que o mesmo não tem controle sobre os meios de produção. Desta forma, de acordo com Albuquerque (2003) torna-se difícil, muitas vezes, diferenciar os processos produtivos de empresas capitalistas e de empresas cooperativas, já que os novos processos de produção como a informatização e a terceirização dissimulam a realidade social, fazendo parecer que há poucos níveis hierárquicos e controles com relação ao trabalho.

A autogestão acompanha a trajetória do cooperativismo, porém, o seu sentido crítico e radical é marcado por altos e baixos e com experiências concretas um tanto frágeis, entretanto, isso não significa que esse processo tenha sido superado, conforme Albuquerque (2003), cada vez mais a autogestão como forma de gestão autônoma do conjunto social remete a outras formas de se pensar a educação e a política. O autor apresenta duas determinações do conceito de autogestão: 1) não distinção entre quem decide e quem executa e 2) autonomia na definição e escolha do que fazer por parte de cada unidade de atividade; sendo assim, a autogestão “adquire seu caráter de radicalidade, pois passa a ser um elemento fundante da vida associada e do fazer cotidiano”(ALBUQUERQUE, 2003, pág. 24).

Neste fazer cotidiano, a autogestão apresenta aspectos positivos (+) e negativos (-), conforme Albuquerque (2003) que são: (+) ambiente mais democrático amplia a capacidade produtiva dos trabalhadores; porém, (-) a participação na gestão reduz a capacidade produtiva, pois eles se envolvem em varias atividades; (+) os trabalhadores têm um sentido maior de responsabilidade e atentam a qualidade (-) não se tem muito objetivado os estímulos aos processos autogestionários; (+) existe um processo de vigilância mútua no grupo; (-) difícil medir a produção individual; (+) ambiente participativo facilita a comunicação; e por fim (-) um espaço autogestionário remete a ambientes de incerteza (ALBUQUERQUE, 2003). Porém, deve-se pensar em que medida esses aspectos, os ligados à produtividade e ambientes de incerteza, colaboram para a manutenção de padrões hegemônicos referentes ao trabalho. Uma vez que, a autogestão na “outra economia”, conforme o próprio autor apresenta, seria pensada pela resignificação das práticas sociais relacionadas à organização do trabalho, associada à mudança radical e à transformação da sociedade capitalista, essa resignificação talvez deva passar pelo estabelecimento de outros aspectos de avaliação do trabalho.

Para esclarecer, quanto à chamada “outra economia”, segundo Cattani (2003), é aquela que no lugar de uma concorrência que mais parece uma guerra, cooperação e solidariedade; no lugar da devastação da natureza, relação de respeito com múltiplas formas de vida; no lugar do processo de acumulação e concentração sem limites de riqueza, a generosidade da partilha; no lugar do consumo desenfreado, a fruição tranquila dos bens; no lugar do trabalho alienado, o trabalho consciente e criativo que propicia a realização humana.

Apesar desta “parada teórica”, minha inserção na rede seguia. Certa vez, a Sofia olhava um vídeo que iria mostrar para a turma de assistentes sociais do curso de Gestão de Projetos Sociais, na GK. Mais um actante na rede: a GK é uma pequena empresa na área de Serviço Social, cuja proprietária é a mãe do Guilherme. A Catarse presta serviços de comunicação e faz alguns trabalhos em parceria, por exemplo, em cursos e ações junto ao Ponto de Cultura Ventre Livre, através da estagiária, da GK, que, por sua vez, aproveitou o trabalho no Ponto de Cultura para realizar um dos seus estágios obrigatórios da graduação.

Enquanto a Sofia olhava o vídeo, comentou que a maioria das assistentes sociais não tem conhecimento sobre como captar e controlar recursos para projetos sociais. Ela pretende ainda oferecer um segundo módulo mais voltado para parte prática, como controlar os recursos, prestar contas usando, por exemplo, uma planilha de Excel. A Beatriz afirmou que foi muito importante para ela aprender a usar o Excel para fazer planilhas de controle e cálculos. Aprender algo que tem algum significado para seu trabalho, que está vinculado a questão de ser “dono de si mesmo” (sem patrão) da mesma forma que a autonomia. Aprender a elaborar projetos, pois precisam de financiamento, aprender a trabalhar com um software para poder montar um vídeo com mais qualidade.

O Felipe nos contou que foi contatado por um pessoal da Prefeitura de Porto Alegre para fazer um informativo, em forma de revista, sobre o projeto da Descentralização da Cultura e que ele teria dito que se fosse para fazer propaganda para a Prefeitura, não faria o trabalho. Depois explicaram que o objetivo do projeto era informar a população de como ter acesso à cultura: o que se faz ou quem se procura se quiser passar um filme para a comunidade, por exemplo. Pelos comentários, parece ser um projeto bem legal de informar como funciona a “descentralização”, de disponibilizar meios de acesso à cultura, para que a população possa usar o que o poder público oferece e, mesmo que indiretamente, possa pressionar para que essas iniciativas não terminem. Ele havia aceitado o trabalho e estava apenas comentando, não perguntou para Beatriz ou para Sofia o que elas achavam, se ele deveria aceitar ou não. O Felipe considerou que o trabalho era importante e que estava de acordo com o que a Catarse faz, então, vai fazer a revista. Isto me remeteu à questão da autonomia, nem tudo passa por decisões coletivas, porém, o coletivo faz parte dele e ele tem autonomia para decidir.

Ouvi a Beatriz comentar com o Guilherme sobre alguns problemas no Ponto de Cultura. Estão ainda sem o Agente de Cultura e a Beatriz não está gostando das atitudes da estagiária da GK, que está ajudando, porém, “*ela quer decidir tudo sozinha, não é assim!*”, segundo a Beatriz. O Guilherme sugeriu tirar a GK do projeto, mas não era isso que a Beatriz queria. Ela queria que as coisas fossem decididas em conjunto, e então, ela vai conversar com a proprietária da GK e com a estagiária para resolver. Depois disso, chegou uma pessoa com o notebook com problemas para o Guilherme arrumar. Eu já sabia que o ele era “o técnico de informática” da Catarse, mas não sabia que ele fazia “serviços extras”. Apesar de que a pessoa que foi lá, parecia ser amigo ou conhecido; não deve ser para qualquer “cliente” que aparecer, talvez “só para os de casa e amigos”.

O episódio da “estagiária” me fez pensar em que momento decide-se sozinho e em que momento decide-se em coletivo? Não acredito que, o fato de ser oficialmente um estagiário, tenha gerado a discussão, afinal, até então, não eram as formalidades que definiam as atuações – existiam não-cooperados que trabalhavam e decidiam – porém, o fato de que, se no projeto mais pessoas estavam trabalhando, então, todos deveriam ser incluídos nas discussões e decisões.

As pessoas na Catarse têm um envolvimento de amizade; existe um vínculo afetivo entre os integrantes do coletivo. Recebem bem a todos, mas principalmente, aos que demonstrarem ter os mesmos objetivos, os mesmos ideais, a mesma visão de mundo. As pessoas com as mesmas afinidades políticas, sociais, culturais vão se aproximando. São os parceiros: de trabalho e de festa, de ideais políticos e social, esses parceiros vão se aproximando, formando e integrando uma rede. Rede, essa que se forma com o *blog*, os jornalistas, com o sopapo (tambor) e com o Mestre (que serão apresentados a seguir), os músicos, a música, com o Ponto de Cultura, as crianças, a falta de água e de luz, a mídia, a faculdade, o teatro, o quadrinho, a sede, os computadores, os ventiladores, o ar condicionado, os editais, a política pública, o futebol, a filmadora, a máquina fotográfica, os familiares, namorados e namoradas, os amigos e amigas, os amigos dos amigos...

Essa rede dos “de casa” também é para os cooperados, os novos actantes se aproximam pela rede: o Miguel pela rede do teatro se aproximou do Enzo, que já fazia parte da Catarse, mas, que também, se aproximou da antiga cooperativa (Coomunica) com a Beatriz e o Guilherme, pelo teatro. Os pontos de Cultura aproximaram Bernardo e Ricardo da Catarse pelo Guilherme. Eu me aproximei

“informalmente” pelo Enzo e “formalmente” pela Beatriz. O Fórum Social Mundial e a Rede de Economia Solidária aproximaram Sofia e Bernardo, ele veio e trouxe ela junto. E as histórias vão longe e não é possível estabelecer fronteiras.

No final da tarde, Felipe e Lucas se reuniram, ali na Catarse, para conversar sobre o que incluir, como montar, como organizar o vídeo das PANCs (plantas alimentícias não-convencionais). O Felipe comentou com o Lucas que estava com muita coisa “mesmo” para fazer, com muito trabalho. Lembrei que dias atrás ele tinha comentado que precisava procurar trabalho. Parece-me que é assim mesmo: um dia tem, outro, não. Só não sei se esse monte de trabalho é remunerado. Pode não ser, pois eles não fazem distinção – trabalho é trabalho.

Já estou mais à vontade. Certa vez tocou o interfone, eu levantei e atendi. Depois, o Felipe comentou que precisavam de alguém para atender ao telefone, porque quando está na Catarse sozinho, às vezes, mal consegue trabalhar, pois pára o tempo todo para atender alguém e completou dizendo que isso faz parte do trabalho. Ele “reclamou”, mas disse que faz parte da organização deles.

A conversa com o Bernardo sobre Economia Solidária foi bem legal, ele me passou algumas referências de literatura – a dissertação dele é sobre Economia Solidária como um Movimento Social – e me disse que não tem muitos estudos sobre essa outra maneira de pensar o trabalho. Na autogestão é trabalho manter a estrutura funcionando (pagar as contas, limpar, arrumar, consertar), além de fazer o trabalho “propriamente dito” (de jornalista, de ator, de cartunista, de produtor, de historiador e outros) mesmo que o primeiro seja considerado pouco criativo e o segundo, o que dá mais satisfação. Ele tem razão, fiz uma pesquisa nos principais periódicos de Administração no Brasil, considerando os padrões Qualis/Capes, nos Anais dos congressos da ANPAD (instituição que promove o ENANPAD - congresso anual da área que reúne estudantes, professores e pesquisadores) e no LUME - Repositório Digital da UFRGS, em Teses e Dissertações. O resultado foi: na base de dados da ANPAD, que inclui todos os congressos promovidos pela entidade, buscando pela palavra-chave “autogestão”, de 2000 até 2010, identifiquei quatorze artigos, sendo que, para se ter um exemplo do que esse número representa, só no ano de 2000, foram mais de cem artigos apresentados, ao todo, no ENANPAD e em 2010, foram mais de duzentos, apenas nas áreas de Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas. Na busca feita em periódicos nacionais da área de Administração, conceito Qualis A e B, com base *on-line*, encontrei apenas três

artigos. Quanto às Teses e Dissertações da UFRGS, defendidas entre 2000 e 2010, encontrei cinco ao todo que destacavam o tema “autogestão” nas palavras-chave e/ou título do trabalho.

Bernardo comentou ainda que o modelo de gestão de cooperativa, proposta pela Economia Solidária é a autogestão, que é diferente de uma Unimed ou Sicred, que são cooperativas, mas, não de autogestão. A certa altura da conversa, o Gabriel comentou que estão pensando em contratar uma estagiária [fiquei imaginando uma estagiária na Catarse...] para ajudá-lo na parte gráfica, pois ele está sobrecarregado; todos os trabalhos que envolvem arte gráfica são com ele. Faltou água e o Gabriel telefonou para pedir uma bombona, antes, ele ligou para a Beatriz, pois não sabia onde estava a caixinha de dinheiro da cooperativa. [Pensei: mas é tudo com a Beatriz?]. Ela veio no final da tarde, dizendo que precisou ficar em casa para organizar o financeiro e pagar o retroativo de contribuição da Catarse referente a imposto.

Felipe procurava umas fitas para gravar uma entrevista que ele faria para a Revista da Descentralização, disse que não se conseguia mais essas fitas. Falei sobre a minha experiência, que deu certo, de gravar entrevistas com MP3 para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Ele falou que tinha um MP3, mas achou meio estranho, ficou um pouco desconfiado se dava certo mesmo. Resolvi explicar como eu tinha feito e que depois de gravada a entrevista eu baixava no computador. Ele decidiu testar: pegou o MP3 e começou a gravar a nossa conversa, ouvimos a gravação, depois ele baixou no computador e ouvimos novamente. Por fim, ele ficou bem feliz com a dica que eu dei e por ter encontrado uma solução. [Achei engraçada a situação: eu, mostrar a um jornalista onde gravar suas entrevistas, mas ele não se mostrou nem um pouco incomodado com o fato]. Quando eu comentei sobre o MP3 achava que ele já soubesse dessa opção, mas ele não tinha pensado nisso, só usava o MP3 para ouvir e gravar música.

#### 4.3 JÁ SOU “DE CASA”.

A sede da Catarse é lugar de trabalho, de festa e de descanso também; uma tarde cheguei e a Sofia estava dormindo no sofá (detalhe: o sofá fica na sala grande, quase de frente à entrada), pois estava cansada da viagem. Enzo, Miguel, Felipe e Gabriel estavam trabalhando, em silêncio. Eu e o Enzo começamos a conversar sobre umas informações que eu havia solicitado a ele para o projeto de pesquisa que participo sobre Gestão de Grupos Culturais. O Felipe estava em contato justamente com uma pessoa da Prefeitura de Porto Alegre – com quem eu poderia conseguir algumas informações. Quando o Felipe foi passar a ligação - para eu falar e pedir o que eu queria – ele me apresentou como sendo da Catarse. Achei que ele falou aquilo tão natural: *“vou te passar a Patrícia que trabalha aqui com a gente na Catarse”*. Ele poderia ter dito que eu era estudante, pesquisadora, mestranda, irmã do Enzo, porém não me pareceu “preguiça” de explicar porque depois ele nem comentou nada, não deu nenhuma justificativa por ter me apresentado assim: *“da Catarse”*.

A organização da reunião para o aniversário foi assim: o Enzo sentou ao lado da Sofia e comentou que precisavam se reunir. A Sofia disse para eles decidirem um dia na próxima semana que ela estava disponível. O Felipe comentou que tinha que ser no início da semana para dar tempo de fazer as coisas e que tinha que ser no início da manhã ou no final da tarde porque ele iria se dedicar a próxima semana toda ao trabalho da Revista da Descentralização e, por isso, iria trabalhar em casa para se concentrar e não podia perder um dia inteiro na reunião. Acabaram decidindo por quarta-feira mesmo sem todos estarem presentes. Reunião marcada.

A Beatriz voltou do Ventre Livre, tinha ido tentar ligar a água. Mexeram em vários lugares, porém quando ela saiu do Ponto de Cultura, estavam sem água ainda. A proprietária da casa não havia solicitado a religação da água, pois estava com a conta atrasada. O Felipe e o Lucas fariam uma reunião de trabalho, com outras pessoas, ali na Catarse, sobre um projeto dos dois. Nós arrumamos a mesa redonda e fomos para a sala “ilha-estúdio”. O Miguel desceu para comprar um lanche, eu havia levado um doce que a minha avó fez, então, sentamos eu, Enzo, Sofia, Miguel e Beatriz na “ilha” para fazer um lanchinho, enquanto o Felipe e o Lucas faziam a reunião e o Gabriel trabalhava quieto, no mesmo computador de

sempre. Estava bem descontraído: Sofia contou que vai fazer oficina de teatro, a Beatriz mostrou as fotos da oficina de colagem feita no Ponto de Cultura Ventre Livre - mesmo sem água eles fazem oficinas – nas quais as crianças haviam participado bastante, segundo a Beatriz.

Comentei que havia me “autoconvocado” para a reunião sobre o aniversário da Catarse e a Beatriz disse que eu já “*era de casa*”. Pensei em aproveitar a reunião para falar sobre a minha pesquisa, o que eu já tinha definido, combinar horários, talvez, participação, enfim, dar um retorno para o Coletivo Catarse, uma satisfação do que eu iria fazer. Dessa forma, fui conhecendo e sendo conhecida, já me sentia um pouco mais à vontade e inserida; e aos poucos, a aproximação deixou de ser maior só com as mulheres.

#### 4.4 PARA ALÉM DA SEDE DA CATARSE

Alguns dias atrás, o Felipe me copiou em um email sobre o lançamento de um documentário sobre democracia nas Américas. Eu fui assistir junto com uma amiga e foi muito bom. Comprei o DVD, pois acho que dá para usar em aula para discutir o conceito de democracia, de participação e para quem serve nossa atual democracia. Muitas empresas – além dos governos – falam em processos democráticos e participativos, para quem? Banalizou-se o conceito de democracia hoje.

Existem muitas pessoas discutindo, criticando e apontando outras possibilidades para o sistema no qual vivemos. Um exemplo disso foi o Evento da Deriva, uma editora independente de Porto Alegre. Felipe participou do debate sobre vídeoativismo referente ao documentário sobre Brad Will<sup>9</sup>. Não foi ninguém da Catarse. Será que o pessoal estava muito ocupado ou não tem o hábito de acompanhar as atividades dos outros cooperados? Na reunião para preparar as ações de comemoração de aniversário, ele falou desta atividade e até levou o filme para mostrar pro pessoal. Essa relação individual x coletivo me parece diferente. Cada um tem as suas coisas, seus interesses, seus trabalhos e não tem uma

---

<sup>9</sup> Voluntário, de um veículo de mídia independente, e documentarista atingido por um tiro no peito durante a cobertura do levante popular em Oaxaca, no México, em 27.10.2006. Mais informações, ver site da CMI Brasil <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/>.

obrigação dos outros cooperados acompanharem o tempo todo, mesmo quando, como neste caso, o Felipe estava representando a Catarse, aparecia o nome da Catarse. O indivíduo pode representar o coletivo; podem agir individualmente, nos seus projetos e trabalhos, mas o coletivo faz parte, mesmo sem ter uma coletividade (duas ou mais pessoas), apesar de eu já ter visto o pessoal (alguns) se mobilizar para participar de ações como o mutirão do Ventre Livre.

O vídeo exibido me emocionou muito, era sobre um jornalista assassinado por paramilitares enquanto trabalhava filmando “de dentro” uma revolta popular em Oaxaca no México em 2006. É desse ponto-de-vista que a Catarse trabalha – de dentro – e é dessa forma que quero discutir autogestão – de dentro. A fala do Felipe, enquanto jornalista, foi sobre compromisso com a verdade, engajamento, pensar em por que fazer um determinado trabalho. *“Por que não mostrar as coisas como realmente acontecem? Mobilizar as pessoas. Democratizar o conhecimento e o acesso a informação”*. Tudo isso é o trabalho da Catarse para ele. É o que eles fazem de forma profissional, séria e comprometida. *“ninguém lá é amador e todos escolheram estar lá”*, finalizou.

Esse - descrever como as coisas acontecem - também quer dizer que as coisas podem ser diferentes do que é apresentado na grande mídia; que muitas vezes só aparece um ponto-de-vista, mas que existem outros. É uma relação de poder, hoje um aparece, amanhã pode ser outro. A fala do Felipe também me fez pensar no meu trabalho como pesquisadora, como futura professora. Para que vai servir o mestrado e a minha pesquisa? Achei importante eu ter ido, não só para me legitimar no espaço, participar das atividades deles, mas para entender o que eles pensam, o que dizem em público, suas opiniões – conhecer melhor os actantes e as redes, suas relações. Porque eles não são uma pessoa dentro da Catarse e outra quando vão fazer um trabalho fora – apesar do Felipe estar representando a Catarse – ele deu o depoimento dele, de jornalista, pessoal, mas era um discurso carregado do Coletivo Catarse e vice-versa.

Essa pesquisa me modificou. Fez pensar sobre o que eu estou fazendo, o meu trabalho serve para quê? Eu já devo ter escrito isso. Pensar em ética, em fazer algo para a sociedade, algo útil. Eu já tinha um pouco essa ideia, talvez por isso mesmo, eu me aproximei da Catarse: para mostrar que existe outra forma de fazer administração e organizar sob outra lógica - democrática e participativa. A Catarse me modificou em reflexão crítica à respeito do meu trabalho e das ações fora do

trabalho; me fez pensar em como ser coerente com o que escrevo. Estou mais preocupada, com o consumo consciente, em consumir coisas mais naturais. Preocupo-me mais com as coisas que leio, com as opiniões que emito, com as informações que recebo e transmito. Busco ser coerente com o que estou estudando. Ajudo a divulgar os emails com as notícias do *blog* da Catarse.

Em uma sexta-feira à tarde, cheguei na Catarse, estava só o Enzo; depois chegou o Guilherme, contando que a Beatriz, o Bernardo e a Sofia estão participando do curso da Capina<sup>10</sup> sobre Economia Solidária e autogestão. Depois comentou que ele e o Bernardo queriam fazer um documentário sobre o assassinato do sem-terra Elton Brum (ocorrido em 21 de agosto de 2009, durante o despejo da ocupação da Fazenda Southall na cidade de São Gabriel, interior do RS). Convidou o Enzo para participar, pois ele quer fazer uma encenação da morte. O Guilherme disse que já tem R\$1.500,00, se precisar comprar figurino. Ele pensou em todos os atores de branco ou de preto. A combinação do Guilherme e do Enzo foi assim: “*vamo faze?*” “*vamo!*” A ideia do documentário partiu dele e do Bernardo quando viram as mentiras na imprensa sobre o fato e reagiram: “*alguém tem que contar essa historia direito*”. [Guilherme conhece bem o MST, já acompanhou várias ações, conversou com muita gente do movimento, já ouviu muitas histórias que não são contadas na grande mídia].

A ideia não é falar do MST e da Reforma Agrária, segundo o Guilherme, querem falar do assassinato covarde, pelas costas, de uma pessoa; e foi contando diversas coisas sobre o fato que ele soube em conversas com pessoas do MST, que presenciaram e participaram dos eventos. Ele quer filmar depoimentos de quem estava lá, para isso, precisa de R\$5.000,00. Já conseguiu R\$1.500,00 com a GK (empresa da mãe dele), vai falar com uma ONG, vai conversar com o deputado do MST da Comissão de Direitos Humanos; também, está em contato com uma pessoa de um jornal em São Paulo. Além disso, ele comentou que ouviu uma entrevista, afirmando que o RS é o único Estado no Brasil que não assinou um acordo para não usar armas letais nas reapropriações ou conflitos referentes à reforma agrária. Será que eles vão conseguir “fazer” o documentário? Será que os deixarão “falar” sobre o

---

<sup>10</sup> Capina (Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa) é uma associação sem fins lucrativos que apoia a sustentabilidade de iniciativas de economia popular e solidária. Mais informações, ver site <http://www.capina.org.br/port/home/index.asp>.

assassinato de um integrante do MST durante uma ação em que a Brigada Militar estava envolvida?

Depois disso, o Guilherme comentou que havia encontrado o “*cara que é o responsável pela criação da Catarse*”. Completou dizendo que o Enzo e eu (já que vou fazer um trabalho sobre a Catarse) deveríamos conhecê-lo e contou a seguinte história: o grupo de pessoas que fundou a Catarse, buscou a forma de cooperativa por escolha voluntária e consciente e “esbarrou” na lei das cooperativas que determinava o número mínimo de 20 (vinte) cooperados. Esse cara, que o Guilherme reencontrou hoje na FETRABALHO (Federação das Cooperativas de Trabalho do RS), foi quem indicou para eles que havia, no novo código civil, uma nova lei que garantia a formação de cooperativas de trabalho com 7 (sete) pessoas para começar. Eis que a Catarse pode existir, oficialmente.

## 5 O TRABALHO E AS PRÁTICAS DA CATARSE

Apresentada a minha inserção no campo e as buscas iniciais de informações sobre assuntos que cercavam o Coletivo e o referencial teórico, minha narrativa parte para alguns momentos relacionados ao processo organizativo para realizarem atividades e trabalhos, nos quais diversos actantes se movimentaram.

### 5.1 MOSTRA 5 ANOS À MARGEM

Fui incluída num email da Beatriz sobre a reunião, que seria na quarta-feira de manhã, do Aniversário de 5 anos da Catarse, porém duas pessoas manifestaram que preferiam quinta-feira à tarde. Então quinta-feira, depois do almoço, eu telefonei para Catarse e a Sofia me disse que seria às 17h e 30min. Nesta reunião estavam quase todos os participantes do coletivo: Sofia, Bernardo, Enzo, Miguel, Gabriel, Felipe, Lucas, Guilherme, Beatriz e eu. A ideia era reunir várias atividades e passar quase o mês todo de setembro, comemorando.

- Mostra Santiago Álvares – filmes cubanos – no Cine Bancários e depois uma palestra com Orlando Sena sobre cinema engajado. A Catarse poderia entrevistá-lo e entregar-lhe um kit de material da Catarse.
- Mostra de fotos e outros trabalhos, evento da Catarse.
- Exposição de cartuns e fotos da Catarse.
- Vídeotivismo – debate sobre um documentário e uma oficina - promovido pela Deriva (Felipe foi convidado para falar em nome da Catarse).
- Festa da Catarse. “*A festa, eu acho, que tem que ser no Odomode*<sup>11</sup>” sugeriu a Beatriz; “*sempre aos domingos, cedo, tem roda de samba... o pessoal é legal...*” Todos gostaram da ideia. “*então vamos combinar um dia de irmos todos lá!*”

Eu dei a ideia de realizarem um *trailer* para exibirem durante os eventos, pois eles queriam fazer um *kit* Catarse com os filmes e documentários para vender. O Enzo comentou que se fazem 10 (dez) *kits*, vendem 5 (cinco), então tem que pensar

<sup>11</sup> Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê, localizado em Porto Alegre/RS. Promove a preservação e divulgação das culturas afro-brasileira e afro-gaúcha.

em cobrir os custos. Por isso eu pensei no *trailer* para divulgar e se alguém quiser um documentário específico pede para Catarse por encomenda, evitando fazer cópias que não serão vendidas. O pessoal gostou da ideia, para eles é fácil fazer *trailer*. Fiquei feliz por ter ajudado.

Ao final da reunião, que durou uma hora, porque a Sofia e o Enzo tinham outro compromisso, surgiu a questão de ajudar a Beatriz nas tarefas de presidente da cooperativa, de organizar melhor as tarefas gerais, definir o que cada um pode fazer. Deram o exemplo do banheiro que tem que limpar, o Enzo disse ironicamente: “*o botão de auto-limpeza do banheiro está estragado*”. Na questão de organizar as tarefas, o fluxo de trabalho, definir quem é o responsável por alguma tarefa, o Felipe lembrou a experiência da outra cooperativa que acabou ficando uma estrutura engessada, entretanto, eram mais pessoas. Também lembrou que, às vezes, eles passavam semanas sem ir a Catarse e que eles têm uma característica mais “bagunçada”. Geralmente é o Felipe quem traz a rememoração da cooperativa anterior.

Terminada a reunião, o Gabriel logo voltou para o computador – sempre o mesmo. Perguntei para o Felipe sobre a gravação da entrevista em MP3 e ele disse que deu certo, mas que ficou um pouco inseguro com o equipamento, não se sentiu a vontade. Depois comentei com o Bernardo e com o Felipe que, em minha opinião, era preciso encontrar o jeito próprio da Catarse. O Bernardo relatou a experiência dele de ensinar autogestão através de um trabalho de uma ONG: a autogestão exige uma mudança de mentalidade e que isso é lento, afinal, “*não funciona assim: contrata alguém para implantar a autogestão e um mês depois, tá tudo funcionando*”. “*As pessoas precisam pensar diferente*”, afirmou o Bernardo. Entendo que o “pensar diferente” passa por estabelecer padrões diferentes e talvez até, não estabelecer padrões prontos, mas “descobrir” os seus.

As pessoas da Catarse têm sentido necessidade de organizar as coisas, eles já manifestaram isso outras vezes: eles não dão conta de fazer tudo. Mas ao mesmo tempo, me parece que as coisas acontecem, vão fazendo, vão se falando, vão combinando e o trabalho é feito, talvez com um desgaste maior, talvez levem mais tempo, mas é o tempo deles e é assim que é feito.

Na semana seguinte, estavam o Enzo e a Beatriz organizando o portfólio da Catarse, quando eu cheguei, disseram que queriam uma ajuda de alguém de fora para revisar e sugerir alterações. Adorei a possibilidade de ajudar. Perguntei sobre a

Mostra dos 5 anos e eles disseram que vai sair, vai ser no Arquivo Público, estão organizando o material, separando as fotos, acertando datas, mas vai rolar. Achei estranho, pois alguns dias antes o Gabriel havia me dito que não estava acontecendo nada, que ninguém tinha tempo para organizar, mas essa não foi a resposta do Enzo e da Beatriz. Os dois estão tocando o projeto e até discutiram a provável data de início [Presenciei a conversa].

Dias depois, fiquei sabendo que tiveram um problema com o local – Arquivo Público do RS. O espaço é do Estado e a maioria das fotos da Catarse é do MST. Houve um “mal estar” da diretoria do local. Não cancelaram o evento, mas está em suspenso. Veriam outro local. Até que ponto se consegue discutir questões como a reforma agrária, “*trazendo o ponto de vista dos movimentos sociais*”, conforme o pessoal da Catarse afirma, sem enfrentar algum tipo de “represália”, mesmo que sutil, por parte de quem não concorda com esse ponto de vista? Começa com a dificuldade em se conseguir espaço e pode terminar no quê?

A Mostra dos 5 Anos aconteceu, mas com uma modificação: apresentaram alguns vídeos / documentários produzidos pela Catarse e no último dia do evento - de 5 apresentações, uma por semana – mostraram um documentário sobre o MST. Pensaram em deixar por último para “*ver se passava despercebido*”. Incluí no ANEXO A as sinopses e alguns comentários meus sobre os vídeos da Programação da “Mostra Catarse 5 Anos à Margem” que ocorreu no Arquivo Público do Estado do RS, para que o leitor possa ter uma “pequena” ideia do que é o trabalho da Catarse.

Pode-se pensar: “à margem do quê?” A Catarse está “dentro” do “sistema” e luta contra ele, mas é perpassada pelos padrões hegemônicos de organização, de produção, de controle; em que medida se consegue ficar “à margem” disto? O esforço de reflexão e de mudança de mentalidade, conforme disse o Bernardo, é enorme para manter a coerência uma vez que, é difícil definir o “dentro” e o “fora”.

No primeiro dia de exibição, incluíram um vídeo, que não estava no programa, “Quem matou o Elton? Famílias do MST ameaçadas de despejo nas margens da BR386 em Sarandi/RS”, pois a situação registrada pela Catarse era crítica: A juíza da comarca da cidade de Sarandi/RS decretou que as famílias deveriam ser expulsas do município, sem indicar para onde iriam. A exibição do dia 22 de outubro foi cancelada, pois, havia outro evento no local e o Arquivo não reservou espaço para a Catarse e dia 5 de novembro, quando apresentaram o “Usina Catende” (9) e “É Possível” (51’), eu não pude ir, pois fiquei doente.

A falta de público em quase todos os dias, não impediu que acontecessem as exposições. A falta entre eles não era de fracasso, mas de resistência e de necessidade de assistirem, eles próprios, os trabalhos uns dos outros, de ter esse momento e ser uma rotina. Um dia veio alguns familiares; noutro, veio um representante do movimento quilombola; em outro, apareceram várias pessoas, mas eram para outro evento do Arquivo. Nem todos os cooperados vieram. O Gabriel, por exemplo, não veio nenhum dia. O Guilherme também não, mas parece que estava doente. A falta de público não foi por falta de produção: a Catarse conseguiu dar entrevista em rádio FM e fazer divulgação em jornal. Os comentários eram: *“é difícil(...) mas não dá para desistir(...) é uma luta mesmo fazer as pessoas conhecerem a realidade e refletir sobre isso”*. Eu saí de lá mobilizada e emocionada pelo espírito de resistência, de não desistir, de fazer o que se acredita.

Perguntei a mim mesma: Por que, mesmo com um esforço grande de divulgação, não apareceu ninguém? Um tempo depois ouvi um comentário: *“será que é esse tipo de evento, neste local, que a gente quer?”* Não teve uma reunião específica para avaliar a Mostra, mas isso não significa que não houve reflexão e avaliação. O que se discutiu, tempos depois em outra reunião, foi de que talvez na periferia da cidade, eles tivessem mais repercussão, ou então, na universidade; numa tentativa de “encontrar” quem quer ouvi-los, quem se sensibiliza com o que estão discutindo.

## 5.2 AS ATIVIDADES NO PONTO DE CULTURA VENTRE LIVRE

A partir do momento que formalizaram o contrato de locação da casa do Ventre Livre, iniciaram diversas atividades: de reuniões com os trabalhadores do posto de saúde a oficinas para as crianças do bairro; mesmo sem terem uma estrutura física totalmente adequada, pois as melhorias seguiram sendo feitas até o momento em que encerrei meu campo. As atividades que consegui acompanhar estão relatadas a seguir.

### 5.2.1 Mutirão de limpeza na casa do Ventre Livre.

Em um contato com a Beatriz por MSN, ela falou do mutirão no Ponto de Cultura, sábado. Vai ser selecionado um Agente Cultural, por exigência do edital. Para fazer a seleção, no dia do mutirão de limpeza da casa, foi junto a estagiária, assistente social da GK. Cheguei um pouco mais tarde e já tinham terminado o mutirão. Estavam limpando. Estava a Beatriz, o Ricardo e o Bernardo. Ela estava bem empolgada porque haviam conseguido reunir algumas crianças ali do bairro para ajudar. Disse que, quando fizeram pipoca e amendoim, juntou uma gurizada ao redor e que foi uma pena eu não ter chegado um pouco antes, pois, enquanto o Ricardo e o Bernardo tiravam as divisórias da casa, a gurizada ajudava. A Beatriz disse que deu a máquina fotográfica e uma filmadora na mão das crianças para registrarem tudo que estava acontecendo. O protagonismo e autogestão aparecem mesmo em um espaço que não é a sede da Catarse, desta forma, conforme afirma Rosenfield (2004) quando há protagonismo e o individuo se torna ator de um ideal, de um projeto, não se pode falar em subordinação.

O Ricardo e o Bernardo estavam tentando conseguir enviar por correio uma correspondência com a data do dia anterior. Ricardo falava ao telefone com alguém sobre isso. Eles me explicaram que era um projeto que eles escreveram e não conseguiram postar na sexta-feira, então o Ricardo estava tentando com um conhecido, que trabalha no correio, para enviarem na segunda-feira com data de sexta. *“O cara do correio aceitou!”*. O pessoal ficou super feliz e alguém disse *“agora só falta o projeto ser aprovado!”*. Achei *“engraçada”* a situação, pois na lógica da Administração - a divulgada - é um *“absurdo”* perder um prazo. Tudo é planejado para que isso não ocorra e se acontece, as pessoas ficam com *“cara de fracasso”* ou sendo culpadas ou se sentindo culpadas. Ali a situação me pareceu um pouco diferente, como se aquilo fizesse parte do trabalho, parecia que, para eles, isso pode acontecer e não é um grande problema, tentam resolver. Não vi ninguém reclamar ou culpar alguém pelo fato de terem perdido o prazo.

Quando entrei na casa onde vai ser o Ponto de Cultura Ventre Livre, a Beatriz explicou que vão deixar um espaço aberto e uma sala escura para revelação de fotos. Perguntei sobre a menina que seria Agente Cultural (Comunitário), a Beatriz disse que não deu certo porque a família não quis. Ao sair, enquanto estávamos, na

rua, arrumando tudo o que foi usado, um menino da comunidade, que estava ajudando no mutirão, colocou uma música *funk* no volume bem alto. Beatriz, Ricardo e Bernardo começaram a discutir se música *funk* era educativa ou não, se deveria ser incentivado ou não. A Beatriz e o Bernardo, dizendo que não, o Ricardo, dizendo que sim e que aquilo era parte da cultura desses meninos. A discussão meio que encerrou quando a Beatriz disse que, ali no Ventre Livre, a comunidade teria a oportunidade de ter acesso e ouvir outras coisas. Mas ninguém foi lá desligar o som ou trocar de música.

A Beatriz comentou sobre as reformas que precisam ser feitas na casa do Ponto de Cultura, porém, como o dinheiro está “preso” no banco por causa de documentos da Catarse que estão parados na Junta Comercial, eles vão fazendo o que é possível fazer sem grana. Em seguida chegou o Felipe (ele, assim como eu, achava que o mutirão iria até tarde), conversamos sobre os negros no RS, perguntei sobre uma comunidade quilombola ali da Vila Jardim e ele contou que havia uma pressão de um empreendimento imobiliário da classe alta para os quilombolas saírem do local. Mais adiante soube que era o Quilombo da Família Silva.

O pessoal foi guardando tudo, limpando, devolvendo o que foi emprestado com vizinhos. Desligaram o som. O Bernardo atravessou a rua e deixou o carro aberto. Acho que porque eu estava ali, ele não se preocupou. Conversando com a Beatriz percebi que eles tinham feito o que dava com as pessoas e o material disponível naquele dia e que o mais importante, para eles, foi a movimentação e o envolvimento da comunidade ao redor. Quando estávamos indo embora, já dentro do carro, chegou o Gabriel, achando que o mutirão iria durar mais tempo. [A comunicação nessa cooperativa de comunicação é uma controvérsia: “casa de ferreiro, espeto de pau”?]

Depois do mutirão, até a inauguração oficial do Ponto de Cultura Ventre Livre houve várias atividades no local, mas eu não consegui acompanhar: oficina de foto na lata, pintura da casa, sessão de cinema (com a parede por tela), encontros de pessoas do bairro, oficina de grafite. Conforme consta no *blog*: “Trata-se de um projeto na interface entre cultura e saúde: a cultura proporcionando espaços de diálogo, relativização de discursos e humanização de relações. O foco do projeto do Ponto de Cultura Ventre Livre é a saúde da mulher, em especial, as questões relacionadas à gravidez”.

### 5.2.2 Inauguração do Ponto de Cultura Ventre Livre

Era final de dezembro de 2009. Quando eu cheguei já estava tudo acontecendo: a feira na frente do Ponto, exibição de vídeo lá dentro. As crianças super à vontade. Organizavam os instrumentos. Alguém pegou a câmera para filmar. As crianças pegaram os chocalhos. Alguém fotografava. Quem “organiza” está lá no meio dançando, cantando, tocando. Coordenando e se divertindo. Coordenando? Quem está coordenando? Ah, a gente sabe, mas se alguém chegar, pela primeira vez, não vai saber dizer quem coordena naquele momento. No ANEXO B, consta o material de divulgação do evento.

Havia dentre os materiais de divulgação trabalhos da Catarse e de parceiros, um panfleto do “O Amargo Santo da Purificação” com um fragmento de uma crítica sobre a peça. Um trecho me tocou, guardei no mesmo instante. Diz o seguinte:

...por isso o domínio absoluto nos mínimos detalhes da composição musical variada, densa e lírica na medida dos atos; [...] da costura paciente em crochê [...] ou seja, empresta-se ao fazer teatral um tanto do ofício do artesão.(Fragmento da crítica de Valmir Santos, publicada na Revista Cavalo Louco, nº5 ).

Agora acho que entendo minha preocupação com a escrita da dissertação, que foi sendo percebida à medida que as relações foram se estabelecendo e acontecendo. Cada detalhe precisa fazer sentido e ser cuidadosamente pensado, já que o que eu quero, não é que a minha dissertação seja lida por poucos acadêmicos interessados no assunto, mas que seja lida por quem acredita que é possível fazer diferente. Por quem não está satisfeito com as coisas da forma como estão. Por pessoas que estão na ação, na prática do cotidiano, lutando para mudar o que está ao seu redor e que já é muito.

Nesta festa de abertura do Ventre Livre, houve também o lançamento da Rede Sopapo da qual participa a Catarse, os Pontos de Cultura Ventre Livre, Quilombo do Sopapo e Teia Viva, mais tarde, também, a Banda Bataclã FC. Enquanto aguardavam a chegada de todos os representantes das entidades que participam da rede, uma banda formada por músicos da Catarse e da Bataclã, tocou algumas músicas. O pessoal dançou, filmou e depois que desligaram os instrumentos (guitarra, teclado) as crianças e outras pessoas pegaram os outros instrumentos (pandeiro, chocalho, triângulo, percussão) e bateram sopapo durante

um tempo. Havia um ritmo um pouco “descompassado”, mas ninguém se preocupou, o objetivo era fazer música ou barulho, divertir-se e interagir. A formalização da Rede Sopapo ocorreu com a entrega de um *banner* para cada um e adesivos com os logotipos de todos os participantes. Cada representante colou o adesivo da sua entidade no *banner* do Ponto de Cultura Ventre Livre. A festa não foi até tarde, mas as mulheres da feira de artesanato foram embora antes; guardados os materiais, carregados os equipamentos, nos distribuimos nos carros que havia e fomos continuar a festa na Cidade Baixa (bairro boêmio de Porto Alegre).

### 5.2.3 Sobre o Tambor de Sopapo

O Tambor de Sopapo está na raiz da história do extremo sul do Brasil - desde as charqueadas até o embalo dos carnavais de rua e de avenida da região. No entanto, a partir dos anos 1970, o processo de ‘carioquização’ do Carnaval fez com que este instrumento, de grande porte e construção artesanal, fosse substituído por instrumentos conhecidos como surdos, também de sonoridade grave e com processo de produção industrializado. Como resultado, esteve em vias de extinção, iniciando-se um resgate no ano de 2000 através de iniciativas como o Projeto CABOBU<sup>12</sup>.

Uma rede chamada Rede Sopapo, articulada em torno do instrumento, o sopapo, da Catarse, dos Pontos de Cultura, dos músicos, do Mestre Batista<sup>13</sup>. Junto à Rede Sopapo, a Catarse possui um projeto cujo eixo principal é a construção de um documentário sobre o sopapo. Meses depois, em uma festa, fora da Catarse perguntei para o Guilherme de quem foi a ideia do projeto sobre o tambor de sopapo. Ele virou a cadeira para ficar de frente para mim, chegou perto, olho no olho e disse que teria que voltar para 1999. Que história! Vou ter que pedir para ele contar de novo, e dessa vez, eu gravo e transcrevo. É que, naquele momento, eu não estava pesquisando, estava me divertindo.

---

<sup>12</sup> Extraído do site <http://tambordesopapo.blogspot.com/p/rede-sopapo.html>. Acesso em 10.03.2011.

<sup>13</sup> Mestre Batista é a pessoa a partir da qual a Catarse está resgatando a história do tambor de sopapo – instrumento de percussão - para montar o documentário que fala sobre o instrumento e sobre a história do negro no Rio Grande do Sul.

#### 5.2.4 Projeto Interações Estéticas

O projeto foi aprovado no final de 2009 e previa a utilização do espaço do *Ventre Livre* para tirar algumas fotos de pessoas e famílias do bairro. A Isabela, que é fotografa, não é cooperada, mas já fez trabalhos com a *Catarse* – fazia as fotos e outra pessoa auxiliava. O Enzo filmava – na salinha da frente, a Beatriz comentou que queria um vídeo *“bem solto”*, que ele não precisava colher depoimentos. *“é isso mesmo que estou fazendo”* disse o Enzo. Miguel vestia as pessoas para as fotos; o Ricardo e a Letícia (estagiária da GK) se revezavam, controlando a entrada e as crianças que estavam na frente do *Ventre Livre*, brincando sentadas no chão onde havia um tapete com brinquedos espalhados e música. Sentei ao lado do Ricardo e ele contou que músicos locais que tocaram no Fórum Social Mundial de 2010 (FSM2010), estão organizando um manifesto em protesto à desorganização e à falta de respeito com os músicos e como foram tratados nos shows.

Bernardo chegou logo depois, sentou lá dentro do Ponto, ligou o *notebook* e parecia que iria trabalhar em outra coisa diferente. Depois mexeu em uma câmera filmadora que estava em um tripé. Veio o Enzo e mexeu na mesma câmera. O Bernardo deu uma explicação sobre o funcionamento da câmera, que ela estava ligada. O Enzo disse que havia deixado ligada para filmar as pessoas circulando. O Bernardo tinha desligado. O Ricardo lembrou *“a gente não tá fazendo nenhuma foto... só o vídeo, támo perdendo a chance de registrar, depois não tem o que colocar no site”*. Beatriz corre, pega a máquina fotográfica digital, dessas comuns e começa a fotografar.

Ouvi uma rápida combinação. Enzo: *“nós teríamos uma reunião hoje...”*. Bernardo: *“pois é, mas a gente vai pra Pelotas no carnaval...”*. Enzo: *“então não vai ter o que acertar agora!”*. Bernardo: *“pois é...”*

Houve ainda mais um dia de fotos no Ponto de Cultura, depois um momento de entrega das fotos e convite às famílias para que fossem feitas mais fotos em suas casas.

O produto final desse projeto foi a realização de um catálogo com fotos das famílias feitas no *Ventre Livre* e em suas próprias casas, incluindo, um registro audiovisual, sobre a execução do trabalho. Além disso, algumas fotos foram selecionadas para uma exposição no próprio Ponto de Cultura e que depois,

percorreram outros locais (Pontos de Cultura e Postos de Saúde) que compõem a Rede de Pontos de Cultura e Saúde do GHC (Grupo Hospitalar Conceição, de Porto Alegre).

Durante o período de visitas da fotógrafa às famílias, que aceitaram fazer as fotos em suas próprias casas e contar um pouco da sua história, a equipe da Catarse que acompanhava a Isabela nem sempre era a mesma. Iam conforme a disponibilidade, afinal, as visitas às casas também ocorriam conforme a disponibilidade de seus moradores. Exemplo disso foi o email do Felipe para a lista da Catarse. *“Estamos precisando de alguém para filmar o trabalho da Isabela [...] no próximo domingo. Tem diária para remunerar, mas o valor eu não sei. É preciso confirmar com a Sofia ou Beatriz, que estão no projeto. Alguém disponível e interessado?”* Precisavam de gente para trabalhar no projeto e acertaram tudo por *email* mesmo.

Em meados de junho/2010, já estavam elaborando o catálogo/livro de fotos, denominado “Famílias do Jardim”. Enzo estava articulando a possibilidade da FUNARTE<sup>14</sup> enviar um texto para incluírem no catálogo/livro *“ter a FUNARTE assinando um texto no livro é importante”*. Alguns dias antes do lançamento, Enzo, Gabriel e Beatriz fizeram uma “reunião geral” para ver o que faltava, como estavam ficando as páginas do catálogo... os nomes... quem tinha dado autorização... quem poderia conseguir as autorizações que faltavam. Depois disso, era só mandar para a gráfica imprimir.

A criação artística do catálogo foi quase toda do Gabriel. Felipe, Isabela, Bernardo, Beatriz e Ricardo participaram da elaboração dos textos, que deram bastante trabalho por terem ficado para a “reta final” do prazo do projeto, que foi de 6 meses ao todo. A dificuldade, neste momento, era o prazo para o livro. A exposição será dia 10 de julho, está tudo ok, as fotos estão selecionadas, só precisa ver a estrutura, onde colocar as fotos. A Sofia, que cuidava da produção (produção executiva “oficialmente”), vai conversar com o Gabriel sobre o livro e a gráfica. Beatriz vai começar a trabalhar no vídeo.

No início do mês de julho/2010, Enzo enviou email com a divulgação da inauguração da exposição do Famílias do Jardim (nome dado ao produto final do

---

<sup>14</sup> Funarte - Fundação Nacional de Artes - é o órgão responsável, no âmbito do Governo Federal, pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes visuais, à música, ao teatro, à dança e ao circo e está vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil.

projeto Interações Estéticas). O email informava: *“O Ventre Livre foi transformado em um estúdio durante um fim de semana em que as pessoas da Vila Jardim puderam tirar retratos. Sozinho, com os amigos, com a família. Foram mais de 70 pessoas retratadas pela Isabela... Durante os meses seguintes o Coletivo Catarse, Isabela e Paula visitaram dez lares, registrando o momento do encontro familiar. Foram dias de descobertas...”*

Dia 10 de julho. Sábado à tarde, um pouco frio, nublado, 16horas. Algumas fotos foram ampliadas e expostas nas paredes do Ponto de Cultura. Neste dia, as famílias participaram mais uma vez. Deram depoimentos emocionados... estavam todos muito felizes com o resultado do catálogo. Assistimos todos juntos ao filme com os bastidores... as pessoas riam *“não sabia que tava filmando nessa hora”*, disse uma das pessoas retratada. Antes, a Beatriz e a Isabela deram seus depoimentos sobre o trabalho, bem emocionadas de ver o resultado e ter as pessoas do bairro presentes.

Deu tudo certo. Quase todos os cooperados e outras pessoas envolvidas com o Ponto de Cultura e com a Catarse compareceram. O evento tinha uma *“movimentação agradável”* de pessoas entrando e saindo, olhando as fotos penduradas na parede, folhando o catálogo, comentando, depois vendo filme, rindo, se abraçando, agradecendo... Tinha até canal de TV - TV Cultura RS - filmou, entrevistou, na hora da exibição do filme, foram embora.

Depois do evento de lançamento do catálogo *“Famílias do Jardim”* e da exposição no Ventre Livre, Beatriz e Enzo ficaram de *“guardiões”* dos catálogos. Fizeram uma planilha de distribuição para os demais Pontos de Cultura, e para outras pessoas que ajudaram no projeto ou pessoas para as quais eles tinham interesse de que fosse divulgado o trabalho. Cheguei uma tarde na Catarse, estavam Enzo e Beatriz, na sala estúdio, entre caixas e catálogos, separando e marcando, tirando das caixas, colocando o dvd com o filme e recolocando o catálogo nas embalagens. Sentei com eles, para ajudar a incluir uma *“errata”* de agradecimentos no espaço junto ao DVD dos bastidores do *“Famílias do Jardim”*.

Aproveitaram para fazer uma revisão de *“controle de qualidade”* no material, visualmente. A Beatriz separou vários catálogos que, por mim, não tinham *“grandes”* defeitos. Depois, o Enzo olhou e retirou alguns da pilha de defeitos que a Beatriz havia feito (cor, riscos, cola no meio - esses da cola, eu até percebi). Disseram que mandariam email para lista, explicando a separação que haviam feito e, caso as

pessoas quisessem pegar exemplares, que falassem antes com um dos dois. Não enviaram o email e, dias depois, foram retirados alguns exemplares sem aviso. Então a Beatriz explicou, por email, que além de organizarem (juntamente com o Ricardo) para que a exposição das fotos passasse por outros locais, estavam, também, organizando a distribuição dos catálogos. Aos poucos foram distribuindo o material.

### **5.2.5 Oficina de Audiovisual**

Acompanhei no início de setembro de 2010, o Arthur que ainda não é cooperado e trabalha junto e o Guilherme na Oficina de Vídeo no Ventre Livre. Essa já era a terceira aula. O início estava previsto para as 14h, porém iniciou as 14h30m, aproximadamente. O público era, predominantemente, de trabalhadoras das unidades de saúde do GHC que tinham o objetivo de elaborarem ao menos um vídeo ao longo da oficina para ser exibido nas salas de espera dos postos de saúde.

Iniciaram, assistindo e debatendo os vídeos feitos pelos oficinandos (ou resgatado filmagens antigas) especialmente, para a atividade, a partir de uma solicitação (tarefa) deixada pelo Guilherme no último encontro. Ele ia dizendo o que estava bom na filmagem, perguntando para o grupo o que estava ruim, o que poderia ser melhorado, o que poderia ter sido feito de outra forma e os oficinandos iam respondendo. Logo após, o Arthur apresentou uma metodologia de organização para fazer vídeo (já pensando na “tarefa final”). Ele havia enviado por email o material, mas alguns não receberam. Era o <sup>15</sup>MOC (Modelo de Organização do Conteúdo) e o MOP (Modelo de Organização de Produção), que são formulários que ajudam a “organizar as ideias e as ações”. O Guilherme, então, sugeriu que se reunissem em grupos para montar o MOC, debaterem o tema, porém, antes, fizeram um intervalo. Os oficinandos haviam levado lanches coletivos, além, de chimarrão. Os oficineiros também tinham chimarrão. Chimarrão passou de mão em mão o encontro todo.

---

<sup>15</sup> Material desenvolvido pelo Ponto Brasil. No MOC consta: tema, argumento, objetivos, especificação das ferramentas audiovisuais; e no MOP consta: nomes da equipe e funções, lista dos equipamentos e disponibilidade, agenda das atividades.

Durante o intervalo, Arthur e Guilherme conversaram e, na volta, sugeriram algumas alterações: Guilherme: *“vamos apresentar e listar os temas que vocês querem trabalhar e depois os grupos são formados de acordo com o tema. Pode ser?”*. Alguns ficaram “incomodados”, pois já haviam formado grupo por afinidade, chegaram juntas, sentaram perto, conversam, combinaram coisas. Mas ninguém falou nada (só se olharam). Guilherme também não deu muita “margem” e seguiu (talvez não tenha notado a “contrariedade”).

A primeira pessoa da fila de cadeiras – que estava em formato de U – foi “chamada” para dar sua sugestão de tema. Guilherme: *“pode ser assim?”* vai seguindo a ordem e cada um vai dando a sua sugestão“(…) *“ou pode ser aleatório, mas quem não falar, eu vou chamar. Todo mundo vai falar!”*. E todos falaram. Começou seguindo a ordem da fileira, mas alguns se “intrometeram” e falaram aleatoriamente, sem seguir a ordem, uns falavam mais que outros.

Guilherme ia escrevendo, no quadro branco, as sugestões de temas, agrupando ideias semelhantes. Depois fizeram votação para eleger os temas que serão trabalhados nos vídeos. Cada oficinando votou em três foram eleitos os três temas mais votados; separando-se assim, por tema de interesse, em três grupos: terreiros de umbanda e saúde, bons hábitos de saúde, drogas/*crack* na visão dos usuários. Arthur e o Guilherme não perceberam que algumas pessoas, que haviam votado no tema “intolerância” – que não foi um dos mais votados – e por isso ficaram com o tema “terreiros de umbanda e saúde”, estavam incomodados com a situação. Não sei se não perceberam mesmo ou se não deram importância ao fato.

Definidos os temas, os grupos deveriam então se reunir para debater o tema escolhido e escrever o MOC. Todos se reuniram e o tal “grupo” foi lá para rua, aproveitando que alguns integrantes queriam fumar. Arthur circulou um pouco pelos grupos, mas Guilherme “deixou o pessoal trabalhar”. Com as circuladas nos grupos, Arthur acabou identificando que um grupo estava pulando uma etapa do MOC e que o “tal grupo”, na verdade, queria fazer sobre “intolerância”. Guilherme pediu a atenção de todos, fez os acertos e os esclarecimentos das etapas do MOC e MOP. Por fim, o grupo do tema intolerância decidiu ficar com o tema votado, já que a pessoa que sugeriu, estava no grupo e tinha contatos e várias ideias.

Na aula seguinte (15/09 - quarta-feira), enquanto os oficinandos não chegavam, houve uma rápida troca de palavras entre Arthur e Guilherme sobre o que vão fazer. O pessoal vai chegando... o Guilherme está olhando o teto do Ponto;

ele suspeita de que teriam tentado arrombar ou “preparado” para entrar e roubar o *Ventre Livre*. Tem equipamentos que são do Ponto e que estão lá dentro. Uma das telhas, bem no canto, na parte dos fundos do ponto, está um pouco deslocada. Dias antes houve um temporal, vento forte. Conversando com um vizinho, o Guilherme descobriu que foi o vento forte que deslocou a telha. Aconteceu o mesmo na casa dele e vai aproveitar que vai subir no telhado para arrumar a telha da sua casa e vai ajeitar a telha do Ponto.

Uma das participantes da oficina, enquanto esperava os demais, pegou uma vassoura e varreu o chão. Neste encontro, vieram só dois grupos. Um veio praticamente, com todos os participantes e os que faltaram avisaram que não viriam e do outro grupo veio a metade, sem saber se viriam os demais participantes. Os dois grupos que vieram estão em estágios diferentes: um já está escrevendo as cenas, já pensaram nas locações das cenas, como vai ser o filme; o outro ainda nem agendou as entrevistas. O terceiro grupo não se sabe como está.

Desta vez, o Arthur e o Guilherme deram uma atenção maior aos grupos. Circulavam por perto para ouvir, o grupo chamava para esclarecer dúvidas ou pedir sugestões. A maior parte do tempo, eles sentaram junto para ouvir as discussões, sugerir, orientar, questionando: “*mas como tu vais carregar o equipamento? Isso tem custo*”. Os equipamentos do Ponto de Cultura estão à disposição dos grupos, por exemplo, câmera profissional. O Ponto não tem, tem que alugar da Catarse, a preço de custo. Guilherme e Arthur fizeram poucas sugestões, além de questionarem sobre custos e equipamentos, e fizeram alguns esclarecimentos técnicos: “*é cena ou primeiro plano?*”. Em meio às conversas, eles avisaram que a aula iria terminar no intervalo, pois eles tinham um compromisso [ir ao jogo do Time de Futebol, eu sei!]. Na semana seguinte, não pude ir à aula, então perguntei para Arthur sobre o encontro de quarta-feira da oficina de audiovisual, e ele disse que o terceiro grupo apareceu com as filmagens prontas – fizeram por conta - mas não estavam boas.

Já estamos na segunda quinzena de outubro de 2010, mais um dia de oficina, desta vez só com o Guilherme. Os mesmos dois grupos que comparecem já têm bastante material filmado e apesar de já terem feito muita coisa, percebem que há muito a fazer. Um grupo já está trabalhando na edição de um dos filmes propostos e querem fazer mais de um filme. Neste grupo, enquanto alguns fazem a edição, em um programa específico que o Guilherme instalou no *notebook* de um deles, outros,

montam os slides que serão incluídos no filme, entre algumas cenas. São slides explicativos sobre o assunto central do filme.

O outro grupo olhava várias cenas, filmadas por inteiro, sem cortes, sem edição ainda. Assistiam e comentavam qual era a melhor. Uma das cenas foi transformada para preto e branco e mostram situações “reais” de quem é viciado. Eles já fizeram algumas entrevistas com usuários e profissionais da saúde que atendem dependentes químicos, mas ainda vão fazer mais entrevistas.

Ao final, Guilherme avisou e convidou a todos para estarem no Ventre Livre amanhã à noite para gravação de um clipe de uma das músicas da trilha sonora original do filme “O Grande Tambor”. A essa altura (final de outubro), eu já sabia que o filme não seria lançado em novembro. Ainda estavam gravando imagens, fazendo entrevistas. Daí por diante, os grupos da oficina de audiovisual foram seguindo o seu ritmo para concluir os filmes, contatavam o Guilherme ou o Arthur quando precisam de auxílio. Porém, até o final deste ano, os filmes ainda não haviam sido totalmente concluídos.

### 5.3 O GRANDE TAMBOR

Neste item será apresentado o projeto, brevemente, e depois, o lançamento do filme documentário. O relato do que eu pude acompanhar dos processos de filmagem, entrevistas, edição e outros, aparecem ao longo do texto da dissertação, em vários momentos, pois foi um projeto que se estendeu durante parte do ano de 2009 e quase todo 2010, envolvendo vários atores/actantes em momentos diferentes, em envolvimento diferentes, atravessando diversas atividades. Desta forma, torna-se impossível separar em um capítulo, mesmo porque, eu não consegui acompanhar “de perto” tudo o que foi feito, principalmente, as viagens que a equipe do projeto fez.

Conforme informações, que constam no *site* do projeto, o instrumento sopapo ressurgiu em 1999, com o Projeto CABOBU, idealizado pelo músico Giba-Giba e realizado em Pelotas, entre 2000 e 2001. Através de uma oficina de construção do instrumento, quarenta sopapos foram doados aos músicos participantes, culminando com uma bateria composta por sopapos. A Catarse, em janeiro de 2010, através do

convênio com o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), iniciou o Projeto “Tambor de Sopapo – Resgate Histórico da Cultura Negra do Extremo Sul do Brasil”, que pretende contribuir para a preservação do tambor de sopapo, através de algumas ações como a elaboração de cartilhas e de um filme documentário em longa metragem intitulado “O Grande Tambor”.

Tudo isso mobilizou muitos actantes, além da equipe da Catarse. Levou-os a vários lugares, cidades do sul do Rio Grande do Sul como Pelotas e Rio Grande, estúdios de gravação; lugares que eu não consegui acompanhar pessoalmente; e perpassou por várias ações durante o ano de 2010. Certa vez, na fase inicial da execução do projeto, eu estava lá na Catarse e perguntei para o Ricardo sobre as filmagens, as entrevistas realizadas em Pelotas – com o Mestre Batista - dias atrás. O Ricardo comentou que a questão de gênero, o machismo eram fortes. Ele, Ricardo, tentava sempre incluir nas atividades a Dona Maria, esposa do Mestre Batista, mas o próprio mestre dizia “ não dá... lá só vai homem” e que, realmente, só iam homens, às atividades ligadas ao sopapo.

Apesar de ter uma história que segundo o Ricardo, o Mestre Batista desconversa, de que a saia da Dona Maria serviu de molde para a construção do sopapo, o Ricardo disse que é difícil mudar essas coisas. Ele insistia em sempre chamar a Dona Maria para participar. Na versão final do filme documentário, apresentada em Pelotas, aparecem várias mulheres falando sobre o instrumento, sobre os negros e as negras da região, sobre a religião africana, mas Dona Maria não gravou depoimento.

O filme conta também com uma trilha sonora original. As músicas foram feitas especialmente, por isso, em quase todas as entrevistas realizadas pela equipe, os músicos envolvidos participaram, além de contribuírem nas pesquisas em documentos históricos. Porém, as músicas não foram escritas somente pelos músicos do projeto, algumas “personagens” do filme, pessoas envolvidas com a história dos negros, deram suas contribuições.

As gravações dos depoimentos, de imagens de locais importantes para a história que seria contada iniciaram em fevereiro de 2010, e junto, a criação das composições. Soube, por email, no final de agosto/2010, notícias das gravações da trilha do Sopapo, que estão sob a coordenação do Ricardo, que contou: *“Muitas experimentações, sons bacanas: mar, vento, gaivota... 7 Sopapos tocando ao*

*mesmo tempo. Lino (músico da Bataclã), realizando um ótimo trabalho*". Porém, o Ricardo também, informou que o orçamento da trilha sonora está apertado e ainda faltavam várias etapas a cumprir. Ele apresentou a situação e detalhou o que estava faltando. Até o Lino poderia ficar sem cachê. Bernardo diz que o orçamento estava justo e não havia muito em que mexer. Usar o valor que seria destinado a um Assessor de imprensa extra e a redução no valor da reprodução de DVDs poderia ser uma solução.

Em meio ao processo final de edição do filme e elaboração do material gráfico do projeto, o Guilherme, o diretor do filme, comentou com o Gabriel para conversar com a Beatriz e ver as ideias que eles estavam tendo de tratamento visual do filme: letras antigas, imagens amareladas. O Gabriel disse que já havia passado na casa da Beatriz e conversado com ela, e que o cartaz não precisava ser igual. Haveria reunião sobre a divulgação do filme - equipe de divulgação – mas o Guilherme não participaria, ele afirmou "*não fui convocado*".

Desde setembro de 2010, a Beatriz tem estado afastada da cooperativa para fazer a edição do filme do Sopapo. Ela fica trabalhando em casa – isolada do dia-a-dia da cooperativa. [um bom motivo para não se envolver com as coisas do financeiro]. Na verdade, a sede da Catarse anda meio vazia, mas "O Grande Tambor" segue e vai além da Catarse, além do Ventre Livre, além da Rede Sopapo... Vai com o... e além do fluxo. Perpassou momentos de festa - festa do Prêmio Pontos de Mídia Livre – e momentos de crise – situação financeira preocupante – que serão relatados mais adiante.

### **5.3.1 Divulgação e lançamento do O Grande Tambor**

Início de setembro de 2010 foi divulgado o primeiro *teaser*<sup>16</sup> do filme, – falava sobre o instrumento – e anunciava a estreia para novembro. Enzo divulgou por *email*, com *link* para o *blog* do projeto, que já estava no ar desde fevereiro de 2010 com vários relatos e imagens das visitas a Pelotas e arredores, além de registro de outras atividades relacionadas. Em 22/09, foi divulgado um *teaser* especial – "Guerra

---

<sup>16</sup> Literalmente: incitador. Pequeno trecho do filme documentário que despertava a curiosidade, sem revelar exatamente sobre o que se tratava. Bastante usado na publicidade.

dos Farrapos” que trazia parte da entrevista com Mestre Batista sobre a “traição de Porongos”, um episódio da Guerra dos Farrapos (fato histórico do RS) envolvendo os negros que lutaram pelos Farrapos e que sofreram uma “emboscada”. Ainda estava mantida a data de lançamento para novembro, na semana da Consciência Negra.

Nesse meandro, foram divulgados vários *teasers* com pedaços das entrevistas, nos quais já se podia ter uma ideia da diversidade de assuntos envolvidos com o tambor de sopapo: carnaval, escravidão, preconceito racial, identidade cultural, religião etc. No final de outubro, ainda gravavam a trilha sonora, porém já sabiam que o lançamento não seria em novembro – um *teaser* divulgado no início de novembro não constava mais data de lançamento. No dia 01/11, parte da equipe foi até a Radiocom (rádio comunitária da cidade de Pelotas) para divulgarem o filme e a trilha sonora original. Recebemos por *email*, através da lista da Catarse, a informação sobre a divulgação e apresentação ao vivo na rádio. Felipe responde: “É pelo rádio que a gente fica sabendo onde estão as pessoas da Catarse”!

Houve uma exibição de parte do filme documentário - que não é definitiva ainda - na sala de cinema da Reitoria UFRGS, dia 24 de novembro. Fiquei sabendo por que olhei no *blog* do projeto, na aba "programação" dizia da exibição, mas não recebi *email* algum divulgando, nem constava no *blog* da Catarse ou na frente do *blog* do projeto “Tambor de Sopapo”. [Estranho, depois que alteraram a data de estreia, a divulgação diminuiu].

Não foi praticamente ninguém nesta exibição: só Guilherme, Bernardo, Ricardo e Fernando (músico da Bataclã) que apresentaram, ao vivo, algumas músicas da trilha sonora original, a namorada, uma amiga, a mãe do outro músico que trabalhou na trilha sonora, além de um senhor, frequentador do espaço e que estava passando por lá para ver o que tinha e entrou. Depois da exibição, conversaram um pouco. Sobre o desfile das escolas de samba em Pelotas, Bernardo disse que eles foram lá para filmar o sopapo na Avenida, mas eles não sabiam quando o sopapo iria passar. Ele, Guilherme e Ricardo, cada um com uma câmera, saíam atrás quando aparecia um sopapo.

Na outra semana houve nova exibição de parte do filme no festival PERCPOA (Festival de Percussão de Porto Alegre), dia 04 de dezembro, fiquei sabendo um dia antes, pela Sofia, lá na Catarse, enquanto ela decidia se o ônibus,

que levaria as pessoas de Porto Alegre para o lançamento do filme em Pelotas, sairia domingo de manhã e voltaria á noite, ou se ficaríamos em Pelotas domingo, voltando segunda-feira de manhã. *“tem os Griôs<sup>17</sup>, que são mais velhos, será que não fica muito cansativo para eles, ir e voltar no mesmo dia?”* era a dúvida de Sofia.

Nesta sexta, dia 03 de dezembro, estavam na Catarse, Gabriel, Felipe, Bernardo e Sofia. Felipe contou que fizeram um “primeiro corte” da reportagem sobre a Diversidade Cultural, que eles cobriram no Rio de Janeiro e enviaram para o contratante em Brasília. Eles faziam sugestões e depois mais cortes e ajustes. Trabalhavam: Felipe, Laís, Lucas e Laura com muito material e pouco tempo.

Por volta das 17h, chegou o Miguel para uma reunião com o Bernardo sobre a produção do Sopapo. Bernardo entregou uma lista de coisas: convidar pessoas, divulgar, etc e foi passando uma a uma. Reunião “estranha”, de poucas palavras. Miguel estava envolvido com a produção do grupo de teatro de Santa Catarina que ele participa e que se apresentará em Porto Alegre no mesmo final de semana do lançamento do filme em Pelotas.

A agenda desse grupo de teatro já estava definida antecipadamente, por isso, ele e o Enzo não poderiam ir a Pelotas. O Miguel falou isso como se fosse a primeira vez que estivesse falando que tinha compromisso marcado a mais tempo no final de semana de lançamento e que ele faria a produção das peças de teatro. [estranho]. Pareciam que não se falavam a tempo, que não sabiam exatamente o que os outros envolvidos no projeto estavam fazendo. Aliás, fazia tempo que eu não via o Miguel e nem o Enzo lá na Catarse.

No palco do PERCPOA, sábado, dia 04 de dezembro, havia dois sopapos: um que foi construído em 1999/2000 no projeto Cabobu e outro, que é o sopapo da Catarse, construído pelo Ricardo, Bernardo e Guilherme em uma oficina. Fizeram a exibição de uma “chamada” para o lançamento que será em Pelotas no Theatro Guarany, prédio histórico da cidade e depois, em Porto Alegre, no Cine Bancários ( sala de cinema do Sindicato dos Bancários). Ricardo subiu ao palco para falar um pouco sobre o projeto e contou que as músicas da trilha sonora foram criadas a partir do trabalho de pesquisa para o filme, das visitas, entrevistas, idas a Pelotas e Rio Grande *“no processo de feitura do filme”*.

---

<sup>17</sup> Cidadãos de origem negra que, através da oralidade, transmitem saberes e fazeres de geração em geração. Para saber mais, veja site da Ação Griô <http://www.nacaogrio.org.br>.

O lançamento oficial foi dia 12 de dezembro de 2010, domingo à noite, em Pelotas. A saída do ônibus de Porto Alegre, do Largo Zumbi dos Palmares (local tradicional de encontro de excursões), foi marcada para as 9h, mas era para sair às 9h e 30min, saiu quase 10h. Ricardo veio confirmar comigo o horário. [Como assim?]. Eu só sabia o que constava no *email*. [Ele e o Arthur participavam do projeto e vieram perguntar pra mim? Tudo bem! (risos meus)]. Embarcamos no ônibus: pessoal da Catarse, Mestrês Griôs, amigos e familiares. Alguns foram conversando, sentados em seus lugares, como eu, outros, mais a frente, dormiram e os que ficaram no fundo do ônibus, tocaram músicas durante uma parte do percurso.

Chegamos em Pelotas, perto do meio-dia. Beatriz, Guilherme, Bernardo e Sofia, já estavam lá. Fazia parte da programação: almoçar numa antiga charqueada preservada e depois, fazermos uma visita a outro local, mas a chuva não deixou, então, ficamos na charqueada a tarde toda, até o horário do lançamento do filme. Beatriz comentou que na véspera ainda estavam trabalhando na edição e acertos finais do filme. Trabalharam em torno de 20 horas seguidas e que depois da exibição de lançamento, nessa noite e amanhã, em Porto Alegre, ainda iriam fazer ajustes no filme.

Foram buscar o Mestre Batista, sua esposa Dona Maria e outras “personagens” do filme. Depois de todos reunidos, antes de servirem o almoço, fomos ao pátio central da casa para celebrar, confraternizar, cantar, bater os tambores, filmar, fotografar, guardar na memória: “os negros e seus tambores na casa grande”.



**Figura 1 - Tambores na Casa Grande. Crédito: Patricia De Camillis**

Ao final da tarde, fizemos uma visita orientada pela casa da charqueada. Foi-nos contado um pouco da história do lugar, dos costumes da época, das relações entre brancos e negros. Saímos dali e fomos para a estreia oficial do filme documentário no Teatro Guarany, enfim. O Teatro é uma construção antiga, com lugares de plateia e galerias com camarotes. Na plateia cabe em torno de 500 (quinhentas) pessoas; não estava lotado. Havia, aproximadamente, umas 200 (duzentas) pessoas [pelos meus cálculos]. O local não tem equipamento para exibição de filmes, então o pessoal da Catarse havia levado projetor e *notebook* (só havia equipamento de som no Teatro).

Iniciaram a exibição, com um pouco de atraso e, quase uma hora depois, queimou o projetor. A princípio, não sabiam se havia queimado mesmo. Então mexe daqui, desconecta e reconecta equipamento, as pessoas ficaram um pouco agitadas, “*tá demorando*”, os Mestres Griôs e outros Mestres resolvem subir no palco para tocar e cantar. Muitos aplausos.

Guilherme e Bernardo trocaram o projetor, tudo certo. Seguiu a exibição e vinte ou trinta minutos depois, queimou o segundo projetor. Inacreditável. Algumas pessoas da plateia resolvem ir embora. No meio dos cochichos e da perplexidade, Bernardo fala ao microfone “*pessoal, queimou o segundo projetor... mas a gente*

*trouxe três!*. Muitos aplausos, gritos, quase delírio – quem iria dizer para levar três projetores e quem iria imaginar que os três seriam necessários? Alegria “*é isso aí... não desistimos tão fácil...*”. Terminou a exibição já era tarde da noite. Fortes abraços: felizes, aliviados, cansados, emocionados. Voltamos a Porto Alegre e, conforme a letra de uma das músicas do filme, “*só viu e ouviu quem esteve lá... quem esteve lá*”.

Na segunda-feira, dia 13 de dezembro, foi a estreia em Porto Alegre, no Cine Bancários. A sala de cinema estava lotada e depois da exibição o Ricardo, o Bernardo, o Guilherme e a Beatriz fizeram um “bate papo” com o público, responderam perguntas e comentaram sobre o trabalho relacionado ao filme. A essa altura, eu estava na fase final de trabalho de campo da minha dissertação, já havia decidido que em dezembro eu iria encerrar o campo e algumas falas sobre o processo de elaboração do filme causaram uma identificação direta com o meu processo de elaboração da dissertação. São elas: “*o roteiro (do filme) retratou as nossas descobertas*”.

“*... nós mudamos... mudamos como pessoas*”.

“*... as coisas vão sendo feitas no processo... as letras, as músicas, as descobertas... enquanto processo*”.

“*... tu não sabes a resposta que vem... nós tínhamos algumas referências...*”

Contaram que, em certo momento, eles descobriram que havia uma relação com a religião africana e foram atrás de praticantes. “*o tambor fez a relação para nós... a gente só conta!*”. Guilherme destacou “*o documentarista é, geralmente, o observador, mas nós escolhemos por ser atores... a gente construiu um sopapo*”. [eu diria que construíram um sopapo materialmente e também ajudaram a construí-lo, imaterialmente].

Naquela semana apresentaram ainda o filme no Odomodê e, segundo o Bernardo, foi “especial” pela presença dos Griôs e de várias pessoas envolvidas com a cultura negra.

#### 5.4 REPORTAGENS, COBERTURAS ESPECIAIS – AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Durante o ano de 2010, a Catarse fez diversas reportagens, documentários e registros audiovisuais que não foram apenas divulgadas no *blog*, mas transmitidas pela TV Brasil e por outros *sites* de jornalismo como o Desinformémonos<sup>18</sup> - que divulgou a reportagem sobre o “Quilombo da Família Silva”, localizado em um bairro nobre de Porto Alegre. As reportagens surgem, às vezes, de forma “acidental”, sem pauta prévia definida. Certa vez o Felipe estava com a máquina fotográfica do Gabriel, voltando de outro trabalho e viu uma manifestação na rua, em frente a Prefeitura de Porto Alegre, relacionada à retirada de famílias de um local em função da venda de um terreno do governo do Estado. Tirou fotos, conversou com as pessoas que faziam a manifestação e escreveu a matéria. “*Só queriam ser ouvidos e permanecer onde sempre estiveram*”, expressou o Felipe.

Outro exemplo foi o *email* do Bernardo em 18 de agosto de 2010: “*O fato é que nós fomos convidados para participar da abertura oficial dos Arquivos da Ditadura no Paraguai. Éramos o único veículo do Brasil registrando, fizemos imagens e entrevistas com o Ministro da Defesa do Paraguai e com o coordenador e professor Martin Almada, que estão abrindo os arquivos para a sociedade*”. “*Precisamos fazer este material e por isso precisamos sentar para conversar com urgência hoje, sugiro que seja antes da reunião dos comunicadores pela reforma agrária*”. “*Podemos fazer uma série de quatro reportagens sobre isso e divulgar bastante, pois ninguém deu esta notícia. Quem puder estar às 18h na cooperativa para debatermos isso. Estou montando a primeira reportagem, mas quero debater com os companheiros, como podemos fazer? Estaremos, eu e a Sofia hoje, às 18h na cooperativa, quem pode participar?*”.

Queriam conversar sobre como fazer a matéria, como e o que editar. O Bernardo e a Sofia haviam ido ao Paraguai para cobrir o Fórum Social das Américas (FSA). Durante o evento, fizeram fotos e imagens da marcha de abertura, registraram discursos, além de realizarem uma atividade em nome do Coletivo

<sup>18</sup> TV Brasil: canal de televisão pública, de responsabilidade federal, gerida pela Empresa Brasil de Comunicação. Desinformémonos: portal de jornalismo em língua espanhola (com algumas matérias traduzidas para outros idiomas) e cujo conselho editorial é constituído por pessoas de diversos países. Ver respectivamente: <http://tvbrasil.org.br/> e <http://desinformemonos.org/>.

Catarse “sobre a importância da comunicação livre e da autogestão democrática como ferramentas de mudança social” (conforme postado no *blog*). O Fórum Social das Américas começou dia 11 de agosto. Todas as reportagens de lá, foram postadas no *blog* da Catarse e foi, durante esse trabalho, que eles foram convidados para participar da abertura oficial dos Arquivos da Ditadura no Paraguai.

Na quinta-feira, dia 19 de agosto, de manhã, eu iria à Catarse, Enzo me ligou, pois estava indo na casa da Beatriz e me convidou para ir junto. A Beatriz não conseguia iniciar a edição do filme documentário “O Grande Tambor” por causa da câmera que não “lia” as fitas gravadas. A câmera de minidv (câmera de vídeo que grava em pequenas fitas) não mostrava as imagens no computador e também, não conseguiam salvar as imagens. Ela estava procurando outra câmera – emprestada – para conseguir baixar as imagens para o computador e conseguir iniciar a edição do filme, que ela fazia em casa - isolada.

À tarde, na Catarse, Felipe, Sofia e eu nos reunimos para ver a primeira chamada da reportagem sobre a abertura dos arquivos da ditadura do Paraguai. Eles haviam montado pela manhã e agora iriam enviar para a TV Brasil. Depois nos reunimos para pagar duas contas pela Internet que o Lucas havia enviado por *email* e pedido um auxílio, pois o Guilherme, que estava como responsável pelos pagamentos das contas, não estava em Porto Alegre.

Quem faz reportagem também lava toalhas. Tinha uma pilha de toalhas sujas, juntei tudo e perguntei para a Sofia se ela queria lavar. Ela levou para casa. Eu varri o chão. Tiraram o carpete semanas atrás. Lucas e Felipe começaram tirando uns pedaços, foram vendo que o chão era de parquet e que estava em bom estado, acabaram tirando todo o carpete. Ficou bem melhor, mesmo tendo resquícios da cola. O dono da sala havia dito que tinha pedaços do chão só em cimento, ao tirarem o carpete, estava tudo inteiro.

Houve situações que, por demanda de parceiros, eles montaram algumas reportagens. O Felipe recebeu um *email* dia 29 de outubro e repassou para a lista: *“Recebemos agora pela manhã uma ligação da Patrícia, do quadro Outro Olhar, da TV Brasil. Eles querem exibir vídeos na semana da consciência negra que possam conter, além de denúncias (...)também falar do orgulho de ser negro, orgulho da cultura... Estão propondo este vídeo de dois minutos para um grupo de cada região do Brasil. A ideia na semana é exibir um vídeo por região do país. E estão nos convidando pra representar a Região Sul. Topam?”*.

Toparam. O Felipe avisou alguns dias depois, que estava confirmada a participação e explicou que o quadro “Outro Olhar” exibiria cinco reportagens, de 15 a 19 de novembro, sobre trabalho, educação, cultura e mulheres negras. A da Catarse, que, segundo o Felipe, o pessoal da TV Brasil imaginava que abriria a série de reportagens, seria mais geral, introduzindo o tema da consciência negra e tocando, especialmente, no aspecto do orgulho de ser negro. Desta forma, o parceiro indicou a diretriz para a reportagem e eles montaram o material com o que já tinham, afinal a Catarse está envolvida com as lutas negras e possui muito material a respeito.

Dia 12 de novembro, sexta-feira, cheguei à Catarse e estavam Felipe e Bernardo olhando e conversando sobre o vídeo montado, especialmente para a TV Brasil. Eles estavam regulando o volume da voz dos entrevistados, incluindo os nomes nas legendas, escrevendo os créditos, acertando o momento de corte das imagens. O vídeo deveria ser de dois minutos, mas eles montaram de três minutos. Bernardo: *“eu acho que a gente tem cacife para bancar um vídeo de três minutos”* (falou rindo, pois sabia que a orientação era diferente). Ele havia conversado com alguém da TV Brasil para terem um vídeo de três minutos, mas não haviam liberado, porém, ele e Felipe estavam fazendo, mesmo assim. Felipe disse *“é uma colagem de vários materiais”*, explicando que haviam usado partes de gravações e depoimentos de vários outros trabalhos e registros, inclusive do filme “O Grande Tambor”.

Estavam com dúvidas sobre os nomes de algumas pessoas que apareciam falando na reportagem. Quem sabe o nome dessas pessoas? Ninguém tinha certeza. Bernardo: *“vai assim mesmo, se não for esse o nome e alguém reclamar a gente corrige”*. A fala da pessoa era importante, falava o quanto o terreiro de umbanda representa a África para quem foi tirado da sua terra. Deixa a fala. Quando foi ao ar a reportagem, a TV Brasil editou o vídeo para deixá-lo com dois minutos. No *blog* da Catarse foi postado o original, com três minutos.

Vi em cima da mesa a Revista da Descentralização, trabalho grande de reportagens e montagem da revista, feito pelo segundo ano pela Catarse para um setor da prefeitura de Porto Alegre. *“Ficou mal impressa”*, disse Felipe. Fui olhar e folhar a revista, não consegui identificar qual o problema de impressão. Peguei a revista do ano passado para comparar, era o mesmo tipo de grampo do meio, mesmo tamanho, só a “cara” da revista era outra, muito mais bonita. Não descobri

qual o “defeito”. Ao telefone Felipe falava com a Beatriz sobre os problemas da revista, *“precisamos fazer uma conversa(...), aliás precisamos falar sobre as nossas coisas(...) ninguém cumpre mais os horários, exceto a Patricia [eu estava toda semana lá]. A Catarse está abandonada”,* e continua *“... a gente não se fala quando vai viajar (...) quando eu estou aqui, o telefone toca umas 10 vezes...!”*.

Eu também notei que a Catarse estava abandonada, fazia tempo. Parece que as pessoas “desistiram ou cansaram” de ir à sede, ou porque estavam ocupadas com trabalhos fora, ou viajando. A sensação que me causava era de abandono mesmo.

Quando o Felipe desligou o telefone, perguntei qual era o problema com a Revista. Aí ele “desfilou” uma série de defeitos: fotos escuras, fotos claras demais, riscos, cores erradas, fotos com texturas ruins... [Eu não tenho “olho” para ver tudo isso]. Além disso, no projeto original, segundo o Felipe, havia uma página preta com um texto sobre a censura que eles sofreram com relação ao conteúdo da revista, que foi substituída por uma folha branca; por fim, a Catarse não recebeu a “prova” da gráfica para aprovar a impressão, só receberam a versão final depois que todos os exemplares já haviam sido impressos.

Muitos dos trabalhos jornalísticos vieram de contatos feitos em algum encontro ou evento. O Lucas, a partir de um contato iniciado em um encontro que ele participou, recebeu o convite para um trabalho, a ser feito pela Catarse, de registro audiovisual de um grande evento. Ele elaborou um orçamento e em 24/08 recebeu o email de “aceite”. Entre o convite, o orçamento e o aceite foi pouco tempo. Era um “trabalho grande!” para o registro do Encontro da Diversidade que aconteceu no Rio de Janeiro. A viagem aconteceria entre os dias 03 e 07 de setembro.

Lucas comunicou por *email*: *“Vamos precisar de 7 pessoas na equipe, 2 câmeras, 2 repórteres, 2 operadores de som e 1 editor lá no local; depois a equipe de edição e montagem do vídeo será de 2 pessoas + trilha original - (...) já manifestaram interesse: Lucas [câmera], Laura [câmera ou repórter], Felipe [repórter] e Laís [editora no local]. Precisamos nos encontrar com urgência. Proponho amanhã pela manhã, na Catarse, 10h. A equipe precisa ser definida o quanto antes, para enviarmos os dados pessoais para emissão dos bilhetes e reserva em hotel”*. O valor da remuneração era bom, mas ele foi avisando: *“É um trabalho bem importante, em que o pessoal da Secretaria está botando fé na gente. E que vai ser puxado, de muito envolvimento da equipe, pois serão muitas*

*atividades que ocorrerão em ritmo frenético e simultaneamente (...) será preciso que a equipe saia daqui bem preparada para o que vai buscar, ou seja, vamos precisar de uns dois dias de pré-produção, então, a agenda de trabalhos prevista seria de 1º a 7 de setembro”.*

Depois desse *email*, fizeram algumas reuniões para conversar e definir as ações para esse trabalho. Durante o evento, foram postados, no *blog* da Catarse, vários vídeos feitos lá no Encontro da Diversidade. Além de cuidar do trabalho de cobertura jornalística em si, precisavam ainda pensar no financeiro da cooperativa. Foram para o Rio de Janeiro com uma nota fiscal de 50% do trabalho sem data preenchida, pois naquele momento, ainda estavam com pendências de documentação. Trabalho (jornalístico) e trabalho (financeiro). Foram para o Rio: Lucas, Laura, Felipe, Laís (não é cooperada, mas já fez vários trabalhos com eles), Sofia e Bernardo e Arthur. Soube que trabalharam muito e que reuniram uma grande quantidade e diversidade de material sobre manifestações culturais no Brasil.

O material foi editado a quatro mãos, segundo Laís, eu quase não acompanhei esse trabalho de edição. Lucas e a Laura fizeram no computador da casa deles junto com Laís e Felipe. Foi o Lucas quem “coordenou” o trabalho, quem fez o contato inicial, negociou prazos e também foi a Brasília discutir uma ideia de filme com as pessoas que os contrataram.

Existem ainda muitos trabalhos que surgem a partir de uma identificação da Catarse com uma causa/um movimento (sem-terra, quilombos, preservação ambiental, índios, etc), dos contatos com as pessoas. Quando acontecem alguns eventos, os parceiros, geralmente de movimentos sociais, chamam a Catarse para fazer a cobertura jornalística ou eles vão por iniciativa própria. Foi assim, em junho de 2010, com a Assembleia Quilombola que o Felipe cobriu. No *blog* da Catarse foi feita uma postagem avisando da Assembleia e, logo abaixo, foi postado diversos *links* de outras reportagens feitas pela Catarse sobre os quilombolas e sua luta por reconhecimento. Todas feitas de maneira voluntária, por defenderem e acreditarem na causa, conforme próprio texto da postagem: “O Coletivo Catarse apoia a defesa dos quilombos e a permanência dos quilombolas em seus territórios tradicionais”.

Para realizarem os trabalhos jornalísticos, relacionados à comunicação, as situações são diversas. Às vezes, conversam à respeito do que seria filmado, vê-se qual equipamento estará disponível, discute-se quem vai, quem filma, conversam sobre o material, editam e postam no *site* ou enviam para outros veículos,

conseguindo realizar o trabalho de forma “mais” planejada com antecedência. Em outros momentos, isso não acontece; as oportunidades surgem e eles aproveitam, usam o que têm em mãos para fazer o registro. Entretanto, percebi que existe algo que eles não abrem mão: executar trabalhos com os quais eles se identificam.

Entretanto, existem alguns “trabalhos chatos, burocráticos” que, geralmente, ninguém quer fazer: controlar as contas, atender ao telefone e limpar a sede. Mesmo eles admitindo que tudo isso faz parte do trabalho, as pessoas precisam “ser chamadas” a cooperar. Neste ponto, não se trata de ser um trabalho mal remunerado, é algo que faz “perder tempo”.

## 6 AS REUNIÕES DE SEGUNDA-FEIRA

Em vários momentos, durante o meu convívio com a Catarse, especialmente no primeiro ano, houve falas, referindo que as pessoas estão “cada um por si” ou fazem trabalhos/atividades/projetos mais ligados aos seus interesses, sempre de acordo com os princípios do coletivo, sem que envolvam o coletivo. Agilizam e trabalham em prol de atividades próprias e não são capazes de abrir mão de coisas em prol do coletivo. Já havia certo “tom” de descontentamento de alguns com relação à organização dos esforços, como se cada um “puxasse para um lado”, mesmo sem querer. Entretanto não percebia uma competição, uns contra outros, apenas não estavam trabalhando juntos, desta forma, a noção de coletivo e a força ficavam enfraquecidos. Tudo isso levou a Beatriz a convocar uma reunião. Foram praticamente todos os que estão mais ativos na cooperativa.

Na primeira reunião administrativa estavam presentes: Beatriz, Enzo, Sofia, Bernardo, Miguel, Ricardo, Felipe, Gabriel, Lucas. Faltaram: Guilherme, Laura (companheira do Lucas) e Antônio. A grande questão da reunião foi: *“precisamos nos organizar melhor e planejar; cada um está trabalhando sozinho, decidindo sozinho, ninguém sabe direito o que está acontecendo na Catarse. Quem cuida do financeiro/administrativo está sobrecarregado”*. Quem mais falou sobre essas questões foi o Bernardo, com intervenções da Beatriz, da Sofia e do Enzo. Entretanto, os demais presentes também relataram a necessidade que sentiam de se organizar, de ter objetivos, de não decidirem as coisas sozinhos, de saber o que os outros estão fazendo e articularem trabalhos juntos.

O Lucas e o Felipe contaram sobre um evento que participaram no qual um jornalista (talvez) do Rio de Janeiro conversou com eles e fez questão de falar sobre a importância de se organizar e de se planejar para um coletivo como eles. O Felipe relembrou a experiência da outra cooperativa, a Coomunica, que existiu antes da Catarse, mas não existe mais – e que ficou muito grande, muito engessada, onde as pessoas tinham ideias opostas e brigavam e “trancavam” o trabalho dos outros. Falaram do medo de que isso ocorresse com a Catarse. Em outra conversa, dias atrás, entre eu, Bernardo e Felipe, já havíamos falado sobre isso, em não “burocratizar”, não engessar a estrutura administrativa da Catarse. Eles também reforçaram que a Catarse não pode deixar de fazer os seus trabalhos autorais e

trabalhar para quem acreditam. O Felipe lembrou ainda que a experiência da Coomunica foi tão marcante que, quando eles fundaram a Catarse, eles não queriam, de jeito nenhum, que a situação se repetisse, então foram, conscientemente, para o extremo de total liberdade e nenhum planejamento.

A proposta apresentada pelo Bernardo, Sofia, Beatriz e Enzo de fazer um Planejamento Estratégico da Catarse (PE), estruturado, ainda esse ano, para planejar o próximo ano; fazendo uma imersão total, ou seja, sair do ambiente de trabalho e só pensar no planejamento, foi bem aceita por todos, pois sentem necessidade de se organizar e de se planejar. Então, a Beatriz pegou a agenda, com calendário, para marcar a data. Segundo a Beatriz, a Sofia e o Bernardo, precisariam de, no mínimo, três dias isolados. Sobrepondo as agendas, compromissos adiáveis ou canceláveis, marcaram os dias 14, 15 e 16 de dezembro de 2009. Sofia e Bernardo disseram que deveria ser montada uma equipe para organizar a realização das atividades para o PE, pensar na estrutura e no que seria feito. Foi quase unânime – até óbvio – que os três (Beatriz, Sofia e Bernardo) fariam parte da equipe, o que me deixou um pouco surpresa, foi o fato de a Sofia dizer que eu deveria fazer parte também “se eu quisesse” [era óbvio que eu queria]. Todos concordaram. O Enzo e o Miguel se ofereceram para participar e fechou a equipe. Fiquei feliz e realizada com a minha “convocação”, pois mesmo eu me sentindo bem recebida no grupo, o fato de partir deles a iniciativa de me convidarem por acreditar que eu posso colaborar com o trabalho fez com que eu me sentisse participando “mesmo” do coletivo.

Combinaram também de fazer sempre esse tipo de reunião, que deveria tornar-se uma rotina. Todas as segundas-feiras, pela manhã, fariam a reunião para informar o que estava sendo feito, os projetos, conversar sobre o que achassem necessário no momento. A partir de então, passou-se a fazer a reunião administrativa todas às segundas-feiras às 10h; sem muito atraso para iniciar, sem horário certo para terminar e sem pauta previamente definida. A Beatriz ou o Enzo, no início, anotavam o que ficava pendente da reunião anterior e apresentavam na seguinte, mas cada um traz a sua pauta: o que quer discutir, apresentar, informar, perguntar. E sempre tinha pauta, ela só não era pré-definida. Quanto aos participantes, nunca se sabia, ao certo, quem viria; a combinação foi que todos viessem, mas nem sempre isso ocorria. Algumas vezes avisavam que não viriam,

pois tinham outros compromissos, outras, chegavam atrasados ou não vinham. Nunca vi ninguém cobrando: *“por que tu não veio na reunião?”*.

Na segunda reunião administrativa, a ideia era cada um atualizar os demais sobre as suas atividades e projetos em andamento ou previstos. E todos falaram, quando “fugiam” do assunto a Beatriz e/ou Sofia e/ou Enzo chamavam de volta. A Sofia comunicou sobre o projeto do Sopapo, aprovado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cujas ações iniciariam em janeiro de 2010 e o dinheiro entraria antes, em dezembro, e que precisam incluir o movimento negro (incluir é convidar para participar). Falou sobre o Projeto Interações Estéticas, ligado ao Ponto de Cultura Ventre Livre, que iniciaria também em janeiro e teriam uma reunião com a comunidade do local. Ela e o Bernardo falaram da parceria com a Capina para trabalho em audiovisual. A Catarse gravou e editou o DVD sobre o curso de Autogestão Democrática da Capina do qual Sofia, Beatriz e Bernardo participaram. Comentaram sobre uma Audiência Pública que ocorreria na Câmara de Vereadores de Canoas (cidade da grande Porto Alegre) para discussão à respeito do monopólio de uma emissora de rádio e tv no Estado. Precisavam decidir o que fariam, o que diriam. Quem vai é o Felipe, o Guilherme e o Bernardo. Por fim, tratou-se sobre o projeto para Revista do Coletivo. Há um edital aberto para revistas. Queriam fazer uma nova proposta e o Felipe sugeriu: revista de arte engajada, pois a Catarse fez durante um tempo uma revista chamada Bodoque.

O Guilherme ficou sentado de fora da roda da reunião, fez alguns comentários e quando ele foi “chamado” para marcar uma reunião à respeito de um projeto, ele disse que era para esperar um pouco, pois ele estava “vendo algumas coisas” e que tinha umas ideias. O pessoal do projeto insistiu dizendo que “todos têm ideias” e que tinham que alinhá-las. Falaram e justificaram bastante, mas ele não quis marcar a data. O pessoal “aceitou”, com cara de quem não gostou. Mudaram de assunto e não marcaram a data. Ele demonstrou uma posição bem intransigente e diferente dos demais, de não querer compartilhar, como se estivesse “fincando o pé” de que tem trabalhos que vai fazer do jeito dele. Diferente do Gabriel que, às vezes parece ficar mais de fora, mas não impõe resistência ao que o grupo decide ou solicita, ele participa quando é chamado para decidir ou opinar.

## 6.1 CATARSE NA AUDIÊNCIA PÚBLICA EM CANOAS

Os participantes dessa reunião eram: eu, Enzo, Beatriz, Sofia, Bernardo, Felipe, Antônio e Guilherme, e a discussão principal foi em torno de como a Catarse iria se posicionar na audiência pública que ocorreria dia 25 de novembro de 2009, contra uma emissora de tv e rádio. O Guilherme e o Antônio eram os mais exaltados e mais “radicais” no sentido de que queriam que a Catarse assumisse uma posição mais firme e de denúncia. Os demais estavam mais cautelosos, com receio quanto a um processo judicial por parte da emissora, que o discurso tinha que ser muito bem pensado e preparado, que não se pode falar nada sem provas.

O Guilherme caminhava de um lado para outro na sede e ao redor da mesa da reunião, ficou em pé praticamente o tempo todo; ele só entrou na conversa mesmo quando se falou da emissora. Antes ele não estava participando da reunião. Eu fiquei preocupada com a situação, pois o Guilherme e o Antônio pareciam não considerar o fato de que qualquer coisa que fosse dita na audiência pública pudesse ser usada contra a Catarse. Eu tentei expressar, da forma mais cautelosa possível, que concordava com o Bernardo: tem que se posicionar, mas com muito cuidado para não sofrer retaliações posteriores. Foi um momento bem delicado da discussão, a Beatriz fez um comentário de que não podíamos ser subjetivos ao falarmos qualquer coisa na audiência. Antônio não concordou e se exaltou um pouco, afirmando que falar de fatos não é ser subjetivo. Essa parte da reunião foi bem tensa. Ninguém baixou o tom de voz, não estavam gritando, mas o tom era mais alto que o normal e ninguém mudou sua opinião, ao menos não declaradamente, todos mantiveram seus posicionamentos e decidiu-se que o Bernardo escreveria um discurso e que passaria para os demais avaliarem. Quando se trata de discutir sobre posicionamento político, o Guilherme parece se exaltar mais.

Depois disso, eu não recebi nenhum *email* com o tal discurso, mas também não fui à Catarse mais naquela semana e não falei com ninguém para perguntar o que aconteceu depois. Na semana seguinte, quando perguntei para o Bernardo sobre a audiência, ele me disse que foram (ele, Guilherme e Felipe) com um discurso preparado, porém, conversando com o procurador responsável, perceberam que ele era “*dos nossos*” e queria “*provocar discussão na sociedade*”, assim, a Catarse recebeu “carta branca” para falar.

## 6.2 NOVA INTEGRANTE E AS MULHERES

Agora a Catarse tem uma pessoa que está ajudando na atualização do *blog* e passou a participar das reuniões. É a Lia, que já trabalha com mídia alternativa. Combinou-se também, de ela organizar a lista de *email* da Catarse, para isso, as pessoas teriam que passar seus contatos. A Sofia vai ajudá-la a fazer isso.

Desta vez, na reunião, ficou por último uma revisão e esclarecimentos à respeito da planilha de prestação de contas, que deve ser entregue ao final de cada mês. Quem falou desta parte foi o Guilherme, que até aquele momento estava meio “de fora” da reunião, estava no *notebook*, trabalhando em alguma outra coisa. Eu não pude ficar até o fim da reunião, porém, até onde eu participei, ele estava dando exemplos de preenchimentos errados e o que se escreve em cada campo da planilha. A Lia foi embora junto comigo.

Na reunião anterior ao Planejamento Estratégico, eu cheguei, junto com a Bia – nos encontramos lá embaixo – estava a Beatriz, a Sofia, o Gabriel. A Beatriz olhou para nós todas e disse para o Gabriel “*olha só, isso é inédito aqui na Catarse!*”. O Gabriel respondeu, na hora: “*as mulheres estão em maioria!*”. Demos boas risadas com isso e a Beatriz parecia feliz com o fato.

A reunião começou com o relato da Beatriz sobre o encontro do Congresso de Medicina Familiar em que representantes de todos os pontos de cultura ligados ao Grupo Hospitalar Conceição (GHC) estavam presentes. Ela contou que o legal mesmo foi a articulação entre o pessoal dos Pontos. Fizeram um samba (letra e música), combinaram ações articuladas; pois no congresso em si, eles se sentiram mais como “palhaços”, no sentido de artistas para distração dos médicos, do que alguém que está trabalhando, também, em prol da saúde, atrelado à cultura, além de serem “usados” como “propaganda política”. É o Ponto de Cultura Ventre Livre ligado a outros pontos.

A Lia comentou que está escrevendo um projeto para a Escola do MST e o Guilherme está ajudando. Parece que a Escola não tem muito dinheiro para investir e será mais um projeto que Catarse vai fazer por acreditar na causa. Por fim, a Beatriz comentou que estava organizando a videoteca da Catarse, me ofereci para ajudar, ela disse que aceitava, só iria ver como fazer.

Por várias vezes, durante essa reunião, se comentou sobre alguns problemas na cooperativa e alguém falava “*isso nós vamos tratar no PE*”, “*ah! esse PE vai ser a solução de todos os nossos problemas*”, “*a vida da Catarse vai ser marcada pelo antes e depois do PE*”.

## 7 O PLANEJAMENTO DO PLANEJAMENTO.

Chego à sede, cumprimento a todos com beijos. Sempre me recebem com sorrisos e me sinto à vontade. O Gabriel e o Adel (amigo de infância do Gabriel que também trabalha com arte gráfica e o está ajudando) estavam na sede, mas não participaram. Houve, na semana anterior, uma primeira reunião, só para tratar da preparação das atividades em função do Planejamento Estratégico (PE), quando começamos a acertar algumas coisas, e não conversamos mais à respeito. Sentamos na área externa maior: eu, Miguel, Beatriz, Bernardo e Enzo. A Sofia estava doente. O Miguel apresentou um passo-a-passo mais resumido por dia, que foi feito por ele e pela Sofia, a partir do documento de Planejamento Estratégico (PE) que eu havia organizado com material que o próprio Miguel havia apresentado na primeira reunião. O Miguel ia lendo e íamos discutindo os pontos e decidindo quem faria o quê. Bernardo falava da análise econômica e política e sobre o cálculo de ponto de equilíbrio.

Eu falei de duas coisas que, para mim, eram muito importantes. Primeiro, à respeito do quadro geral de trabalhos em andamento e projetos aprovados. A Beatriz disse que isso já tinha mais ou menos pronto. E segundo, sobre algumas regras – que eu havia chamado de políticas – comuns a todos na cooperativa. Dei um exemplo: o Gabriel comentou em uma reunião que alguém queria entrar na cooperativa e o Guilherme falou que “não era bem assim”, que a pessoa tinha que estar trabalhando com eles há um tempo, ter convivência, afinidades, etc. Então eu pensei que seria bom ter regras bem esclarecidas. Todos concordaram. A Beatriz levantou, pegou a máquina fotográfica, voltou, sentou, e ficou tirando fotos nossas. Depois ela disse que se tinha uma coisa que estava bem clara na cooperativa era com relação à entrada de novos cooperados devido ao que eles haviam passado na cooperativa anterior, porém, de qualquer forma, ela considerava importantes essas definições. A máquina fotográfica depois passou para o Enzo, que olhou as fotos e tirou mais outras fotos, depois veio o Gabriel que também olhou e tirou fotos. Enfim, a máquina estava lá participando da reunião. Depois falamos sobre o que levar: material, comida, bebida. Quem fica na cozinha, o que fazer, quantas refeições, de que tipo, quantas latas de cerveja. Aqui a coisa já ficou mais descontraída do que já estava. A essa altura já tinham acendido um incenso. A Beatriz e o Miguel

combinaram de ir no sábado. Eu combinei de ir de carona com o Bernardo na segunda-feira. Terminamos a reunião e fomos todos embora juntos da Catarse.

Nesse dia, à tarde, eu havia saído de uma aula muito chateada, pois participei de um trabalho em grupo no qual tentamos fazer algo diferente, e não fomos “aceitos” pelos colegas e professora. Quando eu cheguei à Catarse, conversei com o pessoal, fizemos a reunião, eu deixei de lado todas as minhas indignações pelo ocorrido à tarde, tamanho é o envolvimento e a importância de que estar com eles e o que eles significam. Eu sempre saio de lá, de alguma forma, mexida, transformada e com novo ânimo. Porque eles são assim: envolvidos, comprometidos, o trabalho deles tem uma razão de ser que vai além de se manter, financeiramente.

Na última reunião, antes do PE, a partir do que eu havia feito, eles fizeram um pouco mais resumido ainda; com esse documento, nós fomos revisando cada etapa e definindo o tempo, o processo, a ordem de cada coisa. Dividimos algumas responsabilidades sobre quem faria o quê na “coordenação” do PE (explicações, orientações, esclarecimentos). Fiquei com a função de esclarecer sobre “negócio, missão e visão”. Foi o que achei que ficaria mais à vontade em apresentar. Falei, novamente, sobre mostrar visualmente os trabalhos que estão em andamento ou que vão iniciar (os aprovados), no documento que eles elaboraram não tinha isso. A Beatriz disse que iria fazer uns cartazes; a Sofia comentou da planilha que ela tem com os projetos [eu sabia que ela tinha isso organizado em planilha Excel]. Todos concordaram que era importante.

Houve divergências em definir quando deveria ser feita avaliação do encontro do PE: uns queriam durante, outros depois, surgiu a questão de que poderia ser espontânea, outros entendem que deveria ser estimulada. Discutiu-se também a metodologia, se seria em cartazes, mais visual. O Bernardo achou que poderia “inibir” as pessoas. Todos deram exemplos, apresentaram suas opiniões sobre o assunto e então, decidiu-se em fazer ao final do encontro, admitindo-se que talvez pudesse não “funcionar”, que o grupo fizesse de forma espontânea. Nem tudo era possível prever.

Estavam na reunião: Enzo, Beatriz, Sofia, Bernardo e eu; o Gabriel estava trabalhando e o Guilherme também, o Guilherme interferiu várias vezes com piadas, brincadeiras. Andava em volta da mesa que estávamos sentados. Momentos de descontração: “*eu não vou... vou ficar na cozinha*”. (Risos). De repente uma fala do Guilherme: “*a Catarse tem cinco anos, vocês vão apagar tudo? (...) tenho oito anos*

*de cooperativismo, vocês vão apagar tudo?*. Bernardo respondeu na hora: *“claro que não! Aliás, tu tinhas que estar sentado aqui junto, mas tu não que!”*. Não se falou mais no assunto. Quando eu cheguei naquele dia, o Gabriel estava finalizando algum trabalho e o Guilherme perguntou se estava tudo certo, o Gabriel disse que estava “se enrolando” com uma parte. Então, Guilherme foi até lá e ajudou-o no que faltava. Ele também está ajudando a Lia com um projeto para a Escola do MST. Por que ele não ajuda na elaboração das atividades do PE? Esse foi o único momento “sério”, o diálogo foi entre Guilherme e Bernardo e ninguém se meteu.

Combinei com a Beatriz que eu poderia ajudá-la com as compras de material para o PE. Combinamos de fazer isso na quinta-feira. Fazendo a lista de quem vai. Eu me lembrei da Lia, mas a Beatriz disse que achava que ela não iria, devido a algum problema. A Sofia ficou de passar a limpo tudo. O Bernardo faria a apresentação inicial sobre análise de conjuntura. Levantamos a hipótese de haver mais uma reunião antes do fim-de-semana, mas não ficou nada combinado. Saí de lá com a impressão de que faltava fechar alguma coisa. Mas, vamos ver no que dá.

## 7.1 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA CATARSE/2009.

Na quinta-feira (11/12/2009) passei na Catarse, pois havia combinado com a Beatriz que nesse dia eu poderia ajudá-la a comprar os materiais para o Planejamento Estratégico (PE). Cheguei lá não havia ninguém. Mais tarde, telefonei para Beatriz, ela me disse que não conseguiria fazer isso naquele dia, mas que eu não me preocupasse, pois ela compraria tudo na sexta-feira. No sábado, combinei com o Enzo o horário do ônibus que pegaríamos no domingo. Depois ele me ligou dizendo que iria de carona. No domingo, a Beatriz me avisou que o Guilherme iria de carona com o pai dele e que eu poderia ir junto. Liguei e combinamos de ele passar lá em casa.

Quando chegamos ao sítio, domingo à noite, já estavam a Beatriz, o Miguel, o Enzo e o Ricardo. O sítio pertence aos pais da Beatriz. O Miguel já havia preparado comida para facilitar o almoço e o jantar dos próximos dias, também já tinham feito as compras previstas de alimentação. Conversamos sobre o cardápio que o Miguel planejou, sobre o lugar, se faltava alguma coisa para as atividades dos próximos

dias. Levaram um rolo de papel pardo, fita crepe, folhas A4 coloridas, canetas, impressora, filmadora, máquina fotográfica, *notebook* e HD externo, comida, bebida, incluindo cerveja, porém não havia *chek-list*: “*se faltar algo, dá-se um jeito*”. Jantamos e dormimos cedo. No outro dia, a Sofia, o Bernardo e o Gabriel vieram de carro. O Lucas e o Felipe, de ônibus, bem cedo. O Antônio veio à tarde de ônibus, também.

Começamos no horário combinado. A Sofia apresentou o cronograma das atividades, elaborado por ela depois da última reunião preparatória do PE. A Beatriz falou sobre as equipes de cogestão. Cada um escolheu em que equipe queria ficar, combinou-se apenas de que seriam alteradas e fomos para primeira parte do PE: análise de conjuntura.

#### **Equipes de cogestão do PE:**

Infraestrutura: Patrícia, Guilherme, Felipe, Lucas, Enzo e Beatriz. Éramos responsáveis pela organização dos materiais, pela limpeza e refeições.

Registro: Miguel, Gabriel e Ricardo: filmar, fotografar e anotar.

Coordenação: Sofia e Bernardo: acompanhar o andamento do trabalho.

Eu me incluí na de infra-estrutura, alegando que não sabia fotografar nem filmar. O Miguel pegou papel e caneta para anotar; Ricardo pegou a câmera filmadora. As fotos foram sendo feitas aleatoriamente, volta e meia eu via o Gabriel com a máquina fotográfica na mão, além dos desenhos que ele ia fazendo também. Pegava uma prancheta e ia desenhando o pessoal.

14/12	15/12	16/12
09:00 as 09:30 – apresentação 09:30 as 10:30 – análise de conjuntura 10:30 – intervalo 11:00 as 11:30 – discussão nos grupos 11:30 as 12:30 – plenária	08:00 as 09:00 – unificação dos conceitos para Análise da Fofa 09:00 as 10:00 – plenária para construção dos fatores da FOFA 10:00 as 10:30 – intervalo 10:30 as 11:30 – discussão nos grupos para análise da FOFA 11:30 as 13:00 – plenária	08:30 as 09:30 – avaliação 09:30 as 10:00 – unificação dos conceitos do Planejamento Estratégico (objetivos) 10:00 as 11:00 – discussão nos grupos 11:00 as 11:30 – intervalo 11:30 as 13:00 – plenária
<b>Almoço</b>	<b>Almoço</b>	<b>Almoço</b>
14:00 as 14:20 – unificação dos conceitos para Definição de Negócio 14:20 as 15:30 – discussão dos grupos 15:30 as 16:30 – plenária 16:30 as 16:40 – dinâmica 16:40 as 17:00 – intervalo 17:00 as 17:20 - unificação dos conceitos para definição de Missão e Visão 17:20 as 18:20 - discussão dos grupos 18:30 as 19:30 – plenária	14:00 as 14:20 – unificação dos conceitos para análise de Viabilidade Econômica 14:20 as 15:30 – construção coletiva para análise de Viabilidade Econômica 16:00 as 16:30 – intervalo 16:30 as 16:40 – dinâmica 16:40 as 19:00 – plenária	14:00 as 14:20 – unificação dos conceitos para planejamento Operacional (metas) 14:20 as 16:00 – discussão nos grupos 16:00 as 16:30 – intervalo 16:30 as 16:40 – dinâmica 16:40 as 19:00 – plenária 19:00 as ??? – churrasco e festa.

**Quadro 1 – Cronograma das atividades do PE**

**Fonte: Documentos da Catarse**

**Análise de Conjuntura** foi apresentada pelo Bernardo, falando e olhando, às vezes, o *notebook* (devia ter anotações). Falou sobre crise econômica e o que teria contribuído para o desfecho da “crise mundial”: o dólar tornou-se lastro, o falso crédito, endividamento da população com superfaturamento de imóveis. Na visão do coletivo, existem subterfúgios para que a máquina capitalista continue funcionando; o capital não tem fronteira, é volátil e não se identifica facilmente o dono do dinheiro. O capital material hoje não é mais a base da economia, e sim, o capital circulatório. Não está mais centrado no material, mas, no imaterial.

O coletivo entende que a Catarse está na “margem”. Que brechas podem surgir? Essas brechas servem para a sociedade respirar, para não haver uma explosão. Deram o exemplo do jornalista que, de vez em quando, consegue publicar uma matéria pequena conforme pauta sugerida por ele, as demais são conforme o editor ou diretor quer. As brechas podem estar nas lacunas de informação para a população. O sistema atual só se sustenta na ignorância da população. Destacaram

o caminho que a Catarse trilha e pretende seguir: diminuir a distância entre o que acontece e o que é informado. Desmascarar, esse é o trabalho da Catarse. Como ocupar os espaços a partir das fragilidades existentes no sistema? Como ocupar as brechas? “*Nos inserimos nos vácuos que surgem*” afirmam. Vácuos que não são acidentais. Alguém disse “*atingir a massa*”? Uma discussão sobre se a Catarse atinge ou não a massa. Querem que mais pessoas tenham acesso ao que produzem. Sabem que não será a massa - um grande número de pessoas que assiste o mesmo conteúdo independente do lugar, do contexto, em que está.

Outras questões que surgiram durante a conversa: visão de redes – entender a organização na forma de redes. Como perceber os pares e coletivos que também buscam a transformação? Crítica ao movimento do *Software Livre* pela forma como está agindo, eximindo-se da filosofia para encaixar-se nos moldes da estrutura capitalista; aproveitam-se da ignorância geral sobre o assunto para tornar-nos dependentes. O termo rede é bastante usado pelo coletivo como sendo contatos e relações com pessoas e outras organizações com as quais tenha alguma afinidade e possa compartilhar informações.

O Bernardo não foi o único a falar sobre conjuntura econômico-político-social. O grupo de forma geral, uns mais, como o Guilherme, o Lucas, o Felipe, outros menos, mas todos contribuíram, trouxeram outras informações, complementaram, a conversa foi tranquila e com exemplos, uma demonstração de consciência política de todos, fundamentada em conhecimentos práticos e em referências teóricas. Eram discussões com posicionamento político muito claro: todos sabem muito bem de que lado estão. Posicionamento político, para a Catarse, não é filiação partidária. Aliás, esse é um ponto que eles fazem questão de salientar: o coletivo não tem filiação a nenhum partido político, mas não impedem que individualmente o cooperado atue desde que não use o nome da cooperativa. Chamou-me atenção para o uso da palavra “estadunidense” e não “americano”; e também, o fato de que, em muitos pontos, eles trouxeram a tona o posicionamento da Catarse, o tipo de trabalho que é feito e com quem eles se relacionam ou não.

Aqui já ocorreu a primeira alteração no cronograma: discussão sobre análise de conjuntura durou a manhã inteira e ficamos todos no grande grupo – plenária – não houve discussão em pequenos grupos, como estava previsto, pois na hora, não se sentiu necessidade desta divisão. Pude perceber que não se trabalha de forma autogestionária olhando para o “próprio umbigo”, é preciso entender as relações, as

relações econômicas, políticas e sociais do mundo e do local em que se vive, não só pensar no “seu mercado consumidor”, é pensar na comunidade e em suas carências; não é ter “visão de mercado”, é ter visão de cidadão preocupado com a transformação social.

### **7.1.1 Breves considerações sobre o local onde ocorreu o PE**

Haviam muitas moscas, devido a um matadouro que existe perto; muito mosquito à noite, mas tinha repelente no sítio; três cachorros da raça *akita*, enormes, lindos... pareciam uns ursos, mas a recomendação era não tocá-los. Será que os *akitas* tiveram a sua parcela de contribuição em nos manter sempre juntos por perto do quiosque? Neste espaço, separado da casa, que chamei de quiosque, havia a cozinha e as churrasqueiras; sala de jantar e varanda na frente, além de um banheiro. A separação do lixo foi organizada pelo Lucas quando ele chegou. Tudo aconteceu neste espaço e só saíamos dali para dormir e tomar banho.

Na casa existiam poucas paredes internas e o único quarto separado ficou com o casal “dono” da casa: Guilherme e Beatriz. As janelas eram sem cortina e veneziana; antes das 7h da manhã, já havia claridade suficiente para despertar todo mundo. Coincidência ou não, ninguém se atrasou por dormir demais. Eu dormi na parte de cima da casa, perto do Enzo e do Miguel, na primeira noite, porque depois eles foram para uma barraca ao lado da casa, Sofia e Bernardo ocuparam a cama. O Antônio também dormiu na parte de cima. Lucas, Ricardo, Felipe e Gabriel, se distribuíram na parte de baixo da casa, onde fica a sala. Chuveiro quente só havia um, e ficava na casa. Não havia internet no local e o Bernardo levou o aparelho de 3G, entretanto, a conexão era muito ruim. Eu tentei uma vez e desisti, outros tentaram também e não conseguiram. Só consegui acessar internet no último dia.

### 7.1.2 Voltando ao PE

Na segunda-feira à tarde, depois do almoço feito pela Sofia e Bernardo, Felipe citou um trecho de um livro sobre os Zapatistas que dizia mais ou menos assim: *“quando tudo parece que se perdeu, ficam os princípios”*. E então partimos para definição de negócio, missão e visão. Essa era a minha parte: explicar os conceitos. Fiquei nervosa como se nunca tivesse apresentado nada em toda a minha vida; apresentar para aquele grupo era diferente. Começamos com “negócio”: qual é o negócio da Catarse? Quem é o nosso cliente/parceiro? O que ele faz, onde ele está? Quem mais queremos como cliente/parceiro? Que abrangência tem nosso negócio?

Apresentadas as perguntas, começaram algumas contestações, das pessoas que não haviam participado da elaboração do PE, referentes aos conceitos: negócio? É melhor “trabalho/atividade”. Cliente? Temos clientes? Ou será melhor dizer “com quem a gente trabalha?”. Foi aí que eu percebi porque eu estava “incomodada” com aquela apresentação: os termos usados não faziam sentido para a realidade deles, e por isso eu fiquei super feliz por eles terem refletido e questionado os conceitos, os termos, de uma forma tão “natural”. Talvez até se não tivesse sido eu (administradora e pesquisadora) a apresentar os conceitos eles não teriam sido tão cautelosos nos questionamentos. Expliquei que o PE era um modelo elaborado e aplicado a empresas capitalistas, heterogestionárias e a Sofia interveio dizendo que teriam coisas que precisaríamos adaptar. As pessoas que participaram da elaboração do PE foram: Sofia (administradora), Bernardo (administrador), Beatriz (jornalista), Enzo (ator de teatro), Miguel (ator de teatro) e eu (administradora).

Seguimos com a proposta de discutir em pequenos grupos e depois fazer uma discussão em plenária. Os grupos foram definidos por sorteio e depois ajustados – ajuste necessário devido às relações familiares: irmãos/irmãs, namorados/namoradas. Durante as discussões, a filmadora ia passando de grupo em grupo, espalhados por todo sítio, para que fosse feito o registro. Ao final da tarde, antes de discutirmos na plenária, fizemos uma atividade proposta pelo Enzo e pelo Miguel. Era uma espécie de “jogo”: ficamos em círculo e devíamos passar um cabo de vassoura sem deixar cair no chão, primeiro passava para o colega do lado,

depois aleatoriamente; depois com dois bastões; depois, sem bastão passávamos energia batendo com a palma da mão. Foi divertido, descontraído e o pessoal se concentrou para não deixar cair nem o bastão, nem a energia.

Na plenária se consolidou a decisão de não usar o termo negócio, e sim, trabalho ou atividade, também se discutiu sobre os termos cliente e parceiro. Essa discussão foi bem interessante, pois havia um entendimento de que as relações estabelecidas, através do trabalho, definem quem são clientes ou parceiros, com base no tempo e na afinidade de ideias, na relação, ou seja, no processo de trabalho. É a relação da Catarse com o trabalho solicitado que define e por terem um trabalho de formação de caráter articulador, mobilizador e emancipatório, a Catarse não busca clientes. Tentou-se usar a palavra “contratante” para ser mais genérico. As falas também giraram em torno de características da Catarse e do trabalho, o fato de ser cooperativa, de estar inserido na Economia Solidária e de exercer a autogestão; de buscar compartilhar conhecimento e de se ver como um ator na sociedade.

Com relação ao trabalho da Catarse, no qual a comunicação é o grande guarda-chuva, falou-se em prestação de serviço com uma atuação propositiva e não-tarefa; que o trabalho pudesse fomentar redes e que não se encontra por aí o que fazem. Salientaram a importância de terem projetos próprios e a dificuldade que alguns parceiros têm de entender o que é um trabalho de comunicação. Além disso, destacaram que, em alguns momentos, pela maneira como a Catarse se relaciona com o trabalho, é preciso assumir o risco de não executar um determinado trabalho que não esteja de acordo com os princípios do coletivo.

Ao falarem sobre os “clientes/parceiros”, isto é, “*com quem a gente trabalha*”, surgiu uma frase bem interessante: “*a cada nova situação uma nova reflexão*”. Destacaram os articuladores sociais, ONGs, organismos governamentais, sociedade civil organizada, movimentos sociais, pessoas físicas e comunidades (quilombolas, associações, meio rural, assentamentos, índios). “*E quem mais queremos?*” Queremos parceiros (financiadores) que acreditem nos projetos da Catarse, os canais públicos de comunicação da América Latina, o poder judiciário (Ministério Público e Defensoria Pública), a Terceira Idade (ponto lembrado pelo Antônio) e parceiros estrangeiros; mas também se falou em reforçar as relações, as redes já existentes. Nas apresentações dos grupos, por várias vezes, se questionou termos

usados como “internacional”, foi sugerido usar estrangeiro; multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

Precisaríamos ainda discutir em grupos sobre a missão e a visão da Catarse, porém se percebeu que durante toda a discussão à tarde já havia sido salientado vários pontos sobre missão/visão. Além disso, o pessoal se dispersou (estávamos bem cansados) e mostrou-se com um pouco de dificuldade para definir coletivamente, então se propôs que alguém escrevesse um texto único, para o qual o Guilherme se ofereceu e todos concordaram.

Acredito que essa “dificuldade” se deva ao fato de que, talvez, a discussão pudesse se repetir e então preferiram que alguém formulasse um texto único para missão/visão – o que para eles fazia mais sentido do que separar. Também percebi um “depósito de confiança” do grupo no fato do Guilherme fazer o texto, como se todos tivessem certeza de que ele iria conseguir expressar e condensar tudo o que foi discutido no coletivo. É difícil ser “coletivo” o tempo todo, às vezes o coletivo se expressa em uma única “voz”.

Cansados, mas felizes, satisfeitos e dispostos a seguir. A avaliação das atividades do dia surgiu de forma espontânea por parte de todos. E para mim ficou muito clara uma característica do coletivo: todos têm ideias, todos têm o que contribuir nas discussões e todos discutem mesmo que nem sempre haja consenso. A construção e também, a desconstrução do planejamento da Catarse se deu na discussão, na tensão, no conflito, nos acertos, nos ajustes, nos consensos; foi um processo constante. Horário? Já era pra lá das 20 horas, mas os comentários eram: “*estamos aqui pra isso mesmo!*”. Quando eu percebi, já havia música, cerveja. Jantamos e a festa foi até tarde.

Na terça-feira, todos em pé, cedo, sem atrasos. Tomamos café-da-manhã preparado por algumas pessoas da equipe de infra-estrutura e prontos para mais um dia. O Guilherme havia escrito a Missão e Visão em um único texto, passamos a limpo no papel pardo e colamos na parede. Segue a versão final, depois de pequenas alterações feitas, na hora, pelo coletivo:

A Catarse é um coletivo de comunicação organizado nos princípios do cooperativismo, da autogestão e da economia solidária. Desenvolvem seus trabalhos a partir de uma perspectiva de comunicação integrada, transdisciplinar e com características de produção e compartilhamento de conhecimento, fomento de redes e formação com caráter articulador e mobilizador, procurando, dessa forma, gerar autonomia e emancipação nos sujeitos envolvidos.

Procura ainda estabelecer suas relações de prestação de serviços de uma maneira diferente, trabalhando com os tomadores sempre de forma propositiva e não- tarefaira.

A Catarse, desde sua constituição, vem procurando realizar cada vez mais projetos próprios, buscando parcerias com articuladores sociais, organizações governamentais e não-governamentais, sociedade civil organizada, empreendimentos de economia solidária, pessoas e comunidades.

Sob esse aspecto, já desenvolveu trabalhos com movimentos sociais, comunidades indígenas e quilombolas, em gestão pública, assentamentos e tantos outros que compreendem toda uma gama de ações que desenham um pensar global, mas de ação local, a partir de ideias transformadoras de caráter não-hegemônico.

Responsabilidade de expressão, comunicar para transformar, estes são os motes que fundamentam o existir da Catarse.

Nada muito diferente da forma como eles se apresentavam no blog. Aliás, foi o comentário da maioria, principalmente dos que estão desde o início da Catarse, como o Guilherme: *“é o que a gente vem afirmando desde o início”*.

Para elaborarmos o “Levantamento da **FOFA**”, a Sofia explicou o que era ,para uma organização, **Forças**, **Oportunidades**, **Fraquezas** e **Ameaças**. Partiu-se para a definição dos itens nos pequenos grupos para depois listarmos no papel em plenária, onde as discussões, o debate, as contestações, as opiniões diferentes e divergentes foram bem intensas, em alguns pontos – agressivas - mas ninguém saiu do grupo. Podem ter parado de falar por alguns instantes, ou se afastado momentaneamente (talvez para contar até dez), mas voltavam para a discussão. O tom de voz aumentou. Algumas vezes, quem estava falando e defendendo o seu ponto de vista era interrompido por outros com contestações e divergências. Eu pude entender o que é defender ideias, discutir e não dizer “sim” só para agradar o outro. Entretanto, em alguns momentos fiquei bem apreensiva com o que iria acontecer depois; poderia dizer que alguns “exageraram na dose” na forma como se expressavam; e eu seria capaz de jurar que o PE iria terminar ali, que não haveria mais condições de levar adiante os debates e que alguns não iriam mais se falar, nem se olhar. Ainda bem que eu estava errada.

Aqui abro um parêntese para lembrar o que afirma Prestes Motta (1981, p. 132) ao explicar o posicionamento de Proudhon sobre a não-existência de Estado que representa o “poder de controlar as opiniões e de impor um pensamento comum” e a opção pela autogestão em que “a espontaneidade da razão coletiva exige que as opiniões diversas possam ser exprimidas, confrontadas, desvendando os conflitos e os antagonismos objetivos”. Nas discussões, uns conseguiam fazer

com que sua voz fosse mais alta, outros faziam uma argumentação mais longa, e todos falavam. Entretanto, foi possível perceber certo “respeito” ao Antônio quando ele falava, ele pedia silêncio e todos ouviam, quer goste/concorde ou não. Quando o Guilherme falava também havia um “silêncio” maior. Não havia um tom de imposição na maneira de falar, me pareceu mais um “respeito pela experiência deles”. Discutiram tudo mesmo, até sentirem-se satisfeitos com a discussão. Ao final da tarde, depois de muito desgaste nas discussões, resolveram que, quem quisesse falar, durante os debates, deveria pedir a palavra e, por ordem de inscrição, falaria (responderia, questionaria, argumentaria). Às vezes, Guilherme, principalmente, “furava a fila” com uma “questão de ordem”, algo que não estava diretamente ligado a discussão, mas que seria importante definir antes de prosseguir.

A Sofia fez a organização das definições da plenária (ANEXO D) para facilitar a análise da FOFA nos grupos. Tudo foi discutido, escrito em papel pardo e colado na parede, a Sofia só digitou e imprimiu uma cópia para cada grupo. Anotei alguns pontos que foram mais “fervorosamente” discutidos, entretanto, não anotei tudo. Esse é “um risco que se corre” quando se propõe a participar das atividades e não assumir uma postura de neutralidade e distanciamento. Talvez seja ainda um sinal de inexperiência em pesquisas participativas, mas também de que essa divisão pesquisado/ pesquisador, nem sempre é clara (é necessária? para quê?), é uma construção, em um processo do qual todos fizeram parte. Em alguns momentos me percebia como pesquisadora, anotando, ouvindo; em outros, participando das atividades e usando o pronome “nós”. Novo parêntese: o empírico não é uma pacífica coleção de “materiais crus” esperando silenciosamente pelo “sopro” de inteligibilidade, de forma e voz dados pelo pesquisador (LEE E HASSARD, 1999).

Alguns reclamaram de que era preciso ter mais envolvimento dos indivíduos no coletivo, pois, muitas vezes, eles trabalham sozinhos. Há uma identificação de visão de mundo – de ideais – mas não de trabalho conjunto; como se cada um fizesse o seu trabalho, sem muita troca de informações; cada um faz o seu *backup*, cada um tem os seus contatos. No entanto, não há uma competição entre eles. É um ponto delicado: não se pode ser totalmente coletivo, mas também, não se pode ser totalmente individual.

Os pontos listados no item “Gestão” (ver ANEXO D) lembraram a questão do controle burocrático: saber quanto gasta, onde estão as coisas, quem vem trabalhar e a que horas chega. Pensar que “sobreviveram” por 5 (cinco) anos com essas

fraquezas e que muitas empresas não chegam a 2 (dois) anos (segundo pesquisa do SEBRAE/SP). A venda de camisetas ou DVDs produzidos não é a finalidade do coletivo, mas pode ser uma fonte de renda, conforme o Antônio destacou “*não podemos ter vergonha de ganhar dinheiro*”.

Sobre a Comunicação Externa, alguns comentaram que “*trabalhamos com comunicação e olha o nosso site!... tem pouco acesso... precisa estar sempre atualizado, o que traz acessos são as notícias... já teve casos de ficar uma semana com a mesma notícia...*”. A questão financeira foi salientada principalmente pelo Guilherme (durante muito tempo foi o presidente da cooperativa e cuidava de tudo) e pela Beatriz (atual presidente e faz toda parte financeira), eles alegam perder muito tempo cuidando disso e deixam de fazer seus próprios trabalhos. Existe um escritório contábil que atende a cooperativa, mas o pessoal se mostrou descontente com a relação estabelecida. O escritório faz o que a cooperativa pede. Além disso, discutiu-se bastante o risco de se tornar um escritório de projetos, por isso, eles destacaram que a Catarse só faz projetos em que ela se envolva com a execução do trabalho, além de, é claro, ter afinidade com o trabalho do parceiro que contrata o projeto.

Quando falaram sobre criminalização dos movimentos sociais, segurança – integridade física - das pessoas da Catarse, relataram telefonemas estranhos, situações de serem revistados ou identificados, ameaçados por estar filmando, câmera apreendida... momentos de tensão. O Antônio afirmou “*precisamos estar preparados, saber para quem ligar...*”. De repente, ouvir falar disso de uma maneira tão séria – e é sério mesmo – e de pensar em redes de proteção, em quem acionar no caso de problemas, de estarem sempre de celulares ligados, caso alguém precise. Expressões mais sérias, mas, não amedrontadas, sem vacilar. Pensar nestas possibilidades de algo mais grave acontecer com alguém da Catarse me deixou tensa, preocupada, como se eu tivesse sido jogada na realidade de repente.

Depois de intensas discussões, faríamos a “Análise da FOFA”. A Sofia esclareceu os conceitos, deu exemplos e o Bernardo também contribuiu. Os cruzamentos da FOFA, para indicar: **Alavancagem** (Forças x Oportunidades), **Vulnerabilidade** (Forças x Ameaças), **Limitações** (Fraquezas x Oportunidades) e **Problemas** (Fraquezas x Ameaças) foram feitos ao final da tarde nos grupos, mas a apresentação na plenária ficou para quarta-feira de manhã. A câmera filmadora, sempre passando de grupo em grupo, desta vez veio parar na minha mão; foi a

única vez que filmei – meio sem jeito. As discussões terminaram bem tarde, mais de 20h, o cansaço era visível. Durante a tarde, no intervalo das discussões, haviam ido comprar mais cerveja, pois apesar de terem planejado a festa de encerramento, não contavam que teria festa na segunda-feira também. O churrasco que estava previsto para quarta, aconteceu terça – e foi um dia inteiro de fumaça, o Guilherme ficou mais de 12 horas discutindo e assando carne de costela. Algumas pessoas iriam embora na quarta durante o dia.

Havíamos percebido que não seria possível cumprir o cronograma, então, Bernardo, que já participou de processos semelhantes, sugeriu que não fosse feita, naquele momento, a Análise de Viabilidade Econômica, isso não prejudicaria o PE. Todos concordaram. O processo pelo qual estávamos passando era uma grande experimentação; mesmo tendo como base um modelo de curso sobre autogestão, desenvolvido e aplicado por uma organização que trabalha com educação para Economia Solidária, do qual o Bernardo, a Sofia e a Beatriz haviam participado em 2009, com uma semana de duração. Esse “modelo” era mais uma “caixa-preta”, conforme Latour (2000) que foi aberta; definições consideradas como “certas” que foram questionadas e transformadas em outra coisa que fizesse mais sentido perante as suas visões de mundo.

Na hora do jantar houve um desentendimento entre quem come carne e quem não come carne; e o Guilherme me chamou e disse: *“tá vendo, anota aí na tua pesquisa, discutiram o dia inteiro e vão brigar agora por causa de comida”*. Nem todos ficaram na festa depois do jantar, mesmo assim, ouvimos musica, bebemos e conversamos sobre diversos outros assuntos; nada relacionado às discussões daquela tarde. Teve até jogo de *pocker*.

Na quarta-feira de manhã, o Felipe leu outro trecho daquele mesmo livro sobre os Zapatistas: *“se a tua revolução não sabe dançar, não me chame para a tua revolução”* e referiu-se a festa da noite anterior e as discussões feitas até agora. Eu resolvi assumir a frente da plenária e fazer as anotações no papel pardo colado na parede (Miguel e Sofia que estava fazendo isso desde o primeiro dia, pareciam cansados. Sofia até perdeu a voz). Propositamente, interferi pouco nas discussões, deixei as pessoas debaterem e decidirem o que escrever, tentando sintetizar algumas coisas, com a concordância do grupo. Houve apenas um momento, no qual se discutiu a questão das licenças de software, que eu tentei intervir para “amenizar” a discussão, mas não surtiu efeito.

Conseguimos terminar até o almoço e o coletivo não deixou de debater as análises feitas nos grupos, mas com mais objetividade. Àquela altura talvez o cansaço, mas também, o alinhamento das ideias facilitou o trabalho na plenária. Cada grupo apresentou o que havia discutido sobre Alavancagens, Vulnerabilidades, Limitações e Problemas. Não havia um padrão, a Sofia, quando explicou como fazer os cruzamentos, falou em 2 a 2 (ex.: Identidade x Comunicação), mas alguns fizeram 3 a 3 (ex.: Gestão x Poder Público x Projetos), tentando abarcar todas as possibilidades de cruzamentos de forma geral, sem fazer um por um.

Além das discussões que geraram os documentos de “**Ações e Diretrizes**” e “**Ações por Blocos**” (ver ANEXO D), a plenária debateu sobre a possibilidade de disponibilizar os recursos da Catarse, físicos e imateriais, para fortalecer nossos parceiros e potencializar ambos; trabalho voluntário como um auxílio a organizações que não têm como pagar pelo serviço; e que precisam melhorar a comunicação interna através das reuniões semanais e da lista de emails. “*As câmeras são armas*” foi o principal comentário quando se falou sobre ações contra a criminalização dos movimentos sociais. Além de destacarem que a utilização dos vídeos pelos movimentos sociais é uma forma de precaução, a rede ajudaria na nossa defesa.

A preocupação com a supressão das atuais de políticas públicas pós-eleitoral esteve presente, porém, houve um consenso de que não pode haver dependência das políticas públicas e que é preciso ter diversificação das fontes de financiamento. Entretanto, o coletivo reconheceu a sua “identidade forte” e “articulação” que permitiram estar presente na formação das políticas públicas, na participação em conselhos (como FUMPROARTE<sup>19</sup>) e na continuidade de trabalho financiado pelo poder público, apesar de reconhecerem que uma alteração da política pública federal dificultaria este trabalho.

A possibilidade de providenciar *notebooks* pessoais para os cooperados, “burlando” uma possível auditoria, foi um ponto bem polêmico com discussões ríspidas e posicionamentos bem distintos: o Lucas foi totalmente contra e afirmou que a Catarse estaria se eximindo da responsabilidade e passando o problema para o cooperado; a Beatriz, o Miguel, o Enzo e o Guilherme disseram que era uma alternativa; o Guilherme questionou “*tu queres que a gente faça o quê? Compre as licenças da Microsoft?*”. Eu quis interferir para tentar fazer com que o Lucas ouvisse

---

<sup>19</sup> Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre

toda a explicação do Guilherme, mas ele estava irredutível. Por fim, foi mantido no PE, como sugestão e com a ressalva, que precisam ser verificadas todas as possibilidades, mas claramente não houve consenso. As licenças de software são um ponto difícil de resolver, um “beco sem saída”, pois, por uma questão de princípios, eles usam software livre, entretanto, existem programas específicos que eles necessitam e que o software livre não suporta.

O almoço foi especial: colocaram a mesa na rua, embaixo de uma árvore, do lado oposto de onde geralmente ficávamos, desta forma, éramos obrigados a sair do quiosque para almoçar; o Miguel fez várias comidas e ganhou salva de palmas pelo almoço. Durante o intervalo do almoço, a Sofia e o Enzo pegaram as anotações do Bernardo e elaboraram as Ações por Blocos (ver ANEXO D) para as equipes de cogestão (que seriam definidas futuramente na reunião semanal): gestão, comunicação, recursos/finanças e projetos. A tarde, apresentaram para o grupo discutir, acrescentado ou retirado o que fosse preciso. Apesar do tempo já reduzido, as discussões não foram reduzidas. Eu, Lucas e Antônio saímos antes de finalizarem, pois tínhamos horário para estar em Porto Alegre naquele dia e voltaríamos de ônibus.

Alguém encontrou uma garrafa de coca-cola e saiu dizendo mais ou menos assim *“tudo o que a gente já dizendo aqui é hipocrisia... tão tomando coca-cola!”* O Guilherme explicou que era dos donos da casa. Ficou aquela brincadeira em função da garrafa pet. [Engraçado, e as cervejas que nós estávamos tomando não são de grandes corporações também?<sup>20</sup>]. Quanto às equipes de cogestão do PE – infraestrutura, registro e coordenação – no início a divisão foi clara, e até “cobravam” (em tom de brincadeira) as ações; depois não se falou mais nisso e nem se fez rodízio de funções, como havia sido proposto. Todos, de alguma forma (uns mais outros menos), deram conta de quase tudo, porque, às vezes alguém reclamava de algo que não foi feito ou cuidado, como, por exemplo, as tampas de garrafa no chão.

O nível de questionamento foi, para mim, incrível. Questionou-se conceitos, termos, expressões, sugestões, opiniões, em alguns momentos uns queriam ser mais objetivos outros queriam discutir tudo, em outros momentos, invertiam-se as posições. Contestar os conceitos, as siglas, os significados, a ordem, as ferramentas

---

<sup>20</sup> Ao ler este trecho, o Guilherme explicou que não se trata de ser contra grandes corporações, mas sim de ser contra ações criminosas – danos ambientais e danos a vida de pessoas – promovida por empresas; ações essas que, segundo ele, já foram noticiadas na mídia.

é contestar a forma hegemônica de dar nome e entendimento ao mundo em que vivemos. Discussão e questionamento: palavras que permearam os três dias. Alguns momentos de consenso, outros não. Porém, ao final, ouvindo os comentários do Lucas e do Antônio, quando aguardávamos o ônibus para voltarmos a Porto Alegre e lendo a avaliação final, percebi que esse momento serviu para firmar ainda mais o posicionamento da Catarse como coletivo nas suas relações, aproximá-los ainda mais e de que, mesmo com divergências, existe um desejo único de transformação social através do trabalho.

O momento mexeu tanto comigo, eu me senti tão parte daquilo tudo, que eu não consegui chegar em casa e escrever, até mesmo durante os três dias eu fiz algumas anotações do que eu achava importante, porém tentei participar sem me preocupar em fazer tantas anotações. Depois, estava tudo gravado em mim, nas minhas roupas e papéis - principalmente o cheiro de fumaça da costela de doze horas - eu precisei de um tempo para processar mentalmente tudo e conseguir expressar em palavras algo que como disse o Miguel dias depois lá na Catarse “*só quem viveu sabe*”. Saí do sitio com um aperto no peito, uma saudade que se tem quando não se sabe, com certeza, se iremos conseguir estabelecer o mesmo nível de debate e questionamento do qual eu participei, em outras esferas da minha vida, como no meu trabalho. O processo pelo qual passamos relaciona-se, como afirma Gherardi (2009) ao “*knowing-in-practice*” - conhecendo em/na prática - que se aprende através da participação na prática; um conhecimento que compreende inúmeros elementos entre eles os sensoriais, mas também, elementos de hábitos, como discutir sobre todos os pontos apresentados, e elementos de intencionalidade como quando me propus a ficar na frente do grupo anotando as ideias.

Se voltarmos lá para o início, no “cronograma” é fácil verificar a desconstrução e reconstrução de um modelo, a resignificação de conceitos: a definição de “negócio”, que a Catarse não tem; a definição de “missão e visão” separadamente, construída em um único texto; a elaboração de um “estudo de viabilidade econômica”, as discussões sobre as “forças, oportunidades, fraquezas e ameaças” não deixaram tempo para o estudo; festa só no último dia, festa todos os dias. Pode-se perguntar “qual é o problema em seguir um cronograma?”, depois dos três dias entendo que o difícil é seguir regras quando elas não fazem sentido – não fazem parte da lógica - para as pessoas, para as relações, para o lugar, para o momento, para o contexto, neste local e neste tempo. Por fim, o que eu havia

proposto, nas reuniões de preparação do PE, de apresentar os trabalhos que estão em andamento, acabou não acontecendo.

Retomo o que diz Gherardi (2009): o que as pessoas produzem em suas práticas situadas não é só trabalho, mas também (re)produção da sociedade, “*being-in-the-world*” (GHERARDI, 2009, p. 357). Observar um coletivo que imagina e trabalha para uma sociedade diferente, com relações pautadas em justiça social, acesso igualitário a informação e a outros bens, pode-se dizer que faz sentido a desconstrução de um modelo elaborado a partir de outra visão de mundo. Será que tudo poderia ter sido diferente se não houvesse administradores no grupo? Se algumas pessoas não tivessem participado do curso de “autogestão democrática” da Capina? Se eu não estivesse ali participando e observando para a minha pesquisa de mestrado?

## 7.2 SISTEMATIZANDO O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Havíamos combinado, um dia antes, de nos encontrarmos à tarde para sistematizar, isto é, organizar o material do PE. Não combinamos horário e eu também não perguntei, fiquei com a dúvida: será que vai ser hoje mesmo? Será que esqueceram? Surgiu outra coisa? Telefonei para Catarse por volta das 13h, ninguém atendeu, telefonei de novo e falei com a Sofia: “*sim, vamos fazer hoje! O Miguel tá vindo*”. [Pensei: da próxima vez, combina um horário, Patrícia; não custa nada perguntar qual horário].

Enfim, cheguei na Catarse, beijos como de costume, sentamo-nos à mesa redonda e começamos a organizar o material cronologicamente, revisar o que haviam digitado. Será que está tudo aqui? Resolvemos revisar os cartazes. Identificamos que faltava um arquivo que havia sido digitado pelo Bernardo; a Sofia foi procurar e suspeitou que estivesse no *notebook* dele; era um arquivo com todas as ações e diretrizes discutidas e levantadas no último dia do PE. Bernardo enviou por *email*.

Faltava digitar o texto sobre a missão/visão/negócio da Catarse e a Sofia disse que iria fazer isso. Enquanto organizávamos a papelada, ela comentou que estava cheia de coisas para fazer. Na hora me ofereci para digitar tudo o que faltava

e organizar um único arquivo. Ela hesitou, mas aceitou; passou todos os arquivos para o *pendrive*, sentei no *notebook* da Beatriz (que estava viajando com Guilherme) e comecei a digitar o texto e depois uma tabela com a programação apresentada no início do PE. Eu havia chegado lá às 15h e precisava sair às 17h, por isso não pude finalizar tudo, mas digitei o que não estava em arquivo.

Hoje é 05 de janeiro de 2010, o PE terminou dia 16/12/09 e só agora vamos fazer a sistematização de tudo. Eu considerava importante ter esse registro escrito e disponível a todos. A Sofia e o Miguel haviam proposto sistematizar tudo o que foi feito no PE e eu me ofereci a ajudar. Não acho que tenha faltado interesse ou vontade por parte deles, mas tempo para fazer. Outras prioridades de trabalhos que tem prazos para finalizar. As festas de fim de ano atrapalham também. Assim essas questões mais de “gestão”, de organização vão ficando pra depois. Na hora de eu ir embora, tentei combinar um horário cedo, mas a Sofia e o Enzo disseram que deveriam chegar lá pelas 10h da manhã. Eu gosto de começar mais cedo, mas vou chegar às 10h da manhã para finalizar o trabalho. Ouvi um comentário a respeito do horário de funcionamento da imobiliária que o Gabriel havia ido, um dia antes a pedido da Beatriz, para pagar o IPTU; o horário era 17h e não 7 (19h). Bem, perderam o prazo para pagar com desconto maior. Se paga com desconto menor, “paciência”. Sem maiores reclamações.

Todo dia é assim. Uns estão, outros não; uns chegam às 9h, 09h30min, 09h40min, 10h, outros só à tarde. Às vezes sabe-se quem vem, às vezes não. Às vezes sabe-se onde estão, às vezes não. Eu havia combinado de chegar às 10h, mas surgiram umas coisas particulares para resolver, então avisei e fui depois do almoço. Às 12h30min, a Sofia me ligou pra saber se eu estava indo, pois ela iria sair para almoçar, mas o Enzo estaria lá. Sem problemas.

Cada um estava sentado em um computador, eu com o *note* da Beatriz, Ricardo com note dele. Silêncio. Cada um fazia as suas coisas. Silêncio interrompido por conversas ou comentários entre eles ou do Ricardo combinando de levar o tambor de sopapo pra torcida do Outro Time de Futebol. Falaram sobre a Rede Sopapo. O Guilherme vai levar o sopapo para torcida de um Time de Futebol e o Ricardo quer levar para outro. Enzo finalizou o *clip* que estava fazendo a partir da gravação da apresentação da banda Ação Caô na inauguração do Ventre Livre. Mostrou para o Ricardo que saiu falando que estava muito legal. O Felipe foi olhar, eu também levantei. Achei muito legal. Felipe fez um comentário técnico que eu não

entendi, mas disse que estava muito bom. Enzo e Felipe ainda fizeram algumas combinações sobre a revista de Arte Engajada, como tentar patrocínio do Barrisul.

Um dia depois, estava olhando o site da Catarse e me dei conta que não vi mais a Lia, ninguém mais falou dela, a última postagem dela foi dia 02 de dezembro de 2009. Lembro que durante o PE alguém comentou que não estava dando muito certo o trabalho da Lia, mas a coisa ficou por aí. O que será que aconteceu? A partir de março de 2010, as postagens no *blog* estão sendo feitas diariamente pelos cooperados e organizada de tal forma que não se fique um dia sem uma postagem nova; se falam e avisam que vão fazer uma postagem. Notei que sempre depois de alguma atividade que um dos cooperados participava, eles faziam um material para postar. E se não tem material próprio, buscavam em parceiros, usam o *blog* para ajudar a divulgar outros eventos ligados assuntos como: proteção ambiental, produção ecológica, e tantos outros.

Em março de 2010, fui incluída na lista de *emails* da Catarse e recebi uma enxurrada deles, entre esses, uma “chamada” para postagem de notícias no *blog*. Felipe pediu, via *email*, “... quem tem notícia para colocar no *blog* hoje? Nos últimos dias temos tido bastante acesso no site...”. Sobre os *emails* que circulam, é uma prática comum, na lista da Catarse, o pessoal repassar o que eles recebem de outras redes das quais participam, por exemplo: Rede dos Pontos de Cultura, redes ligadas à preservação ambiental, agricultura ecológica, e outras. É conexão/ligação sem fim.

Em 17 de abril de 2010, mais um *email* de “chamada” para atualizar *blog*. Desta vez foi o Lucas que tentou organizar as postagens: “*Estivemos com bons índices de visitas no nosso blog durante esta semana [...] Vamos manter ele bem atualizado até mesmo no final de semana, com pautas culturais e indicações de programas... Beatriz, deposita o vídeo dos Griôs hoje?*” [...]“*Segunda-feira temos a cobertura da manifestação dos Guaranis na Assembleia e a pré-estreia do filme do Sílvio Tandler, que podem ir ao ar na segunda final de tarde e terça, respectivamente. Outros materiais? Ilustrações do Gabriel?*”.

Em junho, Felipe “chama”, mais uma vez, por *email*, para atualização do *blog*: “*desde o dia 31 de maio que só eu tenho atualizado o nosso blog. Ninguém mais tem notícias pra postar lá?*”.

Depois dessas “chamadas”, o pessoal começou a colaborar mais com postagens no *blog*, mas se for fazer um levantamento, acredito que o Felipe e talvez,

o Lucas sejam os que mais fazem postagens. De qualquer forma, depois do meio do ano, não houve mais emails de “cobrança” e praticamente, todos os dias tem uma postagem nova. São divulgados, no *blog*, tanto os eventos dos quais a Catarse participa diretamente ou ações pelas quais eles são responsáveis, quanto os eventos de parceiros e amigos. As notícias, não produzidas pela Catarse, são vinculadas através de *links* com outros sites de jornalismo ou de movimentos sociais que a Catarse apoia – Lucas e Felipe fazem bastante isso. Em outubro, Beatriz informa: “*chegamos aos 100 seguidores no blog, redondo!*”. E o número cresceu. Pode ser o financeiro, pode ser as postagens no *blog*, muitas vezes alguém, em certo momento, assume uma tarefa pelo coletivo.

## 8 AS REUNIÕES GERAIS DEPOIS DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO (PE).

Eu e Lucas havíamos entendido que, logo na primeira reunião depois do PE, já seriam definidas as equipes de cogestão, mas não foi. Foi uma situação estranha, porque a reunião começou e a Beatriz já saiu falando sobre as atividades que teriam no Ventre Livre no próximo dia, que seria uma inauguração oficial do Ponto de Cultura, seria oficializada a Rede do Sopapo, que precisava da ajuda de todos para divulgar, que ficou tudo meio em cima da hora, mas que “*vai rolar*” assim mesmo; em fim, ela e os demais envolvidos teriam várias coisas para fazer. Ou seja, a reunião tomou outro rumo e eu e o Lucas nos olhamos sem entender. O Lucas perguntou sobre a definição das equipes e quando disseram que não seria hoje: “*tá bom, então vou falar das minhas coisas que quero contar pra vocês*”. O Lucas trouxe a possibilidade de participar de um pregão eletrônico na próxima quinta-feira; ele não estaria na Catarse, mas alguém poderia participar? O que precisa? Documentos? O Guilherme comentou sobre uma situação parecida que ocorreu com a GK que para participar de pregão eletrônico tem que providenciar algumas documentações com antecedência e ter *login* e senha ao sistema. O Lucas não sabia de nada disso, achou que era mais simples o procedimento.

Super animados, o Lucas e o Felipe, relataram a visita que fizeram a Ilha dos Marinheiros (pertence a Porto Alegre) acompanhados de um professor da UFRGS, “*uma visita revolucionária!*”. Falaram das pessoas que vivem ainda da pesca, do artesanato feito de plantas ribeirinhas e da “*negociação*” que estavam fazendo com uma família para poder filmar o dia-a-dia deles. “*Negociação*” quer dizer uma construção de uma relação de confiança. Essa filmagem é para fazer o ETNODOC<sup>21</sup>. A Sofia e o Bernardo disseram que eles (Felipe e Lucas) precisavam passar as informações, que essas informações eram importantes para escrever a justificativa do projeto do ETNODOC. O Lucas respondeu que era o que eles estavam fazendo naquele momento, e que não tinham mais informações. Ficou “um clima de cobrança”, como se tudo o que fosse relacionado a projetos deveria passar pela Sofia e Bernardo. O Lucas pareceu não gostar muito da “cobrança”. Não sei se

---

<sup>21</sup> Prêmio de Fomento à Produção de Documentários Etnográficos sobre o Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, promovido pelo Ministério da Cultura.

todos os projetos passam pela Sofia e Bernardo, mas acho que, ao menos o Lucas e o Felipe, parecem que estão acostumados a fazer as coisas mais por conta própria; eles mesmos organizam e realizam seus projetos.

Por fim o Miguel falou das camisetas da Catarse, que ele conseguiu com um amigo, proprietário de uma indústria de confecções, de Santa Catarina; vão fazer uma troca: eles fornecem as camisetas e o Gabriel faz a arte para a malharia, tem uma relembrando Raul: “eu não preciso ler jornais, mentir sozinho eu sou capaz”.

Certa vez, fui ao supermercado com a Beatriz e ela colocou todos os legumes que comprou no mesmo saco plástico para não usar, sem necessidade, muito plástico. Outra vez, o Miguel levou a própria sacola plástica para o supermercado. A Catarse tem uma composteira na área externa maior e certa vez, o Guilherme estava mexendo e ficou contente por ter minhocas. Quando comentei com o Felipe sobre o tecido de garrafa pet, ele falou que se ficarmos inventando possibilidades de reciclar o lixo, continuaremos fazendo lixo; “*precisamos é de alternativas para reutilizar os materiais*” e que, além disso, “vestir plástico” não deveria ser algo muito bom para o corpo. Mas as camisetas novas da Catarse são de tecido pet.

## 8.1 DEFINIÇÃO DAS EQUIPES DE COGESTÃO

Reunião foi marcada para as 11h. Sentamos todos perto da porta da área externa maior, menos o Guilherme que estava no computador e participou da reunião “de fora” da roda. Beatriz falou sobre o calendário de atividades do Ventre Livre que iria passar para todos saberem o que estava sendo feito lá. Informou que o Bernardo faria o fechamento do mês de janeiro, pois ela e o Guilherme iriam viajar para Argentina. Falaram, mais uma vez, para cuidarem da organização e da limpeza – isso sempre parte da Beatriz, do Enzo e do Miguel.

Sobre a definição das equipes de cogestão da Catarse, discutiu-se primeiro como organizar as equipes: definem-se as equipes antes ou vamos ver o que cada equipe faz? Uma pessoa pode ficar em mais de uma equipe? Vai ter uma pessoa-intersecção nas equipes – alguém que “circula” entre duas equipes e faz uma “ligação”? Foi-se conversando e definiu-se que as pessoas deviam participar da equipe que elas tinham não apenas interesse, mas também mais conhecimento, e

que as equipes não seriam fixas nem fechadas. A Beatriz leu todo o documento sobre as definições das equipes, fez-se pequenas observações. Para decidir quem fica onde, a Beatriz pediu para que o pessoal falasse com o que se identifica, o que quer fazer, o que já vem fazendo; o pessoal hesitou... se olharam... *“pois é”... “pode escolher duas?”* não! Sim! Concluiu-se que muitas ações não poderiam e nem deveriam ser feitas só pelos participantes de uma determinada equipe; as pessoas poderiam ficar como responsáveis, mas não *“donos e executores exclusivos”*.

Definiu-se que uma pessoa pode ser convocada para fazer uma atividade em outra equipe, *“as intersecções vão surgindo à medida que as atividades vão sendo feitas”*, disse o Bernardo. Vai ter rodízio de pessoas nas equipes, mas precisa-se de um tempo para a pessoa se apropriar das atividades. *“Tá, mas e aí?... quem fica onde?”* falou a Beatriz que me pareceu um pouco indignada com a indefinição dos colegas. Não sei bem quem começou, mas acho que foi a Beatriz mesmo... ela escolheu *“Gestão”* e de repente, todos haviam escolhido uma equipe. O Felipe lembrou que o Lucas havia dito que queria ficar na equipe de comunicação [isso eu lembrava também]. *“Não! Quem não tá aqui agora, se encaixa depois. A gente manda email para os demais”*, decidiu a Beatriz.

Como ninguém quis ficar na equipe de Recursos e Finanças, então a Beatriz, contrariada, resolveu assumir e o Miguel logo disse que sairia então da equipe de Projetos e iria para Recursos e Finanças também. Eu ainda não tinha me manifestado – era única por sinal – resolvi perguntar se eu podia também participar das equipes de cogestão, ouvi *“sim! Claro que pode”* como quem diz *“que bobagem perguntar isso”*. Mas eu, às vezes, ainda fico um pouco receosa em me *“meter”* demais, volta e meia eu me pego, pedindo autorização para fazer algo e sempre escuto um *“Sim! Claro!”*. As equipes ficaram definidas assim: Comunicação - Gabriel e Felipe; Recursos e Finanças - Beatriz, Miguel e eu; Gestão - Guilherme e Enzo; Projetos - Sofia e Bernardo; o Antônio, o Lucas e o Ricardo – faltaram.

No fim, a Beatriz disse que na volta da viagem dela e do Guilherme, ela queria marcar uma cervejada para animar o pessoal, ela estava achando todos muito desanimados, para baixo. Depois da reunião, o Enzo e o Felipe comentaram que o projeto da Revista de Arte Engajada da Catarse, talvez não fosse aprovado, mas que iriam fazer mesmo assim, pois querem ter o projeto pronto para, se aparecer outro edital ou outra possibilidade de fazer a revista, já tem o projeto.

As equipes de cogestão eram uma maneira de dividir a responsabilidade com relação à gestão da estrutura e das tarefas organizativas, que permitem a execução de todos os “outros” trabalhos; porém, nessa divisão, alguém fica com a “parte chata” ou “mais chata”. O que não ocorre quando se trata da autogestão do seu próprio trabalho: do texto que precisam (ou querem) escrever, as fotos, os vídeos ou desenhos que querem fazer. Tem-se autonomia, mas alguns devem ser os responsáveis por determinados “setores” sobre os quais possuem “mais conhecimento” e, sendo assim, decidiriam sozinhos o que seria feito? E quando seriam tomadas as decisões coletivas características da autogestão? Estavam tentando buscar uma alternativa.

## 8.2 NÃO HOUVE A REUNIÃO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

Cheguei à Catarse eram um pouco mais de 10h, estavam o Miguel, Enzo, Sofia e Bernardo, que havia saído. “*Fazemos ou não a reunião?*” eles se perguntaram. Comentaram que o Felipe avisou que não viria, mas que o Gabriel e o Ricardo sabiam da reunião; Beatriz e Guilherme estavam de “férias<sup>22</sup>”. “*Qual seria a pauta? Tem pauta pra hoje?*” perguntou a Sofia. “*A pauta seria o expediente*” respondeu o Enzo. “*Mas como vamos decidir sobre expediente sem os outros? Se fizermos vai ser imposição*” disse a Sofia.

Então decidiram não fazer a reunião e cada um foi fazer as suas coisas. [Beleza! E eu? O que eu faço?] Fiz um chimarrão. Conversei um pouco com a Sofia, um pouco com o Miguel, um pouco com o Enzo. Tomei chimarrão sem pressa. Mexi na minha bolsa [não sei para quê]. Resolvi dar uma olhada na papelada que restou do PE. Pensei em pedir para ver os arquivos gravados no HD externo, durante o PE, mas acabei não pedindo, pois, além do HD não estar à vista, o Enzo e a Sofia – que poderiam explicar como olhar no HD externo - estavam ocupados, então achei melhor não pedir naquele momento. Mais tarde voltou o Bernardo, conversei com ele sobre o projeto referente autogestão que ele está montando. “*Os Pontos de Cultura*

---

<sup>22</sup> Observação feita pelo Guilherme na leitura da 1ª versão do projeto: “férias” é um conceito ligado a trabalho com carteira assinada, seria então “um período de descanso”, uma “pausa no trabalho que eles mesmos se deram”. Mas “férias” foi o único conceito que eu consegui pensar, pois foi assim que eu aprendi.

*precisam se apropriar das políticas públicas e não depender dela”; “se o proponente do Ponto sai ou se terminar a política atual, o Ponto de Cultura não se sustenta”;* então ele propôs esse projeto para os pontos do GHC, mas pensava em ampliar para todos interessados. Enzo interrompe Sofia. Sofia levanta e vai falar com Enzo... falaram sobre projetos... editais... possibilidades de trabalho.

### 8.3 MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO, CALOR DE 40 GRAUS, EXPEDIENTE E MESTRE BATISTA.

Modificaram a sede: do estúdio saiu o computador e as duas mesas e entrou o sofá. Foi quando eu me dei conta do espaço. Eu sempre usava o sofá para sentar e para deixar a minha mochila e agora eu fiquei sem o sofá. Foi quando me percebi buscando outro lugar no espaço da sede da Catarse e me movimentando por conta própria. Foi quando percebi aquele sofá produzia um efeito em minha pesquisa – efeito de observação – neste momento, eu percebi que a minha ação de observar mudaria. Desenho da sede e mudanças – ANEXO C.



Figura 2 - Eu no sofá. Créditos: Têmis Nicolaidis

Participaram desta reunião de segunda-feira, eu, Enzo, Beatriz, Felipe, Gabriel, Miguel, Sofia, Bernardo. Fez-se uma rápida revisão do PE: o que estava sendo feito, quem estava fazendo, pequenos ajustes. Decidiu-se que o expediente começaria às 9h e não às 8h, pois não fazia sentido começar às 8h se poucos chegam nesse horário e se, muitas vezes, ficavam na Catarse além das 18h. A Beatriz e o Enzo reforçaram a questão do compromisso em horários diversos, não só com o expediente. *“Quem fica com qual dia de expediente?”*. Voluntariamente, cada um foi dizendo o dia e o turno que podia ficar. Sobraram alguns horários e eu me ofereci para ficar na sexta-feira a tarde, o restante seria dividido com os outros que não estavam. O Felipe perguntou *“mas qual é a prioridade? Se eu tiver um trabalho importante para fazer no dia e turno do meu expediente?”* Discutiu-se que a prioridade vai ser o trabalho, mas que assim não resolveriam o problema do expediente. Por fim, a Beatriz disse *“tu tem a responsabilidade de cumprir o expediente naquele dia, se tu não pode, tu é responsável também para conseguir alguém que possa ficar no teu lugar”*. Ninguém comentou o fato de eu participar do expediente. Eu só comentei que eu não tinha chave da Catarse e a Beatriz disse: *“é só fazer a cópia”*.

Outro ponto destacado pelo Enzo e pela Beatriz foi a limpeza da sede – *“que é tão importante quanto qualquer outro trabalho”*, disse a Beatriz – então, como organizar a limpeza? O que funciona? O que não funciona? Decidiu-se por um rodízio semanal de limpeza, com duplas; a reunião das segundas-feiras articula as duplas de limpeza da semana. Discutiram também sobre o piso – atualmente tem um carpete velho que solta como se fossem “pelos” - as cadeiras da sede são ruins, algumas estão quebradas, são ruins de sentar (ergonomicamente falando). Tem ainda o calor (não tem ar condicionado), decidiram fazer um orçamento. Já tinham feito uma vez e o Guilherme tinha uma ideia de qual potência o equipamento deveria ter.

O pessoal foi falando sobre as atividades que estão desenvolvendo e também as próximas: Cristalizar Vídeos Produções (CVP) - incubada do Ponto de Cultura Quilombo do Sopro - vai fazer a cobertura do Fórum Social Mundial 2010 (FSM 2010) e a Catarse vai acompanhar. TV Brasil vai estar na abertura do evento para reportagens de dois minutos. Aproveitar as visitas da Catarse para gravar. A Beatriz vai trabalhar no show da Bataclã FC na abertura do FSM 2010. Teria festa de apoio

ao Mestre Batista no Fórum Descentralizado. Miguel disse que chegariam as camisetas da Catarse e a Beatriz informou que eles teriam espaço nos estandes dos Pontos de Cultura, só precisavam pensar na produção da barraquinha da Catarse para vender as camisetas, os vídeos.

A Beatriz comentou da entrevista que a Bataclã, o Quilombo do Sopapo, o Ventre Livre e a Catarse, além do Bernardo – oficinairo do Ponto de Cultura Teia Viva - fizeram em uma rádio comunitária sobre o sopapo. Ela disse *“isso é ação da Rede Sopapo e vocês não falaram que era... todos juntos são a Rede Sopapo”*. Bernardo falou sobre a viagem a Pelotas e os contatos em Rio Grande, que existe um encontro aos sábados, onde tocam sopapo, mas só vão homens. Mesmo com o “machismo” presente, a Dona Maria, esposa do Mestre Batista, foi convidada para ser a madrinha do Ponto de Cultura Ventre Livre, Ricardo afirmou que ela ficou bem contente.

Porém, a maior preocupação do Bernardo é que o Mestre Batista ensinaria os segredos da montagem do sopapo para eles, da Rede Sopapo, mas não poderiam publicar. O pessoal começou a dar ideias de quem poderia pagar (patrocinar) a montagem do sopapo, porém, o Bernardo falou que é preciso pensar melhor, amadurecer a ideia, que é uma questão de confiança e ética para ele, pois é algo muito importante para o Mestre Batista. *“Existe um detalhe quando fecha o sopapo, muita gente quando fecha, quebra e o Mestre vai ensinar a técnica dele para fechar o sopapo”*. É um detalhe importante em todos os sentidos: econômico e espiritual. Econômico porque o Mestre Batista sobrevive com a venda dos sopapos que produz e espiritual porque ele recebeu isso de uma entidade (ligada a religião afro).

Todos se mostraram conscientes da responsabilidade, mas o Bernardo estava mais preocupado: *“um ano e meio de contato e agora ele abriu... vai falar sobre o método Mestre Batista”*. Preocupação de como lidar com essa responsabilidade. E o Bernardo seguiu falando sobre isso: *“tem um lance de legitimidade da apropriação do sopapo (...) o Mestre Batista recebeu isso do orixá Xangô”*. É uma preocupação, um cuidado e uma ligação espiritual com o sopapo, com o Mestre e com toda história que ele trás. Bernardo: *“ele jogou algo “pesado” para eu segurar!”*, falando espiritualmente.

No trabalho com o Mestre Batista, no projeto do Tambor de Sopapo, tem um envolvimento espiritual, emocional, e isso é comum em todos os trabalhos, eu só vi um trabalho que não tinha esse envolvimento e que não durou muito, foi para uma

academia de ginástica – mas que fizeram por ser para alguém próximo. O sopapo tem a questão do negro gaúcho, de resgatar a contribuição do negro no RS e desmistificar o gaúcho branco e europeu.

Devido ao calor muito forte, os computadores estavam trabalhando mal: travavam, lentos, e isso estava sendo um grande problema para todos que estavam trabalhando na sede – a maioria – nos últimos dias. Todos estavam de acordo que a prioridade agora era a climatização da sede, pois podem “ficar na mão” já que todos os trabalhos estão nos computadores de sede. Eram 12h passadas quando terminou a reunião. Sofia, Enzo, Beatriz e Ricardo foram para a sala-estúdio que agora está com o sofá. Falaram sobre a possibilidade de um novo projeto e de usar a salinha como espaço para conversas, bate-papo, descontração, reuniões, enquanto quem precisa se concentrar fica na sala maior.

Estávamos indo para o supermercado, comprar algumas coisas para fazer o almoço, e a Beatriz comentou que havia saído um dia com a filmadora para fazer imagens para o show da banda Bataclã no FSM 2010; que tinha feito imagens ótimas com efeitos do ônibus passando pelo túnel e refletindo as luzes no vidro, mas, ao final, ela percebeu que não havia gravado nada, pois a filmadora é sensível e ela deveria ter apertado duas vezes e desligou sem ela notar. Limpeza, piso, carpete, cadeiras e calor, filmadora “sensível”; às vezes só percebemos os não-humanos quando eles “nos traem”, quando param de funcionar. Ter um ar condicionado resulta ter um local de trabalho onde todos possam estar: humanos e não-humanos. A Catarse não seria a Catarse se não fossem todas essas heterogeneidades.

Almoço na casa da Beatriz feito pelo Miguel. Na volta, eu e Miguel havíamos combinado de pesquisar preços de ar condicionado *split*, íamos olhar na Internet. Sugeri consultarmos uma empresa especializada e fazermos um orçamento de capacidade do ar, quantidade, rede elétrica, só para termos uma ideia. Porém, o Guilherme disse que já havia feito isso, um tempo atrás, com um primo do Felipe e que os profissionais “*jogam o preço lá em cima*”. Afirmou que para a sala pequena deveria ser um ar de 7 mil BTU e para a sala grande um de 20 mil BTU (aproximadamente), então bastava o Miguel procurar na internet. Bom, com tudo isso, eu “tirei meu time de campo”. [A pesquisadora também tem o direito de se “sentir magoada” por não ter a sua sugestão aceita? De qualquer forma, precisava ir para casa mesmo].

#### 8.4 DURANTE O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL NÃO TEVE REUNIÃO

A Beatriz me telefonou domingo, à tardinha para avisar que não haveria reunião segunda-feira, pois iriam participar da “fala” do Felipe na Desconferência Vídeo nas Aldeias<sup>23</sup>. Fui direto para o Cine Bancários, chegando lá, só estava o Felipe. Comentei que o pessoal viria e ele nem estava sabendo. Fui apresentada como sendo da Catarse. Depois chegaram a Beatriz, a Sofia e o Bernardo.

Assistimos a dois vídeos produzidos por índios e depois conversamos. O pessoal da Catarse falou sobre: construção compartilhada – trabalhar junto com o parceiro que solicitou o trabalho; falaram da preocupação com o tempo de produção, com o processo de produção – as coisas às vezes são mais lentas do que o ritmo imposto por editais ou pelo sistema no qual estamos inseridos; fala da Beatriz “... *as coisas vão acontecendo, vão surgindo e isso vai refletir no trabalho final*” – nem tudo é pensado antes. Falou-se também que o envolvimento, o engajar-se na sua própria cultura, traz um empoderamento a quem participa.

Depois da Desconferência, fomos caminhando para encontrar o Ricardo e almoçar. O Felipe contou que havia participado de uma atividade do FSM 2010, no domingo, conheceu algumas pessoas, que tinham conhecimento do trabalho da Catarse. Beatriz comentou que não teriam mais os estandes dos Pontos de Cultura no FSM 2010 por falta de articulações – não da Catarse, e sim, dos responsáveis pelos Pontos. Essa é uma “queixa” bem comum deles: a falta de articulação e comunicação das redes, a dificuldade de mobilizar as pessoas; e aquele que se envolve mais, faz tudo. Nada muito diferente do se vê por aí, a diferença está na cobrança pelo envolvimento: não tem chefe, gerente, supervisor para exigir algo. Entretanto, essa queixa de “dificuldade de mobilização” aparece, às vezes, dentro da Catarse quando, por exemplo, disseram que “*cada um está trabalhando por si*” ou quando falam da limpeza.

No almoço, falamos sobre a produção da Banda Bataclã, a desorganização do FSM 2010 - a Beatriz ficou sabendo domingo que não teria estrutura para mostrar o vídeo no show de segunda-feira e ela havia trabalhado o sábado todo para terminar. Falou-se da possibilidade da Catarse realizar a produção da Banda;

---

<sup>23</sup> Promovida pela Secretaria da Cidadania Cultural – do Ministério da Cultura - no dia de abertura do FSM10.

comentaram sobre as coisas que dão errado por falta de envolvimento com o trabalho e assim as coisas vão sendo discutidas e encaminhadas. Com relação as imagens do vídeo para o show da Bataclã, a Beatriz comentou que estavam boas, mas era um processo, tinham coisas para melhorar, que estava aprendendo, pois era novo para ela também fazer um vídeo que “*funcione*” em um show.

## 8.5 REUNIÃO DEPOIS DO “MOMENTO FINANCEIRO”

A Beatriz está realmente “cansada” do financeiro, disse que ficará só até março (mês da assembleia geral); informou que ela e o Bernardo estão cuidando da parte de pagamentos dos cooperados, a Sofia das entradas e o Miguel do caixa ativo e contas a pagar. Fizeram essa divisão para poder se organizar melhor as atividades do financeiro, colocar as dívidas e as prestações de contas, os relatórios de pagamento, tudo em dia e também, porque a Beatriz afirmou que não estava dando conta de fazer tudo isso sozinha. Havia feito um “momento financeiro” que esse grupo se dedicou a organizar tudo. Agora, na reunião, algumas informações foram reforçadas sobre trabalho e financeiro: verba para produção e pré-produção deve ser retirada do caixa, precisam prever a verba de produção para receber adiantado – o pessoal geralmente faz o trabalho, paga com o seu dinheiro e depois pede ressarcimento, porém, a regra deveria ser: “cliente” assina o orçamento e a autorização de trabalho; quando concluíssem o trabalho, assina e entrega para o financeiro – essa regra não foi criada agora - apenas foi feito um “reforço” na informação.

A Beatriz reclamou que, no coletivo, quem trabalha no financeiro trabalha para os outros, então era preciso dividir o trabalho burocrático. Falaram de ter um departamento financeiro – isso já vinha desde o Planejamento Estratégico – com dois ou três responsáveis, mas que precisariam ter cuidado para que não virassem funcionários da cooperativa. Precisam fazer um sacrifício, fazer rotatividade nas funções, não poderia ficar tudo sempre concentrado em uma única pessoa.

Estavam tendo problemas de atendimento com o banco, por isso, sugeriram trocar para Banco do Brasil ou Caixa Econômica Federal. Felipe comentou da opção deles quando abriram a conta pelo Bannisul por ser do Estado – para estimular a

economia local - mas que também já teve problemas com o banco. A Sofia se dispôs a ir até outros bancos para conversar. Estavam fazendo um esforço para acertar as contas, pagar os cooperados. Pediram para cuidar quanto ao recolhimento de impostos, pois já houve vários casos de pagarem imposto duas vezes, devido ao preenchimento errado da nota fiscal da cooperativa.

Participaram da reunião a Beatriz, a Sofia, o Enzo, o Miguel, o Guilherme e o Felipe. Gabriel chegou depois. A reunião foi interrompida pela chegada de um vendedor de plano empresarial de celular que veio conversar com Guilherme, Enzo e Miguel. Como eu já trabalhei com isso, no meio da conversa sentei-me à mesa e fiz algumas perguntas. Depois que o rapaz foi embora, os três explicaram o plano para os demais, pediram opiniões, falaram das vantagens. Eles haviam gostado do plano e queriam “fechar” com aquela empresa, pois já haviam consultado outras. Depois disso, Enzo e Guilherme foram ver se conseguiam alguém para instalar o ar-condicionado e a instalação elétrica. Liga pra um, fala com outro, pede orçamento.

Essas reuniões foram criadas a partir das manifestações das pessoas de que precisariam se reunir “formalmente” para dividir informações, relatar situações, tomarem decisões coletivas e dividirem as responsabilidades, apesar de nem sempre essas “divisões” serem igualitárias. As reuniões seguiram, porém, como a participação diminuiu; eu mesma, por exemplo, não pude ir às reuniões durante o mês de março de 2010, pois tinha que cumprir meu estágio docente obrigatório; mudaram para terça-feira as 09h30min a partir de abril.

## 9 MINHAS TARDES DE EXPEDIENTE

Assim que cheguei, no meu primeiro expediente, Gabriel e Felipe foram almoçar. Em seguida, veio um rapaz que iria ter um “curso” com o Lucas. Conversamos um pouco, mas logo o Lucas chegou. Atendi o interfone. Entendi que era o Felipe, abri a porta, mas não era ele. [Que perigo! Abri a porta para qualquer um]. Ainda bem que era alguém que estava sendo aguardado pelo Gabriel. [Que mancada! Da próxima vez eu pergunto duas vezes]. Esse cara sentou junto com o Gabriel para trabalhar. Ficaram discutindo e acertando coisas sobre um trabalho.

Sentamos na “nova” salinha de reunião-descontração. Beatriz começou a olhar as contas, o que tinha que pagar. Já compraram o ar-condicionado do tipo *split*. Estavam vendo a possibilidade de comprar mais um *notebook*. Felipe queria combinar como seria a próxima semana em relação ao FSM2010, quem iria participar do quê. Tem uma pessoa da TV Brasil que está chegando hoje a Porto Alegre e queria conhecer a Catarse... “*quem pode conversar com ele*”, “*vocês querem, tem interesse de falar com ele?*” E a câmera? Vai estar na Catarse? A alocação dos equipamentos é feita ali, na conversa, quem precisa, quando precisa. Vai se ajeitando, assim como os encontros. Eram 15h ou 15h30min, e a Beatriz resolveu ir ao banco, pois precisava pagar umas contas. Do banco a Beatriz ligou, o valor do saque era alto e só quem poderia fazer era o Felipe. Na volta do banco a Beatriz voltou para o financeiro (papéis no chão e livro caixa), sentei com ela no chão e fui ajudando a fazer as anotações no livro caixa.

Qualquer coisa à respeito de informática, na Catarse, é com o Guilherme. Ele estava formatando o *notebook* do *Ventre Livre*. Depois ele e a Beatriz sentaram para escolher um computador, na Internet, para a Beatriz comprar, pois ela precisa de um urgente para um trabalho com a Bataclã FC. Antes de eu ir embora, Felipe e Lucas, fizeram uns questionamentos “risonhos” sobre como estaria a minha observação. [Conhece o ditado “brincando a gente fala a verdade”?] Então resolvi enviar a todos o material que eu havia escrito sobre o Planejamento Estratégico (PE).

Durante a semana de FSM 2010 fui “liberada” do meu expediente, pois pessoal estava envolvido nas atividades, e todos haviam “relaxado” naquela semana, e não haveria ninguém na Catarse com chave para eu entrar e cumprir meu expediente.

Em outra sexta-feira, chego à Catarse e dou de cara com quatro caixas de ar-condicionado *split* bem na entrada. Que sofrimento, com um calor de 40 graus, olhar para as caixas. Gabriel trabalhava num cartum; Miguel fazia a justificativa de um projeto para uma revista de teatro e o Enzo foi fazer a arte gráfica desta mesma revista. Geralmente quem faz a parte gráfica é o Gabriel, mas acho que está muito ocupado e o Enzo foi “quebrar um galho”. Liga, fala no MSN, pede o nome do fotógrafo, pede foto, quem está na foto? Tudo para montar a revista. Chega a Sofia e avisa o Gabriel que ele precisa ir ao banco transferir a conta. Enzo contou que ele e a Sofia não conseguiram abrir uma conta poupança. Depois chega a Beatriz e aí eu comecei a entender a “loucura” toda de banco: estão na fase de acerto financeiro. A Beatriz foi ao banco para regularizar os dados da Catarse e contou sobre toda a burocracia – “burrocracia” segundo ela – do banco, a falta de critérios e controle, pois ela havia deixado vários dias atrás os documentos para atualizar e estavam em baixo de uma pilha de papéis. Beatriz, Sofia, Miguel e Bernardo haviam passado à tarde anterior tentando regularizar o financeiro, fechar caixa, pagar as pessoas, haviam conseguido fechar dezembro de 2009, mas faltavam coisas ainda de janeiro de 2010 e isso estava tomando um bom tempo dela, reclamou a Beatriz (foi a semana do “momento financeiro”).

Quando a Beatriz falou que iria descer na sala da GK para continuar a trabalhar no financeiro, eu pensei “vou ajudar”. A Beatriz pegou suas coisas e disse “*vou descer para tentar fechar o mês de janeiro*” eu me ofereci para ajudar. Percebi que ela não queria dizer não, mas talvez não soubesse como eu poderia ajudar. Confesso que “me fiz de desentendida” e descii junto. Ela sugeriu que eu iniciasse a pesquisa sobre os fornecedores – que era uma das tarefas decididas no PE – ela me passaria os principais fornecedores e materiais e eu iria fazer o resto: organizo o que já tem e pesquiso preços e novos fornecedores. Subi para pegar o notebook do Guilherme, mas antes ela ligou para saber se o *notebook* ficaria desocupado. Tudo certo. É sempre assim, usam-se os equipamentos que estão disponíveis, não precisa de autorização, basta ver se ninguém vai precisar usar. Ótimo! Já tenho o que fazer!

Então ficamos lá, eu e a Beatriz, trabalhando, conversando, tomando chimarrão – estava um calor bem forte, mas tinha ar condicionado na sala. Beatriz calculou o quanto ela e o Guilherme deviam para Catarse, estava tudo anotado em papéis soltos; a Beatriz comentou com o Miguel o valor que eles deviam. Perguntei

sobre os projetos e as respectivas prestações de conta: Beatriz cuida da Catarse e do Ponto de Cultura Ventre Livre; Sofia do projeto Interações Estéticas e do Sopapo (convênio com o IPHAN). A Beatriz quer botar o financeiro em dia, com a ajuda do Miguel, da Sofia e do Bernardo; ela ficou tentando fechar o mês de janeiro (quebrando a cabeça) e eu pesquisando fornecedores na Internet. Mais tarde, o Miguel desceu para ajudá-la e também para receber as orientações sobre como e quando pagar as contas da Catarse.

## 9.1 TENHO A CHAVE DA CATARSE

Mais uma tarde de expediente na Catarse que eu não tenho a chave. Porém, como o Miguel disse que estaria lá na sede, não teve problema para eu entrar. Hoje, pela primeira vez, fiquei sozinha na sede, não a tarde toda, por volta das 15h20min o Miguel foi embora, pois precisava resolver umas coisas particulares. Fiquei com a chave dele e disse que eu iria aproveitar e fazer uma cópia. *“isso! Faz a chave!”*. No meio da tarde a Beatriz ligou para saber se eu precisava de alguma coisa, pois ela iria demorar um pouco e só chegaria depois das 18h. Falei que eu iria fazer cópia das chaves e ela concordou *“Claro, faz isso mesmo!”*. Algumas pessoas ligaram, anotei os recados e deixei em cima da mesa da Beatriz, pois ela havia dito que voltaria para Catarse mais tarde. Eram quase 17h30min, passei o aspirador de pó “por cima”, fechei as janelas e fui embora.

Na segunda-feira, dia 22 de março de 2010, fui devolver a chave para o Miguel (eu havia feito cópia) que estava tentando tirar uma segunda via do boleto de ISSQN (Imposto Municipal Referente a Serviços) pela Internet e não conseguia. Como ele precisava sair, pediu minha ajuda. Antes dele sair, eu já tinha feito a segunda via, pois o problema era o *link* de acesso; usei outro e deu certo. Esse débito em atraso (dezembro, janeiro e fevereiro) foi comunicado pela prefeitura, por correio, há quase duas semanas atrás. A Beatriz comentou *“não sei por que essa conta às vezes não vem... a gente não recebe a conta... eles não mandam...”*. [Pensei em fazer uma planilha em Excel para eles controlarem o vencimento e o recebimento das contas por correio. Engraçado, se a conta vem, eles pagam, se não vem, não pagam? Sem muita preocupação. Será que funcionaria a planilha?]

A Beatriz estava conversando com a Letícia (estagiária da GK) sobre as atividades do Ventre Livre e da GK. Ela contou que propôs, para o grupo de oficinas, que elas usassem aquele dia e horário, da oficina de teatro que não estava mais acontecendo, para realizarem algumas atividades sozinhas, a partir daquilo que elas queriam. Por isso, a Beatriz pediu para Letícia só ir lá, no Ventre Livre e abrir sexta-feira de manhã. O mais interessante é que ela contou que não havia pensado em nada, ela foi lá no Ponto para explicar que não haveria as oficinas de teatro e para saber o que as gurias – oficinas – queriam fazer naquele horário vago. Então ela teve essa ideia conversando com as próprias gurias. “*Eu não sei se vai dar certo*”, afirmou a Beatriz. Eu, particularmente, achei ótima a ideia, pois acredito que a maneira como a Beatriz, desde o início, buscou o protagonismo e a autonomia das crianças que frequentam o Ponto de Cultura, elas vão conseguir cumprir a proposta.

Perguntei para Beatriz se ela havia visto o meu bilhete com os recados gerais para Catarse. Ela respondeu que sim, mas que quando fosse algo do interesse de todos, eu deveria passar por *email* para lista. Apesar de estar com eles há quase um ano, ainda é difícil esse “hábito” de pensar e fazer para o coletivo – me dirigir a todos – o meu hábito de passar para um responsável, de ter um responsável ainda é forte.

No início, eu sempre tentava combinar, com antecedência, um dia ou um horário, manhã ou tarde, para ir à Catarse. A resposta nunca era com 100% de certeza “*acho que estarei, mas liga antes*”. Com o tempo eu passei a fazer o seguinte: se eu tivesse um horário livre, ligava para lá e se tivesse alguém eu ia. E também aproveitava os momentos de reunião semanal e me planejava para estar lá. Agora, além da reunião semanal e do meu dia de expediente, o pessoal tem feito reuniões de projetos, então vou nesses momentos quando posso. E como eu tenho a chave da sede, entro sem ser anunciada. A minha inserção, participação, nunca foi formal, isto é, o pessoal nunca marcou dia, horário para eu ir à sede, sempre ficou em aberto; entretanto eu tentava fazer isso: marcar data e hora. Depois fui percebendo que não era necessário toda essa formalidade.

## 9.2 TARDES MOVIMENTADAS

Durante o ano de 2010, até o início de dezembro, fui praticamente, todas as quintas-feiras na Catarse, cumprir meu expediente. Iniciei indo às sextas-feiras, depois troquei com o Miguel. Algumas tardes foram bem movimentadas (alguns relatos estão espalhados ao longo da dissertação) outras, no entanto, eu passei sozinha, principalmente nos últimos meses, ou acompanhada do Gabriel, que, geralmente trabalha à tarde e do Felipe, um dos cooperados mais presente na sede da Catarse, quando não está trabalhando fora. Quando eu estava sozinha, às vezes, aproveitava para varrer o chão, tirar o pó ou lavar a louça.

Em uma das tarde movimentadas de abril de 2010, Lucas e Felipe conversavam e debatiam sobre a divulgação do vídeo das PANCs “Projeto PANCs: soberania alimentar e biodiversidade palpável”. O vídeo foi financiado por um órgão público (conforme relato feito logo no início da dissertação) e filmado, em parte, em oficinas ministradas no MST, para pequenos agricultores ligados ao movimento. Enviaram *emails* de divulgação e postaram no *blog* da Catarse.

Gabriel e Lucas estavam montando o folder da Anama.<sup>24</sup> O Gabriel monta, e o Lucas estava dando sugestões e opiniões. Guilherme estava consertando o computador do Gabriel – o de casa. Volta e meia, Lucas e Felipe retomavam o assunto do vídeo das PANCs. Lucas: “*tô mandando para toda imprensa alternativa... agora o vídeo é público*”. Felipe: “*Estamos fazendo a divulgação que eles não fizeram*”. Eles haviam feito o vídeo há bastante tempo e o órgão público para o qual eles fizeram não havia divulgado nada; não sei o motivado do fato, de agora, o Lucas e o Felipe quererem divulgar, mas eles estavam num clima de “*vamos divulgar no nosso site e ver no que dá*”. Lucas perguntou ao Guilherme: “*tem uma verba deste encarte para revisão... artigo com o Antônio?*” (falava do folder da Anama). Guilherme respondeu que sim. Nem sempre as equipes são “fechadas”, às vezes alguns actantes são incluídos ao longo do trabalho.

Em outras tardes de expediente, eu pude acompanhar um pouco do processo de trabalho dos projetos da Revista da Descentralização, do Interações Estéticas –

<sup>24</sup> ONG Ação Nascente Maquiné: promove ações e elabora estratégias que contribui para a defesa, preservação, conservação e recuperação da Reserva da Biosfera (Mata Atlântica e Ecossistemas Associados)

Famílias do Jardim – e do filme sobre o sopapo - O Grande Tambor. Até meados de setembro/2010, o Gabriel estava trabalhando mais no projeto do Tambor de Sopapo. Vi a foto que ele produziu para a capa do trabalho – encarte. Agora o vejo trabalhando “direto” na Revista da Descentralização. Ele e Felipe conversam sobre as páginas da Revista – quais fotos são mais significativas, detalhes das páginas, títulos das matérias... Gabriel sentado no computador e Felipe ao lado dando as opiniões e relatando um pouco sobre as situações em que algumas fotos foram feitas. De qualquer forma, hoje vai ter reunião sobre o projeto do Sopapo: Sofia, Felipe, Gabriel e Enzo. Bem antes da reunião, Enzo sentou para conversar com a Sofia, rapidinho, sobre o lançamento e os locais de exibição do filme, discutem algumas possibilidades: onde eles têm contatos, onde seria importante estar.

A parte do projeto do Sopapo que cabe ao Gabriel pode estar “parada” neste momento, mas outras ações ligadas ao projeto não estavam. Em uma quinta-feira (final de setembro) estavam na Catarse: Enzo, Gabriel e Felipe. Cada um fazendo seus trabalhos. Enzo fazia várias ligações e falou com pessoas diferentes para conseguir marcar e reservar um espaço no piso superior do Mercado Público de Porto Alegre para divulgar o filme O Grande Tambor. Telefonou para o Miguel para saber se teriam condições e pessoal para usar esse espaço de divulgação. Acho que o Miguel disse “sim”, pois o Enzo ligou depois mais vezes para o Mercado Público e conseguiu marcar.

Pausa para arrumar a régua de energia que não funciona; pausa para trocar o estabilizador que está com cheiro de queimado. Felipe comenta com o Gabriel “*a revista (da Descentralização) vai ter umas 30 páginas a mais, porém, pela quantidade de material, a gente vai ter que cortar pessoas e isso vai ser ruim... o pessoal vai reclamar*”. Felipe tem trabalhado bastante no material para passar para o Gabriel montar a revista: textos e fotos, pois o prazo está bem apertado.

Os emails de divulgação com os *teasers* (pedaços do filme), as postagens feitas no blog do projeto já falam de lançamento do documentário do sopapo e mostram que o projeto está em andamento. Perguntei sobre quais lugares serão apresentados o filme e o Enzo disse que nenhum local está confirmado 100%, ao menos até agora, para apresentar o documentário.

Apesar da data de lançamento ser daqui a dois meses, me surpreendeu, pois, achava que isso não poderia ficar para última hora. O Enzo deve ter notado a minha expressão de espanto, pois comentou “*talvez as pessoas tenham outras prioridades*

*agora*". Depois sentou para escanear partes dos livros de história que a Beatriz havia marcado para incluir as imagens no documentário.

Gabriel trabalhava na revista da Descentralização, na criação dos efeitos gráficos, tentando ser original (e consegue). Por exemplo, ele explicou que os respingos de tinta que aparecem em uma página foram feitos em casa com respingos, de verdade, de tinta nanquim; depois ele trouxe para Catarse, escaneou e passou para o programa de computador. Assim fica difícil alguém copiar ou ser igual a outros respingos de outra arte já feita.

Quando o Gabriel perguntou o motivo de ter louças sujas embaixo da pia do banheiro e comentou que não havia mais xícaras para outras pessoas usarem – ele tinha a sua - o Enzo deu uma risada – bem debochada – eu também ri – mais discretamente – pois lembrei a Beatriz falando que iria deixar a louça lá porque estava cansada de lavar para os outros. A louça ficou lá.

Certa tarde, ao invés de cumprir meu expediente todo na Catarse, fui um pouco na casa da Beatriz, onde ela tem trabalhado na edição do filme documentário "O Grande Tambor", era início de outubro. Lá assistimos, eu e Ricardo, um pedaço do que ela já montou, ainda faltando incluir trilha sonora e muitas outras coisas. A cartilha do projeto do Sopapo, que o Gabriel deu o nome de "Método Batista" segue "parada". O tambor de sopapo da Catarse apareceu em uma foto que o Gabriel produziu para a cartilha e que virou símbolo do projeto. Já vi a foto como pano de fundo no notebook do Guilherme, está no pano de fundo do blog do projeto Tambor de Sopapo. O Enzo reformulou o blog do projeto, deixou na barra lateral todos os *teasers* já divulgados até agora. Ficou muito bacana a organização das informações.

### 9.3 OLHOS DESATENTOS

Algumas mudanças no espaço ocorreram, mais uma vez: alguns computadores foram trocados de lugar, tem um cartaz novo colado na parede, pequenas modificações que não haviam chamado a minha atenção, exceto o chão – sem carpete – e o tapete que o Felipe trouxe e que colocamos embaixo da mesa redonda – como que delimitando um espaço de reuniões.

Eu também já não me sinto “deslocada” na sede. Geralmente, sento no computador que é usado como ilha de edição ou no computador que o Felipe usa. Às vezes, levo meu notebook e sento-me à mesa redonda. Lavo a cuia para o Gabriel fazer o chimarrão, às vezes, faço o chimarrão.

Mas hoje, final do mês de setembro/2010, quando eu cheguei para mais uma tarde de expediente e vi que havia “desaparecido” vários equipamentos da mesa do Guilherme (por exemplo, a impressora preta) e da mesa onde está o computador que serve de ilha de edição e também de mesa de som para o estúdio, achei estranho. Deu uma sensação de “estamos de saída... leve suas coisas”.

Talvez, devido aos momentos de tensão por causa dos problemas financeiros, a serem relatados, em seguida, eu passei várias semanas indo a Catarse para reuniões cuja pauta eram os problemas financeiros e não percebi as mudanças na organização material da sede. [Foram semanas tensas, muitas vezes eu saía com um “nó na barriga”, achando que tudo iria acabar].

Alguém lavou a louça que estava, há dias embaixo da pia do banheiro (não toda, mas uma boa parte). A Sofia me mostrou as toalhas de rosto que ela trouxe de volta, disse que não teve coragem de pedir para a empregada lavar, então ela mesma lavou. Estavam bem sujas.

Nesta tarde, quando cheguei, o Felipe estava de saída para uma entrevista para a Revista da Descentralização, mas antes passou instruções ao Gabriel sobre alguns detalhes das páginas que estavam fazendo. Rápido, tinha pressa... A Sofia pediu para o Gabriel enviar a ela um orçamento – que ele já havia repassado ao Bernardo – referente a um livro de uma dissertação de mestrado de um conhecido deles – Sofia e Bernardo. Ela disse que tem interesse nesse tipo de trabalho e que já tem mais dois ou três pessoas interessadas em publicar suas teses e dissertações. O Gabriel repassou o email, mas disse que não iria “pegar”... além de ter muito trabalho, ele faz projeto gráfico e quem faz diagramação é o Adel.

Perguntei “*mas qual a diferença entre projeto gráfico e diagramação?*” Ele me explicou que no projeto gráfico ele define como vai ser o material: a cor, tipo de letra, onde vai ser o número da página, faz a capa e “dá todas as coordenadas” para fazer a diagramação. “*Diagramação é mais braça!*” além de se trabalhar com outro programa de computador que ele não sabe usar. O diagramador tem alguma liberdade para criar, mas dentro do projeto gráfico previamente, elaborado. Entendi.

No dia seguinte, soube que o material retirado da Catarse é parte do Ventre Livre e parte do Guilherme e da Beatriz. Ele me disse que estava tirando as coisas, pois agora, com a vinda do prêmio Mídia Livre, a Catarse vai usar para melhorar a estrutura, comprar equipamentos. Então, o melhor retirar o que não é da Catarse [para não confundir, pensei].

## 10 SEGUIR SUAS CONVICÇÕES – PARA QUEM TRABALHAR.

A discussão de levar sempre em consideração as suas convicções de não trabalhar para partido político, de construir junto com o parceiro a proposta de trabalho, de apoiar os movimentos sociais e de não abrirem mão de seus princípios, surgem e ressurgem o tempo todo. Essas convicções estão presentes desde o início da Catarse, na escolha do tipo de trabalho desenvolvido e para quem iriam trabalhar e perpassou várias situações, porém, em alguns momentos isso ficou bem evidente.

Em uma reunião geral, no início de maio de 2010, dois pontos foram discutidos a esse respeito, Felipe e Lucas falaram da festa de lançamento de um novo portal de jornalismo, onde haviam muitas pessoas ligadas a partidos políticos, mas, que o discurso, no encontro, era de isenção. Lucas informou que foi solicitado a fazer orçamento para elaborar vídeos, reportagens para o portal – ele disse que passou o orçamento “real”, mas se questionou: *“trabalhar para partido político?”*.

Ele não negou o trabalho, mas fez um orçamento com valores de mercado, pelo qual todos seriam bem remunerados. Se for para fazer, ao menos que sejam bem pagos. Mas, sempre fica o questionamento: trabalhar para partido político mesmo “disfarçado”? *“e se termina a eleição... será que fecha o veículo?”*, comentou Lucas. Eles concordam que não vão trabalhar para partido, mas o Lucas também lembrou que *“na Catarse tem a questão de ter material Copy Left – qualquer um usa o material”*. Não tem como impedir. Porém, o Felipe destacou que o contrato seria de *free-lance* (seria individual e específico) e que, inclusive, o portal tem uma entidade jurídica que não é partido. Bernardo comentou da possibilidade de *“capilarizar as relações... temos que refletir a respeito”*.

Felipe: *“se eles vão pagar para produzir a pauta da Catarse, com autonomia, aquilo que interessa para a Catarse, sem subordinação... isso seria financiamento para o nosso jornalismo”*. Quanto a isso, Lucas reforçou: *“o material é sem edição... eu não faço pauta político-partidária”*. Felipe reforçou: *“não, nós editamos”*, ou seja, teriam que divulgar exatamente aquilo que eles (Catarse) produzissem.

O Lucas e o Felipe ainda comentaram sobre a organização do site, que deveria estar no ar numa determinada data, mas não aconteceu, e falaram também sobre o conteúdo: *“é outro tipo de percepção”*... Lucas *“é triste ver isso, mas ao mesmo tempo, nos fortalece, saber que fazemos melhor”*. Acho que os jornalistas da

Catarse esperavam ver um jornalismo mais “agressivo, de denúncia, mais atuante”, esperavam algo que sacudisse o meio jornalístico do RS. Bernardo concluiu: “*então vamos ‘recolher o caminhão’ e trabalhar como ‘free’, se for o caso*”. O assunto se encerrou quando todos perceberam que estavam de acordo e com a mesma posição em relação ao trabalho, especialmente Felipe e Lucas, pois eram os mais envolvidos no assunto.

Nessa mesma reunião, debateram sobre um comentário deixado em um blog (usando a ferramenta “comentário” dos blogs) à respeito de uma reportagem da Catarse. Enquanto esperávamos o Lucas e o Arthur, no início da reunião, o Guilherme, o Bernardo e o Felipe estavam debatendo, se responderiam ou não a esse comentário feito, referente à postagem denominada “O Coletivo Catarse realiza reportagens sobre o conflito iminente entre os quilombolas e os fazendeiros que se desenha em Bagé – RS”.

A postagem da Catarse iniciava assim: “A Comunidade do Quilombo de Palmas, na região de Bagé/RS, está sofrendo pressão de fazendeiros, que estão em vigília na entrada do quilombo há 15 dias”. Na reportagem, a Catarse entrevistou os ruralistas e os quilombolas que discutiam a posse da terra e a atuação de determinado órgão público. Alguém havia feito uma postagem, em seu próprio blog, falando “mal” e de forma bem grosseira sobre a reportagem em si e sobre o trabalho da Catarse em geral.

Ao final da reunião, voltou a discussão. Guilherme disse: “*não podemos dar importância. Não responde!*”. Felipe: “*vale a pena responder? eles estão dizendo que somos mentirosos...*”. Bernardo: “*tem que responder no blog deles...*”. Lucas, Bernardo e Felipe querem responder. Guilherme não se convenceu, mas aceitou e decidiram responder. Eu acessei o blog no qual foi postado o comentário “grosseiro”, criticavam até a escrita do texto de apresentação da Catarse que, por sinal, tempos depois foi alterada.

Por fim, o Felipe trouxe a discussão sobre deixar claro no blog que eram “sem filiação partidária”. O pessoal (Lucas, Guilherme, Bernardo) entende que não devem dizer nada, pois vai parecer que estão “mascarando” algo. Guilherme afirmou: “*as pessoas precisam saber pelo nosso trabalho que não temos nada a ver com partido... não precisa dizer!*”! Certa vez eu havia respondido um email, para lista da Catarse, falando se não seria importante constar no site que eles não têm vínculo partidário e ninguém respondeu meu email. Agora o Felipe falou sobre isso e olhava

para mim, como se dizendo que fez a reflexão a partir do que eu havia proposto; porém, os demais tinham isso consolidado “*de que não precisava dizer nada*” e nem cogitaram a discussão ou reflexão. Entre eles, isso está definido e claro, não se discute e não discutiram, tanto que nem responderam meu email.

Outro exemplo sobre as conexões que se estabelecem – ou que tentam estabelecer – a partir das convicções de quem trabalha na Catarse, foi a reunião com uma pessoa do MTD<sup>25</sup>, que tratou da possibilidade de trabalho para gravar e editar material em vídeo – fazer um registro - das atividades e encontros de um projeto do MTD aprovado em um edital público. Participaram Arthur, Lucas, Felipe, Sofia, Bernardo e eu. O contato foi feito com o Lucas e ele marcou a reunião.

A pessoa chegou com um copo plástico com café. Lucas olha e pergunta se ela não quer colocar o café em uma xícara. Dias antes, o Lucas havia comentado que não se deve aquecer os recipientes plásticos ou colocar líquidos quentes, pois liberam toxinas que afetavam os hormônios masculinos. [Achei até que ele daria um “discurso” sobre isso].

Ela contou sobre um projeto de hortas coletivas em meio urbano, que iriam visitar vários assentamentos do MTD para iniciar um trabalho de desenvolvimento das hortas, de envolvimento da comunidade, tratariam da questão da boa alimentação e cuidado com a saúde.

Lucas e Felipe pensaram em uma proposta de trabalho em conjunto para definirem os temas dos vídeos – documentários. Lucas propôs ensinar algumas pessoas do movimento sobre audiovisual. Esse grupo acompanharia o pessoal da Catarse nas filmagens para o MTD e seriam instruídos no sentido de terem autonomia nos trabalhos futuros para que o próprio movimento pudesse “usar” esse recurso de registro, usar a comunicação para promover a sua causa, promover discussões, usar em benefício próprio. A moça do MTD gostou bastante da ideia, mas ela não tinha muitas informações sobre o que exatamente deveria ser filmado. Ela buscava mais informações e enviaria um email. Lucas afirmou “*nós temos interesse de trabalhar com vocês*”.

Ao final da conversa Felipe e Lucas deram alguns materiais feitos pela Catarse como o livro Famílias do Jardim e o livro da Capina de Economia Popular; Bernardo mostrou o vídeo da Autogestão Democrática, citando-o como um possível

---

<sup>25</sup> Movimento dos Trabalhadores Desempregados, que atua em nível nacional.

material para o MTD usar na formação de seus membros, porém, o Lucas disse que era um vídeo que exigia um entendimento anterior, que não era de linguagem popular, “*o vídeo exige conceitos prévios*”. Ele afirmou que o vídeo que deveriam fazer para o MTD devia ser de linguagem popular, fácil acesso para as pessoas, em geral, para que pudesse ser usado “dentro” do movimento. É bem comum o Lucas e o Felipe demonstrarem essa preocupação: das coisas que produzem serem acessíveis às pessoas, de ter uma linguagem acessível.

Neste mesmo dia, à tarde, Enzo relatou a conversa que teve com uma pessoa do Ministério da Cultura (MinC) que vai ajudar a distribuir o livro do Famílias do Jardim. Essa pessoa também gostou bastante do projeto do Sopapo. “*foi um momento de sensibilizar a pessoa*”, disse Enzo. Lucas pergunta: “*e tu falou sobre o Mídia Livre?*”, Enzo diz: “*não*”.

Enzo dividiu com o grupo, com quem estava lá: Felipe, Lucas, Gabriel, algo que ele fez, que ele conseguiu, mas que vai ajudar a coletivo, porém sem deixar de “valorizar” o individual, o esforço dele, o “orgulho” que ele sentiu por conseguir o contato, de ir conversar e conseguir um apoio importante para o coletivo e para o trabalho. É uma postura diferente de “excluir” o indivíduo.

Dias antes, quando o Felipe parabenizou a Sofia - e, por conseguinte o Bernardo – pelo trabalho no Fórum Social das Américas e pela reportagem sobre a abertura dos arquivos da ditadura no Paraguai – que rendeu uma série de quatro reportagens para TV Brasil – chamada Operação Condor – ela respondeu: “*parabéns para nós... é um coletivo*”. Como se não fosse aceitável elogiar o indivíduo – e fez questão de frisar: “*não é individual, é coletivo*”. Mas quem estava lá, mesmo que em nome do coletivo, mesmo com todo o “aparato” do coletivo “por trás”, eram eles dois, Sofia e Bernardo. Eles buscaram as informações e fizeram as gravações, então, mereciam o elogio.

Será que para atuar no coletivo precisa-se abrir mão do individual? Precisa dizer o tempo todo, que é coletivo? O coletivo contribuiu para que eles estivessem lá, quisessem filmar e gravar depoimentos, acompanhar as movimentações e conversar com pessoas. Editar a matéria e enviá-la para TV Brasil - a Catarse já havia enviado outras matérias para a TV Brasil. Ou é coletivo – se trabalha em grupo – ou é individual – se trabalha sozinho. Difícil sair dessa dicotomia.

São exemplos de que existem pontos comuns e outros, nem tanto, em se tratando de opiniões e convicções. Da mesma forma, isso se repete quando pensam

e discutem a organização do dia-a-dia da Catarse. Quem é o responsável pelo financeiro? Todos são, mas quem executa a atividade? Todos? E se tem um problema ou um sucesso? Quem deve ser “cobrado” como responsável? Quem recebe o elogio?

Final de novembro/2010. A Catarse recebeu um email de uma organização mantida por grandes empresários, pedindo uma reunião para pensar em possíveis projetos juntos. O Felipe repassou o email para a lista *“Não podemos simplesmente dizer não por email. Temos que chamá-la para conversar. [...] aguardo respostas antes de responder a ela.”* Marcaram para quarta-feira dia 01 de dezembro, mesmo o pessoal da Catarse *“não querendo se conectar”* com essa outra organização. O fato de chamarem para conversar é uma forma de seguir suas convicções de “marcar posição”.

Não pude ir no dia, pois fiquei doente. Quando cheguei lá na Catarse na quinta, dia 02, havia uma bandeira do MST, perto da mesa redonda, geralmente, usada nas reuniões. Essa bandeira estava atrás da porta de entrada, “escondida” no corredor e agora estava na parede, onde antes estava a prateleira de livros do Antônio. Mudança interessante. O Felipe falou que meia hora antes, alguém da Organização ligou e disse que a pessoa que iria lá havia ficado doente - ou passado mal - cancelaram a reunião sem marcar nova data. Felipe comentou: *“vai ver que eles foram ver nosso blog, ver para quem a gente trabalha... investigaram melhor... e desistiram”*. Está explicada a bandeira pendurada ali, bem visível.



**Figura 3 - Convicções. Créditos: Sarah Brito**

O Gabriel está trabalhando no projeto do Tambor de Sopapo agora (final de novembro, início de dezembro) em o todo material gráfico. Fez as camisetas e já mandou para serigrafia e fábrica. Ele disse: "*a gente escolheu duas cores e o local da estampa do patrocínio*". Bernardo questionou: "*como assim? a gente escolheu?*". Gabriel respondeu: "*um dia, tava a Sofia, o Enzo aí, e a gente escolheu*". Bernardo: "*ah bom, também tinha que mandar fazer*".

Além disso, o Gabriel estava fazendo a arte do lambe-lambe<sup>26</sup>, ligou para uma gráfica para saber o preço. Depois, experimentou posição do texto, tamanho, Bernardo deu sugestões enquanto terminava a edição da reportagem sobre a Parada Livre (manifestação pública organizada pelo movimento LGBT de Porto Alegre), que ele e o Arthur haviam filmado no domingo passado, dia 28 de novembro para ser postada no blog da Catarse. Bernardo comentou que o pessoal estava "cobrando" deles a reportagem. Ele fazia os ajustes, depois chamava a Sofia para ver e dar sugestões; ele também dava ideias na arte gráfica que o Gabriel estava

<sup>26</sup> Cartazes de tamanhos variados, colados na rua, geralmente em muros e postes.

fazendo, a Sofia, além de dar sugestões para o Gabriel e para o Bernardo, fazia a produção para a estreia do filme “O Grande Tambor”.

Final da tarde ligaram para uma pessoa para saber sobre a masterização do som do filme.... A estreia é dia 12 de dezembro, em Pelotas [Aiai... meu Deus! pensei. Hoje já é dia 02]. A pessoa respondeu que precisaria de uma semana para fazer - de segunda a quinta - ficaria pronto dia 09. [isso se não houvesse nenhum imprevisto. Por que as coisas ficam para a última hora?].

O leitor pode estar pensando “qual a relação desses últimos parágrafos com o assunto do capítulo – Seguir suas convicções...?”. Diretamente, talvez nada, apesar de que escolher trabalhar com questões como “negro no RS” e “liberdade de opção sexual” seriam exemplos de “convicções”. Entretanto, esses últimos parágrafos foram escritos para exemplificar o quanto foi difícil separar certos assuntos. O entrelaçamento, o atravessamento foi constante, muitas coisas aconteceram “tudo ao mesmo tempo agora”.

## 11 O PRÊMIO PONTOS DE MÍDIA LIVRE

A discussão “aberta ao coletivo” sobre o Prêmio Pontos de Mídia Livre começou por *email*. Queriam inscrever a iniciativa da Catarse, desta vez, pois no ano passado, eles trabalharam com os índios Guaranis. Lucas e Felipe iriam conversar com os índios primeiro. Guilherme disse por email que já haviam conversado, informalmente, sobre a prioridade de se fazer o projeto da Catarse e das relações com os Guaranis, porém aguardariam o resultado da reunião do Lucas e Felipe com os índios.

Dia 31 de março de 2010, Felipe por *email* (um pouco resumido): *“Catársicos, Lucas e eu fomos para a reunião com ‘representantes indígenas’ para convencê-los de que deviam abrir mão do projeto deles para inscrevermos o nosso. E eles concordaram”*.

*“Ficamos comprometidos com duas tarefas: montar DVDs simples com o material que coletamos na última assembleia continental e empenhar-nos em inscrever o projeto do filme Guaranis em todos os editais possíveis que aparecerem. Esta decisão nos joga numa responsabilidade gigantesca: escrever o melhor projeto que já fizemos até agora em apenas sete dias, a partir de hoje. Por quê?”*.

*“Porque abrimos mão de fazer um projeto muito importante e que ainda não foi feito, um documentário de extrema relevância social sobre os Guaranis em todos os estados do Brasil onde estão; e porque, desde 2002, (...) queremos recursos para investir num veículo de comunicação próprio. Este é o único edital que apareceu, nestes últimos oito anos, que pode contemplar esse projeto”*.

*“Digo que tem que ser o melhor projeto que já escrevemos não porque o Sopapo, o Ventre Livre, o Interações Estéticas ou o próprio projeto dos índios sejam menos importantes. Mas, porque é o único projeto que vamos escrever exclusivamente, sobre nós mesmos. O projeto profissional que nos fez vir até aqui. O único capaz de investir grana diretamente num projeto que não inclui terceiros, parceiros e que, indiretamente, vai beneficiar todos com quem já trabalhamos e todos com quem ainda vamos trabalhar”*.

Ele finaliza o *email*, convidando a todos para se reunirem e discutir sobre o projeto. *“Tudo o que encontrarem e juntarem sobre a Catarse nos seus computadores, gavetas e pensamentos, tragam pra gente escrever o projeto (...) e*

*transformar nosso blog numa página de notícias pra fazer a diferença na vida das pessoas.”*

Desta forma, o que se estava discutindo de forma dispersa, com o *email* do Felipe, passou a ser discutido e tratado de forma objetiva e prática para montagem da proposta. No dia marcado para o primeiro encontro (01 de abril), cheguei um pouco antes do horário e, conversando com o Guilherme, ele questionou: “*qual é o teu objetivo?*”. Respondi: “*descrever como ocorre a autogestão no cotidiano...*”. Depois, ele me indicou um livro sobre “os problemas das cooperativas”, a maioria eram problemas de estrutura administrativa e conhecimentos financeiros. Eu disse que iria levar para casa e devolvia para ele na próxima semana. Ele disse: “*é nosso*”. Eu havia dito “*eu te devolvo...*”.

Fizeram a reunião Guilherme, Felipe, Beatriz, Gabriel e eu. Decidiram que iriam dividir as tarefas, pois tinham pouco tempo: Guilherme vai responder todas as perguntas do edital até terça pela manhã. Lucas e Felipe irão organizar a coleta de cartas de apoio das instituições. Beatriz e Gabriel irão organizar o portfólio para o prêmio. Guilherme enviou email para lista, avisando das ações. Além disso, definiram marcar a reunião de retorno na terça-feira, às 9h onde seriam lidas as respostas e feitas as devidas correções a partir das observações que surgissem na hora. Terça à tarde revisariam toda a redação, na quarta-feira se apresentaria o portfólio e marcariam mais uma reunião para a finalização da redação, às 15h. Assim teriam tempo, quinta e sexta, para correções e afins. Observação do Guilherme: “*ainda não definimos se será regional ou nacional*” (existiam essas duas opções no edital).

As cartas de apoio à Catarse, “*de movimentos e organizações que reconhecem nossa importância para a comunicação livre, alternativa e independente*”, conforme as palavras do Felipe, foram solicitadas a partir de diversos cooperados. Cada um, com seus contatos, fez a solicitação para as organizações das quais está mais próximo e ficou responsável por “cobrar” o envio e repassar. Dividiram as tarefas; cada um fez aquilo que julgou que conseguiria fazer e todos cumpriram a sua parte.

Conforme combinado, então, o Guilherme respondeu as perguntas do edital e enviou para lista da Catarse. Assim, na terça-feira, dia 06 de abril, reuniram-se para a discussão e construção coletiva da ideia do projeto Pontos de Mídia Livre. Cheguei

pedindo “com licença” e o Guilherme disse que tiraria a minha chave se eu ficasse pedindo licença.

A reunião começou com atraso. Fizemos uma roda com as cadeiras perto do *notebook* do Guilherme, mas não usamos a mesa redonda. Discutiu-se alguns termos: preservação – conservação; contratar- demandar. Questionou-se: criariam um conselho editorial? “*não, isso nunca vamos ter*”. Iam decidindo, descrevendo as situações e escrevendo o texto, elaborado na hora; assim foram construindo a ideia, o texto, mantendo algumas coisas que o Guilherme havia escrito, alterando outras. Os que estavam ali realmente “sabiam” como chegaram até ali.

Atenção aos termos: não-hegemônico, engajamento, participativo, colaborativo; “*vamos ‘potencializar’ e não dizer que não têm voz (...) dizer que as pessoas não têm voz e a Catarse dá voz (...) as pessoas têm voz!*”. Ao invés de “Sindicatos”, dizer “entidades de classe”. Vão apresentando as ideias. A Catarse trabalha com “*comunicação comunitária... com outra proposta de sociedade... e se propõe valorizar outras propostas de sociedade que não a hegemônica*”. A certa altura da conversa, o Guilherme pediu para o pessoal não se preocupar em corrigir o texto naquele momento, mas expor as ideias, pois, fariam a edição do texto depois. O ponto que mais gerou discussão foi decidir se a iniciativa a ser premiada era a Catarse ou o site. Então, o Felipe voltou ao conceito do que é o Mídia Livre, para tentar esclarecer qual era o objeto do projeto. Mesmo assim, foram respondendo os demais itens do formulário do edital e quando a questão falou de “estética”, gerou dúvidas novamente, pois dependia do objeto. A Beatriz participava da discussão de “fora” – não estava na roda – fazia outras coisas e participava de vez em quando.

Discutiu-se sobre *Copy Left e Creative Commons*<sup>27</sup>. A licença será mantida por ser princípio do trabalho da Catarse. Entretanto, discutiram qual é a diferença? qual deve aparecer no blog (ou, futuro site) a ser divulgado? Qual deve constar no texto do projeto? Questões pontuais, mas importantes.

Tentaram vários telefonemas para o MinC (Ministério da Cultura) para ver se conseguiam esclarecer as dúvidas, em especial e principalmente – as dúvidas sobre “qual é a iniciativa que será premiada”? Entretanto todos tinham um ponto em

---

<sup>27</sup> O copyleft é usado no terreno dos bens culturais para designar precisamente o que no software livre era uma obviedade: a garantia de certas liberdades do público. Mais informações em : <http://www.overmundo.com.br/overblog/introducao-ao-copyleft>. Creative Commons é uma licença que disponibiliza a obra, sem necessariamente abrir mão dos direitos autorais. Mais informações em <http://www.creativecommons.org.br>.

comum: disponibilizar a produção da Catarse através de um canal. “marcar posição”. Felipe afirmava: “*o que vai ser premiado é o que já existe, não é um projeto*”.

Resolveram, então, rever tudo o que foi escrito até agora para poder focar o que se vai fazer no site. Decidiram que o foco seria o site. Então teriam que escrever as respostas, porém o Guilherme afirmou: “*já peguei muito do que está sendo falado e já respondi*”. A discussão novamente é sobre o foco do prêmio: “*isso tá ficando claro, é o acervo da Catarse...*”. Já eram 12h30min... e se deram conta de que deveriam direcionar para o acervo e produção da Catarse: “*são os nossos trabalhos!*”.

Na quarta-feira, Guilherme enviou nova versão das respostas (escrita a partir das discussões de terça-feira) do edital, por email, ele sintetizou tudo. Lucas também colaborou, fez algumas alterações e reenviou por email. Já haviam chegado algumas cartas de apoio, poucas ainda, segundo Felipe.

O Guilherme enviou mais uma nova versão das respostas para o projeto, por email, na quinta-feira, dia 08/04, incluindo e organizando todas as sugestões que foram enviadas por email. Neste mesmo dia, receberam a informação que todos os Editais foram prorrogados para o dia 12 de abril. Teriam mais um pouco de tempo. Mesmo assim, mantiveram a reunião da sexta-feira. Cheguei, já havia iniciado, estavam projetando o texto na parede, lendo cada resposta e discutindo; havia emails da lista com contribuições de outros cooperados e novas respostas. Nas discussões, identificamos que seria bom quantificarmos o número de acesso aos vídeos no *Youtube*, o Lucas iria fazer para incluir no texto.

Conseguiram várias cartas de recomendação de outras entidades, a maioria com textos escritos pelas próprias pessoas das entidades, eram textos originais e carregados de emoção e que atestavam o engajamento da Catarse com a comunicação alternativa.

O texto para o edital ficou praticamente pronto, o Guilherme pediu para eu revisar e dar minha opinião. Acionei o “controle de alterações” do *Word* – o Guilherme acionou *Pearl Jam*. Quando o Guilherme viu o “controle”, disse: “*não! Isso aí é uma droga... e eu não sei tirar*”. Achei que a repulsa pelo “controle de alterações” era porque danificava o arquivo ou alterava alguma configuração, mas não, era só porque ele não sabia usar. Fiz algumas sugestões, alterações e mostrei para ele. Umas, ele aceitou, outras, não, e à medida que íamos conversando sobre as minhas sugestões, ia tirando o “controle de alterações”.

Quando cheguei, na sexta-feira, a Beatriz e o Ricardo estavam trabalhando em outro projeto, já eram mais de 11h e eles tinham recebido a informação que o prazo desse edital também havia sido prorrogado para segunda-feira, dia 12/04. Ricardo: *“estamos contentes porque vamos trabalhar fim-de-semana!”*. Já que tinham mais tempo, não precisavam “correr” para terminar agora, podiam relaxar... se não tivesse esse tempo eles terminariam agora.

Ao final do dia, o Guilherme enviou email para lista da Catarse, com a versão das respostas ao Prêmio Pontos de Mídia Livre, trabalhada durante a reunião: *“Pessoal, fizemos a redação final de praticamente todas as questões! Faltam apenas as duas (...) que teve colaboração da Sofia e do Bernardo e que vou redigir neste final de semana. (...) Temos mais de 25 cartas de apoio dos mais variados colaboradores que atestam a importância e diversidade do nosso trabalho, além da abrangência nacional. Bom, está lindo!”*

Durante esses dias de construção do projeto, o visual do *blog* foi alterado. Fundo branco, outra imagem na parte superior... tem barra lateral para os vídeos. *“já temos vinte seguidores”*, disse o Felipe. Isso não aparecia antes no *blog*, foi depois das mudanças no *layout* que aparecem “os seguidores”. Essa reformulação foi um “trabalho coletivo” – definição do Guilherme, trabalho dele, do Gabriel e do Lucas. Já falavam sobre isso desde o PE, mas agora, em função da inscrição no prêmio Pontos Mídia Livre, se mobilizaram e fizeram várias modificações no *layout do blog* em pouco tempo – menos de uma semana. A Sofia comentou que não gostou muito do fundo branco porque dava uma impressão de algo não acabado, mas não teve muitas discussões à respeito e as alterações foram feitas.

Trabalho concluído. Dia 13 de abril, o Guilherme enviou a versão final para a lista da Catarse. Neste mesmo dia, na reunião geral, começaram a falar em acompanhar o processo do edital do Mídia Livre, Lucas: *“eu vou incomodar!”*, o Felipe completou: *“ano passado tentamos articular os ídolos para eles defenderem o projeto, esse ano somos nós!”* Foram momentos em que um objetivo e um interesse comum conseguiu reunir a todos – sem cessar as discussões – e construíram um trabalho visivelmente coletivo, para o coletivo e do coletivo.

Dia 23 de junho de 2010 veio a boa notícia: *“Ganhamos o Mídia Livre! Festa hoje à noite”*, de Felipe, por *email*. Bateram o tambor de sapato até tarde. No outro dia, tinha até sangue no couro do tambor. Os pais do Guilherme trouxeram uma cesta (chocolates, biscoitos, etc) de presente para Catarse. Pode-se dizer que o

prêmio foi também resultado da manutenção das convicções ao longo destes anos, o que possibilitou a realização de um trabalho consistente.

Agora é a vez das preocupações com as formalidades. Trocaram alguns emails, dias 24 e 25 de junho sobre as documentações da Catarse. No banco está tudo certo, a Ata já foi registrada na Junta Comercial. Beatriz informou que iria falar com a contadora para ver se está tudo certo com os impostos. Tentaram falar com os responsáveis no Ministério da Cultura para saber o prazo de envio dos documentos e as demais exigências formais, mas não conseguiram. Semanas depois, receberam a notícia, que não era oficial, de que os prêmios só seriam pagos depois do segundo turno das eleições, em novembro. Porém, até final de 2010, não se sabia quando seria pago o prêmio.

## 12 AS REUNIÕES GERAIS DE TERÇA-FEIRA

Recebemos pela lista da Catarse (por email), dia 29/03/2010, a ata da reunião geral entre Lucas e Guilherme, avisando que: “... reuniões semanais passam para terças-feiras a partir das 9h e 30min. (Havia-se discutido isso antes, pois várias pessoas estavam com compromissos na segunda-feira e não vinham à reunião) (...) limpeza da sede: cada cooperado designado para o seu turno de expediente deve fazer a "geral" na sede para manter a ordem”. (...) “limpeza do banheiro: uma vez por semana, seguindo a escala dos expedientes (...) quem tem expediente na segunda pela manhã (...) quem tem expediente na segunda à tarde, e assim sucessivamente. Será feita tabela a ser exposta em quadro e que deve ser preenchida com o visto de cada um que limpar o banheiro”.

As reuniões gerais mudaram de dia. Entre os meses de abril e junho, falharam poucas vezes, e foram reuniões com muitas informações, onde se debateu sobre diversos assuntos: desde trabalhos e projetos novos até sobre as cadeiras da sede. A “tabela de limpeza do banheiro” foi cumprida apenas por algumas semanas.

### 12.1 PRIMEIRA REUNIÃO GERAL DE TERÇA-FEIRA.

No dia 13 de abril de 2010, o quórum estava numeroso, iniciaram falando de algumas possíveis iniciativas, através de inscrição de projetos em editais para a consolidação da Rede Sopapo; falou-se em apresentar para um determinado edital o projeto do Fernando, músico da Bataclã e reapresentar para outro edital um projeto feito anteriormente, que seria continuidade do projeto aprovado pelo IPHAN (Projeto do Tambor de Sopapo). Essa última proposta, segundo o pessoal envolvido no projeto, eram ações que seriam feitas de qualquer forma no projeto: “fazer ganhando grana é melhor!”

A Beatriz comentou: “*todos os Pontos de Cultura estão fazendo projetos... no Teia Nacional só se ouve falar em editais. Também, nunca teve tanto edital!*”. Entretanto o Ventre Livre tem uma dificuldade com relação à Rede Cultura e Saúde do GHC (à qual o Ponto é vinculado); Beatriz comentou que “*pessoal da saúde tem*

*dificuldade de entender cultura [...] eles não articulam muitas coisas, isso sem falar em questões políticas*". Falando sobre o Ponto de Cultura, Beatriz contou também sobre o "protagonismo" das crianças do Ventre Livre. Elas fizeram uma reunião e cartazes para chamar outras crianças para lá, por iniciativa própria das meninas. Ela informou que está trabalhando num projeto para o edital do Pontinhos de Cultura e mais dois projetos para o Ponto de Cultura Ventre Livre.

Falou-se em não abandonar os projetos, pois podem ser reescritos, reorganizados e inscritos novamente. Falou-se em dar continuidade a projetos relacionados ao Sopapo... pensar em novos projetos que estejam relacionados a isso. Beatriz: *"como é importante a gente se reunir e trabalhar junto para montar os projetos"*. Exemplo disso, foram os momentos de escrita do projeto para o Pontos de Mídia Livre. Começaram a falar de acompanhar o processo de seleção do edital do Mídia Livre – quem destacou esse assunto foi Lucas e Felipe. Lucas *"eu vou incomodar! [...] tem que policiar os caras... acompanhar o processo [...]é ano eleitoral, tem que tá ligado no andamento dos processos dos projetos..."*. Felipe lembrou: *"ano passado tentamos articular os índios para eles defenderem o projeto(...) esse ano, somos nós"*!

Além disso, Felipe comentou sobre o processo de seleção de reportagens na TV Brasil e de que era importante enviar as reportagens sobre os índios e "defender" os Guaranis. Além de divulgar os trabalhos na TV Brasil, divulgar em outros meios ou veículos de comunicação. Não ficarem restritos só ao blog da Catarse. A Sofia aproveitou o assunto e disse para o Felipe estimular para que o pessoal monte as chamadas, os vts, reportagens curtas para divulgar na TV Brasil ou em outras mídias, *"por que tu não faz isso Felipe?" "Tá bom"*, respondeu ele.

Em certo momento, dos assuntos de editais e projetos, o Lucas se referiu a Sofia e ao Bernardo *"vocês que sabem sobre editais e projetos..."*. Era como se dissesse: *"já que vocês sabem... podiam fazer algo, não é mesmo?"*. Lucas e Felipe sempre fizeram seus projetos e trabalhos sozinhos, organizavam as coisas entre eles; o Lucas sempre frisa a questão da independência de cada um para pensar, organizar e realizar seus trabalhos. A Sofia (e o Bernardo) querem reunir as pessoas, querem "organizar" a área de projetos – ou, estão tentando estruturar uma área de projetos para a Catarse – e para isso precisam que todos os projetos passem por eles, mas o Lucas parece se incomodar um pouco com isso. A Sofia

quando estava falando do edital do Aretê (no qual vão inscrever um novo projeto sobre o Sopapo), fez questão de responder para o Lucas, olhar para ele.

Beatriz comentou que viu um edital para Terceira Idade. Ela quer “agitar” o Antônio. Sofia disse: “*quando sair edital mandem para lista para eu poder articular tudo!*”. Ela está sempre pronta para articular os projetos e editais.

Mas a conversa não ficou só nos editais. Felipe falou sobre uma entidade para a qual ele está trabalhando e que estava insatisfeito: “*a proposta é multidisciplinar(...) mas eles atropelam os oficineiros*”. Ele relatou diversas situações de prometerem uma coisa e fazerem outra, e que para ele isso não era honesto; estavam atrasando pagamentos, faziam divulgações sem autorização. Enfim, estava bem desgostoso com o andamento do trabalho. Era um trabalho pontual, o Felipe era pago pela oficina, não tinha uma relação direta entre Catarse e a tal entidade, entretanto, algumas pessoas (da Catarse) haviam manifestado interesse de estabelecer parcerias. Porém, o Felipe comentou que a tal entidade havia escolhido, inclusive, outra agência de comunicação porque queriam publicidade mesmo.

Por isso, o Felipe sugeriu que fosse feita uma reunião entre Catarse e essa entidade para conversar, mas desvincular do pessoal. “*eu quero conversar olho no olho*”. O Lucas sugeriu que estivessem presentes o Enzo, o Miguel e mais alguém, nesta reunião, mas não o Felipe, já que eles (Enzo e Miguel) haviam feito o contato e apresentado uma proposta de trabalho que não era só para a oficina que o Felipe estava fazendo, tratava também da questão da comunicação da tal entidade. Porém, a entidade só quis a oficina.

Bernardo comentou das várias articulações políticas existentes nessas entidades. O Lucas e o Felipe comentaram que a Catarse não quer isso, não queremos esse tipo de envolvimento político-partidário. Felipe “*vamos manter a nossa postura de independência*”. Lucas sugeriu de conversar novamente na próxima terça sobre essa situação, pois o Enzo já teria voltado. Algumas semanas depois, em outra reunião, o Jeferson avisou que permaneceria na Oficina de Fotografia por mais um mês, quando haveria a troca do local onde mora a população beneficiada pelo projeto. Naquele momento, o Bernardo havia se disposto a substituir o Felipe, mas, quem acabou assumindo, foi o Enzo.

Beatriz reclamou que ninguém havia colaborado e respondido o email, enviado sobre a tabela de filmes para organizar a vídeoteca da Catarse, “*não podemos perder as nossas produções*” ela disse, e, em seguida, mudando de

assunto, afirmou: “*não quero mais fazer o financeiro!*”. Então, lembraram que precisavam fazer Assembleia Geral; tem que fazer o Edital e todos assinariam a convocatória, com data de março (estamos em abril). Em assembleia vão tratar de quem fica no financeiro. Sugestão: montar a comissão financeira. Beatriz afirmou que “*terceirizar não rola(...) mas eu não tenho mais condições de fazer*”.

Precisam falar com Jana, Ado, Fabi e Antônio (os outros cooperados que não estavam nesta reunião) e acertaram que é preciso fazer um esforço para todos estarem aqui e para conversar com quem está afastado. “*Agora temos os 11, se alguém quiser sair...*”. Então, quem fala com quem? Quem chama quem para a Assembleia?

Felipe e Lucas conversaram entre eles... precisavam falar sobre um projeto, mas tinha que ser “fora da reunião”. E assim, a reunião foi terminando... o pessoal começa a falar entre eles outros assuntos... a Sofia levanta rápido: “*tá? Terminou?*”. Ela parece ser mais objetiva, outro ritmo de trabalho, tem outras coisas para fazer, tem pressa, talvez não muita paciência, o resto do pessoal parece que tem outro ritmo mesmo.

## 12.2 ASSEMBLEIA ORDINÁRIA E ELEIÇÃO

Aproveitaram a reunião geral do dia 20 de abril de 2010 para fazer a Assembleia Geral. Cheguei, já haviam iniciado. Estavam todos sentados em meio-círculo, com a mesa redonda ao meio, a Beatriz estava projetando a ata na parede e fazendo as alterações na hora. Chimarrão passando – duas cuias, conversas entre alguns, conversas no grande grupo, alguns fora do meio-círculo. A possibilidade de ganharem o prêmio do Mídia Livre parecia ter dado um ânimo a mais para o pessoal - não que eles estivessem desanimados – mas, o envolvimento com a elaboração do texto, a possibilidade que tiveram de “parar” por um momento, pensar em tudo o que já fizeram e ver que sempre conseguiram manter uma linha de coerência entre discurso e prática, além dos diversos “apoios formais” que receberam de várias entidades com cartas originais e sinceras, falando do quanto a Catarse representa para os movimentos sociais, para a imprensa livre, para a “mídia livre”; tudo isso trouxe mais certeza de que estavam no caminho certo – que eles mesmos

escolheram – e tudo isso trouxe uma aura que unia e fortalecia os presentes e os debates e acolhia os que estivessem “chegando”. Eu me senti acolhida – como sempre.

O Antônio reclamou da falta de controle em relação à venda das camisetas. Ele comentou que precisavam ter esse controle comercial e financeiro porque senão “*essa cooperativa vai afundar*”. Uma afirmativa forte. Fiquei pensando nisso. O que eu percebi foi que o pessoal não deu muita “importância” em ter um controle rigoroso com a venda das camisetas porque, no início, nem pensavam em vender tanto. O Antônio, ao final, foi quem mais vendeu.

Porém, o Guilherme e o Lucas, comentaram que a Catarse, por ser uma cooperativa de trabalho não poderia vender. Esse não é o objetivo do trabalho: vender. Primeiro motivo para o pessoal não se preocupar com o controle de venda. Mas, a Catarse não vai falir por causa da venda das camisetas, pois, o que mantém financeiramente a cooperativa, atualmente, são os vários projetos aprovados e para isso, o controle existe. Entretanto, o Antônio não está envolvido nesses projetos, talvez nem saiba de todos, nem saiba como funciona, ou o quanto entra de dinheiro. Vejo-o apenas participar de pequenos trabalhos como o de revisão de textos. Desta forma, como ele está envolvido com a venda das camisetas e não em outras atividades, a venda é algo muito importante, por isso essa “cobrança” com relação ao controle e essa preocupação. O que também não deixa de sinalizar certa “desatenção” quando se fala em “controles financeiros”.

Vários cooperados estavam presentes (o único que eu não conhecia ainda, era o Ado) e várias conversas, comentários, comunicados, avisos ocorreram. Não foram lá para apenas fazer a Assembleia, era uma reunião também de trabalho, acordos relacionados aos trabalhos. Guilherme, Bernardo e Ricardo iriam fazer uma entrevista no Odomode (que também é Ponto de Cultura e referência em cultura negra em Porto Alegre) para o documentário do Tambor de Sopapo. Lucas, Laura e Gabriel falavam sobre o trabalho da Anama; Sofia, Gabriel e Enzo falaram sobre o Interações Estéticas – Famílias do Jardim.

Enquanto estavam discutindo as alterações do Estatuto – o trabalho da Catarse aumentou em termos de diversidade: produção cultural, entre outros, e isso precisava constar no Estatuto – houve pequenas dispersões, mas a Beatriz logo chamava a atenção: “*pessoal, vamos voltar!*”

A eleição. Todos, na Catarse, são “cheios de opiniões, ideias, sugestões do que fazer”, mas ninguém quer ser presidente, talvez porque simbolize uma responsabilidade “burocrática” que ninguém quer assumir. O Guilherme foi por vários anos presidente, a Beatriz assumiu no último ano, talvez mais pela proximidade com o Guilherme (que poderia facilitar o trabalho) do que pela vontade de ser presidenta.

O Felipe se candidatou para o conselho fiscal, de repente alguém disse que o presidente da cooperativa tinha que ser uma pessoa que estivesse sempre presente, que estivesse sempre por lá, na sede, “*então, é o Felipe!*”. A conclusão foi praticamente, unânime. O pessoal gostou da ideia, o Felipe não disse que não, só mencionou “*eu não morro de amores pela função, mas...*”, o Antônio respondeu: “*ninguém aqui morre de amores pela função*”. Ficaram naquele “*tá... então pode ser? pode ser o Felipe*”.

Aí o Bernardo disse: “*eu me candidato como oposição!*”. Não sei bem se brincando ou, se realmente ele queria concorrer. O Felipe respondeu “*então tu vai ser eleito, aqui a gente vota na oposição*”. Alguém pergunta “*então, vamos fazer votação?*”; “*não! vamos conversar*” outros respondem. Guilherme lembrou que novos cooperados não poderiam se eleger. O Bernardo só estava entrando oficialmente, agora na cooperativa. Então, para resolver a situação, o Presidente é o Felipe e o Bernardo é o presidente do Conselho Fiscal, junto com o Enzo e o Lucas. Ao final, a Beatriz imprimiu o Edital e a Ata da Assembleia para todos assinarem, mas havia um erro, Adel não pode entrar agora na cooperativa. Faz outra. Miguel, Sofia e Bernardo entraram oficialmente, na cooperativa.

A reunião terminou com avisos gerais: Enzo e Miguel vão exibir o documentário Desgaragens, no bairro Rubem Berta em Porto Alegre em uma atividade ligada ao Ponto de Cultura que o Miguel está coordenando e o Enzo trabalhando também. O documentário fala justamente da ocupação daquele bairro. O Lucas está em contato com uma pessoa responsável por um Pontão de Cultura<sup>28</sup> e querem trabalhar com a Catarse. Assim que ele tiver mais informações e definições, avisa.

Felipe: “*o número de acessos no blog está crescendo*”. Ouvi a Sofia comentar com o Gabriel de que não havia gostado do novo fundo branco do blog – dava ideia

---

<sup>28</sup> Pontão de Cultura promove a troca de experiências e ações conjuntas entre os Pontos de Cultura de uma determinada região e/ou tema específico. Mais informações em <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/pontoe/>

de inacabado. O Gabriel falou que as mudanças no site foram uma criação coletiva, dele, Lucas e Guilherme (em função da inscrição no Prêmio Pontos de Mídia Livre). Não ouvi o resto da conversa porque eu estava um pouco longe e outras conversas interferiram.

### 12.3 INICIANDO ALGUMAS ARTICULAÇÕES.

Durante várias reuniões gerais de terça-feira, o assunto principal eram os editais públicos, as possibilidades de retomar projetos, reescrevê-los para adaptar a um novo edital ou elaborar novos projetos; quais as articulações que poderiam ser feitas e no que valia a pena se esforçar e investir tempo e trabalho. Tudo isso, porque no início do ano de 2010, houve muitos editais, promovidos especialmente, pelo Ministério da Cultura. Sendo assim, algumas articulações começaram a ser pensadas. Na reunião do dia 27/04, a Sofia propôs de revisar os editais publicados.

Enzo já havia dado uma olhada na lista e disse que tinha algumas ideias. Sofia perguntou: *“mas como tu pretendes fazer?”*. Enzo explicou que pretende *“colocar os grupos – parceiros – para trabalhar, fazer levantamentos, pois, só ganhamos se eles ganham”*. Foram lendo a lista de editais, a Sofia foi abrindo alguns editais que chamavam a atenção, comentando, olhando até alguns formulários. O Enzo avisou que vai fazer um projeto, parceria Catarse e TIA – Cia de Teatro. Sofia complementou a planilha.

Assim foram debatendo, descartando ou não, os editais. Sofia comenta *“prêmio para produção radiofônica. Eu vi e achei que era nossa”*. Beatriz *“Projeto de Fotografia, o que tu achas?”* olhando para Sofia que respondeu: *“eu acho que é fora do nosso escopo”*. Sofia: *“Bolsa Funarte de Teatro e Dança, eu pensei na Maria.”* Beatriz comentou: *“mas ela tá em Pelotas, tem filho pequeno...”* Sofia respondeu, rápido: *“então, não!”*. E assim seguiam *“eu acho que não cabe, mas vou ler(...)pula”, “esse eu acho que Bataclã tem que fazer...”*. *“eu acho que não”*. Se depararam com um edital de valor bem alto: *“400 mil é jogo jogado”*, afirmou Sofia.

Depois o Enzo começou, ele, a ler os editais e destacou *“tem que apresentar projetos para marcar terreno”*. Sofia complementou a informação: *“a comissão de avaliação se repete muito, tem que fazer para marcar”*. E Enzo segue lendo e

seguem debatendo, incluindo ou excluindo a possibilidade de realizarem algum projeto. Enzo cita: “*Prêmio Circuito Funarte de Música Popular*”. Sofia sugere inscrever a Bataclã. Enzo lê o próximo: “*gravação de música popular*”; Sofia responde: “*a gente tinha pensado no Sopapo*”. [A gente, quem?]

Enzo segue na leitura e todos iam dando ideias sobre quais projetos serviriam até que o Antônio interrompe perguntando: “*vocês têm interesse nesse projeto com os velhos?*”. Sofia responde: “*a gente já vai chegar, pois os editais estão sendo lidos em ordem de data de vencimento*”. Os editais estavam organizados em uma planilha, porém, ocorreu divergências de datas e Antônio novamente pergunta: “*e aí?*”. Sofia responde: “*a gente já vai chegar nele*”. Antônio pareceu bem incomodado. Seguiram a leitura de outros editais... enfim, chegam no edital para terceira idade. Sofia pergunta ao Antônio como foi a reunião lá na Associação (Associação da Terceira Idade na qual o Antônio participa). Ele respondeu que a ideia era de tratar da habitação do idoso. Dias atrás, o Antônio havia me comentado que teria uma reunião na associação e que ele iria convidar a Sofia para pensar um projeto e participar da reunião. Acho que não aconteceu conforme o planejado.

Beatriz questiona “*e isso seria parceira Catarse e federação FRITID?*” [opa, não é associação, é federação]. “*Eles têm que ser o proponente*”. Bernardo lembrou que era preciso esclarecer a diferença entre edital e prêmio, pois, a possibilidade era para o Prêmio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa 2010 – Edição Inezita Barroso. O prêmio é dado para ações que já estão em andamento. A conversa não evoluiu, pois o Antônio não tinha mais informações, e ninguém havia pensado no que propor, teriam que conversar melhor Catarse e Federação. Não descartaram a ideia, porém, ficaram “esperando” mais informações do Antônio ( o maior interessado neste projeto e também a pessoa que tem contato com a Federação). Em outra reunião, mais adiante, a Sofia informou que não conseguiu “fechar os horários” para conversar com a Associação dos Idosos. Em outro momento soube que esse projeto não foi adiante.

Geralmente acontece assim: aquele que tem interesse em determinado trabalho, inicia o processo, conversa com as pessoas que se interessariam, ou que ele gostaria de trabalhar junto, e vai articulando tudo. Se outras pessoas participarem e o trabalho se desenvolver, melhor, senão, é difícil fazer projetos sozinhos e aí, dificilmente vai para frente.

Falando sobre outras conexões que estavam iniciando, Lucas comentou sobre um convite da Revista Dilúvio (revista editada em Porto Alegre desde 2003, lançada paralelamente ao Fórum Social Mundial daquele ano) para participarem do Circuito Cultural Dilúvio: apresentar trabalhos audiovisuais, debater. Ele vai ver mais detalhes e as possibilidades e irá encaminhar por email.

Enzo queria saber um valor mínimo para cobrar por um trabalho de filmagem que lhe foi solicitado. Seria filmar o Levanta Favela (grupo de teatro de rua) em uma apresentação. Então, o pessoal começou a discutir que é difícil estipular um padrão de cobrança. Cada caso é um caso. Felipe: *“tem trabalho que a gente faz sem verba!”*. Bernardo sugeriu propor uma troca de serviço; talvez eles possam se apresentar no Ventre Livre para a comunidade. De qualquer forma, a Beatriz destaca que precisam fixar um valor mínimo. Enzo resolveu também propor para outro grupo de teatro, o TIA - Teatro Ideia Ação, uma troca de serviço, talvez uma oficina de teatro.

Quando se trata de estipular valores dos serviços é assim: o pessoal sabe quanto custa o serviço “no mercado”, mas eles não trabalham “para o/no mercado” então, o valor é outro. Mas esse “outro valor” pode sofrer alterações conforme o interesse deles no trabalho, conforme a proximidade, afinidade, o que eles consideram importante. O Enzo ainda comentou que era importante fazer o registro audiovisual para o grupo de teatro para que depois eles tivessem material para elaborar futuros projetos em parceria com a Catarse.

O Miguel falou sobre a ideia dele e do Enzo para realizarem uma Mostra na Periferia (exibição de documentários da Catarse) a partir da experiência da exibição do filme “Dasgaragens”, no bairro Rubem Berta, para público do EJA (Educação de Jovens e Adultos), na qual, segundo eles, a discussão foi bem proveitosa. Felipe aproveitou e destacou o que se aprendeu com a Mostra 5 Anos da Catarse, feita no Arquivo Público, no centro de Porto Alegre, no ano passado: *“isso não nos serve! (...) não atinge o público que queremos(...)”*. Todos concordaram que levar as discussões para periferia era o melhor.

O Gabriel informou que precisa de alguém para lhe ajudar na parte gráfica e na editoração. Falaram na sugestão de ter um estagiário, de formar um profissional, mas também, há possibilidade de trazer alguém da publicidade. Sofia se lembrou de uma pessoa. Entretanto, o pessoal destacou a possível dificuldade de uma pessoa envolvida com publicidade trabalhar com eles, devido aos pagamentos com valores

baixos (já que na publicidade se paga bem) e por precisar que essa pessoa tenha afinidades com o tema “Movimentos Sociais” e não, com “o mercado publicitário”. Bernardo vai conversar com um aluno dele do colégio Mesquita.

O Bernardo pediu ao Ricardo e a Beatriz para marcarem uma reunião com as mulheres do Grupo Arte Bela (grupo de artesanato de mulheres do bairro onde está o Ventre Livre). O Ricardo comentou sobre a dificuldade de articularem ações com esse grupo e de como era difícil sair de uma lógica assistencialista – dos outros articularem ações para elas – para uma posição de protagonismo, de autonomia – de fazer por elas. “*mas isso é assim, a gente às vezes, se coloca assim...*”, ponderou Ricardo.

Ao final da reunião, decidiram ver com o pessoal de uma assessoria jurídica uma possível permuta para trabalhos. A Catarse quer assessoria jurídica- conforme haviam debatido no PE - e esse pessoal são advogados que trabalham com o MST. Felipe havia encontrado um deles dias antes e, por ter mais contato, telefonaria para marcar uma conversa. Ricardo comenta “*voltamos para situação do caso a caso*”.

Neste mesmo dia, a Beatriz enviou email informando que enviaram dois projetos: um para o edital do Pontinhos de Cultura e outro, para Tuxáua (edital relacionado à rede de Pontos de Cultura, mas, de iniciativa individual). Um mês antes, aproximadamente, em um dia de trabalho, fora de reuniões, eu e Miguel sentamos na área maior para conversarmos sobre várias coisas... Beatriz veio para conversar com o Miguel sobre a oficina de teatro no Ventre Livre e sobre o edital dos Pontinhos de Cultura; ela disse que o perfil do edital tem tudo a ver com a oficina de teatro para crianças e adolescentes, que podem incluir a GK, o valor é R\$30.000,00; discutiram quanto tempo de oficina, quantas pessoas envolvidas, como comprometer as crianças, quanto pagar aos envolvidos, conteúdo do projeto. Beatriz disse: “*ah, mas tu vai tá na coordenação do Ponto...*” (referindo-se a outro Ponto de Cultura). Miguel “*mas se eu não vou, vai o Enzo*”.

Na reunião seguinte (dia 03/05) estávamos eu, Felipe e Lucas, e eles informaram a respeito dos trabalhos em andamento, sobre os contatos feitos anteriormente, e quais foram os resultados de algumas das articulações iniciadas. Lucas falou sobre o Circuito Cultural O Dilúvio, a proposta será de exibir as três reportagens editadas pelo Lucas e depois promover um debate sobre Cultura Livre e Comunicação, será dia 12/05 em um bar, perto da Redenção e precisavam fazer nossa própria divulgação. Felipe informou que haveria exibição do É Possível (

documentário sobre os 25 anos do MST) em um encontro é promovido pela Feira de Biodiversidade (encontro anual).

Haveria reunião naquela noite, na sede do Nuances sobre o Pontão de Cultura do RS, a princípio o Lucas vai à reunião conhecer a proposta deles e depois, avisa o resultado. O Pontão vai ser coordenado pelo Nuances e terá a participação de outros grupos. Lucas queria falar com a Beatriz que está mais envolvida com Pontos de Cultura para assumir esse projeto.

Depois da reunião, Lucas e Felipe conversaram a respeito de um documentário sobre saúde que foi proposto por pessoas de um partido político. *“mas não fizemos nada para partido político”*, afirmou Lucas. Felipe *“quem vai pagar são outras entidades, mas não fizemos nada com cunho partidário”*. Lucas *“mas se faz a denúncia e disponibiliza o material, o partido pode usar o material da Catarse é com licença CC... pode usar para fins não comerciais e deve-se citar a fonte”*. Eles ainda comentaram que estão fazendo as filmagens, mas não conseguiram entrar nos postos de saúde por, justamente, estarem filmando, porém, quando foram acompanhar uma comissão de vereadores que fez uma vistoria em um posto, eles conseguiram filmar. Usando o sistema, às vezes, se consegue.

Muita coisa aconteceu... Foi difícil acompanhar. Neste mesmo dia, o Lucas enviou email, perguntando sobre o resultado de um edital de Revistas Culturais. O pessoal havia inscrito o projeto da Bodoque, mas não foi aprovado, nem selecionado. Não sei exatamente quem fez o projeto, o Enzo e o Felipe estavam envolvidos, e talvez, mais pessoas. Os projetos vão sendo articulados, escritos, enviados, aprovados ou não, e nem tudo se discute ou se combina nas reuniões.

#### 12.4 NOVOS E VELHOS PROJETOS. E PARA COMPLETAR, ALTERAÇÕES NO SISTEMA.

Na reunião do dia 11/05, estavam presentes Sofia, Bernardo, Guilherme, Felipe, Miguel e eu, depois chegou Arthur e Lucas. Sofia começou falando que o SICONV(Sistema de Convênios do Governo Federal) sofreu algumas alterações, que ela ficou sabendo num curso feito dias atrás. Ela quer fazer uma reunião específica, um encontro para atualizar a todos. Lembro que ela havia enviado um

email, dizendo que iria viajar, só não avisou, no email, que seria para encontro/curso referente ao SICONV.

Lucas então, retomou o assunto sobre o Pontão do Nuances, informou que *“eles iam devolver o projeto que foi contemplado, falaram com o Bernardo, que disse para reduzir o valor”*. *“A Catarse ficaria com administração do projeto e com algumas oficinas”*. Os envolvidos neste Pontão são a ONG Themis, MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) e a ONG Nuances (grupo pela livre expressão sexual). Seria um Pontão de Direitos Humanos.

Arthur: *“mas, quantas pessoas são da Catarse?”*. Não sabem ao certo, talvez três ou quatro, teriam que ver melhor. Arthur *“onde vai ser a sede do Pontão do Nuances?”*. Ninguém sabia ao certo. Diante de tantas perguntas o Lucas questiona: *“tu tem interesse?”*. Arthur disse que sim. Sofia e Bernardo também vão participar - vão trabalhar na administração do projeto. Sofia afirma *“fechado o Pontão, vamos confirmar uma reunião pra isso”*. Por fim, o Guilherme lembra *“o Nuances já nos ajudou, a gente ajuda o Nuances agora”*.

Sofia disse que tinha uma pauta específica: queria falar sobre projetos prontos que não foram aprovados, para mantê-los vivos. Ela destacou que é preciso ficar atentos aos novos editais. *“é importante falarmos sobre os projetos... vamos fazer uma reunião para projetos”*; e começa a revisar a lista de editais, Sofia vai apresentando: *“para o Guilherme, edital de rádio... não vai dar é para sexta, mas é para produzir rádio documentário...”*. Guilherme responde: *“mas temos os audios do antropólogo e do geólogo”*. Sofia diz: *“então dá, vamos fazer”*.

Sobre o Prêmio Cultura Viva, a Sofia, no curso que fez em São Paulo (referente ao SICONV), falou com alguém que disse que tem *“tudo a ver”* com a Catarse. Ela comentou *“então, a gente tava em dúvida... mas, vamos fazer!”*. Assim ela foi definindo e passando a pauta. Bernardo lembrou que, quando é *“prêmio”*, o proponente indica o que vai fazer com o dinheiro, enquanto isso, a Sofia estava dando uma lida no edital. Depois comentou novamente que se pode fazer projetos de *“demanda espontânea”* no SICONV, *“não é disputa de edital, é convênio direto com o governo”*.

Lucas afirmou que não sabia que a Catarse trabalhava com o SICONV. A Sofia disse: *“sim, trabalhamos”* e completou afirmando que havia descoberto, neste curso, várias coisas erradas que a Catarse fez ao preencher as informações no sistema e queria propor uma reunião com o Miguel para esclarecer os

procedimentos e também falou em criar uma metodologia para a Catarse. A Sofia contou que foi em função do projeto do Sopapo que ela recebeu um email com esclarecimentos sobre o preenchimento do SICONV e depois, o convite para o curso. Por fim, eu não soube se ocorreu a reunião referente às alterações do sistema e nem se elaboraram a metodologia de trabalho da Catarse com relação ao SICONV.

Existem também os projetos que já foram aprovados e estão em andamento. Nesse sentido, o Gabriel “cobrou” os textos e fotos para o catálogo Famílias do Jardim - prêmio Interações Estéticas - para que ele pudesse fazer a parte gráfica. Disse que precisava de 30 dias para fazer tudo. A Sofia e o Bernardo disseram que entregariam até sexta o material e ele teria 30 dias. Mas quem vai escrever os textos é o Felipe, e ele disse que não recebeu todo material ainda. Sofia e Bernardo vão mandar. Sofia e Miguel fariam ainda a prestação de contas do projeto Interações Estéticas.

Nas últimas reuniões que ocorreram, incluindo esta, a “impressão” que tive foi de que o pessoal está “entrando no automático”. Tudo acontece ao mesmo tempo, num ritmo intenso de produção: entra um projeto, entra outro, encerra um, entra mais dois, todos envolvidos com vários trabalhos – bem remunerados, mal remunerados e até, sem remuneração. Apresentação de documentários da Catarse; elaboração de vídeo sobre a saúde, visita e filmagens aos postos de saúde de Porto Alegre; participação em reuniões em outros locais e no lançamento de um portal de jornalismo; trabalhos com ONG’s ligadas a questão ambiental. Tem ainda a finalização dos textos para o Interações Estéticas; oficina de fotografia; no projeto do Sopapo – filmagens, edição, produção; no Ventre Livre, oficinas; shows e gravação de músicas da banda Bataclã; aulas... [E por aí vai. Isso foi o que eles comentaram nas reuniões. Deve haver mais trabalhos que eu não consigo sequer acompanhar].

Não que as pessoas, normalmente, não façam muitas coisas, mas o padrão de produção deles – acelerado - reproduz algo que é imposto a todos e, além disso, a dificuldade de comunicação aumenta e também aumenta a divisão de trabalho, de forma que um não sabe muito bem o que o outro está fazendo. O tempo para conversar e refletir começa a ficar escasso, precisam dar conta de editais públicos, estar atentos as exigências de documentos para a cooperativa, lidar com a contadora e confiar no trabalho dela, pois eles não tem conhecimento específico. As pessoas viajam e não se sabe bem quando voltam, onde foram, por que foram.

Alguns eventos, que seriam espaços de discussão e reflexão, de divulgação do trabalho, como o Circuito Cultural Dilúvio, que, mesmo o Lucas falando há duas ou três reuniões, não mobilizaram o grupo. Ele mesmo notou, e comentou, que “ninguém deu bola”. Será que a ‘correria do cotidiano’ está afastando a Catarse da reflexão?

## 12.5 BENS MATERIAIS.

A pauta principal da reunião de 18/05 foram os “bens materiais” da Catarse: Felipe afirmou “*a Catarse precisa de cadeiras, as que temos não dá mais!*”. Realmente precisa: não tem mais rodinha, o encosto sai, o forro rasgado, o assento cai. Comprar? Beatriz disse que comprou algumas cadeiras para o Ventre Livre de boa qualidade e baratas em um brique. Antônio disse que tem quatro cadeiras disponíveis, Arthur tem duas, é só buscar. Então vão buscar.

Antônio trouxe a questão de sustentação da cooperativa, e como uma opção o comércio, como um projeto da cooperativa. No planejamento estratégico ele já havia levantado essa questão de sustentabilidade através da venda de produtos da Catarse e agora, em função da venda das camisetas – que deu certo, ele vendeu várias – abordou novamente o assunto.

Frente a isso o Felipe começou a falar que o foco da Catarse era produção de informação, democratização da informação, porém, os trabalhos feitos como contratados, eram limitados. Eles haviam feito poucos trabalhos autorais – queriam ter feito muito mais até agora – o que mais têm, são coisas rápidas para divulgar na Internet. Bernardo afirma: “*Catarse produz bens imateriais, não produz bens materiais*”.

Com relação a vender produtos, veriam a possibilidade de parcerias com lojas que tenham afinidade com a Catarse. Felipe também concordou que é preciso buscar autosustentação e não depender do Estado. Ele lembrou que a venda de camisetas deu resultados e sugeriu de pensarem em outras ideias para as camisetas. Levantou-se o questionamento: Vamos usar a rede de economia solidária? Fazer com a cooperativa de costureiras ou com uma grande empresa? As primeiras camisetas haviam sido feitas por uma indústria pertencente a um amigo de

um dos cooperados. Decidiram que iriam ver as possibilidades de parcerias para depois discutir.

Outra questão que se levantou é que precisariam ter uma estrutura focada na comercialização dos produtos, as pessoas teriam que se dedicar, precisa controle, e então, seria um trabalho a mais. Antônio vai ver orçamentos das camisetas, Arthur vai ver parcerias de lojas. O pessoal gostou da ideia, mas, não muito dispostos a se envolver.

Sobre o trabalho com o Pontão de Cultura. O Bernardo informou que iriam refazer a planilha de custos e que tinham problemas com a documentação do projeto. Ele também informou que, em relação ao serviço de contador da Catarse, vai conversar com outro para saber o que precisariam fazer para mudar, quanto custaria; pois volta e meia eles descobrem algo errado feito pela atual contadora ou, alguma informação que não chega. Disseram que, por exemplo, no Ventre Livre, o desconto do RPA (Recibo de Pagamento a Autônomo) deveria ser de 11% e não, de 20%.

A pauta sobre os “bens materiais”, ainda teve reflexos na reunião seguinte. A fechadura da porta da área externa maior estragou, então, decidiram que iriam consertar e depois, cobriam do proprietário do imóvel. Querem aproveitar para falar com ele sobre o carpete e o teto. O teto tem mancha de vazamento que parece aumentar – estava mofo e a pintura descascando ao redor de uma das lâmpadas. O carpete estava velho, sujo demais – não tem aspirador de pó que limpe – além de rasgado em várias partes. Felipe. “*vamos chamar ele para conversar*”.

E o plano do celular corporativo? Enzo vai marcar com o representante da empresa uma conversa definitiva. Estão tendo muita dificuldade na escolha dos aparelhos – hora tem, hora não tem - e na definição da oferta: quais os benefícios, o que está realmente incluído no pacote de serviços. Semanas depois, quando assinaram o contrato do plano empresarial de celular. Enzo informou que teve dificuldade em função do endereço da Catarse na Receita Federal que ainda constava o da antiga sede. A empresa de celular se comprometeu em mandar os aparelhos para a sede atual, porém, depois de muita demora, enviaram os aparelhos, em nome da Catarse, no antigo endereço.

Quanto às camisetas, Felipe deu uma ideia: ter mensagens que pudessem ser complementares ao trabalho da Catarse. O Gabriel já fez outras estampas... até

já pensou em outras ideias. O Felipe lembrou um desenho, feito pelo Gabriel a partir de uma foto dele, e que todos gostavam, “pátria livre”. [É muito bonito mesmo!].

Ficou combinado, na última reunião, que o Antônio faria uma pesquisa de custos junto a uma cooperativa de costureiras, porém ele ainda não apresentou nada. De qualquer forma, o Felipe sugeriu de se fazer um levantamento do que se conseguiu vender de camisetas e remunerar o Antônio. Quase todas as camisetas da Catarse foram vendidas. E quanto ao tecido da camiseta? O Lucas foi o primeiro a contestar “*eu não uso plástico! pet é plástico... além de ser quente!*”. Nessas questões ambientais, o Lucas se mostra mais preocupado e com informações mais técnicas, às vezes. Fazer ou não, de pet. As últimas camisetas feitas foram com tecido 50% pet, porém, foram fornecidas por um amigo do Miguel que possui malharia.

Querem investir na venda de DVD com o material da Catarse, para isso, precisam elaborar o material: reunir os filmes/documentários no mesmo DVD. Enzo sugeriu de fazer um *link no blog* ou criar um *blog* só para a venda dos produtos da Catarse. Precisam ver os custos do DVD.

Sobre o cartão do banco. Enzo solicitou que, quando alguém pegar o cartão da gaveta, deixe um recado – usar o post it, é só colar – dizendo que pegou o cartão, para evitar vários telefonemas para saber quem pegou, quando vai devolver. Ele relatou uma situação de pegarem o cartão, irem ao banco e enquanto isso, ele chegou, foi pegar o cartão, não encontrou, ligou para várias pessoas, e a pessoa que havia pego o cartão já estava voltando do banco.

Avisos finais: Enzo informou que ele e o Guilherme estão organizando uma proposta de departamento financeiro para apresentar a todos. Para terminar, Felipe pediu que enviassem, cada um, a sua lista de mailing. Ele vai organizar uma para a Catarse (algo decidido no PE que até hoje não foi feito). E mais uma vez a Beatriz trouxe a pauta da organização e limpeza da Catarse: “*quando usa, tem que limpar... usar e limpar*”.

## 12.6 EDITAIS PÚBLICOS... VÁRIAS POSSIBILIDADES

A conversa sobre alguns novos projetos e trabalhos inicia na reunião do dia 25 de maio e mesmo eles tendo a consciência de que não podem ficar na “dependência” do Estado – obtendo recursos somente através de editais públicos – essa é uma das alternativas que mais está presente.

Enzo havia enviado email sobre o Prêmio Cultura Viva, explicando que o edital estaria direcionado para “iniciativas culturais que se utilizam da comunicação”. Conforme Enzo escreveu *“a Catarse é uma iniciativa na área da comunicação, que desenvolve e apoia projetos na área cultural”*, porém, ele acreditava que o conjunto de ações que a Catarse vinha desenvolvendo nesses últimos cinco anos, seria bastante consistente e adequado para esse prêmio, desde que fosse lançado sobre a trajetória um olhar de iniciativa cultural. Ele retomou a conversa sobre o prêmio Cultura Viva, e quer fazer o projeto, mas não tem certeza de qual iniciativa deveriam defender. Teriam que apresentar o histórico; o foco é para iniciativas culturais que articulam comunicação. Em função disso, Enzo vai atualizar o currículo da Catarse a partir do site, priorizando a produção cultural e produção artística, mas ele precisa de ajuda para fazer o projeto, *“sozinho não tenho pernas”*, afirmou.

As possibilidades de editais são diversas: tem um edital do Prêmio Cultura Viva para música também, no qual a Beatriz vai inscrever a banda Bataclã, mas antes, vai ver pessoas e articulações possíveis. Felipe vai escrever um projeto para a Bolsa de Criação Literária, como iniciativa individual. Todos acharam uma ótima ideia, pois reconhecem o talento dele para escrever textos “literários”. Abriu de novo o edital para Pontinhos. *“mal fechou um (...) nem saiu o resultado e já abriu outro?”* foi o comentário do Enzo e da Beatriz. Estranho, será que foi erro? De qualquer forma, não vão enviar novo projeto. Alguns editais servem diretamente à Catarse e outros, que deveriam ser trabalhados com parceiros, como os grupos de teatro (Grupo Trilho de Teatro, TIA - Teatro Ideia Ação), música (Bataclã), artes visuais (Graffar) etc.

A Beatriz falou da ideia de um projeto em parceria com a Rádio Amnésia – rádio comunitária com *software* livre de Pernambuco – para o novo edital do Interações Estéticas. Pensaram em uma rádio-novela, levando um artista da Catarse. Esse edital encerra dia 21 de junho, *“um mês, tem tempo ainda,”*

afirmaram. Eu diria que tem tempo de sobra se for comparar com os prazos que a Catarse costuma trabalhar. Sempre os vejo enviando projeto na data limite.

Ainda sobre o novo edital do Interações Estéticas, Beatriz e Ricardo estão pensando também em propor um outro projeto que envolva um músico – artista da banda Bataclã. Ricardo ficou “pensando alto”: “*propor um trabalho com foco na iluminação ou trabalho com vídeo*”. Estavam construindo a ideia.

Ricardo comunicou que a Rede Mocambos<sup>29</sup>, através do Mestre Chico falou sobre uma atividade prevista para final de junho no Quilombo dos Silva; “*pensar de que forma a Catarse pode participar*”. Ele se comprometeu em falar com Mestre Chico para ver mais detalhes e informações e depois avisaria. A Catarse está sempre envolvida com as questões dos negros.

Fora do assunto “novos editais”, a Beatriz e o Guilherme avisaram que vão para praia dia 28, para iniciarem a edição do documentário do Sopapo.

Em outra reunião, semanas depois (dia 15 de junho), estavam presentes Enzo, Beatriz, Miguel, Felipe e eu, Sofia chegou depois, começaram falando sobre a solicitação que o Enzo recebeu para fazer orçamento, referente ao trabalho de “criação” de um clipe. Ele perguntou para todos sobre orçamento, direcionando para Beatriz que já fez mais trabalhos com audio-visual – produção, edição. Ela respondeu: “*uns 200 reais... mas tem que começar a dar o valor real do trabalho*”(…) “*é um trabalho de valorização*” (do próprio trabalho) “*fazer orçamentos com valor real, as pessoas precisam saber o valor real do trabalho, mesmo os trabalhos de parceria*”. Enzo e todos concordaram. Ele afirmou que “*investir primeiro e depois receber, não dá mais*”.

Miguel quis saber quando seria a reunião da produção do Sopapo, afinal, tem que estar tudo pronto para final de outubro, pois o lançamento do DVD do Sopapo vai ser na Semana da Consciência Negra, em novembro. Falando, então, sobre o projeto, Enzo vai marcar reunião do Sopapo cuja pauta seria: ver os prazos para edição e finalização do documentário, estimado para outubro; organizar a produção dos conteúdos dos outros materiais; estabelecer o circuito de lançamento, materiais e prazos de divulgação. Estaria em pauta, também, um novo projeto de circulação e distribuição do documentário. Sofia e Felipe avisaram que iriam no outro dia à

---

<sup>29</sup> É uma rede de negras e negros de âmbito nacional. Conectando, através das tecnologias da informação e comunicação, comunidades quilombolas rurais e urbanas. Mais informações <http://www.mocambos.net/sobre>

Pelotas para assistir a uma Festa relacionada à religião afro, convidados por Tia Maruca – uma das “personagens” do filme O Grande Tambor. Além disso, a Sofia informou que conseguiram alterar o prazo de prestação de contas no SICONV com o convênio do IPHAN – Projeto Tambor de Sopapo.

Comentaram também, em “reativar a Rede Sopapo”. Beatriz “*a rede somos nós, vamos chamar uma reunião para articular a Rede Sopapo*”. Surgiram propostas de não só entrar em contato com os membros, mas fazer um protocolo de adesão, contatar novos membros como a RádioCom e o SindBancários. É difícil manter algumas conexões, às vezes precisam pensar em artifícios formais, como o “protocolo de adesão”, para conseguir sustentá-las, mesmo que provisoriamente.

Sobre o projeto das Interações Estéticas – Famílias do Jardim - em fase final de execução, a Sofia avisou que foi com a Paula recolher as autorizações faltantes. Os prazos estão assim: relatório, 31 de junho; exposição, 11 de julho e produtos, 14 de julho. Sofia irá verificar com Gabriel o tempo para impressão. Faltam alguns textos das fotos para o livro/album Famílias do Jardim – que é o produto final do projeto.

Por fim, Sofia comentou sobre a Cobertura Colaborativa do Congresso Nacional de Economia Solidária, em Brasília, em que Bernardo vai participar. Segundo ela, o trabalho entrou em cima da hora e ele vai levar equipamento da Catarse. A Beatriz informou que “*tem que baixar arquivos da câmera, pois não tem mais lugar na memória*”. A Sofia destacou – quase como uma justificativa para a ida de última hora do Bernardo – que era importante para a dissertação dele também. Sugeriram que fosse feita uma transmissão do evento pelo site da Catarse.

Então, só para lembrar, seriam enviados dois novos projetos: um para o prêmio Interações Estéticas (novo edital) e outro, do Cultura Viva para Catarse. A Beatriz disse que, para esses mesmos editais, também entraria com a Bataclã. Estavam sendo elaborados os projetos para a Bataclã: Interações – com o Lino e Cultura Viva – sobre o Sopapo; além do projeto para o Ponto de Cultura em Canoas, trabalho para o qual o Enzo foi contratado.

Um “toró de palpite”, expressão usada pela Sofia, para pensarem sobre o que vão enviar na proposta para o edital Cultura Viva. Felipe sugeriu alterar para “Catarse – Coletivo de Comunicação e Cultura”. Todos concordaram, afinal os trabalhos da Catarse se ampliaram bastante, principalmente para produção cultural. Beatriz “*tem que mudar no Estatuto também*”. Enzo: “*mudar nossa identidade visual,*

*também*”. Informou que enviaria para a lista de emails, o documento que ele iniciou propondo à Catarse, como iniciativa. Mais adiante, em outro momento, o Enzo informou que não vai dar conta de inscrever a Catarse no edital do prêmio Cultura Viva. Ele comentou que teriam material desenvolvido em relação à iniciativa (Catarse) nos projetos já inscritos em outros editais, mas que era preciso trabalhar em cima desse material. Pelo visto, ele não conseguiu muito apoio para escrever o projeto e organizar o material necessário.

Falando em Estatuto, a Sofia lembrou que a abertura da conta bancária na CEF ficará para final de junho, quando saírem a ata e o estatuto da Junta Comercial. O Felipe precisa providenciar comprovante de residência e o Bernardo precisa providenciar RG, CPF, comprovante de residência e, com a contadora, o DIPJ (Declaração de Informações Econômico-fiscais da Pessoa Jurídica).

Informaram também sobre trabalhos que iniciariam. Felipe iria articular com Lucas ou Beatriz a participação na Assembleia Popular Quilombola – trabalho de cobertura jornalística sem remuneração. O Enzo irá começar as tratativas para fazer a produção da banda nova de duas pessoas que ele conheceu quando participava de um grupo de teatro. Beatriz sugeriu que apresente o orçamento real para, a partir deste, tratar a parceria. Felipe também explicou a proposta de trabalho que fariam com as comunidades quilombolas atingidas pela ampliação da BR 101 (em Morro Alto/RS), eles precisariam de site, material gráfico, oficinas de formação e inclusão digital. Lucas vai a Maquiné e irá conhecer o lugar. Felipe e Lucas ficaram de listar o que precisam orçar. Em alguns trabalhos, a Catarse é contratada por parceiros, que, na maioria das vezes, venceu algum edital público, porém, quem paga é o parceiro. É uma “tentativa” de não depender de dinheiro público, mas, indiretamente, os editais públicos estão presentes.

Ao final, Beatriz informa que os projetos inscritos no edital do Tuxáua não foram classificados, por isso ela e o Ricardo entraram com recurso. Sobre outro projeto não classificado, a Beatriz e Fernando já entraram com recurso também para saber o motivo – estavam “contando” que esse seria classificado devido a todo o currículo do Fernando.

Em outras reuniões, semanas depois, conversou-se sobre a necessidade de se concentrar na unificação do banco de projetos da Catarse para concentrarmos no que já temos desenvolvido e, a partir daí, desenvolver (reciclar) esse conteúdo para os futuros editais. Por fim, para a nova edição do Edital Interações Estéticas, a

Catarse elaborou dois projetos: um, cujo proponente foi o Miguel – trazer pessoas mais velhas para ensinar brincadeiras antigas para as crianças e trabalhar esse conhecimento através do teatro; e um outro, cujo proponente Lino (músico da Bataclã, envolvido na trilha sonora do filme o Grande Tambor – constituição de um grupo de Sopapeiros. E ainda, um projeto cujo proponente é o Carlos - esse projeto chegou pronto um amigo do Ricardo, só deram a carta de anuência \* - projeto de música focado na escrita de música. (esse projeto que “caiu no colo” do Ricardo e que acabou sendo aprovado – execução em 2011).

Dentre as diversas conversas nas reuniões, pude perceber que eles dificilmente saem da situação de “caso a caso”, por mais que tentem estabelecer padrões, regras ou definições básicas de como estabelecer e tratar as relações quando discutiam sobre trabalhos que interessavam, que “se conectavam” com as convicções do coletivo, entravam no “caso a caso”. Em alguns momentos me pareceu que os trabalhos vão sendo feitos... “vai e faz”... Se algo surge na última hora, pega o equipamento que está disponível, baixa os arquivos que estão ocupando espaço e usa. Mas, “baixa” onde? Que arquivos são esses? E se, mais adiante, precisarem dos tais arquivos, onde estarão guardados? Era um ritmo intenso de trabalho, entretanto para cumprir os prazos dos editais, às vezes, é lento.

Muitas ideias; muitas possibilidades, muitas articulações, muitas ramificações e muitos projetos que não se concretizaram. Eu havia pensado , na fase ainda do projeto, em fazer algumas entrevistas, começando pelos fundadores da Catarse. Mas estavam todos com muitas atividades e não quis marcar agora, pensei que seria melhor esperar eles finalizarem os trabalhos que já estavam na fase final de execução e que têm prazo, para depois marcar uma entrevista coletiva. Mas, as atividades “embolaram” tanto, que eu não fiz as entrevistas, formalmente.

### 13 A CRISE FINANCEIRA: FALÊNCIA?

Na reunião geral de terça-feira do dia 01/06/2010 havia “cheiro de fumaça”, mas, ainda não se sabia ao certo, de onde vinha.

Arthur começou falando sobre o movimento “Hortas Urbanas” que existe Portugal. Ele quer fazer cópias dos trabalhos da Catarse, em DVD, para levar, afinal ele já estava com um material de uma livraria também. A ideia dele era exibir o material da Catarse para os participantes das Hortas Urbanas, em Portugal. Em função disso, o Felipe comentou que era importante o material circular, e eles também circular, não ficarem restritos a matérias no/do sul. Não havia cópia extra na sede de alguns trabalhos audiovisuais da Catarse, precisariam buscar o material – DVD – na casa de cooperados ou fazer cópias depois (o que leva, às vezes, mais de uma hora) e entregar para o Arthur. Para isso se falou em usar o bikeboy e não, o motoboy. Lucas fez uma montagem de dois documentários que envolvem a questão da terra e da alimentação. Sugeriu copiarem deste.

Sobre o projeto do Pontão de Cultura, o Bernardo informou que ainda estavam realizando ajustes nos orçamentos. Seriam feitas oficinas no interior do RS no primeiro ano e com registro das atividades. Trabalho para Catarse.

A fechadura da porta ainda não foi consertada. Enzo vai providenciar conserto e vai marcar reunião com o proprietário do imóvel. Além disso, querem tirar o carpete. *“isso tá horrível... feio... sujo”*, diz Felipe. Ele vai fazer um orçamento na Casa do Parquet e ver quais as possibilidades de substituição do carpete.

Foram convidados para fazer o registro da colheita do arroz quilombola, em Restinga Seca (cidade do interior do RS). Haveria uma reunião, sexta, às 19h, para combinar com o pessoal responsável a ida. Quem quisesse fazer parte da equipe, precisava ir à reunião.

Enzo informou que o edital do prêmio Cultura Viva foi prorrogado até final de junho. Sofia disse na hora: *“é politicagem... quem tinha que mandar o projeto não mandou... então dá mais um tempo pra eles...”*. Porém, a Catarse não tem proposta. O Enzo que pretendia se dedicar a escrever esse projeto, disse que precisava de ajuda, mas acho que não teve retorno concreto. Enzo: *“estou tentando descobrir como resolver... falam de “abrangência nacional”*. Sofia contesta *“nacional, não temos chance... já estão mapeados, tem que consolidar localmente, exemplo Ventre*

*Livre, reforçar a referência*". "Mas, e a ideia de circular fora?" lembrou Felipe, "não só com relação a projetos, mas circular mais fora... trocar experiências fora... projetos menores em outros lugares".

Sofia comentou que é mais interessante buscar editais de prêmio, pois, prêmio é burocraticamente mais simples. E falando em "burocracias", ela informou que, no SICONV, o cadastro ainda estava trancado, que também teve problemas com a Junta Comercial, teve que ir e vir várias vezes, além da demora para aprontarem o documento – o registro. Sofia diz: "é preciso estruturar o conhecimento".

Até então, falavam de trabalhos, projetos, editais, agora começaram a falar de problemas. Sofia e Bernardo informaram que a conta no banco do projeto Sopapo está trancada há três semanas, o que gerou problemas de dívidas do INSS e agora, teriam uma multa por não terem aplicado o dinheiro do convênio.

Beatriz comentou que haviam enviado as notas fiscais de 2010 e por isso não teriam INSS a pagar ainda, porém, Sofia e Bernardo afirmaram que estavam com dívidas de INSS, referentes ao projeto Sopapo. Foi quando o pessoal começou a reclamar da contadora que ela de novo errou, que não avisou nada sobre os impostos. Porém a Sofia e o Bernardo contestaram, dizendo que a contadora atual trabalha com cooperativas, sendo assim, conhece a realidade das mesmas.

Em reuniões anteriores, em outros momentos de conversa, havia sido manifestado pelo Guilherme, pela Beatriz e por outras pessoas, a vontade e a necessidade de trocar de contadora. O Bernardo conhecia outra contadora que trabalhava com cooperativas, e isso, estava de certa forma "decido" formalmente, em reunião e informalmente, em conversas: vamos trocar de contadora, pois a que estava, não dava conta, não ajudava, enfim. Então, havia-se decidido que iriam conversar com a contadora atual, que seria substituída.

Houve então alguns problemas, que eu não acompanhei de perto e, pelo que percebi na reunião, ninguém sabia direito o que estava acontecendo, uma vez que se ficou quase três semanas sem ata registrada na Junta Comercial, com a conta do banco do projeto Sopapo trancada – sem poder movimentar – e isso teria gerado multa para cooperativa. A Sofia e o Bernardo estavam tentando resolver tudo, mas tinham dificuldades, pois afirmaram que faltavam informações e documentos da contadora que, por sua vez, alegou que era por falta de informações da Catarse.

Sofia e Bernardo conversaram pessoalmente, com a contadora atual e chegaram a conclusão de que ela tinha conhecimentos sobre cooperativa. Ela atende mais quatro cooperativas e tem reuniões a cada dois meses com os departamentos financeiros das cooperativas, sendo a Catarse, a exceção. A contadora alegou que sempre enviou e solicitou informações para a Catarse. Então, a falha era da Catarse.

Diante da reunião, a Sofia e o Bernardo decidiram que não vão mudar de contadora, que vão se reunir a cada dois meses com ela e que precisaria ser montado um documento onde constem todos os passos e informações para que qualquer um possa fazer o mesmo trabalho: fazer os registros necessários na Junta Comercial, pedir Alvará, tratar com a contadora. “*a Catarse não tem alvará... precisa de alvará*”, diz Bernardo. Neste momento eles estavam “tomando a frente”, resolvendo as coisas e decidindo; ninguém contestou até agora as decisões deles, de Sofia e Bernardo. Eles também informaram que estavam fazendo o balancete com a contadora.

O Bernardo destacou que se “*a Catarse quer dar um passo a frente precisa ter uma organização estruturada do financeiro*”. Afirmou ainda que o faturamento ficou quatro vezes maior e por isso, deveriam ter alguém para atender o financeiro/contabilidade. Atualmente, o Bernardo, o Miguel e a Beatriz, estão cuidando do financeiro e distribuíram, entre eles, os trabalhos burocráticos, mas o Bernardo destacou que precisam de um fluxo de informações.

O Lucas, nesse sentido, lembrou que a Catarse está num momento de transição, pois antes, eles eram poucos e faziam poucos trabalhos, agora, com o foco nos editais, a Catarse está mudando, tem mais trabalho e entra mais dinheiro. Além de haver mais pessoas. Lucas lembrou “*eram seis pessoas trabalhando, sem muita noção, sem muita movimentação de grana*”. Eram pequenos.

O que me preocupou foi o tom como as coisas foram ditas, a meu ver, como “acusação velada”. Como se as coisas fossem óbvias para todos, e que na verdade, não seriam. Como se todos soubessem tudo o que deveria ter sido feito, quanto ao financeiro, e não estavam fazendo... [Aí me perguntei: mas se sabiam, não faziam por quê?].

A questão que não foi levantada (exceto pelo Enzo) era: “mas será que sabiam o que precisava ser feito”? “*ah, mas a contadora disse que avisou sobre tudo*”, disseram. [Perguntei a mim mesma: “então em quem se confia: na contadora

ou nos teus colegas?"]]. A Sofia afirmou que estavam “*segurando informações*”, porém não esclareceu quem e quais informações. Talvez ela não precisasse ter ido várias vezes à Junta Comercial se tivessem dito antes para ela o que precisava. “*não se parte do pressuposto que todos sabem a mesma coisa...*” disse o Enzo. Bernardo confirma: “*mas é óbvio*”. Enzo retruca: “*não, não é óbvio!*”.

O Lucas comentou depois da reunião, que o Guilherme sempre fez as coisas, “*nós sempre confiamos nele, mesmo quando ele disse que teríamos que deixar de pagar imposto ou fechar, decidimos não pagar imposto e mesmo assim, nunca deixamos de confiar nele*”. Em um dos meus primeiros contatos com o pessoal da Catarse, o Guilherme, certa vez, comentou sobre a “confiança” que havia entre eles.

A minha percepção é de que, tanto a Sofia quanto o Bernardo talvez por terem conhecimentos que os demais não têm, por terem passado por outras experiências de trabalho, por terem outra formação (acadêmica), têm um ritmo diferente, mais acelerado, mais objetivo para fazer as coisas. Dá a sensação de que eles não têm muita paciência com algumas discussões, com alguns erros e tentativas que não dão certo. Também entendo que, às vezes, não dá para esperar as pessoas se darem conta, aprenderem sozinhas... pois “as contas estão batendo na porta” e os problemas precisam ser resolvidos. Nessa reunião, eles foram os últimos a chegar e os primeiros a sair (reunião é para discutir e encaminhar soluções).

Por email, Bernardo complementou a ata da reunião enviada pelo Enzo, com duas informações: emprestariam hum mil reais para Arthur entrar em Portugal e aumentariam o valor pago a contadora. Esta última informação foi logo contestada pelo Enzo, pois o que foi tratado era de antes conversar com a contadora, e estudar a necessidade de aumentar o pagamento.

Dia 09/06, por email, Felipe informou o resultado da reunião dele, do Lucas e do Bernardo com a atual contadora. A conclusão que eles chegaram foi que, a atual contadora possuía todos os conhecimentos necessários sobre a contabilidade de cooperativas e que a Catarse estaria deixando de enviar as informações para ela nos prazos, por isso, estariam com documentos atrasados. Resolveram que aguardariam o retorno da Beatriz e do Guilherme e fariam uma reunião com todos os que ultimamente estiveram envolvidos com o financeiro, para chegarem a uma nova organização e procedimentos para a área.

### 13.1 O ROMBO DO FINANCEIRO APARECEU

A reunião de 29 de junho de 2010 ocorreu na área externa menor e estavam presentes: Lucas, Felipe, Beatriz, Sofia, Bernardo, Enzo e eu.

Têm problemas com a conta da Catarse: “*Tem um “rombo” na conta*” disse Bernardo, sem rodeios. O valor do prêmio do projeto Interações Estéticas foi depositado na conta da cooperativa e agora, na fase final do projeto, viram que não havia dinheiro suficiente para concluí-lo. Beatriz afirmou que “*prêmio não exige abertura de conta*”.

Pagaram R\$4.000,00 de ISSQN atrasado e mais o parcelamento, feito desse mesmo imposto, de outro ano. Ficou ISSQN em aberto do ano passado e agora, alguns dias atrás, quando acabou o talão de nota fiscal e preciSofiam fazer mais, tiveram que pagar os impostos atrasados. “*Mas a contadora não disse que tava tudo certo?*”. Problemas com a contadora. [novamente?].

Bernardo afirmou “*rombo é de R\$9.000,00*”. E começou a relatar todos os valores que saíram da conta bancária e também, os que não sabiam exatamente, onde foram gastos: Arthur sacou hum mil reais; tem o empréstimo do Sopapo, R\$1.800,00, R\$900,00 são do empréstimo para o Enzo comprar o notebook.

Lucas informou que “*entrou R\$3.700,00 referente ao pagamento de um trabalho*” e depois começou a fazer as contas... e já disse outro valor: “*o furo é de R\$ 5.500,00 e todos os impostos estão pagos*”

Bernardo comentou que nos últimos quatro meses, o custo havia sido maior do que a receita. “*E a compra do ar condicionado?*”,alguém lembrou. Talvez essa compra não devesse ter sido feita. Bernardo afirma “*tem um buraco de R\$12.000,00*”! E explica que o projeto do Sopapo tem que retornar para a conta da Catarse ao todo R\$5.000,00. Além disso, segundo ele, o projeto do Sopapo não cobre alguns custos, como pedágio, celular e gasolina e os orçamentos estariam estourados. Discutiram a respeito de gerenciar projetos e gerenciar as conta da Catarse – que seriam atividades separadas. E o Lucas afirmou “*projetos de longo prazo sempre estoura... vocês se envolveram com as pessoas... dá nisso*” (falando do projeto do Sopapo).

Relataram alguns gastos feitos, talvez, indevidamente. Bernardo *“não foi tratado em reunião a compra do notebook da ilha (ilha de edição) e do notebook do Enzo... “Lucas também contestou os empréstimos, por exemplo, “eu não sabia que iriam emprestar mil reais para o Arthur”.*

Felipe lembrou *“a gente não pagava imposto... a gente não tem controle... a gente não sabe qual é o nosso custo... isso vem desde muito tempo”.* Porém, o Bernardo informou que o custo fixo da Catarse é de R\$1.500,00. Seguiu falando sobre o extrato bancário: *“tem um saque de R\$ 3.500 desconhecido”.* Ele então, resolveu relatar as contas que precisariam ser pagas em curto prazo: *“temos R\$12.500,00 da impressão do livro Famílias do Jardim para pagar em trinta dias... e tem R\$8.700,00 na conta hoje”.* Depois, comentou novamente sobre os 10% dos cooperados do Sopapo – valores que devem ser depositados na conta da Catarse. Sobre isso, a Beatriz afirmou que o Guilherme e o Leandro vão pagar o Sopapo deles – compraram do Mestre Batista para ajudá-lo financeiramente e o dinheiro foi dado pelo projeto, mas cada um vai pagar o seu, *“do seu bolso”.*

Falando ainda sobre despesas, o Bernardo afirma que *“agora temos imediatamente R\$900,00 para pagar e mais R\$900,00 para trinta dias da Mídia A (empresa que faz cópia de DVD). Hoje, deveríamos R\$15.200,00 bruto”.* Ele lembrou ainda que precisariam pagar os custos fixos de julho e que não tinham previsão de entrada de dinheiro, pois não tinham verba de projeto para receber. Lucas contestou *“tem grana, tá todo mundo trabalhando”!*

Bernardo *“tem que fazer um prognóstico para os próximos 4 meses... pensar a longo prazo”.* Enquanto fala, levanta, atende o celular, pega notebook. Parece bem apreensivo. Lucas propõe que se faça um levantamento das contas e despesas da cooperativa e também, uma previsão de trabalhos, na qual os cooperados devem informar onde estariam trabalhando, qual a previsão de trabalhos futuros e o que iriam receber nos próximos meses, para que pudessem calcular os 10% da cooperativa.

Com relação à contenção de despesas: *“dá para cortar a franquia de telefone fixo para celular”*, alguém lembra. Todos concordam que é preciso cortar gastos, porém, Lucas comenta que precisam ter uma lista dos custos fixos para identificar o que pode ser feito. A Beatriz vai trazer a lista de custos fixos (que ela já tinha feito para o planejamento estratégico) e que o Bernardo havia calculado em R\$ 1.500,00 para que possam decidir onde cortar custos.

Bernardo, Lucas vão às contas, de novo, e vão relatando os valores em caixa no momento e os que faltavam retornar, entre remunerações e devoluções, os custos do PE e da comemoração do prêmio Mídia Livre. Beatriz resolve colocar tudo discriminado (valores atuais de caixa e valores que deveriam entrar) no papel, imprime e distribui uma cópia para cada um. Depois que recebeu o papel, o Bernardo complementa “*e tem o saque de R\$3.500,00 feito dia 22/01/2010*”.

Lucas afirmou “*todos precisam fazer a sua parte... não veio do jeito certo, devolve*”. Falava à respeito de notas fiscais e completa: “*...não dá para pegar o dinheiro antes... tem que emitir a nota fiscal primeiro*”. Lembraram também, das planilhas de orçamentos que precisam ser corretamente preenchidas e que é responsabilidade de todos, pois não há uma pessoa responsável. Cada um que faz o trabalho tem que preencher a planilha. Lucas destaca ao final “*tem outras discussões que precisam ser feitas... tem várias questões... a gente tem que trabalhar e receber bem*”.

Bernardo afirma “*estamos em bancarrota!*” [Frase forte, dita assim “no seco”], mas Lucas responde “*não, a gente não tá tão mal assim... a gente não pode falar assim...*” E o Felipe complementou “*a gente nunca recebeu suficientemente para pagar a cota-parte...mas até o mês de maio tava tranquilo?!*”

Lucas: “*quem vai se dedicar a gestão financeira?*”. Bernardo responde “*eu já estou fazendo isso e me proponho a me dedicar*”. Lucas: “*eu também*”.

Lucas e Felipe começaram a falar que todos precisavam aprender com os seus trabalhos, que deveriam analisar os projetos e ver o que estariam orçando errado. Lucas: “*nos trabalhos, precisa de alguém controlando*”. (Agora lembraram o tal “controle”). Além disso, comentou-se que é preciso pensar nos processos de organização e execução dos projetos para poder aperfeiçoá-los.

Sofia afirmou que o maior problema foi ter as duas verbas, da Catarse (geral) e do prêmio Interações Estéticas (Famílias do Jardim) na mesma conta bancária, pois tiraram dinheiro que seria do Interações, e não, da Catarse, para usar nas contas da cooperativa. Afirmaram que, se deve sempre fazer contas separadas para cada projeto, pois, facilita o controle.

Neste momento, começaram a discutir se o projeto Interações estaria bem organizado, com os controles em dia e a Sofia pondera “*temos que analisar o nosso processo... vamos fazer uma reunião para falar sobre o projeto do Interações*”. E tem ainda a questão de que verba federal, só seria liberada depois das eleições.

*“provavelmente, a grana do governo só vem depois de 30 de junho, ou, só depois das eleições”*, disse Sofia. Ninguém se surpreendeu com a informação. Em função disso, a Beatriz comentou *“no Ventre Livre, o custo vai ser bancado pela Catarse, pois a verba vai ficar parada, o aluguel vai ser negociado com o dono do prédio”*.

Lucas: *“precisa capitalizar a cooperativa. Como fazer isso?”*. Bernardo sugeriu: *“aumentar os 10%”* (referindo-se à porcentagem que o cooperado repassa a cooperativa a cada remuneração que recebe), porém Lucas não concordou: *“Antes da cooperativa vem o bem-estar do cooperado”*.

Como medida emergencial, Bernardo sugere onerar o cooperado, porém Lucas não concorda. Ninguém concordou, mas decidiram que a primeira providência seria "cobrar" os empréstimos, adiantamentos e os 10% dos cooperados e que precisam pensar em como capitalizar a cooperativa nos próximos meses. Felipe lembrou *“tem que planejar o Mídia Livre, também”*.

Bernardo: *“tem que cobrir o custo fixo agora”*. Mas, também fala em previsão *“a cooperativa precisa pensar em ter R\$5.000,00 em caixa para capital de giro... dentro disso tem os R\$1.500,00 de custo fixo”* e sugere que o ideal é sempre ter em caixa três vezes mais que o custo fixo.

Lucas comentou, em meio à conversa, que não gosta de trabalhar em projetos, pois fica “amarrado”. Quando falam de “projetos” se referem aos trabalhos ligados a editais públicos. Ao final da reunião, o Lucas se dispôs a ir à contadora buscar as notas fiscais para fazerem o levantamento e sugeriu uma alternativa: a partir de agora escanear as notas fiscais e mandar por email para contadora, ou tirar cópia, para não ter esse trabalho de ter que buscar quando precisa.

Lucas ainda comentou o envolvimento de todos no projeto de Pontos de Mídia Livre, que foi contemplado... e o Felipe lembrou do Interações Estéticas, que terminou em um livro *“do caralho, muito bacana”* e que também teve a participação de muita gente. Talvez para “lembrar” que eles precisam ficar unidos, se ajudarem para resolver a situação e não ficar um “acusando” o outro ou achando que alguém está escondendo algo.

Nos momentos em que as coisas “estouram”, que “para tudo” para resolver o problema, fala-se em planejar – que deveriam planejar - mas, também afirmam que sempre foi assim. [onde está o “furo”? Qual é a solução?]

Eu percebo que a postura da Sofia e do Bernardo destoam dos demais, mesmo que, em alguns momentos eles tenham opiniões idênticas aos demais, é

como se eles vissem algo que os demais não veem, mas eles também não conseguem relatar o que veem... “mas como tu não vê isso!”. E mais uma vez fala-se que existem coisas óbvias com relação a administração financeira, mais uma vez se considera algo óbvio, mas que os demais não entendem assim. Não conseguem compreender que só é óbvio para poucos dentro da cooperativa.

Ao final, marcaram uma reunião para fazer o levantamento do financeiro (gastos e receitas) da cooperativa, amanhã (30 de junho) às 9h, e outra reunião para organização do departamento financeiro, a contabilidade e a gestão financeira: sexta (2 de julho) às 9h. A Beatriz informou que na sexta-feira ficariam prontas as notas fiscais da Catarse. Falaram também em remarcar o mutirão que deveria ter acontecido ontem (28) para organizar os arquivos da Catarse, mas, não se definiu data.

Apontou-se a necessidade de fazer uma reunião de avaliação dos projetos Interações Estéticas (Famílias do Jardim) e do Tambor Sopapo para identificar onde os orçamentos estão “estourando”, corrigir isso e evitar que ocorra o mesmo nos próximos projetos. E, além disso, querem ter um outro encontro para organizar as atividades, cronograma e orçamento do Prêmio Pontos de Mídia Livre. Eu fiz a Ata da reunião e enviei por email. A partir dessa reunião, várias outras ocorreram com o objetivo de esclarecer o “rombo” no financeiro e decidir o que seria feito.

## 13.2 SEGUEM AS PENDÊNCIAS DO FINANCEIRO

Na reunião geral de 06 de julho, estavam presentes eu, Enzo, Ado, Felipe, Lucas, Miguel, Beatriz e Bernardo. Já haviam feito diversos levantamentos de gastos, então, o Lucas inicia falando que, em janeiro não foi identificada a despesa de hum mil reais que foram sacados a mais no momento da retirada do dinheiro para a compra do ar condicionado. O Bernardo complementa com mais informações que ele tinha anotado e foi listando: em março tem um saque de R\$ 4.500,00 não foram computados gastos de R\$ 2.900,00 na contabilidade; em abril falta encontrar o motivo da saída de R\$ 300,00 num saque em caixa; não está contabilizado um reembolso da Beatriz e Guilherme de R\$510,00, referente a uma quitação de contas em 30/04, que também não se sabe no que foi gasto essa grana.

Beatriz pediu para que Bernardo compartilhasse as tabelas com as informações das pendências (os furos) e do que ainda faltava retornar para a cooperativa em empréstimos que foram feitos aos cooperados.

Precisam acertar e esclarecer as anotações do livro-caixa que são de débitos, pagamentos, empréstimos. Existem ainda outros saques não identificados no extrato. Esse levantamento inicial foi elaborado pelo Lucas.

Queriam fazer uma reunião para acertar a gestão financeira – como fazer a gestão – mas ainda tem “furos” no caixa que precisam, na visão de alguns, ser esclarecidos primeiro, para depois pensar em procedimentos de gestão financeira. Enzo e Guilherme haviam iniciado a elaboração de uma proposta de organização para o departamento financeiro – para a gestão financeira – e queriam apresentar a todos. Porém, o Lucas queria saber primeiro das pendências: “*por exemplo, dia 24 de junho, duas semanas atrás, quem fez o saque?*”

A Beatriz, o Lucas e o Bernardo começam a conversar sobre saques e a notações no livro caixa, porém ela afirma “*a gente não tinha conversado sobre isso ainda... e a fonte sou eu!*”. Beatriz disse que iria verificar o que ela conseguiria identificar dos saques e anotações no livro caixa, além de procurar na casa dela, se há algum documento da Catarse.

Bernardo lembrou: “*tem que fazer reunião do conselho fiscal e fazer ela retroativa... a Junta Comercial pode pedir a Ata da Reunião do Conselho*” (...) “*o conselho é para todos, mas tem os conselheiros que assinam...*”. Bernardo “*vamos fazer duas reuniões...*”. Miguel “*faz tudo em uma única reunião*”. Combinam, então para a próxima quinta-feira 15 de julho, 9h, realizarem as duas reuniões do Conselho Fiscal, 1 atrasada: de abril e outra de maio/junho.. Deveriam ser constituídas três atas, uma para cada mês.

Felipe “*precisamos nos organizar para não entrar na roda viva de novo*” (...) “*e o valor de PIS/COFINS?*” lembrando dos impostos. Existiam orientações divergentes quanto à obrigatoriedade de cooperativas pagarem esses impostos. Guilherme havia recebido a orientação da FETRABALHO de não pagar, e não estava pagando. Entretanto, a contadora afirmava que deveriam pagar, então, decidiram que iriam verificar, novamente, a posição da FETRABALHO – Lucas se dispôs a fazer isso - e deixou como sugestão para conversarem mais uma vez. Beatriz informou que a contadora gerou alguns docs desses pagamentos.

Todos concordaram que era preciso ver bem como se dava o cálculo de impostos que estariam nos orçamentos da Catarse – cálculo elaborado pelo Guilherme - pois, se não, iriam mais pagar esses impostos, seria importante alterar a tabela de cálculo dos orçamentos, para adaptar-se à realidade de tributos que, efetivamente, pagariam e saber qual valor seria preciso compensar nos descontos de remunerações para manter os recursos atuais sobre cada nota, que são destinados à manutenção da cooperativa. Afinal, como lembrou o Felipe, *“há uma sobra de 4,05% de impostos sobre cada nota já que não está sendo pago PIS/COFINS”*.

Na tentativa de começar a organizar alguns padrões para o financeiro, o Enzo apresentou o que compõe um departamento desses, segundo o que ele e Guilherme haviam pesquisado e, além disso, foi falando sobre as anotações de caixa, como deveriam ser: Registro diário das movimentações do caixa 1 e 2; Registrar data – ordem do lançamento – descrição – entrada e saída – serviço e fornecedor; Caixa 2 – registrar as despesas diárias; Caixa 1 – pagamento dos serviços.

Iniciaram uma discussão sobre reembolso e custos dos trabalhos. São coisas diferentes, como registrar? Lucas propõe a necessidade dos reembolsos aos cooperados, por custos de trabalho, ocorrerem após o recebimento do pagamento, conforme ele já faz com a Anama. Mas ele mesmo levanta a dúvida *“ou será preciso ser feito isso sempre na forma de adiantamentos?”*. Não sabem, conversariam com a contadora.

Sobre os registros diários das movimentações do caixa, a maioria entende que todos deveriam anotar e lançar no livro caixa, não ficar restrito a uma ou duas pessoas somente. Teve despesa, comprou, recebeu, anota na hora, para isso, deveriam ter um padrão de preenchimento a seguir. Novamente, voltaram ao assunto de como organizar o departamento financeiro. Enzo afirmou que ele e Guilherme iriam finalizar a proposta e trazer para discutir com todos.

*Qual o saldo de dezembro?* Alguém pergunta e Bernardo informa que *“o déficit não é de dezembro”*. Lucas afirma que será preciso uma análise das contas do ano passado para verificarmos se já existiam furos anteriores a dezembro de 2009. Vão marcar uma nova data para Mutirão das Contas e Lucas sugere que *“cada um fique responsável por um mês de 2009 para acelerarmos a nossa auditoria interna”*. Quando? Ficou em aberto, porém dias depois fizeram a conferência.

Discutiram sobre financeiro, caixa, lançamento contábil. Fácil perceber o desconhecimento, ou o pouco conhecimento, de alguns em assuntos desse tipo. Mas querem entender (ou percebem que precisam entender...). Em vários momentos, a discussão era sobre se algumas pessoas assumiriam as funções do financeiro, para resolver o problema ou, todos seriam envolvidos. Alguns achavam que quem tinha mais conhecimento na área deveria “assumir”, outros entendiam que todos deveriam ser envolvidos na solução.

Em outros momentos da reunião, a discussão era se teriam um grupo exercendo as funções do financeiro – fazendo as atividades – ou se todos fariam tudo. Da mesma forma, alguns queriam que ficassem um grupo pequeno responsável por fazer as anotações financeiras, outros queriam que todos – cada um – fizesse uma parte.

Dividir ou coletivizar. Não chegaram a definir algo, nas discussões; a discussão terminava, sabia-se que algo precisava ser feito – identificavam a tarefa – alguém “tomava” a frente para resolver o que era mais urgente, algumas ações eram feitas mesmo sem definição de um responsável legal. Falar com a contadora, por exemplo, primeiro foi a Sofia e o Bernardo, depois foi o Lucas junto com o Bernardo e o Felipe falaram com a contadora para entender o trabalho dela, as dificuldades e em que a Catarse pode melhorar ou corrigir. Alguns tomam a frente, fazem coisas e depois trazem para o grupo. As pessoas iam se “candidatando” a fazer as atividades conforme, talvez, o interesse (particular ou interesse que se resolva a situação), conforme o tempo disponível ou conhecimento.

Discussão sobre o conselho fiscal. *Podemos ser fiscal do nosso próprio trabalho?* Felipe acha que não. Lucas entende diferente: *“fiscalizar é diferente de julgar”*. A discussão surgiu a partir da proposta de ter pessoas no departamento financeiro diferentes das que estariam no Conselho Fiscal. Pois, o conselho fiscalizaria o financeiro. Uns contra, outros a favor. Não se decidiu nada a esse respeito, mas conseguiram acertar outras coisas como: fazer “recibo de cooperado” para cada pagamento de remunerações aos cooperados, como registro oficial, e também, que era preciso fazer relatórios mensais das contas da Cooperativa. Três cooperados ficariam responsáveis por esse fechamento, mas ainda faltava definir quem seriam e como atuariam.

A discussão poderia ter se resumido ao número de pessoas para os cargos versus o número de pessoas atuantes na cooperativa neste momento, o que

inviabilizaria essa proposta de divisão. Entretanto, a discussão acirrada, com tom de voz alto e acusações de “*tu tá gritando*” foi toda em torno de “ser ou não fiscal do próprio trabalho”, de que “*não há hierarquia... ninguém responde a outro, cada um responde a si mesmo e ao coletivo*”.

A Beatriz tentava “acalmar” dizendo “*gente, vamos se ouvir*”. Talvez o problema não seja a “falta de comunicação”, mas o “excesso” de opiniões que não podem deixar de serem ouvidas, sempre expõem o que pensam, se concordam ou não e porque, sempre se discute. Quando se fala muito, se ouve pouco?

Não existiu “a última palavra é do fulano”; mas algumas pessoas tomam a frente e resolvem da forma como entendem ser a melhor, nem sempre dá para consultar a todos. Também não existiu “fazer a parte que me cabe na divisão de tarefas e cada um faça o seu”; às vezes, alguém ficava sobrecarregado, em outras, se dividiu tudo. Também ninguém disse: “eu não tenho nada a ver com isso... não é a minha função”, porém, houve ausências nas reuniões mais “críticas” e nem todo mundo assume tudo o tempo todo.

E as discussões seguiram até mesmo fora da sede da Catarse; isso não é privilégio da cooperativa ou da autogestão, mas talvez a diferença esteja que aquela cooperativa – a autogestão – é mais do que uma maneira de ganhar dinheiro, é uma aposta em um projeto de vida, de modo de viver e de se relacionar, que se estende à sociedade – ou se quer estender para sociedade – as discussões não ficam isoladas na cooperativa; as discussões se espalham para a casa, para a escola e outros contextos. E se quer discutir sempre.

Marcaram para o dia 15/07 a reunião do Conselho Fiscal e a Beatriz vai trazer, nesse dia, o levantamento das remunerações e os extratos para conferência. Precisam reunir toda a documentação financeira para conferir tudo e ver onde está o “furo”. Ou, onde foi que se gastou mais do que se tinha.

Depois da reunião, Lucas e Adel conversavam sobre o trabalho da Anama - a parte gráfica, as fotos, o tamanho do folder, da revista. Não é apenas fazer as fotos, as reportagens, escrever o conteúdo e passar para quem vai montar o material, é se envolver na construção de todo material. No geral, todos, na Catarse fazem isso; nunca ficam muito isolados com uma única tarefa. E isso também faz parte do trabalho, sendo, que há pouco, na reunião sobre o financeiro, Lucas usou como exemplo as notas e reembolso e pagamentos do trabalho para a Anama. Lucas enviou ata da reunião por email.

Entre uma reunião e outra do financeiro, fomos eu, Felipe e Laura conversar com o pessoal de uma assessoria jurídica. Conversamos em uma sala de reunião com mesa grande, retangular, cadeiras fofas, estante de madeira, lugar um pouco apertado, teto baixo – mas não chegava a ser desconfortável, éramos nós e mais quatro pessoas da assessoria. Tinha uma sala de recepção. Até aí, tudo com cara de escritório de advocacia “tradicional”, no centro da cidade. Mas, olhando as roupas que o pessoal usava: camiseta, jeans, nada de terno e gravata, e depois, começando a conversa – no início mais um relato da história do escritório – aquele lugar ficou “descolado” do que estava sendo dito. O escritório de advocacia deles foi fundado vinculado a movimentos sociais, como uma rede autônoma de assessoria jurídica popular – fomentada pelo MST. Hoje é uma ONG e um escritório jurídico, com ações para fomentar debate sobre a ditadura e a democracia – direito à memória – entre outros.

A vontade do pessoal da assessoria é trabalhar em parceira, fomentar o trabalho deles e dos parceiros, estabelecer contatos e fomentar a rede. Interessante quando um deles falou sobre “ver o direito como uma possibilidade de empoderar as pessoas, como uma possibilidade de ampliar o trabalho e não de trancar”; complementou dizendo, que essa era a visão burguesa – que o direito é aquilo que “tranca” os processos - sendo que, na verdade, pode ser usado para ampliar e fomentar os processos.

Da mesma forma que o pessoal da Catarse fala que seus parceiros não enxergam a comunicação como sendo parte do trabalho, como possibilidade de ampliação do trabalho, eles também não viam a assessoria jurídica como parceira de trabalho, mas como “alguém que vai nos salvar quando algo der errado”. Assim como a comunicação e a informação podem empoderar as pessoas, o direito também. A assessoria jurídica seria, então, para ampliar ação dos trabalhos a partir do conhecimento prévio dos direitos enquanto cidadãos e comunicadores. E não, na perspectiva somente de contar com advogados, em situação pontual e evitar processos judiciais.

O pessoal da Catarse informou que sempre trabalham com o princípio da confiança, sem câmera escondida e em muitos projetos que não dão lucro. O pessoal da assessoria jurídica também fala de coerência, de opção por não trabalhar com patronal e de dispensarem trabalho, mesmo precisando de dinheiro [O Felipe

deu um sorriso discreto e me olhou... eu também ri... “eu já ouvi isso”]. Eles querem se aproximar de pessoas – grupos, coletivos - com princípios políticos semelhantes.

Afirmaram que possuem trabalhos para “pagar as contas” – que geralmente são trabalhos individuais, de advocacia – e possuem trabalhos voluntários de militância política. Já tiveram que “contar as moedas” para pagar as contas no fim do mês. E quando Felipe falou em “*não ter para quem ligar*” em situações de conflito, ou que tivessem “*problemas com a polícia*”, eles afirmaram que “*independente do fim dessa conversa, agora vocês têm*”.

Ficou acertado do pessoal da Catarse conversar, entre eles, na próxima reunião geral, para depois retomarem o assunto. Tem a possibilidade de fazer site ou blog para a assessoria. Depois disso, houve mais uma conversa com um dos advogados da assessoria na sede da Catarse (que será relatado mais adiante), porém os trabalhos/parcerias ficaram em suspenso enquanto eu estava “em campo”.

### 13.3 TENTATIVA DE ENTENDER E PLANEJAR O FINANCEIRO

Nesta reunião geral, de 13/07, a Beatriz e o Enzo queriam apresentar as diretrizes da Gestão Financeira. Temas que já estavam sendo discutidas, nas reuniões anteriores, e outros que eles pensaram, junto com o Guilherme. Organizaram um arquivo para apresentar. Estavam presentes também Lucas, Miguel, Bernardo, Felipe e eu.

Iniciamos com o relato, meu e do Felipe, sobre a reunião com a assessoria jurídica e sobre o que a Catarse pode “trocar”. Decidiram que iriam orçar a construção de um blog e fariam uma oficina para que as próprias pessoas da assessoria consigam manter e atualizar o blog. Enzo se propôs a fazer o orçamento e Felipe ligaria para a assessoria jurídica, pois eles já estavam vendo alguém para montar o site. Ver em que “pé está”.

Falando em “trocas”, Lucas lembrou que para os Pontos de Mídia Livre, deveria-se fazer um contrato de transferência de tecnologia com quem fosse construir o *site*, para ensinar e capacitar o pessoal da Catarse a fazer e mantê-lo.

Deram alguns informativos sobre novos trabalhos, entre eles o Lucas informou que Laura iria propor uma oficina de vídeo (capacitação em captação de

imagens ) para um grupo de pessoas da UFRGS. Ela terá uma reunião para propor oficina e explicar o trabalho remunerado da Catarse. Essa situação o Lucas usou como exemplo de que existem grupos participando ou fazendo eventos, que chamam a Catarse para registrar, porém, geralmente, é um trabalho mal remunerado, além de não terem noção de quanto custa esse trabalho, então, a Laura propôs fazer oficinas para que eles mesmos façam seus registros.

Lucas comunicou que acertou, com uma Associação, o trabalho de um vídeo para homenagear um professor. O orçamento era R\$7.000,00, fechou em R\$4.500,00. O primeiro era valor de mercado, porém, o valor contratado daria para remunerar bem e trazer um bom valor para a Catarse, pelos 10% do cooperado. *“Se todos os cooperados receberem bem, a cooperativa também consegue se manter”*, afirmou Lucas. Ele sempre retoma a esse ponto: é a cooperativa que depende dos cooperados.

Dados os informativos, Lucas esclareceu sobre os Impostos: ISSQN e PIS/COFINS – tem que pagar, IRPJ não paga; *“Quem trabalha com dinheiro público precisa pagar PIS/COFINS”*. A FETRABALHO havia dito que cooperativa não paga esses impostos, por isso a Catarse havia deixado de pagar. A contadora diz que deve pagar sim e que outras cooperativas pagam. A Catarse deve R\$ 2.200,00 de PIS/COFINS de 2009 e segundo o Lucas, sem a quitação desses valores provavelmente, não receberiam o Prêmio Pontos de Mídia Livre, porque estariam em débito com a Receita Federal.

Lucas falou com a contadora para entender como é feito o cálculo de todos os impostos (explicação que ele repassou a todos nesta reunião) e o que a Catarse precisa enviar para ela (documentos e informações). Nessa conversa, a contadora aconselhou pagar todos os impostos sem parcelar. Vão verificar com a contadora, se há também débitos de INSS.

Miguel e Beatriz comentaram que estão em dúvida se conseguirão pagar as remunerações, o Bernardo faria as previsões agora. Mas o Lucas contestou na hora *“não pode segurar as remunerações dos cooperados... remuneração dos cooperados é o que segura a cooperativa... senão os cooperados terão que trabalhar fora”*.

Inciaram a apresentação da proposta para a organização do futuro departamento financeiro da cooperativa. Proposta elaborada pelo Enzo, Guilherme e Beatriz. Entretanto, mesmo com os pedidos da Beatriz para deixar para próxima

quinta-feira as discussões sobre o caixa, Bernardo e Lucas voltaram a falar do caixa, queriam “fechar” o caixa, e fazer o planejamento do mês, e ver o saldo, o que tem de dinheiro, o que precisa pagar. Bernardo afirmava *“no momento temos R\$3.700,00, tem conta para pagar... e no início de agosto entra um cheque de R\$6.000,00mil”*. Precisavam de dinheiro em caixa urgente, Beatriz e Felipe disseram que pagariam os 10% dos últimos trabalhos feitos para o caixa extra.

Haviam combinado, na última reunião de terça-feira, que na próxima quinta iriam se reunir para resolver o “furo” do financeiro, a Beatriz iria olhar todas as suas anotações, juntar tudo o que tem de notas da Catarse na casa dela, reunir tudo para fazerem uma conferência dos gastos, dos pagamentos e saques. Neste momento, Enzo e Beatriz queriam esclarecer os procedimentos, organizar o financeiro para depois resolver o problema dos gastos. Queriam se organizar primeiro para não deixar isso seguir. Porém, Lucas e Bernardo, queriam tratar do que consideravam mais urgente: *“em vinte dias tem uma conta para pagar e não tem dinheiro e isso é mais urgente”*, afirmou Bernardo.

A discussão então, voltou-se em achar o problema ou assumir o “furo” e encerrar a discussão. Enzo, Miguel e Beatriz achavam que teriam que por um ponto final, Enzo: *“ou assume ou não sai dessa discussão”*. Lucas e Bernardo acham que tem que descobrir onde foi o “furo”, onde foi que se gastou mais ou onde se errou no registro. Lucas *“ninguém queimou dinheiro... tem que achar o furo... só existem duas possibilidades: identifica o furo que é grana que está com algum cooperado (e o dinheiro é devolvido) ou faz um empréstimo”* e seguiu falando *“porque sacou mil reais a mais do ar condicionado, só pode ser remuneração para alguém”*. Beatriz respondeu que precisaria “fechar as remunerações”, conforme havia sido combinado anteriormente, para a próxima quinta-feira, para então poder responder.

Não deu tempo para avaliar a proposta de organização do departamento financeiro. Beatriz sugeriu que o Enzo enviasse por email, porém, destacou: *“foi o que aconteceu na última reunião, a gente não avançou... a gente podia ter feito uma série de coisas”*. Afinal, haviam concordado em elaborar uma proposta para o departamento financeiro. Felipe: *“tem que pagar as contas e se planejar”*.

Lucas disse que pensou em empréstimo e vai pesquisar as taxas de juros. Bernardo concordou. Lucas pergunta: *“pra vocês está claro que precisa de empréstimo?”*(...) *“tem que cortar custos... telefone, água...”* (...) *“tem que fazer um*

*planejamento de trabalho...*” e conclui: *“e os que mexem no financeiro tem que se envolver com essa situação atual”*.

Felipe afirma: *“tem que reunir todos para apresentar a situação e todos vão propor e decidir o que fazer daqui pra frente, como vão organizar o trabalho, senão cai num círculo vicioso”*. *“Tem que discutir as duas coisas ao mesmo tempo”*. Bernardo pensava um pouco diferente *“a situação é urgente, para resolver pega as pessoas mais capacitadas”*. E segundo ele, um empréstimo de R\$10.000,00, aproximadamente, deveria ser decidido em vinte dias, pois, era o prazo das contas.

Fazer equipe de emergência? Alguém sugeriu. Discutiram a ideia, mas não fizeram a equipe. Decidiu-se que na próxima reunião, na quinta-feira, iriam fechar o que faltava junto com as informações da Beatriz e decidir como “cobriariam”, como deveria voltar o dinheiro que estava na rua e como fariam o empréstimo.

Felipe, Beatriz, Enzo falavam em criar ferramentas para gestão financeira e Bernardo afirma *“as ferramentas já estão sendo criadas com a apropriação dos conceitos, das discussões, do que as pessoas estão vendo o que precisa ser feito”*. Mas entendo que eles queriam formalizar e definir algumas coisas. Enzo: *“não podemos deixar de, nesse momento de crise, resolver algo que é anterior que é a gestão financeira”*.

Lucas e Bernardo voltaram várias vezes a fazer contas durante as discussões. E a certa altura, o Bernardo falou em *“falir o empreendimento”*. A questão do “óbvio”: Beatriz pediu para Bernardo colocar numa planilha todos os cálculos feitos, pois ele sempre anotava num papel e fazia as mesmas contas... e ela sentia dificuldade em acompanhar o raciocínio dele. Ele respondeu que estava tudo no extrato e não me pareceu muito “interessado” em “planilhar”, pois, para ele, devia estar tudo bem claro e fácil de entender.

Em momentos diferentes, pessoas diferentes se “alteram” para tomar a frente nas discussões e decisões e mesmo depois de encerrada a discussão alguns assuntos voltam “um passo atrás”. Parecem que se esquecem do que haviam combinado. Mas quando algum ponto não tá “bem resolvido” para um, para e volta. Discute de novo. Alguns se irritam, outros discutem de novo.

Situação ficou bem tensa no final: durante a reunião ficou um “ar” de cobrança sob os responsáveis do financeiro e todos sabiam que a responsável era a Beatriz, além de ela ter sido “cobrada” por valores que estavam identificados como sendo do Guilherme – gastos que o Guilherme fez ou autorizou, como o empréstimo ao Arthur.

Terminou com a Beatriz dizendo “*é isso então? O Guilherme tem que pagar? Tá bom eu vou dizer pra ele.*” E saiu. A Ata foi enviada por email pelo Felipe.

Eu considerava que havia passado por um momento de conflito quando ocorreram algumas discussões, lá no Planejamento Estratégico. Aquelas foram discussões bem acirradas, entretanto, estavam “no plano das ideias. Porém, agora, havia um não-humano presente e atuante (melhor dizendo, ausente – faltava dinheiro) que deixou a situação tensa, preocupante e complexa, não somente conflituosa. Eram assuntos que não “se resolviam”, eram tentativas de organizar de forma “prática” alguns pontos do financeiro, eram controles, extratos bancários, planilhas, pessoas, recibos e suas relações que estavam em tensão.

#### 13.4 ALGUMAS PENDÊNCIAS FINANCEIRAS ESCLARECIDAS

Fizeram uma reunião extra para tratar das pendências do financeiro. Lucas, com ajuda da Beatriz e do Guilherme fez planilhas demonstrando a movimentação financeira com entradas e saídas a partir do extrato bancário da Catarse. Ele iniciou dizendo “*a gente não tá tão mal assim*”. Projetor ligado para mostrar, na parede, a planilha feita.

O próprio Lucas havia identificado, em seu extrato bancário, um pagamento feito, em duplicidade, durante o verão e que ele não tinha notado antes. Por isso, Lucas afirmou “*podem ter outros pagamentos duplicados... cada um tem que conferir seus pagamentos*”. Ele vai devolver o valor, mas quer que todos verifiquem se não receberam a mais. Acha injusto só ele pagar porque faz “o certo” – tem conta no banco e só recebe por transferência bancária – enquanto outros cooperados recebem em dinheiro.

O problema é que nem todos têm conta no Banrisul e na transferência para outros bancos, paga-se taxa, por isso era feito o pagamento em dinheiro, o que dificulta essa conferência agora. Felipe é um dos que sempre recebeu em dinheiro, afirmou que olharia as anotações dele, mas achava difícil ter recebido duas vezes, pois ele lembraria de ter o “*dinheiro na mão*”.

Haviam ainda saídas não identificadas. Lucas vai explicando a planilha e mostrando os possíveis e os reais “furos”. Destacaram o “fatídico mês de março”

onde havia os maiores problemas de não-identificação de gastos. Lucas relatou que, dos R\$4.500,00 sacados, foram pagas várias remunerações, R\$2.000,00 estava marcado – anotado pela Beatriz – como pagamento do Interações. Tinha uma diferença de R\$500,00 no saque do banco, anotado como sendo do projeto Interações. Havia problemas nas anotações do caixa e do Interações. Beatriz havia anotado coisas à mão, Sofia (que controlava o caixa desse projeto), por sua vez, fez planilhas; porém, algumas informações não batiam. Falaram também da situação dos impostos: que só havia sido pago GPS, em março.

Naquele momento, o projeto Interações tinha R\$11.000,00 em caixa e os 10% das remunerações estariam incluídos. Lucas afirmou: *“a gente não tá quebrado, porque tem grana sobrando no Interações”*. Bernardo contestou: *“a gente não tá quebrado, contando que o Interações teve sobra, os 10% ficou na conta da Catarse”*. Porém, agora mudou o tom da conversa. Acalmou um pouco os ânimos, especialmente do Bernardo que chegou a dizer que estavam em “bancarrota”.

Havia, ainda, um valor pago por um parceiro, para que Lucas e Felipe realizassem um trabalho, mas o dinheiro foi “incluído” na conta da Catarse, como dinheiro da Catarse e foi gasto e a solução apresentada pelo Lucas foi *“todos assumem de fazer o trabalho”*.

Mesmo não estando “tão mal” precisaria de empréstimo, foi a conclusão apresentada pelo Lucas. Ele relatou que, depois da última reunião de terça-feira, o Felipe, o Gabriel e ele foram até a casa do Guilherme conversar, pois ele estava ausente nas reuniões e também porque a Beatriz saiu chateada da última reunião. Eles não queriam deixar assim a situação – Beatriz chateada e Guilherme ausente – queriam resolver. Então o Lucas contou que o Guilherme apresentou uma proposta de empréstimo através dos pais dele. E eles fariam o empréstimo de R\$10.000,00 consignados, em um banco, com valor de juros menor do que a Catarse pagaria, se fizesse como pessoa jurídica.

Porém, o Lucas destacou *“a gente vai continuar a ter um financeiro familiar... é uma solução familiar, mais uma vez... tem que mudar essa cultura”*. *“a gente já tem a situação da cota-parte que foi grana emprestada e que ninguém devolveu até hoje”* (a questão da cota-parte refere-se a fundação da Catarse, na qual o valor que os cooperados deveriam repassar para a cooperativa no momento do ingresso, foi “emprestado” pelos pais de alguns deles). Bernardo afirmou: *“mas isso tá mudando”*. Lucas: *“financeiro dá trabalho?... eu fiz seis meses em um dia!”*. Afirmação já dita por

outros cooperados. Lucas continua: “*em função do prêmio (Mídia Livre) tem que regulamentar a Catarse e todos vão participar e trabalhar no prêmio*”. Ele afirmou que existe uma negativa da Receita Federal (que comprova a quitação dos impostos federais) até agosto de 2010, então, teriam até agosto para regularizar.

Falou-se novamente sobre a organização do departamento financeiro: livros, caixas, anotações, o que anotar, como anotar e onde anotar. Havia sumido um saco plástico com as notas fiscais de dezembro e janeiro. Lucas o achou em outro local – em outra caixa – onde ele também localizou notas fiscais de pagamentos que estavam, até então, como “não identificados” nas pesquisas e levantamentos feitos.

Quem “resolveu” a situação, quem esclareceu e organizou tudo em planilhas, de forma que todos conseguiram entender, foram, por fim, o Lucas, a Beatriz, o Felipe, o Guilherme e o Gabriel. O Felipe e o Gabriel não fizeram as contas, não montaram a planilha, mas foram juntos com o Lucas conversar com o Guilherme e com a Beatriz na casa deles. É claro que num primeiro momento houve a participação de outros: Bernardo e Sofia para fazer o levantamento inicial, Enzo e Miguel. Mas quando a coisa ficou “feia” – falaram em fechar, em falir – Lucas e Felipe gritando um com outro, Lucas cobrando dinheiro do Guilherme através da Beatriz, ela saindo de reunião visivelmente chateada; parece que eles se “uniram”, de alguma forma, mesmo que sem perceber, para resolver a situação, ou mesmo, para entender o que estava acontecendo, o que iria acontecer, o que precisavam fazer para manter a cooperativa funcionando. Coincidência ou não, são esses os mais antigos na Catarse.

Os demais participantes da reunião, desta vez, só ouviram as explicações e relatos. E eu me senti “aliviada” por terem conseguido “resgatar” a conversa. A certa altura, o Lucas diz: “*vocês deviam ler esse livro da Capina<sup>30</sup> eles falam sobre ponto de equilíbrio... sobre um monte de coisas... o desafio é adaptar para Catarse – que é serviço – o livro fala em venda de produtos*”. “*todos deviam ler a coleção de livrinhos sobre a parte financeira, fluxo de caixa...*” [Lembro-me de ter visto certa vez o Enzo com um dos exemplares].

A Sofia disse que era exatamente isso que ela e o Bernardo estavam fazendo, eles estavam aplicando aquele método, criando ferramentas de

---

<sup>30</sup> Livro voltado para Empreendimentos de Economia Solidária feito pela Capina – organização de apoio a esse movimento – e editado pela Catarse.

autogestão. Ela se virou para mim e disse: “*é mais ou menos isso que tu tá fazendo, não é?*”. Respondi: “*Não...*”. Enfim, encerrou-se aqui a conversa.

Antes de ir embora, a Beatriz organizou as gavetas onde guardavam as pastas do financeiro e achou um saco com comprovantes de depósitos e saques que ainda não haviam sido conferidos.

Em meio à crise financeira... Felipe enviou um email relatando uma situação pela qual ele passou na Assembleia Quilombola. Falava da importância do trabalho da Catarse – que se fazia presente em locais e eventos nos quais, via de regra, a grande mídia não está. Que mesmo elaborando orçamentos de baixo custo ou até sem cobrar nada, a Catarse precisava ter bons equipamentos para a realização do trabalho; e por isso, a importância do Prêmio Pontos de Mídia Livre. Nas palavras do Felipe “... *Precisamos usar bem o Prêmio Pontos de Mídia Livre. Porque tudo o que dissemos e prometemos no projeto é verdade. Todos com Internet precisam poder ver o que nós, em momentos privilegiados, podemos presenciar.*”

### 13.5 REORGANIZANDO O FINANCEIRO - ALÍVIO MOMENTÂNEO

A Beatriz iniciou a reunião informando que o Felipe já era o representante legal da cooperativa, como presidente, e o Bernardo, o Presidente do Conselho Fiscal – que, por sinal, foi cobrir um Congresso de Cultura Popular em Goiás, junto com outras pessoas que não eram da Catarse. Os demais presentes eram Felipe, Lucas e eu.

A conta no banco do projeto do Tambor de Sopapo permanecia bloqueada. Porém, na Junta Comercial já estava tudo resolvido. A documentação oficial da Catarse foi entregue no Banco do Brasil e estava em tramitação para a atualização do cadastro. Sofia e Bernardo cuidam desta conta que é separada da conta da Catarse. No Bannisul, a Beatriz e o Gabriel ainda eram as pessoas que responderiam pela conta e assinariam os cheques. Segundo a Beatriz, deveriam ainda atualizar o cadastro no Bannisul, e para isso, teriam que levar todos os documentos da Catarse. O Bannisul não havia aceitado a carteira de motorista do Felipe, porque estava vencida. A informação que tinham era que, mesmo vencida, valeria como documento de identidade porém, o banco não aceitou. O Felipe faria

outro RG (ele havia perdido o documento) ou renovaria a habilitação, ambos precisavam ser pagos.

Lucas foi dizendo como poderiam organizar algumas coisas, como estava organizado as gavetas que guardam os documentos do financeiro. Os pagamentos que poderiam ser feitos on-line, não deveriam ser feitos de outra forma. Falou do caixa ativo – movimentação em espécie – pagamento de contas, o controle era no extrato bancário. Para o condomínio, usar o caixa 2. A organização física do financeiro ficou assim - na mesa do scanner: Gaveta 1 – Documentação oficial, Gaveta 2 – Caixa ativo (pasta com contas a pagar, pasta por mês com contas pagas e livro de movimentações); Gaveta 3 – Caixa extra (pasta por mês com notas de gastos e livro com movimentações).

Começaram a organizar virtualmente o departamento financeiro, Lucas criou uma pasta no servidor “contabilidade e financeiro” – para colocarem tudo lá (planilhas, relatórios, etc). Depois mudaram o nome da pasta no servidor para “administrativo/financeiro”. Essas pastas virtuais estavam sendo organizadas pela Beatriz e pelo Lucas, ali, na hora, definindo nomes e o que seria armazenado. Sentados de frente, cada um no seu notebook, conectados na rede, olhando e sugerindo o que fazer, os nomes dos arquivos, a Beatriz fazendo as alterações. Chegaram a um acordo de que deveriam usar bastante o cheque. Remunerações maiores que mil reais, pagariam em cheque. Fariam recibo de remuneração, em duas vias, mesmo quando fosse depósito bancário, assinariam o recibo.

Discutiram sobre incluir nos orçamentos um valor para a Catarse. Lucas sempre afirmava que precisavam ter autonomia para decidirem o quanto cobrar para os custos da Catarse, pois, cada trabalho era diferente, e às vezes R\$50,00 a mais fazia diferença no orçamento. Cada um decidia como cobrar e dependendo dos custos do cooperado com o trabalho, o valor que ficava para a cooperativa era maior. Felipe afirmou que, às vezes, ao invés de ir de taxi, ia de ônibus e voltava a pé.

Não achei isso muito justo: “desgastar” o cooperado para sobrar mais verba para cooperativa. Acredito que nem todos façam isso, mas, quando cada um é responsável pelo seu trabalho e custos do mesmo, pode acontecer de alguém se sacrificar mais que os outros, conforme o exemplo do Felipe.

Entretanto, sempre que alguém tentava pensar em “impor” um valor fixo, uma taxa para ser incluída nos orçamentos como custo de manutenção da cooperativa, o

Lucas sempre dizia “*não*”, e não se definiam valores. A definição que existe é que precisam pensar nos custos da Catarse e cobrar algum valor, nos orçamentos, sempre que possível, mas não é obrigatório. A única obrigação que possuem é com os 10% da remuneração do cooperado, por isso, o Lucas lembrou, mais uma vez, de que é preciso “*trazer trabalho para a cooperativa, pois é das remunerações dos cooperados que a cooperativa se sustenta – dos 10%*”.

Sugeriram de, a cada quinze dias, terem uma reunião do financeiro, para que não acumulasse o trabalho e também, terem um extrato quinzenal e mensal; para identificarem logo qualquer valor “desconhecido”. Todos concordaram. Pensou-se em fazer um exemplo de preenchimento do livro-caixa, quando tem NF, o que anotar – eu e a Beatriz fizemos.

Desde que começou a “crise financeira” não compraram mais o galão de água [talvez faça parte do corte de despesas], em compensação, queriam comprar um filtro de barro, porém, alguém precisaria saber o preço. Ouí alguns comentários de que nem tinham certeza de onde vinha a água dos galões. Alguém comentou que viu encherem com água da torneira e lacrar. Só depois de muito tempo voltaram a comprar galão de água e não compraram o filtro.

Ainda estava pendente o pagamento do Antônio referente às camisetas, pois, não fizeram o levantamento das vendas. Não vi, nem ouvi o Antônio “cobrar”, mas era algo que eles haviam decidido que seria feito.

Sobre o PIS/COFINS – o contato com a FETRABALHO era feito pelo Guilherme. O Lucas “assumiu” esse contato, houve algumas trocas de emails para esclarecer a questão desses impostos. Lucas buscou na Internet, também, algumas recomendações. Um dia antes, a Beatriz repassou email que ela recebeu da FETRABALHO sobre a exigência de pagar PIS/COFINS e que não deixava 100% claro de que não precisariam pagar. Na dúvida, resolveram pagar, inclusive os atrasados. A decisão foi de quem estava “assumindo” as questões financeiras naquele momento, só o Guilherme havia se manifestado de que não deveriam pagar.

Lucas informou a todos que o saldo atual é de R\$13.000,00 na conta, sem contar os R\$10.000,00 do empréstimo. Tinham despesas a pagar em julho - Lucas foi relatando as projeções de julho, olhando na planilha que ele havia feito. No meio da conversa sobre a projeção de trabalhos, custos, contas a pagar, perceberam que

teriam de refazer a revisão dos meses para identificar os R\$5.000,00 de despesas que estavam ainda sem identificação.

Eles haviam se reunido para, cada um, revisar e conferir mês a mês e bater as NF com o caixa. Porém agora, falando sobre o caixa, sobre as entradas e saídas, perceberam que cada um fez a conferência de um jeito diferente. Beatriz e Felipe não somaram as notas, só procuraram os valores exatos e conferiam o que estava lançado no caixa. Lucas somou algumas notas para achar os valores, mesmo que aproximados. Lucas afirmou que poderia ter saques feitos para pagar despesas de valores menores - um valor próximo ao valor de um saque - como aconteceu com os gastos do PE. As notas foram encontradas e somaram praticamente, R\$500,00. Então, o saque foi de R\$500,00 e não de R\$400,00 como o Lucas havia suposto. Enfim, seria refeita a conferência.

Lucas *“a gente precisa trabalhar... trazer trabalho para Catarse”*. *“você estão no Sopapo... que são remunerações importantes”*. Lucas queria já incluir os valores deste projeto, que ficariam para a cooperativa, nas previsões que ele estava fazendo, mas não tinham as planilhas do projeto com os cálculos dos pagamentos, etc. As planilhas estariam com a Sofia ou com o Bernardo mas ele foi viajar e não disse exatamente quando voltava. E para onde ele foi? Ninguém que estava presente sabia direito as informações. Felipe comentou que isso era ruim – não saber quando a pessoa volta – pois se precisam dar uma informação, se alguém liga, não se sabe o que dizer. [É verdade, mas ninguém se manifestou quanto a criar um controle, um mural onde se registre quando vai e quando volta, da mesma forma como já tentaram criar outros controles].

Mesmo as coisas estando um pouco mais calmas, Lucas afirmou: *“neste momento, a Catarse está “quebrada”... estaria no negativo em R\$3.000,00...”*. O empréstimo de R\$10.000,00 já foi depositado.

Em alguns momentos, havia discussões por falta de entendimento ou conhecimento do financeiro, e quem estava envolvido com o financeiro – quem fez as contas – achava as coisas *“óbvias”*, porém os demais nem sempre entendiam ou conseguiam acompanhar alguns raciocínios. *“mas isso é óbvio”* foi uma afirmação que ouvi algumas vezes nesses últimos dias, especialmente, de quem tomou a frente do financeiro. Uma afirmação que gerou discussão, pois, o que estava sendo dito/exposto não era óbvio para todos.

Dizer que algo é óbvio, é se eximir de explicar, de saber se todos entenderam. Explicar algo óbvio pode até ser irritante, entretanto, para que se possa tomar decisões de maneira coletiva, todos os envolvidos devem ter o mesmo conhecimento e as mesmas informações.

### 13.6 FINANCEIRO E ASSESSORIA JURÍDICA

Reunião geral de terça-feira, dia 26/07. Estavam presentes Guilherme, Felipe, Arthur, Lucas e eu. Bernardo chegou depois. A urgência com relação ao financeiro foi resolvida momentaneamente pelo empréstimo, agora poderiam pensar em processos de gestão. O Guilherme iniciou falando sobre a gestão financeira e a gestão administrativa da Catarse - o que cada um deveria fazer. O gestor financeiro assinaria os cheques, organizaria e estabeleceria regras, controles, faria a cobrança “em lei”, colocaria em prática o que estava no estatuto, se fosse necessário, ou seja, se o coletivo não fosse capaz de “*anarquicamente organizar*”. Isso havia sido definido no PE: ter um grupo organizativo.

Bernardo falou de um trabalho que estava fazendo: era um vídeo, um curta sobre a Família Silva e que usaria a música do Gonzaguinha “A Família Silva”. Faltava negociar o pagamento do direito autoral que era da viúva. “*mulheres têm direito de receber pela obra do marido?*” Bernardo levantou a discussão. Eles reconheceram que algumas esposas “vivem a vida do marido artista”, então, teriam direito. O trabalho era em parceria com a TV Ovo<sup>31</sup> e Bernardo estava usando equipamento deles que era de melhor qualidade.

Porém, o assunto “financeiro” não estava encerrado, Lucas lembrou “*temos ainda valores não identificados, saídas não identificadas, alguém fez algo para identificar essas saídas?*” Não, ninguém fez nada a mais. Então ele seguiu dizendo “*esses dois valores de R\$1.000,00 e R\$2.000,00 são valores altos... ainda estamos sem esses valores identificados... já estamos usando R\$1.500,00 do empréstimo... e ainda não falei com a contadora para pagar o PIS/COFINS atrasados*”.

---

<sup>31</sup> A TV Ovo atualmente é um ponto de cultura, porém iniciou suas atividades como uma associação sem fins lucrativos para realizar um trabalho de tv comunitária na cidade de Santa Maria/RS. Ver site <http://tvovo.org/>.

Queriam saber o valor total dos 10% das remunerações do Sopapo já pagas. Lucas perguntou ao Bernardo o valor, pois era ele quem tinha o controle do financeiro desse projeto. Incluíram o valor informado na previsão de trabalho, para o caixa da Catarse. Felipe informou que, do trabalho da Revista da Descentralização, sobraria R\$150,00 para a Catarse. Lucas afirmou “*mas, é dinheiro*”.

Novamente fizeram as projeções de pagamentos e recebimentos. Atualizaram os valores. O valor era R\$18.000,00 no banco, naquele dia, mas eram R\$10.000,00 do empréstimo, R\$2.000,00 de imposto e R\$6.000,00 que precisavam pagar à gráfica. Bernardo afirmou “*18 mil é ilusão*”.

Chegou o representante da assessoria jurídica. Já eram 10h. Na conversa falou-se em elaborar uma cartilha sobre ações práticas em momentos “tensos”; mas, a Catarse precisava trazer exemplos para eles elaborarem as ações. A ideia da cartilha foi bem aceita por todos os presentes da Catarse. O pessoal da assessoria faria um orçamento.

Felipe lembrou que o material da Catarse foi e pode ser usado como “prova” em processos judiciais diversos. A posição editorial da Catarse é de apoio aos movimentos sociais. Lucas comentou que possui um Guia de Cidadania (no bolso) e que levava sempre com ele em filmagens que “poderiam” dar problemas, e já usou quando sofreu abordagens policiais. Sobre os “momentos tensos” Felipe relatou que já teve câmera apreendida, já foi identificado pela Brigada Militar (polícia militar do RS) várias vezes na mesma ação.

O representante da assessoria jurídica comentou que eles aprovaram um projeto relacionado ao Direito à Verdade e Memória, projeto aprovado pela Anistia Internacional junto ao Ministério da Justiça, e pensavam em trabalhar em parceria com a Catarse. Lucas comentou que a Catarse poderia começar a incluir nos orçamentos de trabalho um valor para assessoria jurídica. E quando o pessoal explicou rapidamente que a Catarse estava passando por problemas financeiros, o representante da assessoria afirmou “*ninguém vai ficar na mão por problema de grana*”.

O pessoal da assessoria jurídica quer trabalhar politicamente o direito e pensam em estabelecer parcerias. A Catarse havia pensado em trabalhar por demanda com eles. Mas, por causa do “problema financeiro”, a preocupação expressa da Catarse era de não ter dinheiro para pagar os serviços deles. O

representante da assessoria afirmou que eles costumam trabalhar, cobrando 1/5 da tabela da OAB.

Alguém liga. Lucas atende ao telefone. Era sobre uma nota fiscal enviada pela Catarse. Havia problemas com relação ao imposto que não constava na NF – referente a um trabalho do Gabriel. Guilherme disse “*é só destacar lá o ISSQN e a gente faz o mesmo na nossa via... não precisa cancelar e fazer outra nota*”

Seguindo a conversa, o representante da assessoria destacou que era importante ter identificação da Catarse como imprensa. Os comentários do Lucas e do Felipe foram de que as pessoas geralmente não identificavam a Catarse como imprensa por causa do material de trabalho, pois não tem câmera grande – parafernália de equipamentos – não andavam engravatados. Isso ocorria com pessoas de instituições tanto públicas quanto privadas. Disseram também que a Catarse não era sindicalizada, pois eles entendiam que o sindicato dos jornalistas só servia para pedir reajuste ao patrão - e como eles não têm patrão... Felipe falou ainda que a Catarse não fazia contrato escrito, assinado e registrado, na grande maioria dos casos.

Eram muitos os relatos, então, decidiram fazer uma lista de situações para enviar a assessoria. A Catarse teria uma demanda imediata – para usar em ações - e outra demanda não imediata – para pensar antes de agir o que se poderia fazer ou não. Além do orçamento da cartilha, fariam também um modelo de contrato para Catarse usar e pensariam nas trocas de serviços entre os dois coletivos.

Lucas e Felipe comentaram que “*nem sempre cumprimos os prazos... em função de ter muitos trabalhos... e também, pela peculiaridade do nosso trabalho... às vezes não depende só da gente...*”. Também afirmaram que, por serem trabalhos em que não cobravam um valor muito alto... precisavam, às vezes, ter vários trabalhos ao mesmo tempo e isso prejudicava o prazo, segundo eles, “*vamos fazendo o mais urgente...*”

Felipe pediu para ter na cartilha informações sobre direito autoral e propriedade intelectual. Ele informou que a Catarse trabalhava com *Creative Commons*, mas o que poderiam fazer para não terem problemas, caso alguém questionasse o uso de imagem, por exemplo, e queriam também se resguardar de não serem processados, pois isso poderia acarretar no fechamento da cooperativa. Por fim, Felipe afirmou que “*por princípios éticos nunca se usou câmera escondida*”,

porém, o representante da assessoria afirmou que não haveria problema de usar, uma vez que todos têm direito de gravar suas próprias conversas.

Após finalizarem a reunião, o representante da assessoria jurídica perguntou sobre a área de projetos da Catarse, se havia um grupo responsável por isso. Bernardo disse *“sim, temos”*. Lucas: *“depende... os grupos se organizam”*. Afinal, tem ou não tem? Depende do projeto, de quem está envolvido e do que cada um entende por “grupo responsável”: uma equipe fixa na maior parte do tempo ou uma equipe que se forma e se desforma.

### 13.7 DEPARTAMENTO FINANCEIRO E O PRIMEIRO ROMPIMENTO INSTITUCIONAL

A pauta inicial da reunião geral do dia 03/08/10 foi: O que vamos fazer com o dinheiro do Prêmio Mídia Livre? Cada um deveria pensar no que gastar, planejar, criar e estabelecer critérios para gastar. Listariam as ideias antes de virem para a reunião quando fariam as definições das ações.

Usar uma rubrica para o site – foi um exemplo; usar rubrica para estrutura, custo operacional, e outras. “Rubrica” é palavra usada em Edital Público para estabelecer onde será gasto o dinheiro e depois poder fazer a prestação de contas. Porém, como era um “prêmio”, só precisariam apresentar “relatório de atividades” dos investimentos na iniciativa (o acervo da Catarse), mesmo assim, usavam essa nomenclatura.

O orçamento para o site *“seria mais ou menos em torno de R\$5.000,00 a R\$7.000,00”*, disse o Guilherme. Ok, mas o pessoal não queria “chutes”, queriam iniciar a montagem de propostas para o uso da verba do Mídia Livre, pensar onde gostariam de investir, quais projetos. Pensaram em elaborar as ideias prévias e terem valores estimados, fazer orçamentos, se possível, para apresentar a todos. Mas, para o governo, não precisariam detalhar os orçamentos nem as notas fiscais.

Sobre o financeiro. Guilherme informou que ele e o Lucas vão fazer o acompanhamento do caixa e tinham pensado que eu poderia ajudar no financeiro. O Guilherme fez o convite. *“é uma forma de tu começares a trabalhar com a Catarse”*. Ele também pensou em fazer uma espécie de “jornal” no fim do mês que seria

enviado para a lista de emails da Catarse com toda a movimentação financeira. Eu poderia ajudar nisso. Também falou em fazer uma reunião do financeiro todo início do mês para fazer o fechamento do mês anterior, mandar as notas para contadora e fazer o “jornal”. O Guilherme informou, ainda, que cuidaria dos pagamentos da cooperativa, o Lucas dos orçamentos, das NF e fechamentos referentes aos trabalhos e talvez, do envio das NF (e informações) para contadora. E eu ajudaria. Mas não estava nada definido ainda. Ok. Aceitei porque eu já havia manifestado o interesse de entrar para a cooperativa depois de finalizada a dissertação e eram nas questões de gestão que eu poderia começar a ajudar mesmo.

Guilherme defende que *“a responsabilidade do financeiro é do departamento financeiro”*. Felipe não concorda: *“a responsabilidade é da cooperativa... todos precisam saber”*. Guilherme intervem: *“na virada do mês de agosto para setembro, já teremos a reunião, o jornal”*. Ele também afirmou que *“tem que ter também um grupo administrativo, para cuidar do material de limpeza, da organização geral, poderia ser o Felipe e a Beatriz”*? Sim, sim. Arthur também se propôs a ajudar.

Felipe comentou: *“na limpeza, eu pensei, que, ao invés de um cuidar, serem duas pessoas por semana... se uma não pode, tem a outra... aí, se acertam entre os dois”*. Ótimo, todos concordaram. Mais uma tentativa de organizar algumas atividades que sempre ficam por fazer. Definido. Próximo assunto. Bernardo chegou depois disso.

Felipe lembrou que precisavam fazer o levantamento das situações para repassarem a assessoria jurídica. Fariam isso pela lista de emails. Ele enviaria o *email* e o pessoal teria quatro dias para responder. Enzo e Miguel avisaram que iriam registrar queixa no PROCON com relação à empresa de telefonia móvel contratada, pois, houve atraso na entrega dos aparelhos.

Depois disso, o Felipe avisou que tinha outro assunto a tratar: *“quero falar sobre o primeiro rompimento institucional da Catarse”*. Ele queria expor a situação, pois ele e o Guilherme fariam uma reunião com uma organização – para qual já trabalharam - para oficializar o rompimento e definir o modo de que cada uma das organizações envolvidas vai agir em relação à outra daqui para frente. Em algumas reuniões anteriores, ele já havia mencionado que essa organização havia feito contato e solicitado a devolução de material.

Explicaram a situação desde o início. Essa organização, que será chamada de ONG, tinha uma relação não muito boa desde a Coomunica. Sentiam-se

explorados, pois eles eram chamados de última hora para fazer os registros de alguns dos encontros promovidos pela ONG. Recebiam a fita para filmar (material) e não tinham participação nas decisões, as ideias da Catarse eram “negadas”. A ONG pagava só as fitas quando pagava e essa situação repetiu-se em outro projeto.

O Guilherme e o Felipe admitiram que essa ONG fazia um trabalho muito legal, mas decidiram romper, pois tratavam a Catarse sem ética, sem respeito. O pessoal da Catarse propôs trabalhos, conseguiu verba, segundo o Guilherme, ele e o Gabriel se envolveram bastante – por considerarem um trabalho importante – porém, não conseguiram dar continuidade. Guilherme disse que houve uma espécie de “boicote” e fez um relato de todo o processo de desgaste da relação com a ONG. Ele e o Felipe estavam decididos em “romper” com a ONG e estavam comunicando aos demais. Acredito que dificilmente alguém contestaria, porque, se os envolvidos com o trabalho – Guilherme, Felipe e Gabriel - estavam afirmando que “não dava mais”... então estaria decidido.

Alguns dias atrás, a ONG solicitou todas as fitas das oficinas e dos encontros, Guilherme disse a eles que faria orçamento para as cópias, mas não fez. “*foi meu erro*”, ele “confessou”. Agora o pessoal da ONG estava cobrando e conforme afirmou o Guilherme, estariam também “*fazendo a caveira*” nos “bastidores” da Catarse. O Guilherme e o Felipe disseram que iriam exigir um comportamento ético por parte dessas pessoas, já que, mesmo tendo problemas e divergências com relação aos trabalhos realizados, eles (a Catarse) nunca fizeram comentários que pudessem prejudicá-los. Além disso, o Felipe afirmou que a ONG não reconhecia o trabalho da Catarse e que não tinham uma parceria, pois, ele divulgava os trabalhos da ONG, eles nunca fizeram o mesmo.

Guilherme e Felipe haviam decidido entregar as fitas com as filmagens, “*pois, o trabalho não é imprescindível para a nossa história*” disse o Guilherme. Porém, o Bernardo contestou “*Entregar as fitas? (...) mas fazem parte do acervo da Catarse*”. Felipe afirmou que os encontros que eles filmaram, eram debates públicos, e que, qualquer um poderia ter filmado. Bernardo segue “*esse material faz parte do acervo da Catarse, a cópia custa dinheiro*”. Guilherme e Felipe avisaram que o pessoal da ONG “ameaçou” com advogado. E Bernardo respondeu “*nós é que vamos processar a ONG pelo que estão dizendo sobre a Catarse*”.

Guilherme lembrou de outro episódio: “*entreguei uma caixa de DVD com cópia dos trabalhos realizados para outra organização parceira e não protocolei...*”

*depois a ONG disse que nós não demos as cópias*". Felipe se mostrou bem indignado e chateado, *"protocolar a relação de parceria? Se é parceiro, não precisaria protocolar"*. Felipe *"o lance é forte pra mim"*. Na próxima quinta ou sexta-feira, o Guilherme e o Felipe teriam reunião com a ONG, que talvez lhes fosse entregue uma carta de advogado. O Bernardo disse *"o advogado da Catarse vai ler e responder a carta"*

Comunicada a questão do rompimento, seguiram alguns informes de trabalho e depois o Guilherme falou para o Felipe: *"tu, Arthur e a Beatriz sentem essa semana para acertar a dinâmica da gestão"*. Sim.

Falando sobre a questão da "gestão administrativa" dos equipamentos, o Felipe lembrou: *"precisa de protocolo, usar o protocolo para retirar equipamentos da cooperativa"*. [deve ter ocorrido algum problema, pois geralmente não usam protocolo].

Com relação ao convite para ajudar no departamento financeiro eu não me surpreendi. Primeiro, porque eles já haviam sinalizado, diversas vezes, de que precisavam de alguém que "só" fizesse isso. Eles têm a visão do administrador como alguém que sabe cuidar do financeiro. Além disso, o financeiro é o "calcanhar de Aquiles", todos já manifestaram que não tem "interesse" em cuidar do financeiro e não querem se envolver muito... até querem entender... mas sem assumir muitas responsabilidades... já fizeram isso por pura necessidade e não por vontade. Então é o que "sobra" para alguém "de fora" fazer, alguém "competente" para tal atividade. E segundo, é uma forma de eu me incluir no trabalho da Catarse.

Existem outros administradores na cooperativa, mas que atuam em outros trabalhos – filmagens, reportagens, produção, projetos específicos e pontuais. Eu ficaria, para começar, só auxiliando no financeiro da Catarse. Depois de encerrada a reunião, o Guilherme comentou com o Enzo e com o Miguel de que eu iria ajudar no financeiro. Eles não teceram comentários. [como que dizendo: qualquer um menos eu].

Enviei email para lista com o resultado da reunião e depois recebi resposta do Bernardo, contestando a decisão da formação do grupo do financeiro (a decisão havia sido tomada antes de ele chegar na reunião). Por que ele não foi comunicado? Por que ele não participava também? Houve trocas de emails, tentativas de explicações, alguns sugeriram que se conversasse, pessoalmente, para resolver a

situação “olho no olho” para não terem mal-entendidos. Com relação ao financeiro, o Lucas passou a enviar para a contadora os valores do faturamento, por email.

### 13.8 DEFINIÇÃO DA EQUIPE DO DEPARTAMENTO FINANCEIRO

Já eram 10h quando a reunião do dia 10/08 começou, mesmo a maioria (Sofia, Bernardo, Lucas, Felipe, Arthur, Beatriz e eu) estando lá às 9h e 30min, 9h e 40min... Lendo e respondendo email... Resolvendo outras coisas... até que pararam e começaram a reunião.

Soube que o Lucas esteve em um “encontro importante” com pessoas ligadas ao governo federal. Neste encontro, surgiu o convite para cobrirem um evento no Rio de Janeiro (RJ), nos Arcos da Lapa, em setembro. “*Quem vai estar livre nesse período e quer participar da equipe? Precisam de duas câmeras*”. Teriam de alugar um microfone bom, segundo o Lucas.

Bernardo e Sofia comunicaram que iriam ao Fórum Social das Américas, em função de uma ação do prêmio Tuxáua que ele recebeu. Felipe perguntou o que eles fariam lá. Seria uma “palestra” sobre o projeto do Tuxáua cujo objetivo é, segundo o Bernardo “*promover a sustentabilidade dos Pontos de Cultura*”, criando empreendimentos de economia solidária, dentro dos Pontos, que usariam o material, o equipamento e a estrutura do Ponto e depois do segundo ano pagariam taxas referentes a esse uso. Assim, os Pontos poderiam se sustentar sem dinheiro público. No Fórum Social das Américas, Sofia e Bernardo também, fariam a cobertura do evento para postarem informações no blog da Catarse.

Lucas falando do possível trabalho no RJ, afirmou que negociaria valores e discutiria a parte técnica – quais câmeras, quantas fitas. A compra do microfone poderia ser paga com o valor do aluguel dos microfones no orçamento. Sugeriu-se levar pessoal dos Pontos de Cultura se não tivessem gente da Catarse para ir.

Sobre o horário da reunião geral, Felipe pensou em talvez mudar, e deu o exemplo do Gabriel que não consegue participar da reunião, por ter outro compromisso. “*Ver alternativas de horário para a reunião geral*”? Ficou em suspenso... nem sim, nem não. Não foi alterada.

Feitos os informes iniciais, tentamos esclarecer alguns pontos da última reunião que geraram discussões por email. Eu comecei afirmando que não comuniquei à escolha dos participantes no grupo, durante a última reunião por, de certa forma, “esquecimento”, ao menos da minha parte e que não quis excluir ninguém do grupo do departamento financeiro. O debate, a partir daí, se deu em torno da questão exclusão X inclusão. As pessoas afirmavam que ninguém quis excluir ninguém “de propósito”. Bernardo usou palavras como “*no sentido lato é uma coisa... no sentido stricto é outra*”, que estava sendo dito uma coisa, mas sendo feita outra. Isso irritou o Felipe que, em alguns momentos “retrucou” o Bernardo, em função das expressões usadas para falar.

O Lucas estava mais preocupado com as NFs de março, que ainda não estavam na Catarse, para serem conferidas. Ele queria que as pessoas pensassem em hipóteses sobre o destino dos valores retirados a mais do banco – que ainda estavam sem identificação. Lucas: “*a nossa conta está negativa, na verdade*”... “*qual a previsão de entradas, de trabalhos?*”

Bernardo queria ser incluído no departamento financeiro, disse que se sentia excluído, porém a Beatriz disse que “*as pessoas é que devem se incluir*”. Bernardo afirmou “*eu tenho experiência, tenho conhecimento*” (para resolver a situação), “*sou reconhecido por isso fora e aqui dentro... na minha cooperativa, me excluem*”.

Felipe comentou que talvez por ele, Bernardo, ser do conselho fiscal, ele não poderia participar do departamento financeiro. Lucas achava que não teria problema e o Bernardo concordou. O Felipe ficou bem irritado com a insistência do Bernardo em dizer que foi excluído... e todos afirmando que não. Sendo assim, sugeriu-se que o grupo do departamento financeiro fosse Lucas, Guilherme e Patrícia, fazendo as atividades rotineiras e Bernardo ajudaria no planejamento. Todos concordaram.

Beatriz, que a certa altura havia saído da mesa e estava em um computador, quando percebeu que a discussão sobre “inclusão e exclusão” estava se estendendo e ficando mais acirrada, disse: “*a gente não pode chegar num ponto de não conseguir se olhar na cara*”. Felipe completou “*a gente não pode brigar ou ficar um contra o outro*”. Beatriz, Felipe, Lucas falaram muito na questão de confiança, confiar um no outro para resolverem a situação.

Bernardo disse que acreditava na Catarse e por isso havia se envolvido para resolver o problema do financeiro desde o início e queria continuar participando. “*E vai participar como todos aqui*”, concluiu o Felipe.

O financeiro, da mesma forma que os editais públicos, se “revelou” um híbrido que já havia dado sinais antes, no que chamei de “momento financeiro”. Que foi um momento entre final do ano de 2009 e início de 2010, de organizarem os pagamentos e as prestações de conta. Agora, existiu uma crise de não ter dinheiro, de não se saber onde foi gasto. Existem diversos actantes capazes de movimentar a Catarse, capazes de estruturar e desestruturar relações, dentre eles, alguns humanos e outros não-humanos – dinheiro, planilhas, equipamentos. Segundo Latour (2001) estabelecida uma divisão entre humanos e não-humanos, permanece uma área ligeiramente indefinida de híbridos. .

## 14 COMO SE ORGANIZOU O DEPARTAMENTO FINANCEIRO DEPOIS DA CRISE

Estando, temporariamente, resolvida a crise no financeiro – afinal, havia dinheiro em caixa para pagar as contas e isso amenizava a situação – pensou-se então, em organizar o departamento: definir tarefas e uma sequência para executá-las, e em como não perder o “controle”. Entretanto, “criar uma metodologia” não estabiliza as práticas, não elimina a flexibilidade, nem a fluidez, nem as incertezas das ações do cotidiano. O “financeiro” era como uma caixa-preta, que se torna diferente quando “transladado” na prática.

Depois de definida a nova equipe do departamento financeiro - Guilherme e Lucas, e eu ajudando – começou-se a pensar o financeiro depois da “crise”, ainda não resolvida. Antes, eram a Beatriz e o Miguel, se dividindo em controlar, fazer as anotações do livro-caixa, pagar as contas, enviar documentos para contadora, etc. O Bernardo havia colaborado em alguns momentos e a Sofia cuidava de dois projetos específicos.

Havíamos marcado uma reunião do Departamento Financeiro para 30/08. Lucas avisou, por email, que não poderia ir por causa de uma reunião da Revista da Descentralização. Eu não li meus emails antes de sair de casa, fui para Catarse. Cheguei lá, estava a Beatriz (era dia da expediente dela) ensinando duas pessoas – Jana (que é cooperada) e Aline - a editar vídeo em um programa específico. Beatriz comentou “*só as mulheres na Catarse*”.

Ela nos mostrou um documento com aproximadamente cem (100) páginas, resultado da “decupagem” do material do projeto do Sopapo, isto é, ela e o Guilherme passaram em torno de 20 dias na praia, “isolados”, olhando tudo o que foi gravado, anotando, selecionando, ordenando e atribuindo importância (o que era importante estar no filme O Grande Tambor ou não). Esse documento serviria de guia na edição do filme.

Logo, ela começou a falar sobre a diferença na qualidade das imagens, dependendo do tipo de câmera, modificava o tamanho e a qualidade da gravação, o que acabava interferindo e alterando o trabalho de edição que ela fazia. A Beatriz mostrou a “solução” encontrada para usar o material gravado em baixa qualidade: usar várias imagens pequenas e relacionadas à mesma cena (era o processo de

montagem do sopapo), em um mesmo quadro, na mesma tela; várias ações, mostradas em quadros pequenos. Se ela aumentasse o tamanho, a imagem ficaria alterada e desfocada devido a baixa qualidade do equipamento de captação.

Marcamos nova reunião para organizar o financeiro, na sexta-feira, dia 03/09, às 14h mas começou às 15h. Guilherme mostrou uma nova tabela que ele fez; não quis aproveitar a do Lucas, pois, segundo ele, estava como o extrato bancário e deveria ser diferente. Na opinião dele deveria aparecer todas as entradas e saídas em planilhas diferentes e que as notas de despesas deviam ser lançadas na data em que foram emitidas, e também, pensou em separar uma planilha para os valores das remunerações. Ele até coloriu a tabela de forma diferente... a tabela do Lucas também era colorida – entradas e saídas em cores diferentes.

Eu considerava a planilha do Lucas adequada, porém o Guilherme disse que completaria a dele e depois, compararíamos para decidir qual era a melhor, qual seria usada. Então, começamos a separar e organizar todas as notas fiscais da Catarse e recibos de despesas por data. “Trabalhão” manual, pois eram documentos desde o início do ano.

Guilherme achou melhor ter pastas separadas: uma para as notas e recibos de despesas e outra, para colocar as notas fiscais da Catarse e recibos de cooperados. Descemos para comprar as pastas em uma loja ao lado do prédio da Catarse. Não conseguimos terminar tudo naquele dia, faltou uma boa parte, então resolvemos nos encontrar no feriado de 7 de setembro – uma vez que ambos estaríamos em Porto Alegre.

Cheguei lá, na terça-feira, estavam Beatriz e Guilherme. Seguimos nosso trabalho manual – eu e Guilherme – separando documentos, enquanto a Beatriz estava trabalhando na edição do Sopapo. Guilherme pensava em como organizar a rotina do financeiro, como ter as informações da movimentação financeira: saber o que se pagou – afinal esse foi o grande problema detectado – não havia sido feito um controle rigoroso sobre os gastos. Agora só irão usar cheque – em função da norma bancária de cooperativa não ter cartão magnético – então, usar “espelho de cheque”, foi a sugestão do Guilherme, onde constasse todas as informações sobre o pagamento feito pelo cheque.

Anteriormente, usavam muito mais dinheiro e faziam saques no cartão magnético, porém, no início de julho/2010 descobriram, quando foram ao banco que o cartão estava bloqueado, pois a Catarse não poderia ter cartão. Deveriam usar

somente cheque assinando por duas pessoas. Então, tem que ter sempre talões na Catarse.

Da mesma forma, Guilherme sugeriu que fizéssemos um canhoto onde se anotasse as informações sobre pagamento de quaisquer despesas. A ideia foi de grampear nas notas fiscais de despesas. Beatriz ajudou a fazer os formulários/canhotos, ela imprimiu vários e os cortou. Então, seria simples, conforme o Guilherme explicou: quando alguém pagasse alguma despesa, era só anotar no canhoto como foi pago, para quê/quem, data e grampear o canhoto na nota e deixar na pasta das despesas do mês. Da mesma forma, quando fosse emitido um cheque – se anotaria referente à qual NF e qual remuneração ou a qual despesa foi paga com cheque.

A questão dos caixas estava bem confusa pra mim. Então, o Guilherme explicou que o Caixa Extra é só para dinheiro de trabalho (10% do cooperado) que entrar sem nota fiscal e que, além disso, não deve ser usado para pagar despesas da cooperativa, pois as despesas devem “aparecer” no extrato e na movimentação financeira. O caixa-extra serviria para fazer uma festa no final do ano, por exemplo, ou para dividir entre os cooperados... aí teriam que consultar os demais. Porém, não era assim que o pessoal usava “o extra”.

Antes de irmos embora a Beatriz pegou uma louça suja que estava em cima do armário, no corredor de entrada, e colocou dentro de uma bacia, em baixo da pia do banheiro, e disse que estava cansada de lavar a louça suja dos outros. “*o pessoal abusa... vou deixar tudo aqui em baixo*”. O que vai acontecer? Alguém vai limpar, lavar ou reclamar da louça lá no banheiro?

Últimamente, sempre que chego na Catarse, no dia do meu expediente, por volta das 14h, geralmente, não tem ninguém e eu aproveito para varrer a sede “por cima”. O pó que se acumulava nas mesas, já vinha me incomodando a tempos. Já procurei o espanador, mas não achei, se não, eu já teria tirado o pó de tudo, mas sempre tiro o pó de onde eu vou sentar com um pano. Um dia eu passei um pano úmido por cima de todas as mesas. Além de abrir as janelas e as portas, troco os sacos de lixo e depois ligo meu notebook – quando levo – ou ligo outro computador da sede.

Acontece assim: alguém que se importa mais com a limpeza, limpa. Outros que não se dão conta que tem que limpar, não limpam. Será que veem as coisas limpas e não pensam “quem limpou”? Eu me incomodo com muita bagunça, louças

sujas, pó em cima das mesas, outras pessoas talvez não. Dias atrás, eu havia pedido para Sofia lavar umas toalhas de rosto em casa, ela ainda não trouxe de volta. Mas parece que ninguém notou que não tem toalha, a que está no banheiro está bem usada. [ talvez não usem a toalha, não sei].

Por email, marcamos outra reunião do financeiro para o dia 10/09. Cheguei, Lucas e Guilherme já estavam conversando sobre a planilha do controle financeiro. Estavam sentados na mesa redonda, cada um com seu notebook ligado e a sua planilha aberta. No último encontro, meu e do Guilherme, ele havia separado todas as NFs por data para fazer o balanço financeiro do mês. Porém, o Lucas lembrou que era inviável separar por mês, pois algumas notas eram de reembolso de cooperado, ou seja, um valor que só era pago quando o “cliente” pagasse o trabalho – emitiam NF e fazia-se prestação de contas – era só nesse momento que a Catarse teria a despesa. Ok, Guilherme entendeu, então as NFs serão apresentadas no mês que forem pagas, independente da data, neste caso de reembolso.

Eles estavam discutindo o detalhamento das NFs de serviço da Catarse, os orçamentos. Estavam de acordo que seria trabalhoso, mas que deveria ser feito: detalhar todas as despesas referentes a um determinado trabalho (determinada nota fiscal), conforme estava no orçamento. O que eles não haviam chegado a um acordo foi em relação à planilha: qual usar? A do Lucas ou a do Guilherme? Elas eram diferentes. Guilherme achava que a planilha do Lucas se assemelhava ao extrato bancário e que era desnecessário isso. Lucas achava que dava para aproveitar o que ele já fez e que no fim de cada mês teriam que “bater” as informações com o extrato bancário (extrato, caixa e planilha – teria que “fechar os valores”). Lucas só achava que faltava detalhar as NFs de reembolso na planilha que ele fez.

Guilherme decidiu terminar o levantamento usando a planilha dele para depois “decidirem” qual é a melhor para usar. A ideia do Guilherme é de que, ao final do levantamento, poderemos saber se os custos fixos estão aumentando ou não, por exemplo, se a conta de telefone fixo e de celular, realmente, diminuiu.

Com relação ao detalhamento dos reembolsos dos cooperados, eu comentei que dava para, no futuro, fazer uma avaliação dos gastos dos trabalhos feitos, qual foi mais “lucrativo” ou, onde se gastou mais. O Lucas logo disse que ele é a favor da autonomia do cooperado, cada um administra o seu trabalho, faz como achar melhor e tem liberdade para isso. [Entendi a posição dele e nem insisti!].

Porém, o ponto de tensão ocorre nas questões do coletivo, com relação ao trabalho que deveria ser feito para a cooperativa, em geral, como é o exemplo das atividades do financeiro, da limpeza e organização da sede e dos arquivos.

O Lucas avisou que encerraria a reunião conosco, pois ele precisava conversar com o Felipe e com o Gabriel sobre o trabalho da Revista da Descentralização. A reunião deles começou ali mesmo na mesa da Catarse – eles já estavam na sede. Eu e Guilherme – usando um “pedacinho” da mesa redonda – fomos preencher cheques para cooperados, fazer os espelhos dos cheques. Enquanto fazíamos isso, Lucas, Felipe e Gabriel conversavam sobre os prazos do trabalho da Revista.

Felipe relatou uma reunião que teve com os oficinairos da Descentralização sobre a revista, na qual eles demonstraram descontentamento com relação a edição do ano anterior – uma vez que nem todas as oficinas foram “destaque”, alguns textos foram cortados, além de não acharem muito “bonito” o visual da revista. O número de páginas aumentou um pouco, porém, o prazo está menor, segundo o Gabriel. Ele se disse “*desgostoso*” com a situação, pois, já havia falado e cobrado os textos, eles (Lucas, Felipe e Gabriel) haviam combinado de iniciar a montagem da revista antes, mas não conseguiram.

Lucas e Felipe não tentaram se justificar muito com relação ao atraso. Discutiram sobre as possibilidades de resolver o problema, pois o Gabriel está comprometido também com o projeto do Sopapo e com aulas de desenho. As soluções eram: pedir prazo ou chamar alguém para ajudar. Mas, quem? O Gabriel disse que precisa confiar no trabalho de quem for ajudar, pois a pessoa teria que fazer algumas atividades sozinha, e alguém com experiência custava mais caro. O Gabriel pediu que o Lucas e o Felipe enviassem sugestões de páginas – imagens e fotos – além dos textos. Também pediu uma semana, mais ou menos, para ver o que ele conseguiria fazer e depois ver se precisaria de mais prazo. Desci para ir ao banco a pedido do Guilherme e fui embora. Depois dessa reunião, já estive umas duas vezes na Catarse, à tarde, e o Gabriel estava trabalhando na revista.

Seguimos com nossos encontros para organizar o departamento financeiro, nas sextas-feiras. Certa vez estavam Beatriz, Guilherme e Gabriel (trabalhando na Revista), perguntei sobre a oficina de audiovisual no Ventre Livre, se estão gravando... se eles vão acompanhar as gravações. Guilherme comentou “*a gente deixa o pessoal solto... dá uma direção... um filme não existe na prateleira, um filme*

*só existe quando ele é visto... assim eles começam a pensar em quem vai ver o filme”.*

Falando sobre as atividades no Ventre Livre, Beatriz comentou “*estamos no limbo do projeto... sem verba, com prestação de contas para fazer e com outras atividades e trabalhos fora de lá...*”. Neste momento, só estavam encerrando a oficina de audiovisual, que era obrigatoriedade do projeto do Ponto de Cultura, e que, como havia surgido uma demanda do GHC, saiu a oficina com os trabalhadores dos postos de saúde.

Nesse meio tempo, Beatriz e Guilherme tiveram uma conversa com uma pessoa que faz trabalhos com moradores de rua. Depois que a pessoa foi embora, eu e Guilherme “partimos” para o financeiro. Ele abriu as contas de celular empresa, fez cálculos, conferiu, constatou que o valor de telefone geral (celular e fixo) da Catarse baixou. Vai mandar email para as pessoas com os valores a pagar de celular. Fizemos também uma lista de todas as contas da Catarse – conta e data de vencimento que Guilherme imprimiu e colocou no mural. Falei que, na minha opinião, as pessoas que estiverem no grupo do financeiro, deveriam se encontrar toda sexta-feira ou segunda-feira de cada semana para fazer o fechamento da semana, pois qualquer diferença ou valor não anotado ou qualquer problema que surgisse, seria mais fácil de lembrar, corrigir e resolver logo. Ele concordou: vamos nos encontrar toda sexta-feira. Conseguimos manter o encontro regular por algumas semanas, depois a rotina não foi cumprida.

Beatriz contou que havia parado uns dias de trabalhar no documentário do Sopapo para fechar a prestação de contas do Ponto de Cultura Ventre Livre. Ela estava fazendo o “fechamento das contas” sozinha, pois havia cuidado do financeiro desde o início. Porém, ela vai retornar a montagem do documentário, trabalhando dois turnos. Disse que o ideal seria trabalhar por mais tempo no filme, fazer um primeiro corte, depois rever tudo e fazer um segundo corte e rever... mas não vai dar tempo pra isso. Perguntei de quem era o roteiro do documentário, ela disse que eles (Beatriz e Guilherme) haviam conversado de “linhas gerais”, mas que ela ia fazendo... “eu vou fazendo”.

Início do mês de outubro, nos reunimos para fazer o fechamento do mês de setembro. Estava, há dias, sem tinta na impressora, ouvi o Felipe comentar. Guilherme fez uma revisão geral no armário preto (arquivo de metal) e encontrou vários cartuchos vazios. Pegou o guia telefônico e ligou para uma empresa de

recarga. Ainda havia duas folhas de cheque: uma foi usada para recarregar cinco cartuchos de tinta (quatro pretos e um colorido) e o outro cheque para pagar o condomínio. Os cheques, por enquanto, continuam sendo assinados conforme o antigo estatuto – pela Beatriz e pelo Gabriel – pois ainda não conseguiram atualizar o cadastro no banco. Gabriel estava na Catarse e assinou, Beatriz estava em casa – ela mora bem perto – levei o cheque para ela assinar e junto levei uma sacola plástica com material que é do Guilherme para deixar lá na casa deles.

Guilherme ficou com algumas dúvidas nas prestações de conta dos orçamentos que o Lucas havia deixado, ligou, esclareceu e fez o fechamento do mês (na planilha dele). O Lucas, dias depois, enviou as informações, por email para a contadora calcular os impostos e gerar as guias de pagamentos. Fizemos o fechamento, conferindo todas as contas (notas fiscais e recibos) e pagamentos recebidos conforme o extrato. Para cada conta, grampeávamos o canhoto de controle que o Guilherme havia criado.

Na verdade, fizemos anotações de toda a movimentação feita pelo banco, porém ainda não fizemos o fechamento do caixa em dinheiro – só anotamos o que foi pago em dinheiro, mas se alguém retirou dinheiro do caixa e não deixou nota fiscal/recibo/bilhete, não tem como saber. O Guilherme sabe que tem essa falha, mas não pensou em como resolver; *“não tem como voltar tudo para saber o quanto tinha de dinheiro em caixa e quando foi feito o saque... a gente vai ter que zerar tudo e começar a controlar a partir do que tem no caixa”*.

Na semana seguinte, não houve encontro do financeiro, pois o Guilherme estava viajando. Estavam sem cheque para pagar os cooperados por causa da greve dos bancos. Lucas resolveu então fazer transferência bancária para os cooperados, pagar a taxa por ser para outros bancos e depois cobrar do banco o ressarcimento da tarifa devido a greve.

Depois disso, só fizemos mais um encontro do financeiro no final de outubro. Felipe pegou o livro-caixa para preencher os valores das NFs que ele gastou e levou um susto *“bah, mas não tem nada anotado em outubro?”* Lucas lembrou *“sim, mas não teve nem trabalho em outubro!... a última compra foi dos cartuchos?”*

Felipe pegou o livro do caixa-extra para anotar uma despesa, porém o Lucas afirmou *“não é esse, é o caixa ativo”*. Essa diferença dos dois caixas não está esclarecida. As contas estão sob controle, estão sendo pagas, mas as pessoas ainda não sabem direito o que está sendo feito... como anotar os gastos. Lucas

comentou “a Patricia e a Beatriz fizeram um exemplo, no livro-caixa, de como preencher... bem simples”. A compra dos cartuchos foi feita no início de outubro e não foi anotada no livro-caixa porque tem nota fiscal, que está guardada na pasta (na mesma gaveta dos livros-caixa) e foi anexado um bilhete-controle (aqueles feitos pelo Guilherme).

Neste dia, Guilherme estava viajando, então, imprimi o extrato bancário, conferi algumas notas que estavam na gaveta com as saídas que constavam no extrato e deixei tudo lá no lugar. Quando o Guilherme voltasse, faríamos o fechamento. Dia 03 de novembro, Guilherme envia um *email* sobre uma conta em atraso. “Recebi dois emails com a segunda via da conta do telefone fixo. Alguém está pedindo isso? Porque a conta está lá em casa”. (Conta da Catarse na casa do cooperado?), o Felipe respondeu que a empresa de telefone havia ligado, fazendo a cobrança do pagamento que estava atrasado desde o dia 28. O Gabriel pediu para enviarem novo doc por email, pois não haviam encontrado lá na Catarse. Guilherme respondeu que faria o pagamento.

#### 14.1 AS PRIMEIRAS IDEIAS DE AUTOGESTÃO SÃO DE ANARQUISTAS.

Dia 18 de novembro, cheguei e era um pouco mais de 14h e logo depois chegou o Guilherme, se desculpando por não ter feito mais nada no financeiro. Ele disse que só estava pagando as contas, mas que depois do lançamento do filme do Sopapo ele retomaria tudo. Mas, quando estreia o filme? Em dezembro. “*agora, na semana da consciência negra, são muitas outras atividades (...) melhor que o filme seja lançado mais adiante*”, disse Guilherme.

Ele foi ver as plantas – que ficam nas áreas externas - ficou indignado e chateado porque elas estavam ficando secas por falta de água. Pegou a mangueira, ligou na pia do banheiro e foi molhá-las e foi separando as plantas – os vasos – que ele iria levar para casa, já que ninguém cuidava das plantas. Disse que havia sido ele quem trouxe as plantas, mas se ninguém ajuda a cuidar é porque não querem ter plantas, então ele vai tirá-las de lá. Durante a “retirada das plantas” ganhei umas mudas de maracujá que plantei no quintal da minha casa

Enquanto ele mexia, molhava e tirava as folhas secas, me contou que ele e a Beatriz, certo dia, estavam conversando sobre a Catarse e ele se lembrou de mim “*a Catarse tem uma organização anarquista... cada um faz o que acha que tem que fazer ou não fazer... o anarquismo, na Catarse, surgiu espontaneamente, ele é espontâneo*”. Então comentei que já ouvi falar que existem outras organizações anarquistas em Porto Alegre – que se propõem a ser anarquistas. Guilherme respondeu “*mas é imposto...*”. Pensei: em que medida algo surge “espontaneamente”?

Nesse meio tempo, chegou o Gabriel e a Beatriz. O Guilherme encontrou uma lata de cerveja no frigobar... tomamos e ele desceu para comprar mais umas. Beatriz estava mexendo no computador, buscando imagens para incluir no filme do Sopapo. Eram mais de 17 horas. Chega o Ricardo dizendo que não poderia demorar muito na reunião porque ele precisava sair às 19h. Tinha marcado com uma pessoa da imobiliária para ver o apartamento dele. Guilherme perguntou “*reunião?... mas o Bernardo não te avisou que não teríamos mais reunião?*”. Não avisou. Minutos depois estava sentado Ricardo (na porta da área externa maior), Beatriz (no computador do Felipe – que fica perto da porta da área externa) e o Guilherme (na frente da Beatriz), formando um meio círculo. Começaram, sem ninguém ter chamado para uma reunião, a comentar sobre as ações que farão no *Ventre Livre*, no próximo ano (2011), que seriam os quatro (faltava o Arthur), atuando no Ponto de Cultura. Muitas ideias, muitas conversas “*ficamos afastados e precisamos retomar*”, disse a Beatriz. Essa é a Catarse que conheci: em movimento barulhento.

A Catarse é anárquica? Para os anarco-sindicalistas ou pensadores libertários, segundo Berthier (1971, p.61) “a autogestão é, antes de tudo o meio de por em aplicação do princípio: a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. Isso implica estruturas organizacionais que permitam a aplicação desse princípio...”; sendo assim, a autogestão é um princípio de ação.

Não pretendo, nesta dissertação, por questão de tempo e espaço, discutir as ideias anarquistas. Porém, neste momento, cabe lembrar que, conforme apresentado no início, entre os vários pensadores anarquistas, como Proudhon e outros, a autogestão trata da organização geral da sociedade pela gestão direta dos trabalhadores no organismo de base e que o interesse era de que não apenas fábricas ou empresas fossem autogeridas, mas também as relações entre si, com

seu ramo industrial e com a economia em geral, sendo o anarquismo uma forma de organização social. (BERTHIER, 2002).

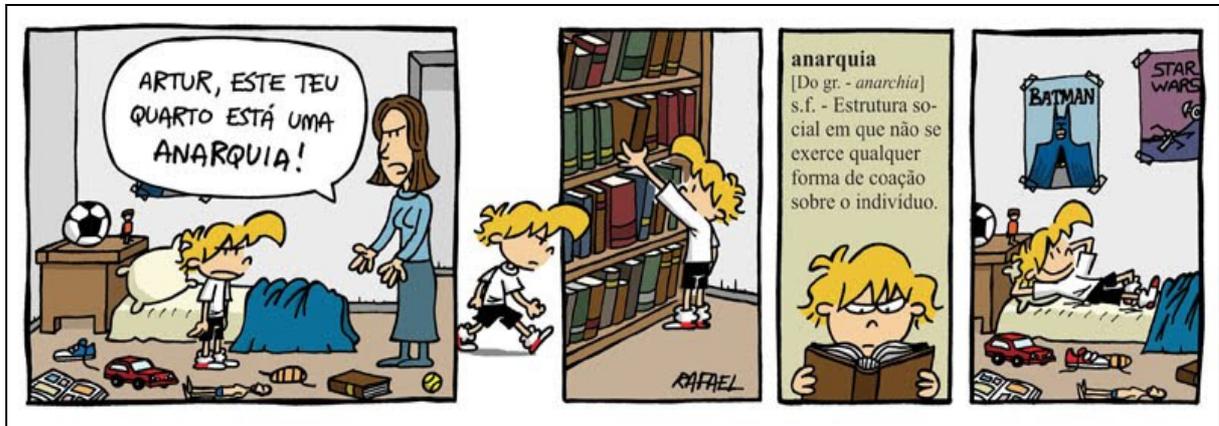


Figura 4 - Personagem Artur: o arteiro. Créditos: Rafael Corrêa

As pessoas precisam, cada uma, assumir compromissos diversos, exercer funções dentro da cooperativa, por vontade, interesse ou iniciativa própria e fazer rodízio dessas funções. Alguns dão conta disso, outros não, ou até se dão conta, mas não querem fazer e não fazem por opção. Ou fazem, por que o coletivo “sugere”.

Alguns fazem mais coisas que outros – trabalhos que não são para o indivíduo, mas em prol do coletivo [dá para separar indivíduo/coletivo?]. Esses trabalhos são, geralmente, os de limpar a sede (incluindo, o banheiro), lavar as toalhas, organizar os documentos, fazer cálculos e pagar as contas, regar as plantas. São trabalhos considerados “braçais”, por isso não têm valor? É possível ser criativo com as contas vencidas? Outras pessoas veem a louça suja “de baixo do nariz” e não lavam. O que estão reproduzindo aqui, mesmo que “sem perceber”, é a divisão de trabalho entre pensar e executar. É difícil estar no “sentido contrário” o tempo todo.

Nessa autogestão, a autonomia e a liberdade de fazer ou não, é o que muitas vezes causam mais conflitos. E quem resolve? Todos ou ninguém. Autonomia e liberdade exigem, ao mesmo tempo, uma noção de coletivo que não perde de vista o individual; é pensar no coletivo, mas entender, compreender, respeitar, aceitar e até discutir as particularidades – e as “manias” também - e que ao mesmo tempo, para outros, não exigem nada, basta ser livre e autônomo.

O que Escócia e Kastrup (2005) chamam de coletivo é o lugar-meio de indivíduo e sociedade, como “plano de co-engendramento e de criação”, não confundindo coletivo com social e superando dicotomias. O coletivo co-existe, há atravessamento mútuo e prolongamento com o que ele engendra e aqui não se trata apenas do Coletivo Catarse, mas do coletivo que não há fronteiras, trata-se da rede. E quando Latour (2001, p. 222) afirma que não vivemos em sociedades, mas em coletivos, é possível tentar compreender porque certos procedimentos se reproduzem mais ou menos.

Talvez tenha a ver com a relação que se estabelece entre pessoas e lugar/lugar e pessoas e o quanto o material “age” em seu trabalho, em sua vida. Quando o Guilherme comentou das plantas na Catarse: ele gosta e cuida, porém, outros gostam, mas não cuidam ou, são indiferentes. Vai mexendo nas plantas e pensando e falando, e... outros sentam em frente ao computador e trabalham... outros vão para casa e se “isolam”. Cada um vai construindo a relação indivíduo/coletivo de forma diferente. E essa relação, que também é material, tão frágil e tão forte, inconstante e peculiar, é conflitante. É o que se luta para manter e é o que se faz “brigar”. Discute-se por ela e por causa dela.

Neste sentido, a autogestão é um processo aberto, plural, no qual se estabelecem relações em que o tu/o eu/o nós (em que os actantes, diria Latour) se apropriam de informações e modos de ser e fazer que permitem àquele que participa do processo fazer escolhas, tomar decisões sobre algo que tem e dá sentido ao coletivo; o decidir abre possibilidades das pessoas (dos actantes) serem autênticas e emancipadas. (ALBUQUERQUE, 2010<sup>32</sup>).

Não tivemos mais reuniões do financeiro em função do intenso trabalho para finalizarem o filme O Grande Tambor. O Guilherme e o Lucas seguiram realizando as principais atividades do financeiro como: pagar as contas e os impostos, pagar os demais cooperados e enviar as notas fiscais de serviço para a contadora.

---

<sup>32</sup> Notas de aula.

## 15 SAINDO DO CAMPO

As reuniões gerais foram se esvaziando, até não ocorrerem mais. No início se fazia ata escrita no caderno, se anotava o que ficaria para a próxima reunião e se retomavam as pendências. O caderno de ata foi abandonado e passaram a fazer a ata direto no email, enviando a todos. Às vezes, começavam a reunião sem indicar quem faria a ata, outras vezes nem escreviam nada mesmo. Depois que não pude mais participar das reuniões gerais de terça-feira, recebi a ata por email três vezes (desde metade de agosto até dezembro). Até que não se fez mais nem ata, nem reunião.

Sendo assim, Felipe enviou email pedindo uma reunião. Conseguiram marcar para dia 22/12/2010 - Beatriz, Felipe, Ricardo, Guilherme, Lucas, Bernardo, Sofia e eu (sentados ao redor da mesa – nomes no sentido anti-horário). Em certo momento, chegou o Adel, mas depois saiu. O Felipe “começou” a reunião, perguntando como estavam os trabalhos, o *financeiro*. Foi “*conduzindo*” e anotando – e fazendo a ata.

Lucas, que fazia o acompanhamento das contas, disse que a Catarse estava gastando menos do que há alguns meses atrás, por outro lado, o valor que entrava para o caixa da cooperativa, referente aos 10% dos cooperados, não estava sendo suficiente para pagar as despesas mensais. Disse que só melhorariam a situação, que era complicada, se os cooperados se preocupassem mais em buscar trabalhos que pudessem ajudar a equilibrar as contas. Ele lembrou que ainda tinha R\$ 2.500,00 de dívidas dos cooperados e mais ou menos R\$ 4.400,00 de “furo” no controle financeiro.

Mudaram de opinião com relação a assessoria contábil, novamente. “*Agora tem que trocar!*” Esse assunto foi debatido diversas vezes em outras ocasiões e reuniões. Após elaborarem o balanço patrimonial de 2010, deveriam trocar a empresa prestadora desse serviço. Guilherme comprometeu-se em consultar a FETRABALHO para pedir indicações de serviços de contabilidade que tivessem experiência com cooperativas. Ele também realizaria o pagamento das mensalidades da FETRABALHO que não estavam em dia. Em função disso, sinalizaram a preocupação com o recebimento do prêmio de R\$100.000,00 do Pontos de Mídia Livre – precisavam estar com toda documentação e balanço em dia,

senão, poderiam não receber o prêmio. [será que esse prêmio vai ser a “salvação” para o problema do financeiro, assim como, o Planejamento Estratégico foi a “salvação” para as questões de planejamento e organização das atividades?].

Assim, as discussões sobre o financeiro retornaram como se tivessem interrompido a conversa semana passada. Passou-se um tempo (quase cinco meses), as pessoas se envolveram em outros trabalhos, as contas foram pagas, mas, os problemas ficaram “parados”, enquanto o restante andava. Lucas reforçou, mais uma vez, que as pessoas que mexeram no financeiro deveriam tentar lembrar o que fizeram... que fizessem um “*esforço de memória*” sobre onde havia sido usado o dinheiro.

Precisavam concluir o balanço patrimonial de 2010, segundo Bernardo, agora em janeiro de 2011. Ele afirmou que não conseguiram fazer reunião do Conselho Fiscal, que chamou várias vezes, mas nunca conseguiu. O Conselho Fiscal precisaria fazer um parecer sobre os “furos”. Discutiram sobre se deveriam indicar ou não que havia “furo”? Qual a sugestão para o parecer do Conselho? O que fariam? Fechariam o balanço e indicariam que os “furos” estavam sendo analisados? Mas, onde estariam as falhas? Os projetos do Sopapo e do Interações Estéticas não tinham falhas, segundo seus responsáveis.

Bernardo informou que os dois meses de multa, referentes ao INSS do projeto do Sopapo, foram pagos por ele, além do valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais), tirados do próprio bolso, para cobrir custos do projeto, porque não havia recursos para todas as atividades e serviços que precisariam ser feitos. Bernardo afirmou que o pagamento dessas dívidas foi feito com dinheiro próprio, para que a Catarse não fosse prejudicada na contratação do serviço quando haviam viajado ao Rio de Janeiro (em setembro passado).

Guilherme e Beatriz informaram que, também, estavam pagando o aluguel da casa do Ventre Livre “do próprio bolso”, pois houve atraso na entrega da prestação de contas do primeiro ano de atividades do Ventre Livre e os recursos do segundo ano ainda não haviam sido liberados.

Felipe relatou que o dono da empresa que produziu as camisetas para o projeto Tambor de Sopapo, queria entregá-las e receber o valor pelo trabalho. A empresa informou que o pedido foi confirmado no dia 30 de novembro pelo cooperado Miguel e que o prazo de entrega acertado foi de 15 dias. As camisetas eram para o lançamento do filme, que aconteceu nos dias 12, 13 e 16 de dezembro.

Portanto, as camisetas não foram despachadas porque, quando ficaram disponíveis, os eventos em que seriam distribuídas já tinham acontecido. Então, Guilherme procuraria o Miguel, com quem só tinham falado por email, para que ele, como responsável pela encomenda, encaminhasse uma solução junto à empresa contratada. Bernardo informou que o Miguel pediu, por email, desligamento da Catarse, mas este pedido ainda não foi feito oficialmente para o restante do grupo, ou para o presidente da cooperativa. [Confesso que estranhei “tanta formalidade” no tratamento deste assunto, acredito que o principal motivo desse tratamento formal tenha sido os problemas financeiros].

Relembrando os trabalhos em que a Catarse se envolveu em dezembro de 2009, janeiro e fevereiro de 2010, comentaram sobre as ações da Rede Sopapo que não haviam sido citadas antes. Eles haviam confeccionado banners, adesivos, numa iniciativa da Catarse sem “patrocínio” de fora, então, talvez, tivessem gasto dinheiro nessa articulação. “*E o IPTU? Quando foi pago?*” Lucas e Felipe levantavam opções, possibilidades, tentando resolver as pendências do financeiro.

Felipe falou sobre a falta de cumprimento dos horários de expediente e também, sobre o planejamento estratégico: “*se pensou várias coisas... por que a gente não faz as coisas que a gente planeja para nós mesmos?*” [boa pergunta]. Além disso, muitos já expressavam a opinião de que não adiantava fazer reunião toda semana ou forçar as pessoas comparecerem à Catarse para cumprir expediente. Lucas falou diversas vezes em “autonomia, independência” dos trabalhos e de cada cooperado e afirmou “*não dá para obrigar as pessoas a fazerem expediente*”. Porém, Felipe contestou “*e como as pessoas contatam a Catarse?*”. Por telefone. Solução: fazer siga-me, ao menos agora, neste período de festas de fim-de-ano e férias.

Poderiam ter pensado em outra forma de contatá-los? Empresas que possuem uma telefonista pode-se considerar inadmissível não atenderem ao telefone, porém em uma organização na qual se dividem as decisões e as tarefas, não existe outra possibilidade?

“*E a limpeza da sede?*” Ninguém limpa. “*tem que contratar uma faxineira*”. Todos concordaram. “*pagar pelo serviço de uma empresa de limpeza para não ter problemas de vínculo empregatício*”. Tem uma empresa no próprio prédio. Fariam a consulta dos valores.

Felipe perguntou sobre o planejamento do Ventre Livre e a presença na comunidade. Beatriz disse que, nos últimos meses, o Ventre Livre teve poucas atividades, que eles quase não estiveram presentes e que para a comunidade participar o Ponto de Cultura precisaria estar aberto. Por isso, agora, teriam uma equipe fixa: Beatriz, Ricardo, Arthur e Guilherme que passariam um tempo maior no local. Além disso, estava previsto para o segundo ano do Ventre Livre, a colaboração dos 10% dos cooperados, envolvidos no projeto. Falando em Ventre Livre, o Bernardo questionou “*tem rúbricas que a gente não debateu... tem que saber onde vai a grana...*”. Os envolvidos no projeto não levaram adiante a discussão sobre as rúbricas.

Felipe lembrou “*e a sustentabilidade da Catarse? Tem a questão dos custos fixos que podem ser diminuídos*”. Guilherme sugeriu diminuir a franquia de telefone fixo porque não estavam utilizando todos minutos contratados. Lucas afirmou que verificaria com a operadora e Felipe conversaria com a pessoa que instalou os condicionadores de ar na Catarse, porque não estavam funcionando corretamente. Falaram também das suas previsões de trabalhos: quase todos os cooperados com trabalhos em vista.

Sobre o financeiro, Guilherme “*não quero mais, não tenho condições, nem competência para fazer o financeiro... agora em dezembro eu fecho, pago tudo... mas janeiro e fevereiro, quem pode assumir?*”. [Eu já ouvi isso antes]. Lucas, Bernardo e Sofia assumiriam o financeiro até a próxima eleição em março ou abril/2011. Porém, tem ainda a questão dos “furos”. Bernardo afirmou “*não se pode assumir que tem rombo... se a fiscalização pega vai acabar com a cooperativa... os outros cooperados podem processar... eles podem não querer arcar com o prejuízo...*”.

Felipe se mostrou bem preocupado com a situação do financeiro, pois ele era o presidente e poderia ser responsabilizado. O que fazer? Qual a solução? Lucas insistiu que tinham que encontrar os registros dos gastos que não foram identificados – notas, recibos, qualquer comprovante de pagamento. Beatriz conversaria com a gráfica onde a Catarse imprimiu os *banners* e adesivos da Rede Sopapo para verificarem as notas fiscais e conferir os valores pagos, pois não havia anotação destes pagamentos e lembraram, naquele momento, esse gasto.

Solicitaram para o Ricardo conversar com o Fernando sobre a contribuição dos 10% do valor da remuneração do projeto do Tambor de Sopapo. Ricardo

destacou que não havia sido feita essa combinação previamente, mas que ele poderia conversar com o Fernando.

Ao final, informei que iria me afastar da cooperativa para finalizar minha dissertação. Saí.

## 16 TUDO É REDE. E O QUE DIZER DESSA INSERÇÃO.

Finalizada a última reunião oficial daquele ano, saí. Sair significa não comparecer mais como pesquisadora na sede da Catarse nem em atividades relacionadas. Encontrei-me com o pessoal algumas vezes depois – poucas – e acompanhei ainda algumas ações através das notícias postadas no blog e dos emails da lista. Aos poucos parei de segui-los.

Comecei a reler meu diário de campo, digitar no computador os trechos que considerei importantes, organizar o material e re-construir o texto da dissertação. Então a expressão “saí” – o verbo sair – foi resignificado. Quando saímos estamos fora, oposto de dentro. Mas agora o “sair” é também “estar dentro”, porque o texto me fez voltar e entrar novamente, ou melhor dizendo, me fez entender que uma vez estando, não se deixa mais de estar.

É a memória? Também. É passado e presente na mesma folha na tela do computador. E neste momento eu sou, mais uma vez, um actante, não porque seleciono as cenas, mas porque fui mobilizada. Eu escrevendo, deslocando; você lendo, imaginando; somos todos actantes dessa/nessa rede.

Para realizar minha dissertação, eu me aproximei por um ponto, percorri partes da rede, acompanhei atividades, presenciei discussões e decisões, contribuí com algumas, inclusive; recebi sugestões, usei o computador, usei a Internet, limpei a sede, fui questionada, mas me questionei muito mais; me posicionei e desafiei a minha capacidade de reflexão para chegar nesta página.

Minhas anotações no diário de campo não estão todas aqui nesse texto longo, para os padrões “normais”, mas escrevi tudo o que eu queria contar. Minha escolha não foi a de querer ser “diferente”, mas de ser coerente com o meu campo, com a minha visão de mundo, com o meu posicionamento e com aquilo que eu acredito. A construção deste texto também contou com a contribuição dos “pesquisados”; elaborei uma versão só sobre o planejamento estratégico a qual alguns leram e fizeram observações e a primeira versão do projeto também foi entregue ao coletivo, tendo as “correções” incluídas.

Quando me propus a trabalhar com a TAR e usá-la como metodologia, não imaginava o quão seria trabalhosa e mobilizadora essa tarefa. “Seguir os atores”, como afirma Latour (2005, p. 141) foi possível, mas humanamente impossível segui-

los o tempo todo e em tudo, apesar de ter tido a ajuda de alguns não-humanos híbridos: a internet, pela qual pude acompanhar o blog e os emails; o rádio, pelo qual pude ouvi-los.

Mesmo assim, fiz algumas escolhas, priorizei alguns caminhos; uma seleção minha como pesquisadora que considerou tempo e recursos, e a importância dada pelo grupo. Será que minhas escolhas foram adequadas? É possível responder a essa pergunta uma vez que, nos estudos de Administração, segundo Alcadipani e Hassard (2010) a TAR contribui para ver a organização como processos e práticas contínuas de organizar – organizando.

Essas escolhas estabeleceram alguns limitadores, por exemplo, não consegui acompanhar de perto, todas as decisões e ações acerca de trabalhos específicos como o que resultou no filme/documentário O Grande Tambor. Como foram as relações estabelecidas no momento das entrevistas? Quais as perguntas feitas e por quê? Além de outras questões. Talvez, se eu tivesse feito isso, perderia outras decisões e ações que ocorreram.

A metodologia TAR permitiu compreender a autogestão, neste coletivo, como resultado não fixo nem estável, porém alcançado quando diferentes elementos heterogêneos são continuamente interconectados juntos, conforme Latour (1999). Para a TAR as coisas – humanos e não-humanos, actantes, híbridos – se formam e adquirem atributos nas relações; as coisas estão sendo produzidas e se produzindo enquanto tornam-se “ser”, enquanto existem. O método TAR me permitiu entrar nesse fluxo e seguir. Porém, como pesquisadora, afirmo: não saber para onde o fluxo vai te levar causa insegurança para quem cresce buscando certezas.

É no cotidiano que o “organizando” se processa, e neste fluxo, muitas vezes instável, a ontologia política do organizando se faz presente e, às vezes, se deixa capturar. Organizar é uma ação política e os textos mais recentes da TAR, conforme Alcadipani e Hassard (2010) destacam essa ação. O resultado desse pensamento, de “ontologia política”, é o entendimento de que enquanto fizemos afirmações de realidade na ciência, nós estamos colaborando para que se tornem mais ou menos reais; e para TAR, dizer que algo é real, é também dizer que é construído, conforme Mol (2002) é enactado através de práticas materialmente heterogêneas.

Para Mol(1999, p.74) combinar ontologia com política é sugerir que “as condições de possibilidades não estão dadas” e isso abre a possibilidade de pensarmos que as coisas podem ser de outro modo. De acordo com Alcadipani e

Hassard (2010), a preocupação política da TAR (em textos da TAR e Depois) refere-se a como as realidades são enactadas.

Latour (1999) e Mol (2002) destacam que as realidades não são explicadas pelas práticas ou crenças, mas são produzidas nelas, por elas, com elas. Desta forma, essa realidade que me propus a compreender, a autogestão, pode ser vista como um processo de experimentação, que vai além das paredes da sede, que está nas relações e nos encontros que os actantes estabelecem. Essas relações contribuem para a sustentação da autogestão e não se estabelecem fronteiras – elas não existem.

Foi possível identificar nas ações do dia-a-dia que as demandas vão surgindo e sendo solucionadas, sem um critério rígido, mas sempre tentando encontrar a melhor solução para o coletivo, para aquele momento. O caso do ar condicionado é um exemplo, estava muito calor, as máquinas e as pessoas não trabalhavam mais direito, compraram o equipamento, porém mais adiante questionaram, devido à crise financeira, se a compra teria sido adequada.

Seguindo a metodologia da TAR acompanhei como a autogestão foi constantemente enactada pela articulação de diversos elementos (humanos e não-humanos) híbridos e práticas: mantendo relações de amizade e confiança; desprezando as exigências burocráticas, quando possível; realizando tarefas “chatas”; revelando suas convicções; dividindo recursos; trabalhando muito; recebendo pouco; adaptando orçamentos; não elaborando orçamentos; organizando a sede; deixando a louça suja; fazendo reuniões semanais; decidindo em conjunto; trabalhando sozinho(a); decidindo sozinho(a), trabalhando em conjunto; pagando e des-controlando contas; atendendo ao telefone; elaborando grandes reportagens de repercussão nacional; des-cumprindo o expediente; des-cumprindo prazos... posso dizer que capturei e compreendi as controvérsias deste coletivo?

Disparar ações, causar movimentações e tensões, constroem o “organizando”. Como lidar com elas se auto-organizando? O financeiro é um híbrido, um efeito da rede de atores no qual um actante (não humano) emerge de forma constante: o dinheiro. É um híbrido de fatos e valores, de humanos e não-humanos, que tensiona e redefine as relações e emerge em nossos coletivos. (LATOURE, 1994). O financeiro tensiona, não apenas porque “é um trabalho chato”, mas por colocar ‘a prova’ o protagonismo, a autonomia, a divisão de tarefas e não somente de decisões a respeito das tarefas, a construção compartilhada de um trabalho.

Os editais públicos “despejaram” uma lista de documentos, prazos, exigências contratuais, registros, limitadores da criatividade, entretanto possibilidades de realizar um trabalho (ou vários) que, por sua vez, exigiram uma preparação, uma organização específica para lidar com esse híbrido, a qual foi atendida no cotidiano, buscando soluções, enfrentando problemas e lidando com as tensões de dividir responsabilidades.

A confiança apareceu na maneira como lidaram com essas (e outras) tensões, sendo citada, rememorada, questionada. Será que conseguiriam organizar e manter a Catarse, até aqui, de maneira autogestionária se não houvesse confiança?

Além disso, segundo Latour (1999) nossas qualidades como sujeitos estão entrelaçadas com os não-humanos e com aquilo que temos “nas mãos”. A comunicação da Catarse é perpassada por ter um blog e não um site; traz limitações, mas traz possibilidades. Da mesma forma que a Catarse não seria a Catarse se não existissem as filmadoras, os computadores, os humanos e os não-humanos. Máquinas, arquiteturas, roupas, textos, todos contribuem para o ordenamento do social e se esses materiais desaparecessem, o que chamamos de ordem social, também desapareceria. (LAW, 1992).

Mesmo que a rede não possa ser reduzida a uma rede física de canais onde passam recursos conforme Latour (1999) afirma, em alguns momentos senti a necessidade de visualizar “a rede”; foi quando me dei conta de que era possível ter uma ideia das conexões que se estabeleciam ao observar a quantidade de notas de rodapé que precisei fazer. E se observarmos bem, cada uma dessas notas pode abrir-se em outras notas de rodapé...

Além disso, essas relações e conexões não são lineares e os diferentes elementos heterogêneos de uma rede podem se conectar com vários outros, sem termos que estabelecer uma lógica de causa e efeito, por isso são tão difíceis de descrever e podem receber ênfases e apresentar elementos diferentes dependendo de quem as descreve. A minha descrição de como ocorre um processo de autogestão no cotidiano da Catarse não possui maior nem menor legitimidade que a dos actantes pesquisados.

Descrevi que algumas formalidades não se fixaram – ou precisaram de constantes movimentos intencionas de re-des-conectar para se sustentar, no caso das reuniões, expedientes e limpeza. Tenta-se estabelecer padrões que logo se

perdem. Provavelmente um consultor diria que “falta engajamento e motivação nesta equipe”; eu diria que é por terem outro engajamento, outras motivações que não se cumprem algumas formalidades. Essas formalidades que nos são impostas para que possamos permanecer discordando delas. Sendo assim, a desordem pode ser um tipo de ordem? Ou desorganização pode ser um tipo de organização, um organizando - *organizing*?

Em lugar de assumir uma posição razoável e impor uma ordem apriorística, é seguindo os actantes/redes que aprendemos com eles o que o coletivo se tornou em suas mãos e quais métodos construíram (por mais contra-intuitivos que eles pareçam) para reunir todas as coisas. (LATOURE, 2005 ). Além disso, “a própria revelação da multiplicidade de posições encontradas no campo é que permitirão compreendê-lo em toda a sua complexidade” (LATOURE, 2005 p. 145-147). Mol (2002) sugere que objetos que são singulares na teoria, são múltiplos na prática. A autogestão possui o mesmo sentido e se estabelece pelas mesmas práticas entre os actantes envolvidos?

Como lidar com o limite – invisível, se existente – de indivíduo e coletivo? Entre decidir sozinho ou no coletivo? É possível realizar todas as ações de forma coletiva? E como saber quando é a minha vez de agir ou quando eu posso agir? É no cotidiano que o poder é enactado, conforme Law (1992), como um efeito de redes heterogêneas de híbridos, conhecimentos, experiências em outros empreendimentos, gêneros... e sendo um efeito, também provoca deslocamento.

Como afirma Mintz (2002, p. 75) “procurar lições não quer dizer encontrar soluções...”, entretanto, mesmo encontrando uma solução, ela será local, específica e parcial, uma vez que, conforme a abordagem da TAR, as coisas não têm lugares fixos e realidades estão sendo enactadas. Algumas des-estabilizações são sempre possíveis. A administração do cotidiano pode se dar pela autogestão?

Há um ponto importante na TAR que trata da produção/reprodução, de que realidades são enactadas no limite da noção de rede; então, qual a participação da Administração nessa construção? São perguntas que deixo em aberto...

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Autogestão. In: CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 20-26.

ALCADIPANI, Rafael. **Michel Foucault: poder e análise das organizações**, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALCADIPANI, Rafael; TURETA, Cesar. **Teoria Ator-rede a Análise Organizacional**: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. *Organizações e Sociedade*, Salvador, v.16, n. 51, 2009, p. 647 – 664.

ALCADIPANI, Rafael; HASSARD, John. **Actor-Network Theory, organizations and critique**: towards a politics of organizing. *Organization*, Salvador, v.17(4), 2010, p. 419 – 435.

ARENDT, Ronald João Jacques. **Maneiras de pesquisar no cotidiano**: contribuição da teoria do ator-rede. *Psicol. Soc.* [online]. 2008, vol.20, , p. 7-11.

BERTHIER, René. Concepções Anarco-sindicalistas da Autogestão. In: LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarquismo**. São Paulo: Editora Imaginário. 2002, p.61-73.

CALLON, Michel. **Some Elements of a Sociology of Translation**: demystification of the scallops and fishermen of St.Brieuc Bay. In: LAW, John. (Ed.) *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?* London: Routledge and Kegan Paul, 1986.

CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CARVALHO, Nanci Valadares de. **Autogestão: o governo pela autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia. **O Conceito de Coletivo como Superação da Dicotomia Indivíduo-Sociedade**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n 2, 2005, p. 295 – 304.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; LAVILLE, Jean-Louis (org.). **Economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIRE, Letícia de Luna. **Seguindo Bruno Latour**: notas para uma antropologia simétrica. *Comum*, Rio de Janeiro, v.11, n. 26, 2006, p. 46 – 65.

GAIGER, Luiz Inácio (Org.). **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p.135-143.

GHERARDI, Silvia. **Knowing and Learning in Practice-based Studies: an introduction**. The Learning Organization. Vol. 16 No. 5, 2009, p. 352-359.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: an Introduction to Actor Network Theory**. New York: Oxford University Press. 2005.

LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC. 2001.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

LATOUR, Bruno. On recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p.15-25.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**. A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1997.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de uma antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, Ed. 34. 1994a

LAW, John. 'Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity', published by the Centre for Science Studies, Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, Disponível em :<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf> 1992. Acesso em 21.Jul.2009.

LAW, John. After Method: an introduction. In: LAW, John. **After Method: mess insocial science research**. London: Routledge, 2004, p. 1-16.

LAW, John; HASSARD, John. Actor Network Theory and after. Oxford: Blackwall/Sociological Review. 1999.

LEE, Nick; HASSARD, John. **Organization Unbound: Actor-Network Theory, Reserch Strategy and Institucional Flexibility**. Organization. Vol. 6(3), 1999, p 391 – 404.

LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarquismo**. São Paulo: Editora Imaginário. 2002.

MARTINS, Luci Helena Silva. Autogestão: sua atualidade, suas dificuldades. In: VIEITEZ, C.G. **A Empresa sem Patrão**. Marília: Unesp, 1997, p. 33-41.

MOL, Annemarie. Ontological Politics: a Word and Some Questions, in LAW, John and HASSARD, John. **Actor Network Theory and After**. Oxford: Blackwall/Sociological Review. 1999, pp. 74–89.

MOL, Annemarie. **The Body Multiple: Atherosclerosis in Practice**. Durham, NC: Duke University Press. 2002.

MORAES, Marcia. **A ciência como rede de atores**: ressonâncias filosóficas. História, Ciência e Saúde, Manguinhos, v.11(2), 2004, p. 321 – 333.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. **Burocracia e autogestão** (a proposta de Proudhon). São Paulo, Brasiliense, 1981.

Ministério da Cultura – **Programa Cultura Viva**. Disponível em [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=31](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31). Acesso em 20 Dez. 2009.

Organização das cooperativas brasileiras (OCB). **Princípios do cooperativismo**. Disponível em: [http://www.ocb.org.br/site/brasil\\_cooperativo/index.asp](http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp). Acesso em 14 Jun.2009.

Ponto de Cultura Ventre Livre. Disponível em <http://pontodeculturaventreivre.blogspot.com/> . Acesso em 20 Dez. 2009.

RICHARDSON, Laurel; St. PIERRE, Elizabeth A. Writing: a method of inquiry. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**: Third Edition. London: Sage, 2005. p.959-978

RIOS, Gilvando Sá Leitão. **O que é Cooperativismo**. Col. Primeiros Passos 189. São Paulo: Brasiliense, 2 ed. 2007.

ROGERS, Mary F. "Postmodernist Feminism." **Encyclopedia of Social Theory**. 2004. SAGE Publications. Disponível em [http://www.sage-reference.com/socialtheory/Article\\_n222.html](http://www.sage-reference.com/socialtheory/Article_n222.html). Acesso em 23 Apr. 2010.

ROSANVALLON, Pierre. **L'Age de l'autogestion**. Paris : Éditions du Seuil, 1976.

ROSENFELD, Cinara L. **A autogestão e a nova questão social** : repensando a relação individuo-sociedade. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, VIII, Coimbra, Portugal, 2004, p.01 – 16.

SEBRAE/SP, **10 anos de Monitoramento da Sobrevivência e Mortalidade de Empresas** - Sebrae/SP.Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://www.sebrae-rs.com.br/produtos-servicos/publicacoes.aspx>. Acesso em 07 Mar. 2010.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000, p. 11-30.

TAUILE, José Ricardo; RODRIGUES, Huberlan. **Economia Solidária e Autogestão**. Disponível em: [www.unitrabalho.org.br/paginasartigos.html](http://www.unitrabalho.org.br/paginasartigos.html) . Acesso em 21 Jun.2009.

TESCH, W. **Dicionário básico de cooperativismo**. São Paulo: Walter Tesch, 2000.

## ANEXO A – MOSTRA CATARSE 5 ANOS A MARGEM

### PROGRAMAÇÃO MOSTRA CATARSE 5 anos à Margem

Sempre nas quintas-feiras, às 19h.

No Arquivo Público do Estado do RS (Riachuelo, 1031).

### SINOPSES

#### 08 de OUTUBRO

##### **Bugigangas (7')**

As Bugigangas hoje permeiam as relações sociais em diversos níveis, desde aproximar pessoas que estão fisicamente distantes através da comunicação como distanciam as pessoas que vivem próximas, como no caso da família Silva.

**Comentário:** Uma pessoa no banheiro fala com a outra que está parada na porta pelo lado de fora via mensagem de texto no celular. Me fez pensar em quantas coisas que poderíamos tratar pessoalmente, de forma mais humana e que não fizemos por puro comodismo, as vezes. O quanto os não-humanos fazem parte da nossa vida, intermediando e estabelecendo relações.

##### **Culpa nossa de cada dia (6')**

Vídeo realizado colaborativamente com o programa Ponto Brasil.

Histórias de vida contadas num confessionário em praça pública.

##### **Deriva Galpão de triagem (4'30)**

"O fetiche se constitui pela sua inatingibilidade. Quanto mais distante se apresentam [as mercadorias], mais desejadas são. Os ditadores de ontem e de hoje, servem-se ainda destas estratégias, para se perpetuarem na arte de serem adorados. Uma vez bolinadas, conhecida sua materialidade, o encanto fenece. De forma inteligente os sistemas criam outros, e outros tantos para continuar a ópera". Trecho de *As mesmices globais*, de Enzo Figueiredo.

##### **Aniversário de Othoniel (2'25)**

Flanando pela cidade. Dá nisso.

##### **Espaço público (5'30")**

Exercício de vídeo com câmera fotográfica. A integração do teatro e da rua.

Imagens capturadas no ensaio e apresentação da *Farra de Teatro*, em Porto Alegre – RS.

#### 15 DE OUTUBRO

##### **Quilombo Urbano dos Silva (5')**

Realizada para o quadro *Outro Olhar*, da TV Brasil, a reportagem integrou o web-documentário *Nação Palmares*, vencedor do 30º Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos 2008.

##### **Me dê motivos para ir embora (20')**

Bairro Cristal, zona sul de Porto Alegre, 2009. Há quase uma década foi anunciada a construção de um shopping ao lado do Hipódromo Cristal. As obras da primeira fase iniciaram em 2006 e terminaram em 2008. Junto com o rápido progresso vieram os problemas. Ao invés de novos empregos, urbanização de vilas e outras melhorias, surgiu o projeto de remoção de um número expressivo de famílias para a expansão do espaço físico deste empreendimento imobiliário.

##### **Tempo de Pedra (51')**

Tempo de Pedra acontece na relação de um lugar com suas pessoas; a cidade e os corpos. O cenário é o centro histórico de Porto Alegre/RS. Ali, pausa diariamente a grande feira, auto-organizada e vivida principalmente por pessoas de classes populares; é o fenômeno *Camelódromo da Praça XV*, uma gigante instalação, que há décadas se configura em um espaço onde espontaneidade, improviso e estética se fundem e caracterizam o modo de ser e agir, no cotidiano intenso da rua.

**Comentário:** Os documentários sobre *Quilombo Urbano dos Silva* - realizado para o quadro *Outro Olhar*, da TV Brasil; *Me dê motivos para ir embora* - debatia a construção de um shopping e *Tempo de Pedra* - no centro

histórico de Porto Alegre/RS o fenômeno Camelódromo da Praça XV, são três vídeos que mostram problemas urbanos que acontecem aqui, do nosso lado, o tempo todo, e passam despercebidos. O que nos impede de vê-los?

## **22 DE OUTUBRO**

### **Kuaray do Sul (31')**

Kuaray do Sul é uma reportagem cinematográfica em busca do mito guarani Sepé Tirajú, durante a Assembleia Continental Guarani, em 2006. De como sua luz se manifesta na atualidade: no espírito, no coração e nas ações de pessoas simples. Na guerreira gente que luta na vida por terra, por sentimento de comunidade, afirmação cultural, percepção de tempo milenar e dignidade às nossas e às futuras gerações.

## **29 DE OUTUBRO**

### **A busca de Maria (6')**

Maria, uma jovem como tantas outras, parte em busca de sua identidade.

### **Questão de Gênero (90')**

Acompanha, durante um ano, a vida de sete pessoas que, em comum, têm o sentimento de que nasceram em um corpo que não era o seu. Homens que nasceram mulheres, mulheres que nasceram homens contam como se descobriram transexuais e como buscam viver em sua verdadeira identidade de gênero.

**Comentário: O longa-metragem acompanha, durante um ano, a vida de sete pessoas que, em comum, têm o sentimento de que nasceram em um corpo que não era o seu. O documentário te vira de ponta cabeça; virou do avesso meus padrões. Que mundo é esse que a gente vive? Que padrões são esses que seguimos e que nos seguem?**

## **5 DE NOVEMBRO**

### **Usina Catende (9')**

Catende é considerada uma das maiores experiências brasileiras em auto-gestão e economia solidária, fruto da recuperação de um Engenho falido. Em terras de reforma agrária, diversificaram a lavoura, preocupados também com o meio ambiente, e melhoraram muito a qualidade de vida de mais de quatro mil famílias. Reinventaram suas próprias vidas, num processo de desenvolvimento humano (mas também econômico) profundo.

### **É Possível (51')**

Desafiar abertamente os poderosos que geram pobreza, desigualdade e concentração de riquezas foi uma luta constante, desde 1984, período em que o MST se transformou em um dos mais importantes e reconhecidos movimentos sociais do mundo. Acompanhando o cotidiano em acampamentos e assentamentos no Rio Grande do Sul, marchas e enfrentamentos, mais contribuições de cinegrafistas ativistas e trechos de filmes, a reportagem traz as principais questões que envolvem o desafio de se fazer a reforma agrária.

## ANEXO B – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO VENTRE LIVRE



**Estamos com  
as portas  
abertas!!**

**Feira de  
inauguração  
do Ponto  
de Cultura  
Ventre  
Livre**

**Dia 22/12  
a partir das  
15 horas**

**Ventre livre**

**Artesanato do Grupo Arte bela  
e convidados**

**Mostra de vídeos**

**Música com Ação Caô**

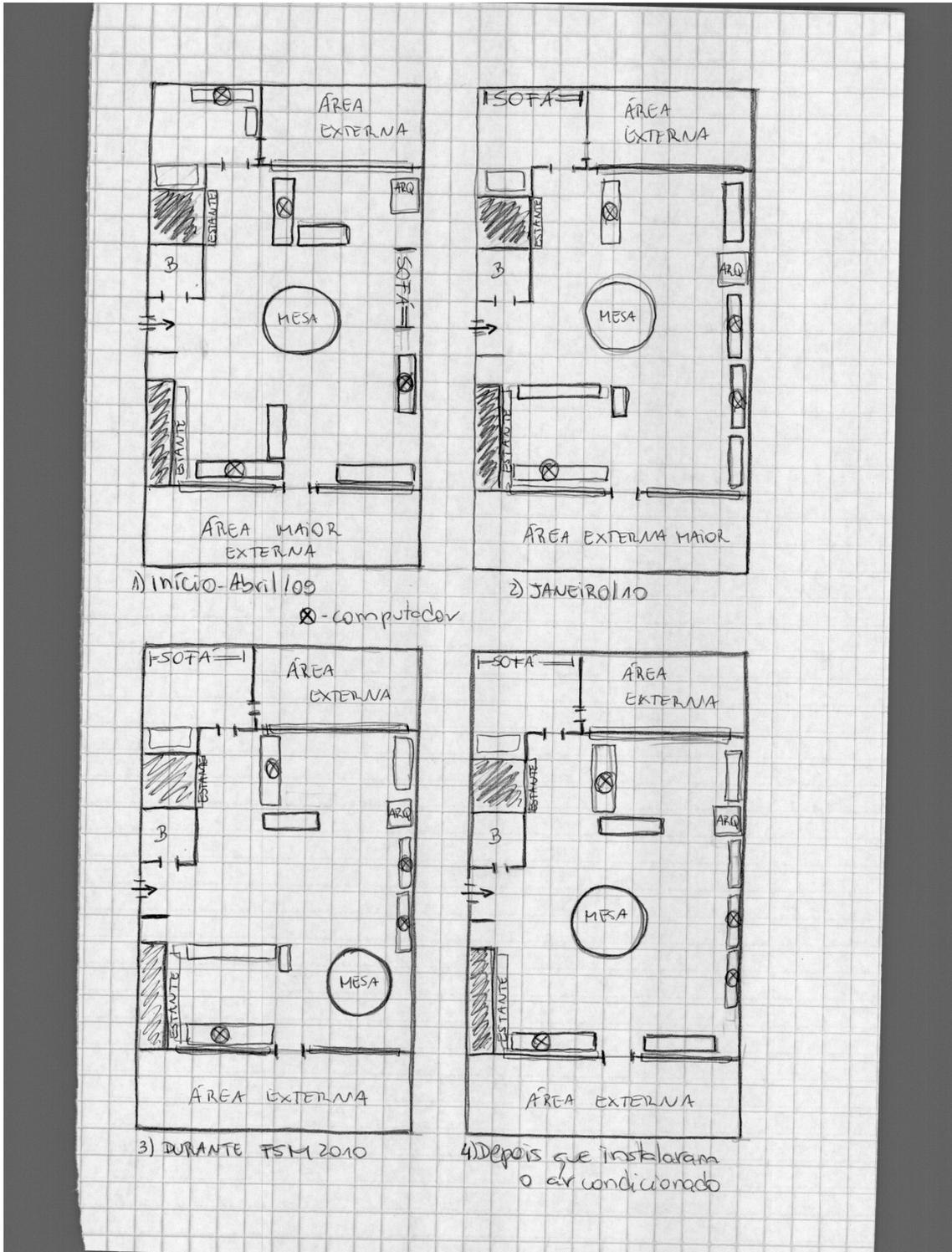
**Inscrições para Agente  
Cultural de Saúde do Ponto**

**Exposição de fotos**

**Lançamento da Rede Sopapo**

**Galiléia, 220 - Bairro Vila Jardim**

## ANEXO C – ALTERAÇÕES NO ESPAÇO FÍSICO



## ANEXO D – MATERIAL RESULTANTE DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

### FORÇAS

<b>Identidade</b>	Coletividade; Heterogenidade; Complementaridade; (Busca da coerência	Engajamento: em não aceitar as coisas como estão;	Potencial transdisciplinar de atuação	Identidade coletiva de caráter transformador	Trabalho não- tecnicista e não- especializado
<b>Gestão</b>	Autogestão	Avanços financeiros	Não ter fins lucrativos - força para participar de Editais		
<b>Recursos</b>	Estrutura tecnológica	Espaço físico (aluguel, boa localização)			
<b>Relações interpessoais</b>	Os novos cooperados	Afetividade (existem relações familiares, de amizade e de namoro)	Espaço de formação interna (retroalimentação)	Afinidades	
<b>Qualidade do trabalho</b>	Qualidade do trabalho				
<b>Articulação externa</b>	Conhecem muitas pessoas				

### FRAQUEZAS

<b>Comunicação</b>	Falha da comunicação externa	Falta de uma política de divulgação, distribuição e venda do produto final	Pouca utilização da blogosfera	Não envolvimento da Catarse como instituição no desenvolvimento de políticas públicas	Blog – o blog precisa de uma reformulação
<b>Recursos</b>	Poucos recursos financeiros; Transporte	Adequação de software	Falta de equipamentos; Captação de áudio	Climatização da sede e espaço físico pequeno	Formação dos cooperados
<b>Financeiro</b>	Desorganização financeira	Contabilidade	Falta de assessoria de contabilidade		
<b>Assessoria jurídica</b>	Falta de assessoria jurídica				
<b>Gestão</b>	Ferramentas de autogestão	Expediente	Organização deficiente; Definição de funções	Comunicação interna (informação interna sobre ganhos financeiros)	Falta de compromisso com a limpeza do espaço
	Falta de contratos de prestação de serviços	“Espírito de administração”	Pontualidade em geral	Cuidado em assinar documentos	Organização do arquivo multimídia
	Pouca interação de coletivo retrabalho – trabalho extra	Falta de conselho fiscal atuante			

**OPORTUNIDADES**

<b>Poder público</b>	Políticas públicas atuais do Governo Federal e municipal.	Participação em conselhos de cultura e comunicação	Editais	Nova lei da Mata Atlântica	
<b>Articulação política</b>	Articulação política				
<b>Redes</b>	Trabalhos intrínsecos de formação e comunicação em redes já constituídas.	Constituição de redes de economia solidária	Redes de Pontos de Cultura	Blogosfera	
<b>Comunicação</b>	Linguagens e ferramentas multimídias	Ramo editorial	Meios públicos de comunicação	Desenvolvimento de um canal próprio de comunicação	Grife
<b>Projetos</b>	Concepção, desenvolvimento e/ou gestão de projetos (autorais e de parceiros)	Eventos (mostra, exposição, seminários)	Financiamento estrangeiro	Trabalhos de produção musical e teatral	Trabalho com patrimônio histórico e cultural

**AMEAÇAS**

Supressão das atuais políticas públicas pós-eleitorais.

Criminalização dos Movimentos Sociais.

Reajuste de impostos (preço de equipamento).

Institucionalização – da Catarse envolver-se em instituições públicas a ponto de não fazer mais nada além de “jogo político” e articulações políticas e com isso deixar de trabalhar de fato;

Partidos políticos ou facções.

Falta de entendimento da sociedade sobre o que uma cooperativa é de fato.

Licença de software.

---

### **Ações e diretrizes norteadoras que surgiram nas discussões:**

Transdisciplinaridade potencializa a nossa ação junto ao poder público que demanda cada vez mais ações inter e transdisciplinares.

Engajamentos em conselhos: espaços de participação coletivos.

Coletividade: facilita a participação em editais e realização de projetos.

Coletividade e formação de redes: participação em editais de geração de trabalho e renda para empreendimentos solidários.

Nosso currículo nos permite participar de editais específicos.

Coerência e credibilidade da nossa produção possibilita contratação direta.

A identidade alavanca a nossa capacidade de comunicação e há demanda por parceiros que potencializa as redes

Complementaridade: através da inclusão de o máximo possível de cooperados nas tarefas e trabalhos da cooperativa e montagem de trabalho multimídia. Vai ao contrário que o mercado chama de profissional multimídia que individualmente seja multimídia: faça foto, filme e escreva. Proposta não- hegemônica e contra a exploração do trabalho. Nós estamos criando uma estrutura coletiva de trabalho.

Relações de retroalimentação devido a nossa interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e acaba por repercutir na qualidade dos trabalhos.

Acesso a editais e projetos do Poder público devido nossa forma de organização.

Nível de ética nossa para manter o “estandarte” do cooperativismo, como por exemplo, a pontualidade da entrega de um trabalho (para que não se propague a ideia de que “cooperativismo é de qualquer jeito”).

---



---

### **Ações por Blocos**

#### **GESTÃO**

Visitar parceiros para conhecer as pessoas e interagir com outras relações (relações interpessoais)

A Gestão alavanca todas as nossas potencialidades através da criação das equipes de cogestão. Quantas equipes somos capazes de formar e contempla uma fraqueza que é a falta da definição de função (Reforma na gestão). Devíamos sair daqui com o mínimo de definição de quais equipes temos que formar.

Criminalização dos Movimentos Sociais: organizar o arquivo, fazer uma cópia do material e guardar em outro lugar.

Retroalimentação e reservando as informações em lugares seguros. (proteção e segurança do nosso arquivo).

Proteção dos indivíduos da Catarse – criar um grupo de segurança, organizar o investimento em backup e na cópia dos registros e providenciar uma acessória jurídica.

Criação do Departamento Financeiro – precisa ser resolvida urgente

Expediente - Fazer uma rotatividade da equipe para garantir o expediente e monitorar isso através da equipe de gestão responsável pela infra da cooperativa.

#### **COMUNICAÇÃO**

Formar uma rede de parcerias para desenvolvimentos de projetos: com os índios, por exemplo.

Buscar inserir-se nos meios públicos de comunicação e o espaço ocioso.

Unificar as redes de contato dos cooperados, para criarmos uma rede única e requer uma pessoa para organizar isto. Mailing da Catarse.

Criminalização dos Movimentos Sociais: Contatos com organização de outros países. Anistia internacional, ONU etc. Divulgar a notícia como forma de segurança - criar uma rede de segurança.

Fazer Identificação da Catarse (cartão de imprensa, camiseta, etc).

Garantir a participação em conselhos e conferências de formação das políticas pública, mas através da nossa autogestão “monitorar” nossa participação.

Criar com nossos parceiros uma comunicação (gráfico, audiovisual) didática para a sociedade em geral sobre cooperativismo, econ. Solidária etc.

Destacar no site que não temos vínculos nem interesses partidários!

---

---

**RECURSOS E FINANCEIRO**

Implantação do departamento financeiro

Viabilidade financeira

Planejamento de compras

Acesso a crédito barato para compra de equipamentos e crédito para infra-estrutura

Verificar possibilidade através de um financiamento, providenciar máquinas pessoais (notebook) para os cooperados, “burlando” uma possível auditoria – buscar informações jurídicas.

Fazer o levantamento do que é possível regularizar ou substituir

Manutenção das Obrigações legais em dia que está ligada a autogestão e ao financeiro

Qualificação: criar uma biblioteca interna, com espaços de debate.

**PROJETOS**

Comissão de desenvolvimento de projetos (cria ferramentas para planejar e acompanhar os processos) 3 a 4 pessoas.

Somando pessoas para agregar no trabalho (caso Interações estéticas). Chamar parceiros para execução e desenvolver esta rede para planejar e executar.

Planejar projetos que temos condições de executar.

Buscar organizações estrangeiras que financiem projetos.

Formar uma rede de parcerias para desenvolvimentos de projetos: com os índios, por exemplo.

Pesquisar como utilizar o imposto de renda para financiar a Catarse.

A contrapartida dos projetos e como aproveitar os recursos para investir em melhorias tecnológicas da cooperativa (ligado também a gestão).

---